

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PÃO E POESIA:  
A CANÇÃO NA LUTA POPULAR EM BRUSQUE  
DOS ANOS 80 A 95**

**VALMIR COELHO LUDVIG**

Orientadora: Gilka Elvira Ponzi Girardello

FLORIANÓPOLIS

2001

VALMIR COELHO LUDVIG

**PÃO E POESIA:  
A CANÇÃO NA LUTA POPULAR EM BRUSQUE  
DOS ANOS 80 A 95**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Prof. Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello.

FLORIANÓPOLIS

2001

## RESUMO

A motivação da pesquisa nasce da busca de um maior entendimento das linguagens utilizadas pelos movimentos sociais para expressar o que pensam, o que vivem, o que sentem, como se comunicam.

Durante alguns anos com trabalhos populares através da Pastoral Operária, Pastoral da Juventude, Movimentos de Bairros, Sindicatos e Partido Político nos chamou a atenção de modo particular um detalhe: muitas vezes usávamos da palavra para expor determinados pontos de vista e havia muita dificuldade das pessoas entenderem. Inventávamos várias formas de nos fazer entender. Com alguns grupos a fala ia bem. Com outros nem tanto. Mas observávamos que a canção passava as mensagens, os conteúdos com menos conflito. Não que quiséssemos fugir dele, mas queríamos que a partir dele se avançasse nas discussões e que tivesse conseqüências práticas rumo a construção de uma sociedade solidária, fraterna, justa, com distribuição de renda e condições de vida digna para todos.

A partir da análise de algumas canções - cantadas pelo " Grupo dos Quarenta " (grupo composto por 40 jovens oriundos de vários outros grupos que também utilizavam essas canções ) - pode-se dizer que as canções utilizadas refletiam o projeto de sociedade desses grupos e contribuíram para consolidar esse projeto nos espaços onde os jovens atuavam. Essa caminhada e essa linguagem expressam o amor, a alegria, a confirmação, a rebeldia, a revolta, o protesto, o compromisso com a mudança. Arrancam risos, choros, aplausos, vaias. Mexem com sentimentos individuais e coletivos.

O presente trabalho busca resgatar e analisar algumas canções cantadas nessa época em Brusque por grupos de jovens inseridos no campo social. As canções expressam o projeto de vida do "Grupo dos Quarenta", o contexto, sua caminhada e onde se encontram hoje.

## RESUMEN

La motivación de la pesquisa nace de la búsqueda de un mayor entendimiento de las lenguas utilizadas por los movimientos sociales para expresar lo que piensan, lo que viven, lo que sienten y cómo se comunican.

Durante algunos años con trabajos populares a través de la *Pastoral Operária*, *Pastoral da Juventude*, movimientos de barrios, sindicatos y partido político nos llamó la atención de modo particular un detalle: muchas veces usábamos de la palabra para exponer determinados puntos de vista y había mucha dificultad para que las personas entendieran. Inventábamos entonces, varias formas para hacernos entender. Con algunos grupos no había problema. Con otros ya no era lo mismo. Pero observábamos que las canciones pasaban los mensajes y los contenidos con menos dificultad. No era que quisiéramos huir del asunto pero queríamos que a partir de ahí, se adelantara en las discusiones y que tuviera consecuencias prácticas rumbo a la construcción de una sociedad solidaria, fraterna, justa, con distribución de renta y condiciones de vida digna para todos.

Partiendo del análisis de algunas canciones, cantadas por el "*Grupo dos Quarenta*" (grupo compuesto por 40 jóvenes oriundos de varios otros grupos que también utilizaban esas canciones) se puede decir que las canciones utilizadas reflejaban el proyecto de sociedad de esos grupos y contribuían para consolidar ese proyecto en los espacios donde los jóvenes actuaban. Esa caminada y ese lenguaje expresan el amor, la alegría, la confirmación, la rebeldía, la indignación, el protesto y el compromiso con la mudanza. Consiguen hacer reír y llorar, consiguen también aplausos y chiflidos. Tocan los sentimientos individuales y colectivos.

Este trabajo busca rescatar y analizar algunas canciones cantadas en esa época en Brusque por grupos de jóvenes inseridos en el campo social. Las canciones expresan el proyecto de vida del "*Grupo dos Quarenta*", el contexto, su caminada y donde se encuentran hoy.

## DEDICATÓRIA

À minha companheira Ana Beatriz pela carinhosa presença, incentivo, paciência...

À minha filha Tainá e ao meu filho Cauê que compreenderam tempos preciosos de ausência de convívio

Queria muito mais. Quem não quer a perfeição? Mas também é preciso ter a humildade de se perceber limites de tempo, de capacidade e circunstâncias. Perceber sobretudo, que é a soma da capacidade, do tempo e das circunstâncias de cada pesquisa que faz o conhecimento. Espero ter contribuído com a academia e com os movimentos sociais na perspectiva de construção de uma sociedade com outros valores, sob outras bases: uma sociedade onde cada um vale pelo que é e não pelo que produz ou pelo status que consegue segundo os valores de uma classe que domina a outra. Meta, sem dúvida difícil, espinhosa, mas possível. Sonho? Pode ser, mas nunca será realidade se não a imaginarmos. Me chamam de sonhador. Quero seguir sonhando!

*“Quero entoar um canto novo de alegria  
Ao raiar aquele dia de chegada ao nosso  
chão  
Com meu povo celebrar a alvorada  
Minha gente libertada  
Lutar não foi em vão”.*

Quero seguir cantando.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo apoio e pela ajuda financeira durante todo o transcorrer do Mestrado.

Ao meu tio Sebastião Ludvig (e toda a família) por me acolher em sua casa quando de minhas idas à Florianópolis

Ao Padre Vilson Groh, grande companheiro de todas as horas

À orientadora Gilka pela atenção minuciosa na correção, supressão e sugestões durante todo o decorrer do trabalho

À Maristela, Fleury, Lucídio e todos os professores

À solidariedade da professora Marli num momento crítico dessa caminhada

À Sônia e Maurilia da Secretaria pela forma como me acolheram e me incentivaram em alguns momentos mais difíceis

Aos colegas de curso: Susy, Beleni, Patrícia, Vilmar e Lúcia pela rica convivência

À todas as pessoas que conheci durante o mestrado: Valmor, Cláudio, Aline e tantas outras

À todas as pessoas que colaboraram nesse trabalho através das entrevistas

À Cleide pela sistematização do trabalho

Agradecimento especial a José Segala e a Leandro Maçaneiro(Didi), companheiros do grupo *Xamã Serenata e Eventos* que me incentivaram, toleraram e muito gentilmente estiveram na defesa da dissertação, onde juntos apresentamos algumas canções do trabalho

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 BUSCANDO ENTENDER A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DOS QUARENTA .....</b>	<b>8</b>
1.1 BRUSQUE: ONDE ESTÁ INSERIDA A EXPERIÊNCIA.....	8
1.2 AS COINCIDÊNCIAS.....	10
1.3 A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA.....	12
1.4 O GRUPO DOS QUARENTA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS .....	15
1.4.1 Movimentos Sociais.....	18
1.4.2 Teoria dos Movimentos Sociais - Internacionais .....	19
1.4.3 Teorias com Influência sobre os Movimentos Sociais no Brasil e seu Reflexo em Brusque.....	27
1.4.3.1 Teoria marxista .....	27
1.4.3.2 Teoria dos novos movimentos sociais.....	28
1.4.3.3 Teoria da mobilização de recursos.....	30
1.4.3.4 Movimentos sociais no Brasil .....	32
1.4.3.5. Movimentos sociais e a igreja.....	40
1.4.3.5.1 Lidando com contradições profundas.....	41
1.4.3.5.2 Nossa posição sempre ficava clara .....	42
1.4.3.5.3 Documento 44 .....	44
1.4 NOSSO GRUPO E A PASTORAL DE JUVENTUDE .....	55
1.4.1 Nosso Grupo e a Religião.....	57
1.4.2 A Força da Religião para o Consenso e a Hegemonia .....	59
1.4.3 Nosso Grupo e a Igreja Católica.....	65
1.5 PROJETO DE UM NOVA SOCIEDADE .....	70
1.6 GRUPO DOS QUARENTA: UMA PRÁTICA CULTURAL .....	74
1.7. CULTURA DA PARTICIPAÇÃO .....	102
1.7.1. Pedagogia da Participação.....	104
1.7.2. Aprendendo com Paulo Freire.....	104
1.8. O GRUPO DOS QUARENTA E A IDEOLOGIA. ....	109

1.9. O Grupo dos Quarenta e a Mística .....	114
<b>2 A canção para o Grupo dos Quarenta .....</b>	<b>123</b>
2.1 SANTA DISPUTA? .....	127
2.2. SITUANDO NOSSO TEMA .....	127
2.3. PALAVRAS MAIS FREQUENTES NAS CANÇÕES .....	137
2.3.1 Vida/Morte.....	139
2.3.2 Liberdade.....	141
2.3.3 Deus/Jesus Cristo.....	143
2.3.4 Canto .....	144
2.3.5 Terra/Chão/Mudança (Câmbia).....	145
2.3.6 Luta/Mãos/Sonhos .....	147
2.3.7 Novo/Nascer .....	149
2.3.8 Pobre/Fome/Opressão/Dor.....	151
2.3.9 Esperança/Dia/Alegria .....	152
2.3.10 Outras palavras registradas.....	153
2.3.11 Povo/Caminho .....	154
2.4 UM DIÁLOGO COM AS ENTREVISTAS.....	155
2.4.1 Apropriação de Canções .....	155
2.4.2 Os Conflitos .....	157
2.4.3 Nem só Conflitos.....	159
2.4.4 Forte Lembrança.....	160
2.5 A CAMINHADA DE 7 INTEGRANTES DO GRUPO DOS QUARENTA.....	160
2.5.1 Frases que mais Marcaram nas Canções .....	166
2.5.2 As Canções para a Militância .....	168
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>170</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>177</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>181</b>

## INTRODUÇÃO

No início do mestrado tinha expectativas bastante amplas em relação à pesquisa. Envolvido nos movimentos sociais, sempre tive que ser muito prático na busca de soluções para os problemas que se apresentavam. De um lado isso foi bom. Lia de tudo, mas por outro lado, sempre senti a necessidade de aprofundamento das questões. Num primeiro momento o mestrado serviu para isso. Junto com essa necessidade de estudar, procurei um tema que me interessasse e que dissesse bastante para a minha militância.

Como explicarei adiante, faço parte de um grupo de autogestão que, no meu entender, avançou significativamente numa prática cultural bastante diferenciada da das empresas que aí estão. No início da década de 80, quando começamos a nos envolver com a Pastoral da Juventude, conversávamos e sonhávamos com a construção de um trabalho do qual todos pudessem viver e onde não houvesse exploração<sup>1</sup> de ninguém. Num modo de produção socializada, onde todos ganham o mesmo salário<sup>2</sup>, fazem rodízio nas tarefas, decidem juntos os rumos da empresa, o grupo busca apresentar essa alternativa em meio a conflitos, contradições, próprios da construção de uma nova cultura.

Em 1996<sup>3</sup> escrevi algumas reflexões sobre esse grupo de autogestão - EAPS (Empresa Alternativa de Produção Socializada), que recebe o nome comercial de: Bruscor Indústria e Comércio de Cordas e Cadarços. Assim escrevi:

---

<sup>1</sup> Exploração da mão de obra. Para o grupo a falta de empenho no trabalho também é exploração porque sobrecarrega o outro.

<sup>2</sup> Ganhar o mesmo salário não significa resolver todos os problemas, praticar a justiça. Entendemos que ganhar o mesmo salário é um bom começo para a prática da justiça. Por si só isso ainda não resolve. Difícil precisar o que é um bom salário, mas entendemos que é um salário que atenda às necessidades de moradia, lazer, saúde, cultura, etc. Também costumamos falar “resultado do nosso trabalho no lugar de salário”.

<sup>3</sup> Ludvig, Valmir Coelho. “As primaveras vão chegando”, p.49-50, Gráfica Bandeirante, Brusque, 1996.

“A Empresa Alternativa de Produção Socializada (EAPS) reúne um grupo de pessoas que combinam a luta pela sobrevivência com a luta social. Um grupo que partilha, que “divide os bens com alegria”<sup>4</sup> e quer ter “tudo em comum”<sup>5</sup>, respeitando as características de cada um, sem perder a visão do coletivo. Onde o individual não é abafado, mesmo não estando acima do coletivo. Onde os sacrifícios, as dores valem a pena para as alegrias e o crescimento do individual e do coletivo. Onde cada um é sujeito da construção individual e coletiva! Um grupo que sonha e aponta para um mundo igualitário, que respeita as diferenças, os sonhos individuais que fazem crescer o coletivo. Não os sonhos individualistas, capitalistas! Um grupo inserido nos instrumentos que a sociedade tem para que o sonho vá para fora: associações, sindicatos, partidos, grêmios estudantis, outras empresas. Um modelo novo de trabalho que ajude na construção do socialismo. Um grupo que tem mística: Que vai em frente! Que celebra! Que acredita “na terra do leite e mel”<sup>6</sup>. Que supera preconceitos! Que não camufla defeitos, mas que sobretudo resgata o lado bonito que cada um tem!... A EAPS não é algo pronto. Tem princípios já consagrados e uma abertura para que os seus membros e os que acreditam na proposta possam contribuir com sugestões, reflexões, assessorias. É uma proposta que vai se solidificando, mas está sempre em processo. Por isso tem vida.”

Esse grupo resumiu assim seus objetivos:

Viver em grupo para construir novas relações, um projeto de sobrevivência partilhada e de mudança da sociedade, buscando qualidade de vida.

Mostrar que a autogestão é viável.

Realizar um trabalho profissional sem exploração da mão-de-obra.

Dar melhores condições para as pessoas contribuírem e participarem dos movimentos sociais sem risco de perder o emprego.

Gerar condições de trabalho com igualdade e justiça para mais pessoas.

Colocar a Bruscor<sup>7</sup> (EAPS) dentro de um movimento organizado, planejado, na sociedade, com as demais experiências alternativas, buscando uma disputa ideológica com o capitalismo<sup>8</sup>.

Fiz questão de colocar essa reflexão aqui no início porque esse resultado é fruto de uma prática. É o resultado daquilo que nosso grupo cantava, celebrava.

---

<sup>4</sup> Referência aos primeiros cristãos

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Referência à saída do Povo do Egito.

<sup>7</sup> Bruscor é o nome comercial da EAPS.

Não tenho nenhuma dúvida hoje de que é praticamente impossível separar o que cantávamos e o que fazíamos. Uma coisa era resultado da outra. Por isso a experiência de autogestão tem tudo a ver com o nosso canto, com nossos sonhos. Canto que transformamos numa prática cultural.

O que nos inspirava - fazíamos parte de grupos de jovens da igreja católica - era uma leitura diferente da Bíblia<sup>9</sup> que poucos têm oportunidade de fazer devido à posição conservadora predominante na igreja. É uma leitura que questiona e faz as pessoas tomarem posição principalmente em defesa dos excluídos, dos marginalizados, dos sem voz e sem vez. Exige tomada de posição e luta para chegar às causas dos problemas.

Inicialmente pensei meu mestrado em cima da questão da autogestão. Em seguida, preocupado em não conseguir tomar distância suficiente para uma boa pesquisa, resolvi entrar numa questão com a qual trabalho há mais de 20 anos: a canção. Nos encontros, reuniões, assembléias sempre fiz parte da animação de cantos e sempre tive curiosidade de analisar um pouco as canções que cantávamos e o que elas representavam. Fui percebendo que tinha que delimitar um campo, um tempo, um espaço.

Também faz parte do contexto de produção desta dissertação uma experiência de muita riqueza, pela qual venho passando. Fui candidato a vereador enquanto fazia o mestrado e, nesse ano de conclusão, sou vereador eleito. Grande parte dos políticos, desnecessário dizer aqui, fazem da política um caminho para ganhar prestígio, poder e dinheiro. Na minha visão, o papel do político é bem outro. Para mim, só tem sentido ser vereador se estiver à serviço da sociedade na busca da cidadania, da construção de uma cultura de distribuição de renda, de condições de vida digna para todos, enfim. Por conta de uma história de envolvimento com o

---

<sup>8</sup> Esses objetivos encontram-se nas Atas da Bruscor e no livro que escrevi na página 50

<sup>9</sup> Textos bíblicos que influenciaram fortemente o grupo: 1) A experiência de Canaã – Terra onde corre leite e mel – onde o povo fica livre da escravidão do Egito; 2) A experiência das primeiras comunidades cristãs entre as quais “não haviam necessitados”. 3) A experiência da forte e clara opção pelos pobres, feita por Jesus Cristo; 4) A passagem de Isaías onde ele fala “do novo céu e da

movimento social de Brusque parti para o desafio. Afinal, também em meu trabalho na Câmara, percebo que estou respondendo às canções que tanto cantávamos. Na Pastoral da Juventude tínhamos o entendimento de que devíamos estar inseridos nas lutas sociais também através da política partidária. Nossos cantos diziam isso. Foram anos para se conseguir ocupar espaços para que as canções virassem realidade em todos os espaços. A Câmara é mais um espaço.

Nossa pesquisa busca compreender a caminhada de um grupo de quarenta pessoas, jovens e alguns adultos de vários grupos de jovens da igreja católica de Brusque que se encontravam regularmente – mensalmente - para estudar, refletir, celebrar, nos meados da década de 80.<sup>10</sup> Estudávamos a bíblia, a política, etc. E cantávamos muito. Nosso grupo acreditava que todos os participantes deveriam estar inseridos em algum trabalho na comunidade: associação de moradores, grêmios, sindicatos, partido, etc. Cada um era designado para estar numa instância dessas, sempre na perspectiva de fazer avançar a sociedade no sentido de dar voz e vez a todos para melhorar as condições de vida. Falávamos de vida em abundância, partilha. Entendíamos que o Reino de Deus de que tanto se falava só tinha sentido se iniciado aqui. O Grupo dos Quarenta reunia-se em nossa casa: minha e de minha companheira, Ana. Era difícil conseguir espaço para reunião na igreja e noutros espaços da cidade. No início nosso grupo não muito bem visto na cidade e pelos familiares porque questionava os valores locais.

A pesquisa busca, com apoio nas letras das canções, analisar a experiência desse grupo dos anos 80 até 95.

Escolhi como tema: “A canção na luta popular em Brusque de 80 a 95”. Esse é o tema, a partir do seguinte problema: A partir da análise de algumas

---

nova terra”, onde ninguém vai explorar ninguém, onde as crianças não morrerão mais de fome; 5) Tantas outras passagens e textos que falam na construção do “Reino”, da “Nova Sociedade”.

<sup>10</sup> Esse grupo já se encontrava informalmente antes disso. A partir daí os encontros se deram de forma mais organizada e sistemática. Em todos os encontros havia avaliação e planejamento dos passos dos participantes que iam para as variadas instâncias com a idéia de plantar as bases da sociedade que acreditávamos. O “Grupo dos Quarenta” cada vez mais estava numa relação de conflito com a igreja tradicional, buscando em algumas lideranças, principalmente sacerdotes, apoio para as suas ações.

canções - cantadas pelo Grupo dos Quarenta - pode-se dizer que as canções usadas refletiam o projeto de sociedade desses grupos e contribuíram para consolidá-los junto aos que atuavam em tais movimentos.

A motivação deste projeto, portanto, nasce da busca de um maior entendimento da caminhada feita e da linguagem utilizada pelo Grupo dos Quarenta para expressar o que seus integrantes pensavam, o que viveram, o que sentiram, como se comunicaram. Essa caminhada e essa linguagem expressaram o amor, a alegria, a confirmação, a rebeldia, a revolta, o protesto. Arrancaram risos, choros, aplausos, vaias. Mexiam com sentimentos individuais e coletivos. Falavam de forma direta ou por metáforas. Tocaram todas as idades e camadas sociais. A década de 70 no Brasil revelou profundamente as conseqüências do golpe de 64. Os governantes procuravam de todas as formas conter e desqualificar qualquer forma de organização popular. Nesse contexto a arte e especificamente a canção teve um forte papel de resistência ao regime. Estaremos nos preocupando especificamente com o papel da canção, mas não dando menos importância ao contexto que esta estava inserida. Esse contexto, vivido nos grandes centros do país foi vivido também intensamente em Brusque, como em outras cidades do Brasil, na década de 80. O presente trabalho busca assim resgatar as principais canções cantadas nessa época em Brusque por grupos de jovens inseridos no campo das lutas sociais.

Por mais que um povo possa sofrer as conseqüências da falta do pão, da saúde, da moradia, da educação, enfim, das condições básicas para viver, ele busca na arte (na música, na poesia), a energia para não sucumbir à dureza da vida. É raro que dentro de um barraco de nosso país não exista um aparelho de rádio, televisão ou toca-fita. É muito difícil encontrar alguém, seja um grupo, movimento ou partido, que não utilize a arte, especialmente a canção em seus encontros e festas. Sempre que posso, na minha militância, canto canções que tratem da questão social. Penso que isso provoca reflexão e quem sabe, mudança. Mesmo no meu trabalho profissional de músico<sup>11</sup>, cantamos canções com forte apelo social.

---

<sup>11</sup> Faço parte com mais dois companheiros do Grupo Xamã Serenata e Eventos. Um dos companheiros é militante do Partido dos Trabalhadores - PT - e o outro simpatizante mais pela relação pessoal do que pela mesma convicção político-ideológica.

Procuro também, de forma secundária, mas não menos importante, mostrar a caminhada dos participantes desses grupos. Em que movimento ou partidos foram se inserindo até os dias de hoje, considerando também que outros foram se recolhendo.

As canções eram algo que fazia parte do nosso dia-a-dia. Mas elas nos empurravam necessariamente para a prática daquilo que cantávamos: não era possível fugir disso! Quando, durante o trabalho de pesquisa, isso ficou claro para mim, fiquei encantado: comecei a perceber que a autogestão, a militância partidária, enfim, tudo tinha a ver com nosso canto. E nosso canto tinha tudo a ver com nossa prática cotidiana.

Procurei não separar o trabalho em capítulos sistemáticos, fechados, primeiro trabalhando os conceitos, teorias e depois outro fazendo as análises. Procurei mesclar um pouco esses elementos, numa conversa que teça as canções com as contribuições teóricas que julguei iluminadoras e com a história do Grupo dos Quarenta.

O trabalho é um olhar sobre o Grupo dos Quarenta: suas canções, seu jeito de ver o mundo, seus conflitos, seus avanços. Aberto a várias interpretações e reflexo de minha militância. Meu enfoque é o grupo e o que havia a seu redor numa busca de compreender essa experiência. Queria compreender essa experiência. Por isso esse trabalho para mim é mais que uma pesquisa. Assumo os riscos. Quem sabe aquilo que tanto queria acabe acontecendo: que a pesquisa sirva de luz para o grupo, para outros grupos, para alguém. Há paixão, envolvimento e distância. Mas descobri que por mais que se tome distância ou por mais que se esteja apaixonado pela pesquisa, o que é fundamental é a fidelidade aos sentimentos, à história e aos relatos para que os que tomam contato com o trabalho saibam exatamente do que estamos falando. Esse foi o esforço.

Nosso grupo tinha sempre princípios muito sólidos, a meu ver, mas era também curioso, não tinha medo do novo. Mas quando o novo era apenas nova

roupa para encobrir as mesmas coisas, reagia! Sempre tínhamos posição. Era o que defendíamos sempre: neutralidade não existe. Na busca da transformação tínhamos sempre presente que o novo e o velho estavam muito próximos e que na construção da nova sociedade que tanto queríamos era preciso constantemente estarmos avaliando nossas ações.

Durante a realização desta pesquisa escrevi, inspirado por aquele nosso momento:

O novo

Novo? Velho?  
O que é velho?  
O que é novo?  
Mais medo do velho?  
Mais medo do novo?  
Novo é bom?  
Velho é ruim?  
Que velho?  
Que novo?  
Jogar fora o velho?  
Parir o novo?  
O velho pode ser novo.  
O novo pode ser velho.  
Velho com o novo!  
Novo com o velho!  
Quem sabe, o novo!  
Novo? Velho?  
O que é velho?  
O que é novo?.

Essa construção é dialética.

## **1 BUSCANDO ENTENDER A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DOS QUARENTA**

### **1.1 BRUSQUE: ONDE ESTÁ INSERIDA A EXPERIÊNCIA<sup>12</sup>**

Situada no Vale do Itajaí, Brusque é resultado da vinda de alemães, italianos, poloneses e irlandeses no século passado. Têm 75.000 habitantes numa área territorial de 292,75 km<sup>2</sup>, a 126 Km de Florianópolis. Está a 21 metros do nível do mar. Temperatura média de 19,90° C. Entre os 293 municípios catarinenses tem a 2ª melhor qualidade de vida. Diariamente dezenas de ônibus transportam muitas pessoas para a “cidade dos tecidos”<sup>13</sup> atraídas pelo turismo econômico, religioso e a variada riqueza cultural herdada das gerações passadas. Lembram os povoados do interior europeu.

O início oficial de Brusque deu-se em 4 de agosto de 1860 quando chegou o Barão Maximilian von Schneéburg, com mais 55 imigrantes alemães. A viagem dos colonizadores foi realizada em pequenas embarcações e levou 5 dias da barra do Itajaí-Mirim até a sede da colônia Itajahi (Brusque). Os colonos foram provisoriamente instalados num engenho da farinha, pertencente a Pedro José Werner. O engenho ficava localizado onde hoje é a praça Vicente Só.

Antes da oficialização da colônia encontravam-se estabelecidos alguns grandes proprietários de terras. A maioria eram imigrantes alemães que estavam descontentes com o regime da pequena propriedade na Colônia do Dr. Blumenau. Em Brusque requeriam as terras devolutas do Vale do Itajaí-Mirim. Alguns proprietários de engenhos eram os principais latifundiários.

Em 31 de julho de 1873 foi criada a Freguesia de São Luiz Gonzaga, o primeiro passo para emancipação política. Após proclamada a República, o primeiro

---

<sup>12</sup> Alguns dados sobre Brusque foram fornecidos pelo historiador brusquense Paulo W. Kons.

<sup>13</sup> Também assim conhecida pelas famosas fábricas de tecido. Possui 2000 indústrias de confecção.

governador do Estado, Lauro Müller, modificou a denominação São Luiz Gonzaga, nome anterior, para Brusque, em 1890. Prestou homenagem a Francisco Carlos de Araújo Brusque, Presidente da Província no período da fundação da colônia Itajahi, do Gram Pará e Conselheiro do imperador Dom Pedro II.

Brusque é conhecida como o “Berço da Fiação Catarinense”. A ligação do Município com a indústria têxtil remonta a 1892, quando Karl Christian Renaux, Paul Hoepcke e Augusto Klappoth fundaram a pioneira fábrica de tecido. Eduardo von Buettner deu início à fábrica de bordados finos em 1898. Gustavo e os filhos Hugo e Adolfo criaram a Gustavo Schlösser e Filhos, em 1911. O slogan oficial do 1º Centenário, “Brusque, Berço da Fiação Catarinense”, de autoria do cônego Raulino Reitz, vincula-se à instalação da primeira fiação do estado, em 1900, pela fábrica Renaux. Anterior à industrialização, a economia local encontrava-se alicerçada nos engenhos de farinha e açúcar, atafonas, manufatura de charutos, produção de banha e cachaça, exploração da madeira e outras atividades agrícolas, pastoris e de exploração.

As manifestações religiosas relacionam-se intimamente com o período de colonização. Foi a fé em Jesus Cristo, segundo depoimentos e historiadores, que fortaleceu nosso imigrante nas enormes dificuldades e toda sorte de privações materiais: os alemães, muito zelosos para com os templos; os italianos, que deram início ao complexo religioso e sócio-cultural de Azambuja. Amábile Visintainer, a Madre Paulina, chegou com nove anos, em 1875, e estabeleceu-se provisoriamente na Rua das “Carreiras”, hoje Hercílio Luz.

O *Schützenverein*<sup>14</sup> foi o centro sócio-cultural nas primeiras sete décadas, também marcaram época as sociedades de canto e bandas, além do teatro.

---

<sup>14</sup> Sociedade dos Atiradores

## 1.2 AS COINCIDÊNCIAS

Brusque tem 140 anos. Tenho 45 anos. Cheguei em Brusque com 2 anos de idade. São, portanto, 43 anos vividos em Brusque. Mesmo não tendo nascido na cidade, tanto meus antepassados como os de minha companheira – nascida em Brusque - vieram da Alemanha e da Itália, coincidentemente, a terra dos homens e mulheres que construíram a história local. Acompanhei de certa forma 30% da história da cidade e escutei muitas histórias. Por exemplo: lembro que uma pessoa idosa, hoje falecida, contava que para os emigrantes alemães o canto era uma maneira de matar a saudade da pátria. Era uma forma de resistir à saudade e dar ânimo para tocar a vida em frente. Até hoje em Brusque há grupos de canto italiano e alemão. Penso que isso não acontece por acaso. Um dos membros do Grupo de Canto Alemão me disse um dia:

“É uma forma de preservar as raízes. Quem veio de outro país faz daqui a sua casa. A canção ajuda. Quem está aqui no Brasil e não conhece a outra pátria, de nossos pais, com a canção mata a saudade e se aproxima dos que lá ficaram. É como se estivéssemos juntos”. (Grupo de Canto Alemão)

O canto relembra, aproxima, anima.

Quando iniciei minha vida de professor aqui em Brusque, no início da década de 80, trabalhei numa localidade de Brusque - Ribeirão do Mafra. Naquela época já havíamos formado o Grupo dos Quarenta, e muitas vezes vários de nós íamos até lá. Lembro que trabalhávamos o canto com as crianças e cedo, muito cedo pela manhã<sup>15</sup> dávamos aula de violão numa sala ou ao redor de um fogão de

---

<sup>15</sup> Ludvig, Valmir Coelho. As primaveras vão chegando e não pedindo mais licença. Ed. Gráfica Mercúrio.p.86-87. Brusque.1996. “ Foi meu professor de violão. Uma pessoa dedicada. Às seis da manhã nos reuníamos para o início das aulas. Seu esforço valeu muito pois o que aprendi devo a ele” (Rosa Bizari – Ex-aluna de violão – Cedro Grande) . “ O que mais me tocou foi receber uma serenata na madrugada. Lembro de uma reunião onde Valmir falou de política. Dizer a verdade é bonito. Deveria ser tudo assim. Meu pai dizia que o Valmir sempre estava no terminal falando, tocando, defendendo os operários. A juventude aprendeu a tocar, cantar, depois que ele apareceu por aqui. Não só na nossa comunidade, mas nas comunidades vizinhas. Precisaria mais gente fazendo esse trabalho. Hoje as crianças continuam tocando violão na igreja. É a continuação”. ( Aldírio Testoni – operário – Salto Alto).

lenha. Era uma terra onde ainda havia muitos engenhos de farinha. Depois de termos construído uma relação com a comunidade, muitos de nossos encontros de jovens ( Pastoral da Juventude ) foram realizados nessa localidade. Recordo que à noite nos reuníamos para cantar dentro do engenho: farinha, vinho, cantoria. Criava-se um clima místico onde discutíamos nosso papel de jovens na sociedade. O canto era o ponto alto. As letras, de forte apelo social, eram alimento para uma caminhada árdua numa sociedade muitas vezes fechada às mudanças. Naquela comunidade de imigrantes, era como se buscássemos força também na memória daqueles que aqui tinham chegado. Sabemos que a maioria dos colonos que chegaram a Brusque vinham de situações adversas em seus países: guerras, fome, falta de perspectiva, falta de terra. As reflexões no engenho iam sempre nesse sentido: como podíamos colaborar para melhorar a vida das pessoas em Brusque? Saúde, educação, moradia, transporte, lazer: estes eram os temas. Muito mais que as palavras, a canção é que falava mais forte. O canto parecia dizer tudo e muito mais do que queríamos dizer.

No engenho, o calor do forno da farinha criava um ambiente que aproximava as pessoas. Desarmava. Principalmente quando os encontros aconteciam no inverno. O calor e a farinha eram parte integrante da celebração que ali acontecia. Pão, aconchego, direito ao lar, vida digna, ter um grupo, um lugar para chegar, enfim, tudo isso brotava de dentro de nossas canções. Nos comprometia. Nos tornávamos cúmplices.

Na cantoria no engenho de farinha acontecia o encontro do passado com o presente abrindo horizontes para o futuro. Isso não era apenas poesia, sonho irrealizável, mas algo que víamos como coisa concreta, possível. Éramos nós os construtores da cidade. Éramos nós que no passado tínhamos vivido as mesmas privações. As letras das canções iam dizendo isso!

Uma canção dos negros, *Zumbi Ganga meu rei*<sup>16</sup>, cantada pelo Grupo dos Quarenta lembrava que essa história continuava se repetindo. Recordo que no

---

<sup>16</sup> Canto nº19 - anexo

engenho de farinha, numa noite, cantávamos esse canto e lembramos dos negros e dos brancos, nossos antepassados vindos para o Brasil em busca de terra e pão. Essa canto trazia a história à lembrança, de uma forma muito forte. Também mostrava que não éramos resignados:

Ei, Zumbi, seu povo não esqueceu  
A luta que você deixou prá prosseguir  
Ei, Zumbi, os novos Quilombos  
Com seus quilombolas lutam prá resistir

Ei, Zumbi, seu sangue semeou  
Coragem em nossa gente que luta com fervor  
Ei, Zumbi, a luta é a mesma  
Mudou só o cenário, a roupa e a cor.<sup>17</sup>

Essa era a luta dos negros, mas também dos brancos. A luta dos negros e dos brancos era a mesma luta. Era a luta do povo pobre pela terra, pela vida.

### 1.3 A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA

Quando iniciamos nossa militância na Pastoral da Juventude e mais tarde no Partido dos Trabalhadores, procurávamos dizer não à história oficial de Brusque. Aquela de sempre: “quem luta, consegue!” Passando sempre a idéia de que o pobre assim o é por falta de capacidade ou mesmo vontade de Deus.

Cantávamos:

Nós descobrimos que a seca do Nordeste  
Que a fome, que a peste não é culpa de Deus Pai  
A grande culpa é de quem manda no país  
Fazendo o pobre infeliz, deste jeito é que não vai<sup>18</sup>

Procurávamos resgatar a história. Nos nossos cantos apareciam muitas vezes referências às lutas históricas do povo: Canudos, Cabanas, Lutas operárias. No engenho resgatávamos aquilo que não estava escrito, mas que acontecia na prática.

---

<sup>17</sup> Canto nº19 - anexo

<sup>18</sup> Canto nº 16 - anexo

Lembro muito bem que um desses cantos dizia: “Ei, Zumbi, a luta é a mesma. Mudou só o cenário, a roupa e a cor.”<sup>19</sup> Nessa frase fazíamos um resgate da história. Refletíamos: os nossos antepassados vinham em busca de terra, de vida digna, e quando chegaram aqui, a grande maioria se estabeleceu no interior e alguns na cidade. Os que foram para a cidade “cuidavam” do dinheiro de gente do interior. Com o dinheiro fizeram investimentos e construíram as fábricas, onde então muitos colonos trabalhavam. Os que ficaram na cidade só puderam fazer as fábricas e se estabelecer no comércio graças àqueles que trabalhavam duro no interior. Ao redor do engenho ou nos encontros de juventude, quer na pastoral, quer no partido ou nos espaços que pudéssemos ocupar, essa era uma reflexão central. No mesmo sentido trazíamos a reflexão para os dias de hoje: os que estão ricos hoje, dizíamos, desviaram mercadoria das fábricas e do comércio para conseguirem fazer fortuna. Isso era um fato e falávamos com propriedade porque conhecíamos vários casos dos denominados “novos ricos” da cidade. Dizíamos com todas as letras que quem trabalhava na fábrica ou de sol a sol não ficava rico. “ Fica rico quem desvia, rouba”, afirmávamos. Com isso, batíamos de frente também com a igreja, que buscava pregar a harmonia entre pobres e ricos.

Nosso grito se dava de forma especial no 1º de Maio, onde de um lado estava nosso grupo e de outro, muitas vezes, a igreja. Lutávamos para que esse dia fosse de reflexão e lembrança da verdadeira história do 1º de maio, recordando os mártires, as lutas históricas. Nossos encontros procuravam esvaziar a festa que os patrões faziam nesse dia dizendo que a empresa era “ a família” do operário. Algo curioso acontecia: de um lado, nosso grupo, ligado a outras lideranças populares e aos sindicatos, fazendo esse encontro com participação de um sacerdote. De outro lado, o vigário da paróquia, local do nosso encontro, indo almoçar com os empresários.

Uma canção que cantávamos e que buscava o resgate da história dos operários, era a que lembrava a história de Santo Dias<sup>20</sup>:

---

<sup>19</sup> Canto nº 16 - anexo

Operário que um dia se cansa,  
de esperar as mudanças de cima.

Santo, a luta vai continuar.  
Os teus sonhos vão ressuscitar.  
Operários se unem prá lutar.  
Por teus filhos vai continuar.

É o sangue que orvalha a justiça,  
dá a flor, dá o fruto e o pão.  
Ternura nas mãos da cobiça  
se vingam em nova estação.

É Santo que a morte não mata  
soluços de Anas Marias.  
Nos órfãos que perdem seus pais,  
renascem as idéias um dia.

Numa ocasião, esse canto criou uma grande polêmica. Os sindicatos, sabendo que nosso grupo costumava fazer encenações na igreja, nos convidou para uma missa de 1º de maio. Lá fomos nós. Encenamos a morte de Cristo, comparando-a à vida do operário. O canto e as falas causaram uma grande celeuma. Aquilo custou a retirada do vigário da paróquia, e ele era um sacerdote que nos apoiava e que reunia as pessoas nos finais das celebrações para falar sobre a Constituinte de 1988. Interessantes as razões das reclamações dos fiéis: “onde já se viu entrar de bicicleta na igreja, comer arroz com lingüiça na celebração”? Evidente que o que tinha incomodado era o conteúdo. A canção, sem dúvida foi o momento alto, que causou estranheza aos fiéis. Coincidentemente os que reclamaram eram os empresários da cidade. O bispo escutou-os e transferiu o sacerdote. Tempo depois esse sacerdote, reitor de um seminário, ao realizar uma festa teve o patrocínio dos empresários retirado. Um pouco mais de pressão e depois o transferiram para São Paulo. Já tinham feito o mesmo com outro sacerdote, que alguns anos antes de nosso grupo atuar, tinha feito um trabalho junto aos operários de um bairro da periferia da cidade. Nosso grupo dizia - e isso irritava profundamente os chefes espirituais - , que a fé, a transcendência, também eram carregadas de ideologia. Estavam sujeitas aos fatores humanos, às questões culturais, aos modos de ver o mundo.

---

<sup>20</sup> Canto nº 2 - anexo

## 1.4 O GRUPO DOS QUARENTA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Nossa história era uma construção coletiva. Fazíamos, corríamos. Falávamos com frequência em movimento social, em construção de uma sociedade nova, em mais-valia. Cantávamos e nos encontrávamos para reafirmar nossos sonhos, nossos desejos, nossos passos. Nem sempre tínhamos claro o nome das coisas: às vezes falávamos em “sociedade nova”, ou em “sociedade socialista”, ou mesmo em “reino”, enfim. Mas uma coisa tínhamos na ponta da língua: não ao capitalismo. Estudávamos textos, participávamos de seminários, mas não tínhamos muita careza teórica: éramos marxistas, cristãos, gramscianos, admiradores de Paulo Freire, de Che, de Gandhi, Luther King. Luta armada? Sim, se fosse preciso. Transformação pacífica? Melhor! Éramos tudo isso. Éramos marxistas sem ler “O capital”. Tínhamos pressa: pequenos textos, encontros, congressos, resumos eram nosso alimento.

Éramos também Católicos e Ecumênicos. Frei Betto dizia num de seus escritos que era perfeitamente possível ser marxista e ser cristão. Aceitávamos tudo aquilo que viesse para gerar vida. Não importava tanto a fé que cada um tinha, mas o resultado prático que isso trazia para melhorar a vida das pessoas. Tínhamos uma mística. Falaremos sobre isso mais à frente:

Todas as pessoas precisam de espiritualidade que é, para alguns, Deus. Para outros, uma força. Para muitos, uma energia. Para outros tantos, um forte senso humanitário. Não importa! O que importa é que todos devemos ter uma mística que defenda a vida! Vida em abundância! Essa dimensão é que nos sustenta! Que nos faz fortes diante das ameaças! Diante das pressões! É aquilo que nos faz teimar! Acreditar! Ir em frente!<sup>21</sup>.

Desafiávamos a igreja e as ciências, fazendo parte da explosão de movimentos sociais da segunda metade da década de 70. Mesmo com um certo atraso em relação às grandes capitais do país, como tantas outras cidades, estávamos na rua e a academia teve que se mexer para estudar e encontrar explicações para o processo.

---

<sup>21</sup> LUDVIG,. As primaveras vão chegando. (1996, p.40)

Nossa militância começa nos inícios dos anos 80, época em que começamos a entender o que acontecia no país. Um dos militantes que entrevistei coloca com bastante clareza a situação que vivíamos:

Foi assim, um momento de explosão de conhecimento, foi um momento assim dentro da história do país que a gente estava saindo de uma era, de uma pós anistia. A gente estava saindo da ditadura militar. Começaram os anos da anistia. Então pouco a pouco, começamos a escutar, entender tantas coisas que a gente nunca tinha ouvido falar no tempo de escola: a ditadura militar por exemplo. Eu fui na escola no tempo da ditadura, no primário, no ginásio e jamais tinha ouvido falar que ainda estávamos numa ditadura. Só depois dos anos 80 quando entrei no grupo de jovens começamos a ter essa relação maior com outros grupos de jovens e depois que a gente formou esse grupo<sup>22</sup> a gente começou a ter noção de tudo que aconteceu naquela fase da nossa vida que ficou assim totalmente escondido e que só foi aparecer mais tarde.

Então naquela fase da vida foi assim como que se a gente tivesse que se cobrar, teve que recuperar tudo aquilo que aconteceu com muitas pessoas, com centenas de pessoas desse país afora. Na realidade com toda a sociedade que foi calada. E a gente hoje, que está nessa faixa de 35, 40 anos, a gente é filho de pessoas que viveram aquela fase e que ensinaram pra gente que a gente tem que cuidar da nossa vidinha, do nosso mundo, da nossa família e não se preocupar com outras pessoas. A gente é filho disso. Acho que foi assim, graças à participação no grupo que a gente conseguiu evoluir. Evoluir positivamente. E a música na época era algo assim que representava essa ruptura, essa descoberta. Ao mesmo tempo alguma coisa própria da juventude. O jovem quer saber de música. É uma coisa natural da juventude. Então acho que as músicas representavam isso. Ela era questionadora. Eram músicas diferentes. A gente sempre procurava nas nossas missas trazer músicas diferentes. Ensinar para a população músicas diferentes. Trazendo ritmos, introduzindo também os acompanhamentos para a igreja; era o pandeiro, era o acordeão, era o atabaque, eram aqueles outros instrumentozinhos...percussão. Isso pro povo era uma novidade também. A gente sabia que tinha gente que estranhou muito na época por a gente estar usando isso na igreja, porque a igreja é <sup>23</sup>vista como um lugar assim de recato, de reflexão, não de tanto barulho. E a gente introduziu esse ritmo. E hoje quando eu vou na igreja e vejo esses grupos hoje na igreja com acordeon, eu tenho certeza que a semente foi daquela época nossa do tempo do grupo de jovem. A semente desses grupos hoje, foi a gente que plantou. E lembro que na época o povo conheceu muito da história, do que acontecia no país, através de nossas canções. Quando não dava para falar a gente cantava.<sup>24</sup> (Depoimento de P.R.E)

Na nossa caminhada sempre questionávamos as campanhas de agasalho, campanhas paliativas que escondiam as verdadeiras causas dos problemas sociais. Chegava a nos causar uma certa irritação que algumas campanhas de homens e mulheres da alta sociedade, apareciam em colunas de jornais locais mostrando-se como exemplos. Isso camuflava a causa do problema e impedia os avanços por que tanto lutávamos.

---

<sup>22</sup> Referência ao Grupo dos Quarenta.

<sup>23</sup> Entrevista: Depoimento de P.E. – Grupo dos Quarenta.

<sup>24</sup> Depoimento de P.R.E. (iniciais do entrevistado – daqui em diante todos serão registrados pelas iniciais).

Na época, embora sem grande discussão teórica, nos entendíamos como um grupo que fazia parte do movimento popular, juntamente com aqueles grupos que estavam inseridos nas lutas das comunidades por água, transporte coletivo, luz, saneamento básico. Sendo da igreja e inseridos nessa luta, no nosso entender fazíamos parte do movimento popular.

Não era tão simples como não é até hoje definir movimentos sociais. Confunde-se e não é tranquilo definir essas questões: O que é movimento popular e o que são movimentos sociais.

Leonardo Boff entende por movimentos sociais: “aqueles grupos que se formam ao redor de alguma reivindicação concreta não implementada pelo Estado ou não reconhecida pela sociedade organizada a fim de conseguir seu atendimento. Geralmente se trata de uma luta por um direito fundamental violado ou não realizado.”<sup>25</sup>

Ilse Scherer-Warren, define movimentos sociais: “como uma ação grupal para transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns ( a ideologia), e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)”<sup>26</sup>.

Na mesma perspectiva, Scherer-Warren e Krischke, escrevem que "os movimentos sociais propriamente ditos são o momento de integração da práxis com o projeto através de uma organização grupal"<sup>27</sup>.

Uma entrevistada - AML - deixa claro que o Grupo dos Quarenta está dentro desses dois pensamentos de Scherer-Warren e Krischke:

---

<sup>25</sup> Cadernos de Formação do MST (p. 20)

<sup>26</sup> Scherer-Warren, Ilse. Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1984

<sup>27</sup> Warren , Ilse Scherer e Krischke, Paulo j. Uma revolução no cotidiano?: os novos movimentos sociais na América Latina São Paulo: Brasiliense, 1987.

Bem, eu penso que o grupo, ele era formado por jovens que tinham uma consciência muito bem formada e sabiam bem o que queriam, o que pretendiam, e através das suas canções, das suas músicas faziam essa manifestação chegar até a gente.

Penso que nosso Grupo dos Quarenta cabia na definição de Scherer-Warren. O grupo se reunia para avaliar e planejar. O método ver, julgar e agir<sup>28</sup> era um dos nossos instrumentos. Reuníamos-nos para planejar nossa ação. Cada um de nós, ao sair do encontro, recebia a incumbência de atuar, de estar presente nas decisões dos coletivos em que estávamos inseridos. Éramos de vários campos e áreas. Atuávamos nos grupos de jovens, no sindicato, na pastoral operária, na catequese, nas associações de moradores, no partido político. Cada um trazia para o encontro a sua forma de atuar e o grupo coletivamente trabalhava as idéias e indicava como colocá-las em prática nos diferentes campos de atuação de seus membros.

#### 1.4.1 Movimentos Sociais<sup>29</sup>

Quando falamos de movimentos sociais falamos de organização coletiva. Eles surgem quando pessoas se reúnem para lutar por seus direitos, suas necessidades e seus valores. São também grupos que se organizam para transformar as estruturas sociais, a cultura e as interações entre as pessoas.

Esse tema surge na sociologia com Lorenz von Steim em 1840, referindo-se ao movimento operário. Nos séculos XIX e XX, as organizações operárias são o principal movimento social da era industrial que luta pelo direito dos trabalhadores, buscando a transformação da sociedade capitalista. Na academia esse tema ganhou força na década de 60. Nos Estados Unidos surgiu o movimento por direitos civis e na Europa o movimento estudantil (maio 68), e os movimentos pacifista, ecológico e de mulheres, entre outros.

---

<sup>28</sup> Método utilizado nas CEBs e também assumido pela Pastoral de Juventude.

<sup>29</sup> Toda a reflexão sobre "Movimentos Sociais" é baseada numa fala de Carlos Sell no Partido dos Trabalhadores em 2001. Sua fala por sua vez encontra-se numa apostila. Sell, Carlos Eduardo. Movimentos Sociais. Itajaí: apostila, 2001. Gravei a fala desse encontro, resumi a gravação e o texto

### 1.4.2 Teoria dos Movimentos Sociais - Internacionais

Há duas formas de se ver os movimentos sociais, correspondentes a duas grandes teorias internacionais: 1) a teoria da mobilização de recursos - Estados Unidos; 2) a teoria dos novos movimentos sociais – Europa. Existem algumas diferenças básicas entre as duas.

Na primeira o objetivo dos grupos é fazer pressão sobre o Estado para conseguir benefícios. O que os move são interesses. Observe-se que interesses não são necessariamente ruins e que o Estado existe para administrar os diferentes interesses. Assim, a associação de moradores, por exemplo, exige o conserto da praça ou não se pagará mais imposto. Nessa visão, o que move os movimentos sociais são os interesses da comunidade. Se há um problema coletivo, organiza-se a comunidade e se pressiona o Estado para resolver os problemas. Os atores são vistos de modo instrumental.

Na Segunda visão, vinda da Europa, o caráter é mais amplo: o que se busca é transformar a sociedade. Essa teoria é mais restritiva. Não é qualquer grupo que é movimento social. Só é movimento social aquele que está voltado para transformar a sociedade, agindo sobre a cultura. O meio é a conscientização. Não é só pressão, mas conscientização. Um exemplo é o movimento feminista. Além da pressão é um trabalho de conscientização, buscando transformar radicalmente a sociedade. Por essa teoria o caráter dos novos movimentos não se centra nos interesses, e sim em torno de valores, que lhe dão identidade. No movimento de mulheres temos a luta pelo valor da igualdade. Esta visão privilegia os novos atores políticos emergentes na sociedade europeia, especialmente o movimento pacifista, o movimento ecológico, os movimentos nacionalistas/regionais e os movimentos de gênero, como o feminista ou/ e de minorias étnicas. Esta abordagem busca nestes novos atores o seu papel de transformação, especialmente a partir da defesa de inovações culturais na sociedade.

---

que recebi na época. Boa parte do que falo é um resumo do que ouvi e li de Sell. Busquei estabelecer um diálogo com o autor por encontrar em sua reflexão muitas respostas para o Grupo dos Quarenta.

São portanto forças que buscam transformar a sociedade.

Entendo ser importante dar uma rápida passada sobre o pensamento de Alain Touraine, sociólogo francês, que consagra a categoria dos novos movimentos sociais. Estuda os “atores sociais” ou os “sujeitos sociais”, criticando as teorias que afirmam que o comportamento do indivíduo está pré-determinado pelas estruturas sociais. A mais criticada é a teoria dos sistemas ou a teoria estrutural-funcionalista, segundo a qual os indivíduos desempenham “papéis sociais” determinados pelas instituições sociais. Touraine rejeita e dá destaque ao papel criativo do ser humano na história e enfatiza o lugar central da ação coletiva para a construção da sociedade. Para ele,

ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que modifica o meio ambiente material e sobretudo social no qual está colocado, modificando a divisão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação e as orientações culturais(...). O sujeito só existe como movimento social<sup>30</sup>.

Ele diz que não é qualquer ação que pode ser considerada movimento social. Para ele movimento social não é aquele que busca benefícios do estado, mas aquele que busca transformar a sociedade. Movimentos sociais são apenas aqueles atores coletivos e lutas sociais que buscam transformar a sociedade, suas formas de organização econômica, política ou cultural. Os movimentos atuam na produção da sociedade, lutando pela sua renovação e transformação constantes. Touraine diz que em nosso continente não existem movimentos sociais porque aqui os movimentos não são independentes do Estado e constituem apenas respostas aos estímulos do poder governamental. Sob essa ótica ele considera o movimento operário como o grande movimento social da era industrial, na sua luta pelos direitos e pela nova sociedade, o socialismo. Mas, segundo ele, nós vivemos hoje uma era de transformação social em que o problema não é mais a exploração econômica, mas o controle que a comunicação assume sobre os modos de vida e pensamento dos indivíduos. Para reagir a isso surgem os “novos movimentos sociais, que buscam recolocar os recursos tecnológicos modernos a serviço da sociedade e dos “sujeitos”. Portanto, na era pós-industrial, os movimentos sociais deslocam sua luta da esfera econômica para a esfera cultural. Para ele o movimento operário acabou

---

<sup>30</sup> Touraine, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

se tornando um “grupo de pressão”. Deixou a luta de transformar a sociedade para se adaptar ao capitalismo e melhorar salários. Já os novos movimentos sociais atuam no mundo da cultura e das relações sociais, ou seja: no modo como as pessoas “pensam ” e “agem”. O potencial transformador dos novos movimentos sociais está em sua capacidade de renovar a sociedade a partir de novos valores (respeito à natureza, paz, dignidade da mulher, respeito à diferença, etc.)

TOURAINÉ destaca três elementos dos movimentos sociais: 1) Identidade: diz respeito à auto-definição do movimento, ao que ele é, e em nome de quem se pronuncia; 2) adversário: diz respeito ao principal inimigo do movimento, conforme expressamente declarado pelo próprio movimento; 3) objetivo: diz respeito à visão do movimento sobre o tipo de ordem ou organização que ele deseja alcançar.

Cabem aqui algumas reflexões que também passavam por nosso grupo e que até hoje não encontram respostas definitivas.

Parece que na visão de Touraine o movimento sindical é desconsiderado. Mas sem dúvida ele nos apresenta vários elementos para reflexão, por exemplo quando coloca que há vários movimentos sociais. O proletariado de hoje é diferente da época de Marx, por exemplo. A crítica do autor ao sindicalismo é procedente, mas também não se pode negar a importância de os sindicatos garantirem o emprego dos seus membros, pois o que mais enfraquece o movimento operário é o desemprego, que cria um exército de reserva. Mas ao proteger o emprego o movimento sindical pode preservar o sistema. É uma briga teórica difícil.

Talvez o grande equívoco do sindicato, e Touraine faz o alerta, é que este não trabalha a conscientização. Sem entrar em grande aprofundamento aqui, poderíamos ainda levantar o seguinte questionamento: Como entenderíamos as classes nos dias de hoje? Como fazer a leitura de Marx hoje? Para Marx havia uma só classe revolucionária: a classe operária. O pessoal do campo ou das favelas não seria considerado, ou para Touraine o operário não é mais o emancipador.

Há sérios questionamentos e não vamos resolvê-los todos aqui. Mas, se temos que levar em conta que o capitalismo de hoje não é o mesmo do tempo de Marx, nossa leitura da sociedade pode passar perfeitamente pela visão que Marx tinha. Entendo que devemos adaptar Marx a realidade e não a realidade a Marx. Isso não diminui Marx, pelo contrário. Num encontro do Partido dos Trabalhadores em 1985 na cidade de Itajaí – SC, nosso grupo de autogestão foi discriminado e questionado por alguns companheiros de partido que diziam que nosso lugar não era ali porque éramos donos dos meios de produção. Argumentávamos com a forma como trabalhávamos nossas relações internas, com o resultado do nosso trabalho, dizíamos que não havia exploração, etc., mas não os convencemos, eles seguiram afirmando que nosso lugar não era dentro do PT. Isso também faz recordar que quando começamos a garantir salário<sup>31</sup> para nosso grupo de autogestão, e conseqüentemente uma vida melhor, um sacerdote local disse que aquilo não era mais autogestão. Na verdade, era uma forma de nos desqualificar, porque questionávamos a igreja e pouco apoio tivemos dela quando precisamos para solidificar a experiência. Para que a igreja apoiasse essa experiência teria que questionar seriamente sua relação com as empresas capitalistas. Assim “apanhávamos dos dois lados”. Houve ainda outras situações semelhantes, mostrando que no partido éramos tidos como “igrejeiros” e na igreja como partido. Isso me traz também à lembrança um companheiro petista, o poeta Pedro Terra, que dizia que nas reuniões partidárias, quando fazia alguma análise diziam: “Ele é um poeta”. E no meio dos poetas era discriminado porque assumia um partido. Todos esses exemplos demonstram que a realidade em que estamos envolvidos é complexa, e é com base nela que precisamos reler a teoria.

Portanto, entendo que os movimentos sociais trilham esses dois caminhos: reivindicar e transformar. Também precisamos considerar a visão que a sociedade tem do Estado. Atuar no campo político no início da nossa militância, por exemplo, era muito diferente. Questionávamos muito mais o Estado do que hoje. Com o crescimento dos partidos de esquerda, particularmente o Partido dos Trabalhadores, muitas vezes viramos governo. O Estado pode ter um papel

---

<sup>31</sup> Costumamos usar a expressão: “resultado do nosso trabalho”.

diferente, mas não o papel que as elites lhe atribuíram. Isso nos põe numa outra situação. Com certeza correndo o grande risco de apenas administrar o capitalismo, de dar-lhe uma cara menos selvagem. Este ainda é um grande debate. Mas, já nas nossas discussões da época do Grupo dos Quarenta nos questionávamos: a quem estamos reforçando?

Ao refletirmos sobre os operários, uma realidade em que estávamos também envolvidos, nunca conseguimos um resultado muito efetivo. Os sindicatos de Brusque seguiam como seguem até hoje uma linha assistencialista. Entendíamos que não era possível romper com isso de uma hora para outra, mas que deveria se levar ao lado disso, formação para a transformação. Nosso grupo, e posteriormente nosso grupo dentro do partido, teve sérias dificuldades para trabalhar essa questão. Os presidentes de sindicato manipulavam os estatutos, escondiam datas de eleição e se eternizavam nos cargos. O sindicato ficava apenas na luta salarial e não avançava em direção à mudança das estruturas. Conseguíamos algumas aproximações com algumas lideranças, mas como um todo o trabalho não caminhava. Entendíamos que era necessária a garantia do salário, mas que necessariamente teríamos que avançar em direção àquilo que os trabalhadores do ABC descobriram nas greves de 1978. Não bastava a luta salarial. Era preciso organizar um partido que fizesse as leis e que estas alcançassem os trabalhadores.

Os sindicalistas de Brusque, em época de eleição para presidente, votavam e falavam de Lula, mas na hora da eleição municipal não faziam a relação dos candidatos em nível federal com os candidatos locais. Isso confundia os trabalhadores, e na nossa visão os despolitizava.

Analisando as duas teorias sobre os movimentos sociais podemos afirmar que para a maioria da população a primeira teoria é mais compreendida. A esquerda trabalha mais a segunda e tem mais dificuldade de expressá-la e fazer valer para acontecer as mudanças que espera.

Cada teoria reflete um recorte, ou perspectiva da realidade. Os movimentos têm esse duplo aspecto. O movimento dos caminhoneiros, por exemplo, é cíclico, podendo ser explicado pela primeira teoria. O movimento de mulheres pode ser melhor compreendido pela segunda, pois é mais amplo e de curto prazo.

Nosso Grupo dos Quarenta fazia uma síntese dessas duas tendências. A realidade é rica e acredito que nenhuma das tendências pode dar conta de explicar toda a sua complexidade.

Recordo que em nossos encontros, seja da Pastoral, do Grupo dos Quarenta, do partido, enfim, sempre falávamos da importância de nos organizarmos e pressionar o estado, a igreja, o partido para conseguirmos realizar os projetos. Nas associações de bairro, era forte o apelo reivindicativo. Mas sempre colocávamos a questão da luta de classe. Mesmo que não tivéssemos toda a clareza sobre o significado desse conceito, para nós ele expressava sempre que alguém explorava alguém. Quando nos encontros discutíamos a questão sindical, os operários que ganhavam um pouco mais – os contramestres – eram tratados como traidores, porque eram também operários que apenas recebiam um pouco mais para fazer o controle da fábrica para os patrões. Éramos, em grande parte, jovens vindos de famílias relativamente abastadas que tínhamos feito uma opção de classe. Daí, a força da teologia da libertação entre nós, de sua ênfase na opção pelos pequenos.

Nos nossos encontros e canções, era claro que nossas lutas deviam ir além das reivindicações de necessidades imediatas. Era preciso mudar a sociedade.

Uma reflexão no livro de Boran<sup>32</sup> era exaustivamente utilizada em nossos encontros:

Alternativas para se resolver problemas:  
Espiritualismo - rezar para que Deus dê um jeito;  
Mudança Interior - convertendo as pessoas do egoísmo ao amor;  
Assistencialismo - dar esmolas, dar o peixe;  
Promoção Humana - eliminar as causas imediatas – ensinar a pescar, ensinar a profissão;

---

<sup>32</sup> Assessor da Pastoral da Juventude no Brasil no livro: Juventude, o grande desafio, p. 26 1983.

Aliança com os Poderosos - trabalhar para com os poderosos para que eles abram mão dos seus privilégios e usem seu poder para organizar uma sociedade mais justa;  
 Mudança das Estruturas Injustas – atingir as raízes do problema, as causas profundas, a maneira de organizar a sociedade através de uma ação política - não necessariamente política partidária – mas qualquer ação que se proponha ao bem de todo o povo e não só de pequenos grupos privilegiados.

Embora essa reflexão ainda não dissesse tudo o que nosso grupo pensava, ela apontava o caminho, no nosso entender, para o envolvimento direto na política partidária. Dizíamos que não era só o partido que ia mudar a sociedade, mas que ele era um instrumento poderoso nas mãos da classe dominante. Portanto, deveríamos estar engajados em partidos que defendessem a mudança das estruturas da sociedade para uma sociedade não capitalista. A igreja, ocupando muitas vezes espaços deixados pelos movimentos sociais e partidos políticos, não era anticapitalista. Falava em capitalismo menos selvagem e quando falava das estruturas não dizia exatamente de qual estrutura estava falando. Nós, falávamos em derrubar o capitalismo e as canções diziam isso claramente:

Mas grande esperança o povo conduz  
 Pedindo a Jesus pela oração  
 Prá guiar o pobre por onde ele trilha  
 E para a família não faltar o pão  
 Que ele não deixe o capitalismo  
 Levar ao abismo a nossa nação  
 A desigualdade que existe é tamanha  
 Enquanto o rico não sabe o que ganha  
 O pobre do pobre vive do tostão<sup>33</sup>

Vivíamos no meio de todas essas contradições e tendências. Quando Boran falava de mudança de estruturas injustas ele não tocava diretamente no partido político. Embora soubéssemos que há várias maneiras de agir para a mudança social, era impossível não percebermos a importância da luta num partido político, que sempre consideramos um espaço razoável e importante, ainda que nunca de forma absoluta.

Como entendíamos também, que o movimento social devia servir para reivindicar e para transformar a sociedade, nos nossos encontros, sempre se fazia análise de conjuntura e estrutura. Entendíamos análise de conjuntura como a

discussão das coisas que estavam ocorrendo na cidade, no estado e no país naquele momento. Quando fazíamos análise da estrutura aprofundávamos nossa leitura da forma de organização social e fazíamos a relação com a conjuntura.

A canção a seguir era utilizada para essa análise:

Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Há poucos em cima e muitos na base  
Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Os poucos de cima esmagam a base

Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Viver não se pode, pelo menos na base  
O povo dos pobres que vive na base  
Vai fazer cair a velha pirâmide

E a terra dos homens já sem pirâmide  
Pode organizar-se em fraternidade  
Ninguém é esmagado na Nova Cidade  
Todos dão as mãos em viva unidade<sup>34</sup>

As canções eram uma forma de podermos falar com os grupos e falarmos através das suas letras. Desde essa época temos o entendimento de que o partido só tem consistência se, além de ser partido ou governo, ele tem relação com os movimentos sociais. Se perder esse contato, perde a razão de ser.

Fica evidente aqui que além das reivindicações imediatas, da participação em campanhas que a igreja costumava fazer, incentivávamos os jovens a compreenderem que a situação de miséria era fruto da forma de se organizar a sociedade. Tomávamos cada solução apresentada por Boran, encenávamos, cantávamos e procurávamos, com sensibilidade, que todos percebessem que só a mudança das estruturas é que poderia terminar com a miséria, a fome, a desigualdade. A conclusão era que dentro do capitalismo é impossível criar fraternidade, partilha, divisão. O capitalismo é intrinsecamente maléfico.

Continuando nossa reflexão, sobre o conceito de movimentos sociais, devemos ter presente que a sociologia de um modo geral tende a estudar mais os

---

<sup>33</sup> Canto nº 6 - anexo

movimentos sociais progressistas. Mas é bom ter presente que se de um lado existe o Movimento dos Sem Terra, de outro também existe a União Democrática Ruralista. O movimento conservador “O sul é meu país” também pode ser considerado um movimento social. Há objetivos, interesses e muita gente em torno dele. Embora efêmero, o movimento dos caminhoneiros também é um movimento social. Portanto, há um leque enorme de movimento na sociedade e é preciso descobrir que interesses tem e a quem favorecem, antes de apoiá-los automaticamente por serem “movimentos sociais”.

Os movimentos são uma forma de organização política. Lembrando o que nos dizia Scherer-Warren: são pessoas que se juntam para lutar em torno de uma causa. Os nossos trabalhos do Grupo dos Quarenta eram relacionados à igreja sendo que a igreja fazia parte do movimento social. Podemos classificá-lo como um movimento popular, porque buscava muito a organização das comunidades de periferia da cidade. Tinha caráter religioso, que, por sua vez, envolvia uma atuação política. Era, enfim, um movimento com caráter religioso numa linha política. Conhecemos outros movimentos sociais de caráter religioso na história do nosso país: um grande exemplo é a Guerra do Contestado, em Santa Catarina. Outro, as CEBs<sup>35</sup> de forte conteúdo político. Outro ainda: o movimento carismático, que tem um conteúdo político a nosso ver alienante.

### 1.4.3 Teorias com Influência sobre os Movimentos Sociais no Brasil e seu Reflexo em Brusque

#### 1.4.3.1 Teoria marxista

As primeiras tentativas para explicar os movimentos sociais buscaram inspiração na matriz teórica marxista, que dizia que o Estado está a serviço da classe dominante (capitalista) e que não atende às necessidades básicas da população. Por isso os operários reagem em seu próprio local de moradia, lutando pelas necessidades sociais ou seja, saúde, educação, etc. Para tanto questiona-se o

---

<sup>34</sup> Canto nº18 - anexo

<sup>35</sup> Comunidades Eclesiais de Base

sistema autoritário vigente ( a ditadura militar) como o próprio sistema capitalista. Francisco Weffort (1978) e Jean Lojkine(1981), entre outros foram defensores desse pensamento. Para eles, existem carências e as pessoas se organizam formando movimentos sociais, principalmente devido ao crescimento das grandes cidades, onde o Estado é o centro e atende aos centros em detrimento da periferia.

Sentíamos essa realidade em Brusque. Buscávamos organizar muito mais os operários em seus locais de moradia do que propriamente no sindicato. Mas no nosso caso isso se deu também porque as lideranças sindicais impediam a organização de seus associados para que não colocassem em risco os seus cargos. Numa canção expressávamos e refletíamos com os operários sobre a sua realidade e também denunciávamos aqueles que impediam uma organização combativa: suas direções: “O operário lutando por seu direito. De reaver a direção do sindicato”<sup>36</sup>. Aqui, para nós estava claro que, quando falávamos em classe, nos referíamos aos capitalistas, à elite dominadora que explorava a mão de obra do trabalhador.

#### 1.4.3.2 Teoria dos novos movimentos sociais

Essa teoria ganhou força no Brasil na década de 80, por influência da obra de Touraine. Ela rompe com a ênfase nas classes sociais e diz que os movimentos são compostos de várias “identidades”, formando assim uma pluralidade de sujeitos. Mais que a tomada revolucionária do poder, estes movimentos buscam transformar seu cotidiano, pela luta. Eles contribuem para a construção de uma nova noção de cidadania e para a construção de uma nova cultura política. Alguns outros representantes dessa visão são: Tilman Evers (1983-1984), Lúcio Kowarick (1988), Éder Sader (1988), Ilse Scherer-Warren (1987 e 1993<sup>a</sup>), dentre outros.

Envolvidos nas lutas cotidianas das comunidades de Brusque, alguns participantes do Grupo dos Quarenta criaram a União Brusquense de Associação de Moradores (UBAM), representando os interesses de várias comunidades. Tratava-se

---

<sup>36</sup> Canto nº 12 - anexo

de interesses diversos de pessoas de origens diferentes, sendo um grande número de comunidades carentes. Mas também é verdade que as lideranças que pertenciam às comunidades mais abastadas acabaram fazendo uma opção pelas necessidades mais básicas das pessoas de sua comunidade.

Ao entrevistar recentemente uma pessoa de uma comunidade com essas características, percebi no seu depoimento a confirmação disso. Perguntei-lhe sobre o que representou para a sua vida a canção, no contexto do contato com o Grupo dos Quarenta. Essa pessoa mulher, professora, também faz parte de um associação de moradores criada por gente do Grupo dos Quarenta. Sua resposta:

Veja bem. Já está chegando quase perto de 30 anos que resido em Brusque. Essa cidade já sabe um pouco da minha história e eu já sei um pouco da história dessa cidade. Então, eu tive o prazer de residir aqui. Já faz muito tempo e de conhecer você, o seu grupo, as suas canções. É claro que eu também não fiquei parada diante de tudo aquilo que escutei. Me considero até uma pessoa muito feliz e muito grata por ter conhecido você e seu grupo. Porque como muitos brusquense, tem muitos estrangeiros, eu me considero ainda uma estrangeira no ninho. Tenho certeza que nós aprendemos bastante até, veja, particularmente na minha vida, eu sou uma pessoa que foi agraciada por Deus e muito, em primeiro lugar por saúde minha e dos meu marido e meus filhos. Em segundo lugar porque financeiramente vivo muito bem. Então para mim, por exemplo, as suas canções poderiam não ter tido eco. Mas penso que por toda assim uma formação religiosa e cultural que nós aqui na nossa família temos, os princípios assim que nós tentamos segurar e manter, as canções também fizeram muito efeito. Porque pessoas, atitudes e coisas que eu quando era muito nova era totalmente contra e até me defendia de ouvir essa gente, de falar com essa gente e de escutar canções desse nível. De repente, também fui acordando: que se eu tenho os outros também tem que ter. Que se eu como, os outros também têm que comer. Que se eu descanso os outros também têm que descansar. Que se eu tenho uma casa e uma terra os outros também tem o direito disso. E fui me conscientizando de que é preciso compartilhar, é preciso partilhar, é preciso dividir para ser feliz. Porque aos poucos fui vendo pelas suas músicas, pelas suas canções, por tudo aquilo que já vi, ouvi. Que ninguém é feliz sozinho. Só se é feliz quando as pessoas que estão ao nosso redor também o são. Porque de nada adianta eu ter o que tenho se do meu lado as pessoas estão morrendo de fome, morrendo de frio, de sede, sem terra, sem teto. Então, valeu a pena as canções, a amizade, o grupo, a música. E hoje, penso que o meu trabalho é passar isso para os meus filhos. Porque se para mim fez efeito e funcionou, eu preciso ter essa habilidade de passar isso para os meus filhos. (Emoção e choro)

O Rodrigo, a Cristina já captaram muito bem isso. Eu agora ainda estou assim, com a Paulinha, ainda em formação, tem 16 anos, é bem nessa idade que ela ainda está tipo em cima do muro, ou é aqui ou é lá, né. Embora eu acredito que tudo aquilo que até agora lhe ensinei tenha sido firme e forte. Mas assim, ainda assim acho que o Rodrigo e a Cristina já entenderam bem. Não é o dinheiro, mas são os princípios. É a amizade, o bem querer, é a bondade, é o dividir que nos deixa felizes. Então eu acho assim que até é um compromisso que eu tenho de passar isso agora bem, para os outros que me rodeiam. E eu agradeço até os impasses, os porquês que nós tivemos juntos, porque de maneira nenhuma isso me ofendeu ou me deixou magoada. Muito pelo contrário, me fez ver que coerência, isso...dizer e fazer aquilo que a gente tem no coração. E você, seu

grupo, suas canções, seus manifestos sempre mostraram isso. Prá mim foi uma grande escola<sup>37</sup>.

É um depoimento forte, e, para quem conheceu a pessoa, revela coerência entre sua fala e na sua prática.

Esse depoimento para mim deixa evidente que uma pessoa numa posição privilegiada pode fazer uma opção de classe. Uma pessoa pode olhar além de si mesma para ver o outro. Confesso que não tenho clareza suficiente para saber até onde e como isso pode ajudar a transformar a sociedade. Basta a opção? Mas entendo que é um começo. Pela experiência que tivemos percebemos que uma comunidade, quando vai recebendo informação, vai reagindo. Entendo também que pessoas com mais informações podem fazer uma opção por pessoas com menos informação e colaborar com sua mudança. Uma comunidade, uma favela, um grupo que não recebe informação não vai a lugar nenhum. As canções eram uma forma que encontrávamos para compartilhar informação.

#### 1.4.3.3 Teoria da mobilização de recursos

Essa teoria entende os movimentos sociais como grupos de pressão que lutam pelos seus direitos em relação ao Estado. Mais que buscar macro-transformações sociais, o que estes atores buscam é lutar por seus direitos. Esta teoria também procura mostrar mostrar que os interesses dos movimentos são fragmentados. Isso dificulta sua unidade em torno de um projeto comum. Podem ser absorvidos e até manipulados pelo Estado. Seus principais representantes são: Ruth Cardoso (1983, 1994), Pedro Jacobi(1993) entre outros.

Entendo que não podemos resumir os movimentos sociais só a grupos de pressão, embora muitas vezes se precise mesmo fazer pressão.

Nosso Grupo dos Quarenta tinha sempre presente que era preciso transformar a sociedade mas também resolver as necessidades imediatas. Isso não

---

<sup>37</sup> Depoimento de A.M.L.

diminuiria os movimentos sociais. O que no nosso modo de ver pouco contribuía era ficar só nas reivindicações. Quando se conseguia unir reivindicação e transformação, seria o caminho correto. Pode-se ver que Ruth Cardoso, até por ver sua atuação no “Comunidade Solidária”, não acreditava nos movimentos sociais como um movimento transformador. Ela deixa claro que, quando houve a abertura política, e o Estado em sua visão mudou a relação com os movimentos sociais, de uma certa forma, eles perderam sua razão de ser.

Nosso Grupo dos Quarenta, lembrando a reflexão de Boran que já fizemos nesse trabalho, coloca a questão num sentido mais amplo. Ao apresentar as formas de resolver os problemas, mesmo entendendo que a última forma é a mais adequada, não podemos negar que há outras formas que precisam ser mescladas e encaminhadas até chegar à última. Ruth Cardoso parece tirar toda a força dos movimentos sociais. Os movimentos podem até encontrar dificuldade em definir um objetivo único comum, mas não se pode negar a riqueza, a diferença, a diversidade de interesses neles presentes.

### 1.3.3.4 Movimentos sociais no Brasil

Esse tema começa a ganhar destaque durante a transição democrática, um período marcado pela dialética entre a abertura política promovida pelos militares e a luta da sociedade civil em reconduzir o país para a democracia.

É nesse contexto que nascem os movimentos sociais lutando por direitos específicos, necessidades sociais básicas, cidadania e participação política. Chico Buarque cantava, e nós repetíamos na década de 80:

Tem dias que a gente se sente  
 Como quem partiu ou morreu  
 A gente estancou de repente  
 Ou foi o mundo então que cresceu  
 A gente quer ter voz ativa  
 No nosso destino mandar  
 Mais eis que chega a Roda Viva  
 E carrega o destino prá lá

Roda mundo, roda gigante  
 Roda moinho, roda pião  
 O tempo rodou num instante  
 Nas voltas do meu coração

A gente vai contra a corrente  
 Até não poder resistir  
 Na volta do barco é que sente  
 O quanto deixou de cumprir  
 Faz tempo que a gente cultiva  
 A mais linda roseira que há  
 Mas eis que chega a Roda Viva  
 E carrega a roseira prá lá

A roda da saia mulata  
 Não quer mais rodar não senhor  
 Não posso fazer serenata  
 A roda de samba acabou  
 A gente toma a iniciativa  
 Viola na rua a cantar  
 Mais eis que chega a Roda Viva  
 E carrega a viola prá lá

O samba, a viola, a roseira  
 Um dia a fogueira queimou  
 Foi tudo ilusão passageira  
 Que a brisa primeira levou  
 No tempo a saudade cativa  
 Faz força pro tempo parar  
 Mas eis que chega a Roda Viva

E carrega a saudade prá lá<sup>38</sup>.

A ação dos movimentos sociais brasileiros nos últimos 40 anos pode ser dividida em três fases, de acordo com os diferentes enfoques de suas lutas e suas formas de organização coletiva. A primeira fase é a do Regime Militar(1964-1974) onde se destacam o movimento estudantil e o de guerrilhas. A segunda fase é a da Transição Democrática(1974-1989) onde aparecem de forma marcante os Movimentos Populares Urbanos, o Movimento Sindical e Movimentos ditos de minorias (mulheres/negros/índios, etc.). A terceira fase é a do Regime Democrático (1989-2000). Nessa fase fala-se da Crise dos Movimentos Sociais. Por outro lado é aí que se destacam os Movimentos Rurais/MST, Movimento Ambientalista, ONGs. Na primeira fase o enfoque é político e a organização clandestina. Na segunda, o enfoque é social e a organização é a mobilização. Na última fase o enfoque é cultural e a organização é institucional e em redes.

Nosso Grupo dos Quarenta falava aos quatro cantos da cidade dos resquícios do Regime Militar que tinham ficado na sociedade. Quando começamos nossa militância, teoricamente o país estava na chamada abertura democrática. Mas essas fases que apresentamos não aconteciam de forma homogênea e elas também se misturavam entre si.

De uma certa forma nosso grupo viveu todas essas fases. Se não na cronologia da história, mas na caminhada, no dia-a-dia.

O canto de Geraldo Vandré “Prá não dizer que não falei das flores”, composto e proibido na primeira fase, que virou hino dos movimentos populares, fazia parte de nossas atividades. Na explosão dos movimentos sociais, na segunda fase, da qual fazíamos parte, o refrão era cantado e refletido no sentido de trazer as pessoas para as reuniões, para as discussões, para a rua: “ Vem vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”<sup>39</sup> Embora, como já dissemos, a ditadura tenha sido vivida de forma diferente na nossa cidade, o

---

<sup>38</sup> Canto nº 43 - anexo

<sup>39</sup> Canto nº 39 - anexo

canto e as reflexões que provoca continuavam valendo, mesmo porque as conseqüências de 64 eram sentidas até aquele momento.

Nosso grupo tinha uma inserção na comunidade do Maluche – comunidade onde alguns integrantes do Grupo dos Quarenta estava inserido - e o sacerdote de lá vivia dizendo que a comunidade não estava preparada para ouvir nosso projeto. Uma das entrevistadas, moradora do Maluche, A.M.L cita a canção de Vandrê:

Uma resposta prá isso? Porque o padre esqueceu daquela canção que fala “quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Eu acho que o padre está até hoje esperando que as coisas mudem por um milagre, por uma coisa que não vai acontecer se o povo não lutar, se o povo não falar, se os jovens não fizerem suas manifestações, se as canções não forem canções que digam o que precisa ser dito no sentido de partilha, de divisão. Eu acho que o padre não lembrou desse detalhe. Que vocês estavam tentando fazer a hora. Não esperando que acontecesse. Porque assim caminha a humanidade. Se nós ficarmos sentados esperando, pouca coisa acontece, ou quase nada. É justamente das manifestações políticas, das letras das canções, dos grupos, da fala que muita coisa muda. Você é testemunha disso.

Há muitas controvérsias sobre as intenções dessa canção, mas nos casos que presenciamos ela mobilizou as pessoas e as influenciou. Tocou. Impulsionou.

Outro canto que reflete a preocupação com a etnicidade, é objeto dos movimentos sociais nessa segunda fase, é:

“Na nova terra o negro não vai ter correntes  
E o nosso índio vai ser visto como gente  
Na nova terra, o negro, o índio e o mulato  
O branco e todos vão comer no mesmo prato<sup>40</sup>.”

Essa discussão era uma constante no nosso meio. Vivíamos entre descendentes de alemães e italianos onde o principal valor era o trabalho. Os índios eram vistos como malandros. Tínhamos aí que lidar com a difícil questão de entender que existem outras culturas, outros jeitos de viver e ver o mundo. As canções nos ajudaram mais uma vez.

Na chamada crise dos movimentos sociais, a terceira fase, assistimos a uma revigoração do movimento dos sem-terra. Em nossos contatos com a periferia de Brusque sempre aprofundávamos a questão da terra. Assim como nas grandes cidades, a periferia da nossa cidade ia empobrecendo. As terras iam sendo vendidas para os donos das fábricas, para as empresas. A terra que servia para plantar, para manter as famílias em comunidade, acabava agora servindo de chácaras, de recantos fechados para os ricos das cidades. Isso não era fácil de ser trabalhado, porque muita gente do interior tinha como padrinhos dos filhos algumas pessoas mais abastadas da cidade, que os usavam bastante em campanhas políticas para conseguir votos. Essa discussão era um desafio, mas era feita. Um canto ajudava:

A classe roceira e a classe operária  
Ansiosas esperam a reforma agrária  
Sabendo que ela dará solução  
Para a situação que está precária  
Saindo o projeto do chão brasileiro  
E cada roceiro plantar sua área  
Sei que na miséria ninguém viveria  
E a produção já aumentaria  
Quinhentos por cento até na pecuária<sup>41</sup>.

Buscávamos sempre fazer a relação dos trabalhadores do campo com os trabalhadores da cidade como sendo a mesma luta. Sabemos da dificuldades até hoje dessa compreensão e a dificuldade de quando se trava lutas isoladas. Lembro de um esforço feito quando de uma Romaria da Terra realizada em Florianópolis, onde se buscou relacionar os sem terra e os sem teto. Não é uma tarefa fácil escancarar que isso faz parte de uma mesma exploração.

Essa terceira fase é marcada pela derrota eleitoral das esquerdas em 1989 e pelo colapso do socialismo real. Os movimentos sociais jogaram bastante peso nas eleições e a vitória de Collor, enterrou muitos desses sonhos.

Assim mesmo, foi uma fase marcada por uma maior institucionalização das ONGs, Organizações Não-Governamentais, que no Brasil estão muito ligadas aos trabalhos educativos da igreja católica e outros setores de periferia das grandes

---

<sup>40</sup> Canto nº 47 - anexo

idades. Boa parte dessas ONGs são “Centros de Educação Popular” que nasceram para dar sustentação aos movimentos sociais populares. Com a ECO 92 as ONGs buscaram mais autonomia e interação com as agências estatais, passando a se preocupar com a profissionalização de suas atividades. Além da interação e profissionalização os movimentos sociais deste período elaboraram uma nova estratégia de intervenção na vida política do país e se organizaram em Redes. Segundo Scherer-Warren, as redes podem ser definidas como: “interações horizontais e práticas sócio-políticas pouco formalizadas ou institucionalizadas, entre organizações da sociedade civil, grupos e atores informais, engajados em torno de conflitos ou de solidariedade comuns, de projetos políticos ou culturais comuns, construídos em torno de identidades e valores coletivos”<sup>42</sup>.

A autora diz ainda:

Organizar-se em torno de redes significa participar de uma visão sobre a realidade que tenta superar a tradicional visão dicotômica de uma sociedade dividida em dois nítidos grupos de conflito, opostos entre si. A idéia de rede, implica admitir a complexidade do social, composto de setores e agrupamentos sociais heterogêneos, campos de múltiplas contradições, diversidades e discursos plurais, em que opera não apenas a lógica do conflito, mas também a lógica da cooperação e da solidariedade.<sup>43</sup>

Um dos exemplos desse trabalho em rede foi o “Movimento Ética na política” que levou ao impeachment de Fernando Collor de Mello em 1992. Outro exemplo: a “Ação da Cidadania, contra a miséria e a fome e pela vida”. Nosso grupo, embora nessa época já não se reunisse mais como Grupo dos Quarenta, participou de alguma forma de tudo isso.

Também junto ao grupo de autogestão<sup>44</sup> foi criado o CEPOM (Centro de Educação Popular Padre Osmar Müller). Sentíamos a necessidade de dar formação e assessoramento aos movimentos sociais. Conto essa história no livro que escrevi:

O CEPOM (Centro de Educação Popular Padre Osmar Müller). O Centro, que reúne gente de todas as idades, recebe este nome porque Padre Osmar<sup>45</sup> sempre fez a opção

---

<sup>41</sup> Canto nº 6 - anexo

<sup>42</sup> Scherer-Warren, Ilse. Redes de Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 1993.p.5

<sup>43</sup> Idem p.10

<sup>44</sup> Conforme introdução do trabalho.

pelos menos favorecidos, os preferidos de Deus. Estudou e trabalhou na Azambuja e colaborou na organização da CNBB no sul. Depois, percebendo que tinha que ir ao encontro dos mais pobres entre os pobres, foi trabalhar na Bahia. Quando ocorreu a Revolução Popular na Nicarágua, Pe. Osmar sentiu-se chamado a colaborar para a construção daquele projeto revolucionário e se colocou a serviço de nossos irmãos da América Central, onde permaneceu vários anos. Inquieto na busca da construção do Reino, voou para mais longe. Foi para a África, onde adoeceu e se viu obrigado a retornar ao Brasil, vindo a falecer pouco tempo após sua volta. Um de seus pensamentos: “ Não adianta construir castelos de fraternidade em cima de injustiças”.(...) O CEPOM tem como objetivo ser uma referência para a rua e para o município. Ser um espaço de formação, cultura, lazer, que reforce e qualifique a organização popular. Nesse espaço, já acontecem encontros, cursos, palestras, reuniões de grupos de crianças, adolescentes, jovens lideranças. É um espaço de muita vida comunitária.<sup>46</sup>

Junto ao CEPOM trabalhávamos muito a solidariedade com os que estavam em situações difíceis. Realizamos campanhas em favor do povo nicaraguense e em favor do povo cubano. A idéia de solidariedade era trabalhada, entre outras, por essa canção:

Si somos americanos  
Somos hermanos señores  
Tenemos las mismas flores  
Tenemos las mismas manos

Si somos americanos  
Seremos buenos vecinos  
Compartiremos el trigo  
Seremos buenos hermanos

Bailaremos marinera  
Resfalosa, samba y son  
Si somos americanos  
Seremos una canción

Si somos americanos  
No miraremos fronteras  
Cuidaremos las semillas  
No miraremos banderas

Si somos americanos  
Seremos todos iguales  
El blanco, el meztizo, el índio  
Y el negro son como tales

Bailaremos marinera  
Resfalosa, samba y son

---

<sup>45</sup> Quando estudava Teologia, em Florianópolis, tive a oportunidade de conhecer bem de perto o trabalho, a vida e a pessoa de Pe. Osmar. Juntamente com 5 sacerdotes e 2 religiosas, convivi um mês com Pe. Osmar, na Bahia, no Projeto Igrejas Irmãs, trabalho missionário que desloca sacerdotes catarinenses para aquele Estado. Embora eu já o conhecesse, foi na Bahia que conheci mais profundamente o carisma, a simplicidade, a dedicação, e o carinho que ele tinha pelo povo.

<sup>46</sup> Ludvig, Valmir Coelho. As primaveras vão chegando. Editora e Gráfica Mercúrio. P. 45. 1996

Si somos americanos  
Seremos una canción<sup>47</sup>.

Essa visão de atuar em redes era vivida por nós. No livro que escrevi, nas páginas 47 e 48 digo que era “preciso ampliar as lutas, ser solidários e tornar-se parceiro com outros grupos que estão buscando essa sociedade mais justa e igualitária”. Falo também dos contatos que tínhamos com o Padre Vilson Groh, brusquense de Tomaz Coelho, que optara “ por estar ao lado dos marginalizados e que dá sua vida por essa causa. Pe. Vilson trabalha com comunidades na periferia de Florianópolis”. Padre Vilson era integrante do CEDEP (Centro de Educação Popular Florianópolis).

Aqui cabe registrar mais uma experiência. Padre Vilson nasceu na comunidade de Tomaz Coelho. Seu pai e sua família trabalharam muitos anos na fábrica. Padre Vilson sempre dizia à sua família que isso não devia ser o objetivo maior de suas vidas. Nessa comunidade nosso grupo também tinha inserção e aprofundava com os moradores a situação da vida na fábrica, conforme já refletimos anteriormente. Coincidentemente fui eleito diretor da escola dessa comunidade.<sup>48</sup>

Nessa comunidade era interessante observar a forma de atuar dos sacerdotes. Em 1988, quando um sacerdote trabalhava a questão da constituinte e nós juntos também trabalhávamos a data de 1º de Maio como uma data de luta e não de festa, no sermão da missa um sacerdote dizia que não se devia falar mal do patrão e que isso dava inferno. Parece piada, mas foi um fato. De um lado os sacerdotes puxando uma reflexão para que os trabalhadores e moradores tomassem consciência de sua realidade. De outro um sacerdote ensinando a subserviência ao patrão.

---

<sup>47</sup> Canto nº34 - anexo

<sup>48</sup> A história é longa. O prefeito ofereceu o cargo e só o aceitei mediante eleição. Embora tenha sido candidato único fui eleito diretor. Um ano depois a Secretaria da Educação me demitiu por questões políticas. Essa escola acabou fazendo manifestação dos pais que por alguns dias deixaram de mandar os filhos na escola por protesto. Percebendo que a comunidade não teria força suficiente para manter essa posição, fui pessoalmente solicitar que mandassem os filhos de volta. Junto comigo também foi demitido outro companheiro. Depois por coincidência mais três. Ao todo cinco. Todos

Mas entendo que nossos cantos não foram em vão, como se vê na continuação do depoimento de A.M.L.<sup>49</sup>. Ela sempre esteve de uma certa forma ligada ao Grupo dos Quarenta e foi a responsável pelas demissões em função do cargo que ocupava. Mas nas celebrações continuávamos nos encontrando. No entanto, mesmo com as relações abaladas na época, ela sempre nos respeitava e ouvíamos dos outros a admiração que nutria por nós. Na sua entrevista ela expressa isso de forma bastante clara:

Eu acho assim importantíssimo. É ser coerente com aquilo que se diz com aquilo que se faz. É o grande problema das pessoas. A maioria diz uma coisa e faz outra. Isso assim que...realmente o ponto fundamental, principalmente seu, né Valmir, é a coerência. Você sempre trilhou um caminho pautado pela coerência. Talvez seja por isso que não dá para lhe querer mal. Porque você, sempre o que pregou, você fez. E com um ponto fundamental ainda a ser abordado que é a sua humildade. Você mesmo diante das maiores discussões, dos grandes conflitos, você nunca conseguiu perder o seu jeito muito humilde de ser. Talvez seja a sua grande defesa. Penso. Porque eu não consigo fazer isso. Nem ter esse tipo. Mas você consegue muitíssimo bem e creio que passou muito desse seu jeito para o seu grupo. Então veja, quando vocês cantavam, quando vocês pediam, quando vocês solicitavam, por essa coerência de vocês, acho que a aceitação era mais fácil. Porque às vezes parece que as pessoas costumam a entender, costumam a compreender. Mas tem uma coisa que as pessoas percebem logo. É quando você diz, você pensa e você age da mesma forma. As pessoas entendem isso. E as pessoas tem discernimento. Às vezes fingem não compreender por causa da sua acomodação. Mas quando elas param para refletir, elas medem muito isso: a coerência da pessoa. O grupo era coerente. Coerente no vestir. Coerente no cantar. Coerente nas suas brigas, nas suas lutas, nas suas manifestações políticas. O grupo que eu tive até o prazer de ser aluna<sup>50</sup>. Porque alguns componentes desse grupo... e acompanhei-os desde a primeira série com a idade de 7 anos. Eu os vi com seus... aos 18 anos. Eu os vejo agora com seus 30 e todo esse tempo eles não mudaram seu jeito de ser. Creio que uma influência muito grande partiu de você. Acho que não se pode fazer milagre. Mas acho que “quem sabe faz a hora não espera acontecer”. Tenho certeza disso<sup>51</sup>.

Relutei um pouco em colocar as partes do depoimento que se referem a mim, mas entendo que ajudam a esclarecer nossa atuação. Também as referências não são para auto-afirmação barata, mas para falar da solidez de uma prática em que acreditei e acredito. Essa era a prática, eram os sonhos, era a atuação de um grupo maior. Mesmo com todo o conflito que tivemos, fica evidente que fomos

---

tinham participado da elaboração do Plano de Carreira e do Estatuto do Magistério da cidade de Brusque. Por essa e outras razões acabaram perdendo seus empregos.

<sup>49</sup> Uma das entrevistadas – Professora, mulher atuante na comunidade do Maluche.

<sup>50</sup> AML foi professora de alguns integrantes do Grupo dos Quarenta quando eram crianças. Coloca-se mais tarde como aluna para dizer que agora os professores são seus ex-alunos.

<sup>51</sup> Depoimento de A.M.L. ( A.M.L e A.P. eram mulheres que pertenciam à Comunidade do Maluche onde atuavam grande parte dos integrantes do Grupo dos Quarenta.)

capazes de superar questões meramente pessoais e enxergar um projeto. Parece insignificante, mas para nós do grupo sempre teve um grande significado.

Há poucos anos atrás, juntamente com um outro companheiro do sindicato dos professores estávamos numa escola, coincidentemente no Maluche, numa situação tensa, adversa, por causa de uma greve que o magistério público enfrentava, em que a direção da escola jogava os professores contra a comunidade, A.M.L. tomou a palavra e disse para a comunidade que os representantes do sindicato tinham o direito de falar porque representavam uma categoria desprestigiada, explorada, e que antes de condenar, a comunidade deveria escutar a verdadeira situação dos professores. De algumas de suas palavras lembro literalmente: “ O governador é do meu partido. Mas não concordo com o que ele está fazendo com os professores”. Essa frase acabou com a animosidade, com o clima tenso. Falamos muito tranquilos e a comunidade ficou do nosso lado. A.M.L. na entrevista para a pesquisa disse também: “Vocês não têm medo. Vocês dizem o que é prá ser dito. Aprendi isso com vocês. Nas situações difíceis a gente tem que se posicionar”. Entendo que isso tudo teve a ver com nossa história nas celebrações no Bairro Maluche.

#### 1.3.3.5. Movimentos sociais e a igreja

No nosso entender o movimento popular é a organização do povo nas periferias das grandes cidades. Movimento popular é o movimento de bairro. Sem sombra de dúvida, além de abrigar aqueles que lutavam contra a ditadura militar, a igreja católica se destacou com o envolvimento de grande parte de sacerdotes e leigos nas periferias das cidades nas suas reivindicações, principalmente por transporte, água, luz, saúde, etc.

Com a derrota dos movimentos de oposição ao regime militar, como a UNE (União Nacional dos Estudantes) e o movimento guerrilheiro, na década de 60, a Igreja católica ocupou o espaço de oposição e a luta pelos direitos humanos começou a ser encabeçada por ela. Ela abriu as asas. Impulsionada pelas

mudanças operadas pelo Concílio Vaticano II e por uma nova teoria religiosa, a chamada teologia da libertação<sup>52</sup>, a Igreja começou a assumir a tarefa de denúncia do regime. Além disso, vários setores da igreja, motivados pela idéia da “opção preferencial pelos pobres”<sup>53</sup>, começaram a atuar nas periferias e favelas, estimulando a formação das CEBS – Comunidades Eclesiais de Base – e a formação de organizações populares. Durante a década de 80, o trabalho da igreja seria um dos principais responsáveis pelo surgimento dos movimentos populares, que teriam um papel fundamental na transição para a democracia<sup>54</sup>.

#### 1.3.3.5.1 Lidando com contradições profundas

Esse período de 80/90 é um período de muitas contradições. Desde a década de 70 – que vivemos em Brusque como em outros cantos do país com dez anos de atraso – a época era de irrupção de Novos Movimentos Sociais e nascia a Teologia da Libertação. Debates aconteciam no mundo científico, eclesial e popular. O Brasil todo se agitava. Quando a igreja acolhia a todos, acolhia também problemas, contradições. Ela também acabava encobrendo as causas dos problemas sociais. Isso é tão verdade, que logo após a derrubada do regime militar, que continuava sob outras formas, muitos militantes foram abandonados por ela. Muita gente queria ir bem além da derrubada do regime. Era, preciso, para muitos, derrubar as estruturas injustas, estruturar a sociedade sob outras bases, que não a capitalista. Guardadas as devidas proporções, acontecia no campo religioso aquilo que acontecia no campo político com o MDB. Durante o regime militar, o partido de oposição consentido pelo governo acolhia a todos. Em 1986 elegem praticamente todos os governadores do país e não tinham projeto político. Muitos dos seus integrantes lutaram para derrubar o regime militar e depois ficaram sem discurso e

---

<sup>52</sup> A igreja católica passa a valorizar a opção pelos pobres. Os pobres seriam os eleitos de Deus e deveriam iniciar seu próprio processo de libertação. Para este discurso, o reino de Deus começa neste mundo com a luta contra as injustiças sociais e por uma nova sociedade. Através das CEBS – Comunidades Eclesiais de Base – e da leitura da bíblia ligada a realidade social (método ver, julgar e agir), a igreja pretendia ajudar os pobres em sua conscientização e na sua organização.

<sup>53</sup> A partir do Encontro dos Bispos em Puebla - México

<sup>54</sup> Entre os textos que analisam o papel da igreja na realidade brasileira, podemos destacar: Mainwaring, Scoot. *Igreja Católica e Política no Brasil(1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989 e Mainwaring, Scott e Krischke, Paulo. *A igreja nas bases em tempos de transição(1974-1985)*. Porto Alegre:LPM,1986.

com uma prática semelhante a dos outros partidos de direita. Era o risco de acolher a todos sem saber direito o que se queria. Entendo que na igreja aconteceu algo semelhante.

No interior da igreja uns faziam a leitura da sociedade com as referências marxistas (teólogos, religiosos e leigos da teologia da libertação) e viam também no regime militar uma forma de o capitalismo continuar escondendo a luta de classes. Outros brigavam contra o regime para pedir democracia. Outros viam apenas alguns desvios, mas não questionavam o sistema. Outros sentiam o “perigo do comunismo” mas não concordavam com a forma utilizada para afastá-lo. Eram muitas e diferentes as razões pelas quais as pessoas e os grupos se juntavam para lutar contra o regime militar. A igreja acolhia de uma certa forma a todos<sup>55</sup>. E, uma coisa importante, não perguntava muito se eram ou não da igreja. Sentindo, principalmente que os direitos humanos estavam sendo desrespeitados, ela<sup>56</sup> acolhia os que tinham os direitos violados e os que se engajavam para evitar que isso viesse a ocorrer ou se agravasse.

Durante o regime militar, o poder político tinha sido apropriado pelas forças armadas, tendo em vista dois objetivos básicos: reprimir as forças organizadas da sociedade e, principalmente, consolidar um modelo de desenvolvimento econômico capitalista, acelerado e excludente. Com o regime autoritário, todos os que se opusessem ao governo eram perseguidos, exilados, torturados ou até mesmo mortos. O que nosso grupo refletia é que a ditadura reforçava o capitalismo. Nesse quadro, a canção servia como resistência e alento.

#### 1.3.3.5.2 Nossa posição sempre ficava clara

---

<sup>55</sup> No caderno do CEAS (Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, Bahia – Março/abril, 1979) encontramos boa análise sobre a década de 70. Nesse caderno encontramos também uma reflexão sob o título: *Repressão na Igreja no Brasil – reflexo de uma situação de opressão* (1968/1978), onde aparece toda a perseguição feita especialmente à igreja católica. Evidente que a perseguição era para aqueles que representavam um perigo. Vale a pena conferir.

<sup>56</sup> Como instituição não havia unanimidade, mas havia dioceses, sacerdotes, bispos que se empenharam na defesa dos direitos humanos. Um exemplo disso foi o Cardeal Arcebispo de São Paulo D. Paulo Evaristo Arns.

Mesmo que na época não entendêssemos mais profundamente o que acontecia no país - confesso que só no mestrado fui compreender e analisar melhor a situação de nosso grupo - tentávamos através de textos, encontros e leituras compreender a realidade que nos cercava: nossa cidade e nosso país. Mas sempre havia um esforço de se fazer as relações. O que acontecia aparentemente longe de nós, por exemplo, a política do governo, nos afetava diretamente no dia-a-dia. Uma das dificuldades que encontrávamos era a de fazer-mo-nos entender. O canto sertanejo fazia parte da vida das comunidades e era usado por nós para falar de política. Mas fazíamos sempre questão de salientar as diferenças entre os políticos, os partidos, enfim. Se assim não o fizéssemos reforçaríamos a idéia de que “todo político é igual”, o que para nós era falso e reforçava o interesse da elite. A canção sertaneja era forte:

Eu confesso, já estou cansado, de ser enganado com tanto cinismo.  
 Não sou parte integrante do crime e o próprio regime nos leva ao abismo.  
 Se alcançarmos as margens do incerto foram os decretos da incompetência.  
 Falam tanto sem nada de novo e levam o povo à grande falência.

Não aborte os seus ideais no ventre da covardia.  
 Vá à luta empunhando a verdade, que a liberdade não é utopia.

Os camuflados de samaritanos nos estão levando à fatalidade.  
 Ignorando o holocausto da fome, tirando do homem a prioridade.  
 O operário do lucro expoente, a parte excedente não lhe é revertida.  
 Se aderirmos aos jogos políticos, seremos síndicos da massa falida<sup>57</sup>.

Nessa canção éramos claros em dizer que a política econômica do governo é que definia a nossa vida. Aderir aos jogos políticos é “cavar a sepultura”. Mas insistíamos que nem todos os partidos são iguais e que nossa única saída era, além dos movimentos de que participávamos, participar também de um partido político. A soma de todas essas lutas é que mudaria as coisas.

No livro que escrevi, página 40, relatei uma história que escutei de um companheiro, fiz uns acréscimos e ficou assim:

Todos somos seres políticos. Tudo o que fazemos ou deixamos de fazer tem uma conseqüência na nossa vida ou na vida dos outros. Diante de um marmanjo batendo

---

<sup>57</sup> Canto nº 38 - anexo

numa criancinha podemos ter três atitudes: 1) a gente passa, finge que não vê e vai adiante para não se incomodar; 2) olha para o tamanho do marmanjo e, com medo de apanhar, ajuda a bater; 3) vê que está acontecendo uma injustiça e defende a criança correndo o risco de apanhar. Na vida, as situações são mais ou menos assim. Quem se diz neutro está favorecendo sempre alguém. Em todos os movimentos, partido que a gente participa precisa ver quem estamos fortalecendo, favorecendo! Não basta boa intenção! Cada pequena ou grande coisa que fazemos tem uma consequência.

#### 1.3.3.5.3 Documento 44<sup>58</sup>

Nosso Grupo dos Quarenta não fez as coisas só porque pensou sozinho que deveria fazer. O grupo estava ligado principalmente à Pastoral da Juventude.

Esse grupo tinha uma cartilha. Diga-se de passagem, seguia a cartilha com afinco. Fruto de uma longa história, a Pastoral da Juventude no Brasil foi empurrando a igreja para uma posição mais clara na defesa dos pobres, dos marginalizados. A sociedade deixava cada vez mais os jovens sem perspectivas. Isso forçou os bispos de um modo geral a se posicionarem. Pressionados por muitos sacerdotes adeptos da Teologia da Libertação e também por muitos cristãos envolvidos profundamente nas lutas sociais, surgiu um documento onde a Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB assumiram e ofereceram um estudo<sup>59</sup> como subsídio para a Pastoral da Juventude. O texto foi refeito e apresentado em abril de 1986 em Itaiçi. Recebeu emendas dos bispos ali reunidos e finalmente teve a redação final aprovada em maio de 1986.

Esse documento tratava “tudo como pastoral”, mas já avançava no entender do nosso grupo, porque fala em pastoral geral e específica.

Cercado também das contradições anteriores de a igreja acolher a todos como se na sociedade não houvesse diferenças, o documento reconhecia e inseria os grupos que tinham um grande envolvimento com as causas sociais.

---

<sup>58</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Pastoral da Juventude no Brasil/CNBB* – São Paulo Paulinas, 1986. (Coleção estudos da CNBB). Era conhecido pela Juventude e pelo Grupo dos Quarenta como Documento 44

<sup>59</sup> Documento 44

Para compreender melhor o documento seria bom perceber que a igreja, antes de 64 se fazia presente de maneira bem viva nos movimentos sociais através da Ação Católica<sup>60</sup>. Foi através dela que os leigos encontram espaços dentro da igreja. Fé e compromisso social passaram a andar juntos. Foram os jovens que colocaram em evidência essa dimensão de compromisso social decorrente da fé, segundo Normélio Pedro Weber, com os movimentos de jovens: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica). Só a JOC sobreviveu ao turbilhão autoritário. Sobreviveu porque era “mais sensível aos problemas pessoais e à evangelização<sup>61</sup>”. “ Por isso continuou com o apoio da igreja e não perturbou o Estado. A hierarquia da Igreja pretende demonstrar que é possível ser cristão e operário ao mesmo tempo. A JOC não incomodava nem ao Estado nem à hierarquia da igreja” <sup>62</sup>. No nosso meio em Brusque havia a Pastoral Operária, mas tínhamos muita dificuldade de lidar com essa realidade. Esses movimentos eram muito específicos e ficavam num nível apenas de reivindicações, contribuindo pouco para a construção de uma nova sociedade. 64 pôs esses movimentos numa encruzilhada. O apoio da igreja ao golpe deixou os movimentos assustados. A repressão chegou. A JUC contestou a posição de colaboração da igreja. Muitas lideranças e militantes da JUC, da JIC, da JEC e da JAC afastaram-se da igreja e fundaram a Ação Popular. Esse movimento queria a transformação e a democratização do Estado. A Ação Popular junto com a UNE participou do “fim do segundo ciclo de liberalização”<sup>63</sup> caracterizado pelo AI-5, que culminou com o mais violento movimento repressivo desse período.

Apareceram os movimentos que propunham o não confronto com o Estado. Esses movimentos ficariam sob o controle da igreja. Não tinham participação política. A preocupação era com a instrução religiosa, a fé e a conversão pessoal. Surge o *encontrismo*, movimento inspirado no movimento de

---

<sup>60</sup> Movimento da década de 30. Na década de 60, no período pós-concílio Vaticano II os leigos iniciam o processo de uma fé socialmente comprometida.

<sup>61</sup> Souza, L. A. G. de. JUC: os *Estudantes Católicos e a Política*. Petrópolis: Vozes.1984.p.253.

<sup>62</sup> Weber, Normélio Pedro. Pastoral da Juventude em Santa Catarina e a gestação de militantes do Movimento Popular. Dissertação de Mestrado p44. UFSC.1990.

<sup>63</sup> Moreira Alves, Maria Helena. *Estado e Oposição no Brasil (64-68)*. Petrópolis. Vozes. 1985.

adultos denominado Cursilho de Cristandade. Eram movimentos que se abstinham de qualquer preocupação social. Não tinham reflexão política e nem qualquer projeto de transformação social. Sua preocupação era apenas com o espiritual e o pessoal. “A maioria dos participantes vinham de classes abastadas predominantemente urbanas e não viam necessidade de transformar as estruturas”<sup>64</sup>. Uma das críticas que fazíamos a esses movimentos na nossa cidade era exatamente essa. Eles não estavam nem aí para o que acontecia no mundo. Seu mundo estava bom. O lado de fora de suas reuniões ficava repleto de carros luxuosos. O mundo era seu próprio umbigo. Era enfim um movimento conservador, que não representava perigo aos donos do poder e nem à igreja. A orientação doutrinária do movimento era espiritualista, personalista, individualista. O mal não estava na sociedade mas no interior dos homens. Para o movimento, o mal era fruto do egoísmo e a cura era a conversão interior. Nosso grupo tinha dificuldade de falar em mudança das estruturas para jovens que tinham essa orientação. Contestar as estruturas era visto como um mal. Tendo na sua direção, os adultos, o objetivo do encontrismo era aceitar a autoridade da família, do Estado e da Igreja. Falava-se bastante em acabar com o conflito de gerações. Esse pensamento tornava o jovem alheio, dócil, avesso à política. Dizíamos sempre que fosse qual fosse nossa posição, estávamos fazendo política. A emoção era ponto forte dos encontros, que tinham seu sucesso medido pelo volume de choro dos jovens. Encontro que não houvesse choro não era encontro. Para tornar a religião aceita pelo jovem, Deus era apresentado como Deus amigão, como um ídolo bem próximo. Essa idéia afastava a outra idéia de que a igreja seria autoritária.

Em 1964 a igreja se retraiu e cresceram dentro dela os movimentos espiritualistas. Em seguida, com o surgimento da Teologia da Libertação e com um instrumental marxista para ler a sociedade, a igreja se viu de novo diante de um grande desafio: como lidar com os diferentes antagônicos que se encontram dentro dela?

---

<sup>64</sup> Weber, Normélio Pedro. Pastoral da Juventude em Santa Catarina e a gestação de militantes do Movimento Popular. Dissertação de Mestrado p47. UFSC.1990.

Nesse contexto estávamos nós em Brusque. Um grupo de quarenta jovens que buscavam reavivar e viver esse momento do país. Numa Brusque profundamente fechada, uma cidade tida e dita como cidade “onde não existiam pobres”. De um modo geral era uma cidade com um nível econômico bom, mas que também escondia suas mazelas. Não na proporção dos grandes centros, mas que também já estava fazendo parte do processo de êxodo rural. Era uma cidade que se preocupava sobremaneira com as aparências. A.M.L. na sua entrevista toca nesse assunto:

Veja bem. Que é preciso explicar assim. Há um costume, que é cultural que quando se vai à igreja, se veste uma roupa um pouco melhor. Afinal, uma roupa própria para você ir à igreja, seja ela, mais simples ou menos simples, mais rebuscada ou não, mas é realmente algo diferente para a igreja. E vocês, a turma que cantava usava uma calça jeans, mas uma calça jeans muitíssimo lavada, talvez até com uns desfiados... uma camiseta também já muito usada... a barba... Afinal, era assim como que uma característica de rebeldia, de protesto. De protesto àquele tipo todo certinho que chegava na igreja, se sentava, se ajoelhava e rezava, mas saía dali e acabava a história. Isso penso que até na maneira de vocês vestirem, vocês demonstravam o protesto contra essa acomodação das pessoas.

Outro entrevistado, P.E. também fala sobre isso:

Eu vejo assim, que se falava muito na época era relativo, basicamente à tua pessoa. Tá andando com sandália de dedo, com tira-colo, com barba. Então se criou um rótulo. Se criou um bode expiatório. Se criticava por isso. Porque a gente vive numa sociedade hipócrita, de aparência, e Brusque é campeã nisso. Então se buscou, naquela novidade, desqualificar aquela novidade. Né? E qual o argumento que eles tinham que encontrar para desqualificar aquela novidade? Não podia ser pelo aspecto ideológico, das idéias, porque, no fundo, eles próprios sabiam que a gente tinha razão. E eles tinham que encontrar uma forma de desqualificar que ganhasse o povo da época. E a forma de desqualificar para o povo brusquense qual é que é? É pela aparência. Então encontraram essa... a igreja voluntariamente, de propósito ou inconscientemente, não sei... né? Mas eles tinham que encontrar uma forma para desqualificar. Buscaram desqualificar dessa forma. Agora tem, apesar disso, apesar dessa tentativa de desqualificação, eu acho que a gente ganhou o povo, plantou a semente pela estética. Pela forma como a gente mostrava as nossas idéias, cantava as nossas músicas com os acompanhamentos e por tudo, por aquela simbologia que a gente criava, através de teatro, através da linguagem visual, das frases, dos símbolos. Então se ganhava por isso e se fazia com que as pessoas refletissem. Lógico nem todo mundo refletia, não estão acostumados a isso, é um processo muito lento também. Agora muita coisa que tem hoje e que acontece de uma forma diferente na igreja, acontece graças a isso.

Essa era a sociedade em que os quarenta estavam inseridos. O documento 44 era citado, aprofundado e fazia parte de nossa caminhada. Não era ainda aquilo que queríamos, mas os trechos que reforçavam nossas idéias sempre

eram reafirmados. Quando acontecia de um padre ou um bispo dizer algo diferente do que estava escrito no documento dizíamos: “eles assinaram o documento mas já se arrependeram”.

O documento diz em sua introdução<sup>65</sup>: “ O futuro da sociedade e da igreja depende da capacidade de escutar o que acontece no mundo jovem. (...) Trata-se de aprender do jovem e deixar-se evangelizar por ele.” Em sua introdução o documento reforça o método *ver, julgar e agir*. Parte para *ver* dados da realidade do jovem. O *ver* do documento, além de olhar para fora, reflete a realidade da pastoral. Vê a estrutura da pastoral da juventude. Fala em Pastoral da Juventude Geral<sup>66</sup> agregando 50.000 grupos de jovens em paróquias e comunidades onde se fala que esses são grupos de iniciação e fala também na Pastoral da Juventude de Meios Específicos<sup>67</sup> que tem como objetivo acompanhar a militância jovem no próprio meio ( Pastoral Universitária – PU; Pastoral da Juventude Estudantil – PJE; Pastoral da Juventude Rural e a Pastoral da Juventude do Meio Popular PJMP. O termo PJMP também era usado no sentido de opção pelos jovens empobrecidos. Mas essa questão não era tranqüila: em alguns lugares só participavam os jovens das classes populares. Noutros, eram aceitos os jovens que faziam uma opção de classe. Também eram conhecidas a Pastoral de Juventude Trabalhadora- PJT e a Pastoral de Juventude de Bairros Populares – PJP. O documento em seu número 22, à página 13 diz:

Aqui se coloca o desafio de montar uma pastoral específica, para acompanhar os jovens que militam em Sindicatos, Movimentos Populares, Associações de bairro, Partidos Políticos, Educação Popular e outros. Trata-se de montar uma estrutura de acompanhamento, com coordenações próprias que garantam espaços de avaliação, planejamento e aprofundamento através de cursos, seminários, retiros, subsídios e livros, para enfrentar questões que surgem a partir da prática. ` É necessário formar os jovens de maneira gradual, para a ação sociopolítica e para mudanças de estruturas, de menos humanas em mais humanas. (DP 1196)

Entendíamos que o documento avançava ao reconhecer as pastorais específicas. Mas não concordávamos com a tutela que a igreja queria dar aos seus.

---

<sup>65</sup> Doc. 44 p.7

<sup>66</sup> Ibidem.p.11

<sup>67</sup> Ibidem.p11-12

Num encontro do CESEP<sup>68</sup> em São Paulo em 1987, Frei Betto disse numa discussão que podíamos atuar nas diversas esferas sem necessariamente criar mais uma tendência dentro dos movimentos ou partido. Leonardo Boff parece que ia na mesma direção. Clodovis Boff dizia que os cristãos tinham que se organizar nas instâncias de que participavam, como cristãos. Nosso grupo tinha a posição de que não era necessário nos organizarmos como cristãos nos diversos grupos de que participávamos. Éramos um grupo que acabou se encontrando, muito mais pela afinidade das idéias, que propriamente pela nossa origem de dentro da igreja. Nos encontramos dentro, mas nosso enfoque era para fora. Isso representava o contrário da igreja e do pensamento de que se tem que atrair as pessoas para dentro. Esse era um desafio posto, visto que normalmente as pessoas viam a igreja como um lugar de chegada e não um ponto de partida para a transformação da sociedade. Portanto, esse documento não era também aceito passivamente, pelo contrário, dentro dele havia contradições quanto ao modo de entender a pastoral.

O documento e o método nos mandavam ver a realidade. Quando aplicávamos o método, uma canção nos auxiliava:

Isso que você tem aí...  
 É lágrima de gente, pedaço de esperança  
 É lei de segurança da gente daí...  
 É sangue de operário, é fome de criança  
 São olhos de tristeza da gente daqui  
 Isso que você tem aí

Isso que você tem aí...  
 São membros esmagados  
 São terras que não temos  
 Prisões de nossos filhos por gente daí  
 Isso que você tem aí...

Isso que você tem aí...  
 Tortura de mulheres, despejos e desprezos  
 Por força da política da gente daí  
 São pés duros, cansados, com dor, ensangüentados  
 Isso que você tem aí..<sup>69</sup>

Depois o documento partia para o *judgar*. Embora o documento dissesse que “Jesus Cristo não nos legou nenhum modelo de sistema político e econômico”,

---

<sup>68</sup> CESEP 4 meses

ele apontava para a “primazia da vida e da pessoa sobre qualquer poder ou riqueza, da ética sobre a técnica, do trabalho sobre o capital, do comunitário sobre o particular”.<sup>70</sup> O documento falava ainda em emprego para todos, qualidade de vida mais humana, necessárias mudanças estruturais, carência de sentido social, de justiça e solidariedade. Mesmo que o documento fosse um pouco vago ao apontar os caminhos para a mudança, mas tendo expoentes, figuras religiosas públicas influentes em seu testemunho, muitos participantes desses grupos começam a participar, a militar nos movimentos e em partidos políticos. Julgavam a realidade, muito com valores pregados pela igreja, às vezes um tanto vagos, sobre o que é justiça, por exemplo, mas era um começo para uma maior inserção dos jovens, principalmente nas camadas mais populares. Era clara também a opção de jovens mais abastados em favor de jovens empobrecidos. A coisa não estava resolvida, mas com certeza muitos jovens compreenderam a importância de se empenhar na mudança das estruturas da sociedade. Esse embate e essas diferenças apareciam muito dentro dos grupos, quando alguns ainda insistiam em que as campanhas de agasalho e campanhas natalinas em favor dos pobres eram algo muito grandioso. Os jovens inseridos nas discussões políticas sabiam que isso já não servia mais. Normalmente o julgar estava ligado à Bíblia. Dois cantos eram muito utilizados quando falávamos do julgar. Um deles falava da antigüidade, mas puxava uma reflexão para os dias de atuais:

No Egito, antigamente  
Do meio da escravidão  
Deus libertou o seu povo  
Hoje ele passa de novo  
Gritando a libertação

Para a terra prometida  
O povo de Deus marchou  
Moisés andava na frente  
Hoje Moisés é a gente  
Quando enfrenta a opressão

Caminheiros na estrada  
Muita cerca prende o chão  
Todo arame é porteira  
Merece corte e fogueira  
São frutos da maldição

---

<sup>69</sup> Canto nº 13 - anexo

<sup>70</sup> Doc.44.p.20

Mãos ao alto, voz unida  
 Nosso canto se ouvirá  
 Nos caminhos do sertão  
 Clamando por terra e pão  
 Ninguém mais nos calará

Outro falava dos tempos de Jesus Cristo, projetando para os dias atuais:

Seu nome é Jesus Cristo e tem rosto  
 De indígena, de afro-americano  
 Que sofre em condições desumanas  
 Vivendo pobre e marginalizado  
 Seu nome é Jesus Cristo: homem do campo  
 Sem terras, sem recursos, sem futuro  
 Em tudo dependente e submetido  
 Por um mercado injusto, explorado

Seu nome é Jesus Cristo: é operário  
 Sem voz nem vez e mal remunerado  
 Dificultado para organizar-se  
 E sem defesa justa e sem direito  
 Seu nome é Jesus Cristo: está vivendo  
 Lá no aglomerado suburbano  
 Curtindo fome e sede mais miséria  
 De cara com riqueza e esbanjamento

Seu nome é Jesus Cristo: é condenado  
 Ao desemprego ou ao subemprego  
 Vítima do desenvolvimento  
 Do cálculo econômico, esmagado  
 Seu nome é Jesus Cristo: é um jovem  
 Sem rumo e formação, desorientado  
 Sem capacitação, desocupado  
 Frustrado, entregue à droga, viciado

Seu nome é Jesus Cristo: é uma criança  
 Golpeada pela fome, sem piedade  
 Faminta, deturpada, abandonada  
 Sem casa, sem família, sem cidade  
 Seu nome é Jesus Cristo: é um velho  
 Doente, inútil, triste, desprezado  
 De produzir é incapacitado  
 E pela sociedade rejeitado

Eu tive fome e sede, era mendigo  
 Doente, peregrino, maltrapilho  
 Banido, perseguido, aprisionado  
 No meu irmão Latino-americano  
 Você me conheceu?: seja bendito  
 Bendito todo aquele que me atende  
 Venha, bendito, venha tomar posse  
 O reino prá você está preparado”

Por fim o documento, coerente com o método, apontava para o agir. “ Do ponto de vista pedagógico, é importante que o anúncio evangélico e a catequese não sejam realizados de forma abstrata, mas dentro de um contexto vivencial”.<sup>71</sup> O documento apontava 3 dimensões para a formação integral do jovem:

Dimensão afetiva: afetividade, relações humanas, autoconhecimento:  
Dimensão mística: espiritualidade, aprofundamento bíblico e teológico:  
Dimensão política: consciência crítica, visão histórica, aprofundamento nas ciências sociais, econômicas e políticas<sup>72</sup>.

Essas dimensões, embora entendidas de forma um pouco diferente pelos grupos, eram uma abertura para que os grupos com inserção social na linha da transformação da sociedade atuassem. É importante dizer que isso dava legitimidade para a juventude. Mesmo que as comunidades por vezes estranhassem algumas ações do Grupo dos Quarenta, elas acabavam tendo que escutar porque os argumentos eram baseados no Documento 44. Eu diria que cada grupo usava, daquilo que estava no documento, aquilo que estava mais próximo de suas práticas.

Nosso grupo atuava numa celebração de missa na comunidade com falas e cantos de cunho social. Nessa mesma comunidade atuavam outros grupos noutra linha. Na pesquisa fiz um questionamento para um dos entrevistados:

Quando a gente cantava as canções na igreja. O que tu achavas que o povo entendia? Vou tentar lembrar algumas coisas. Por exemplo: tinha uma disputa um pouco com o sacerdote que tinha uma visão de igreja mais conservadora, mais fechada. E ele dizia assim que nós estávamos fazendo uma coisa que o povo não entendia. O povo não sabia o que estava acontecendo. E até existia uma disputa, eu lembro, nos comentários da missa a gente falava uma coisa e o padre falava outra. A gente cantava uma coisa, o padre no sermão falava outra. Tinha essas disputas. O que tu achas que passava na cabeça do povo? Na tua visão, o que tu achas que passava na cabeça do povo? O povo entendia aquilo? Via esse conflito? Não via? Tua opinião!

PE responde:

Eu acho que o povo via esse conflito sim. Tanto via que algumas pessoas vinham nos cobrar ou vinham parabenizar no final de qualquer atividade, pela atividade né? Pelo que a gente tinha feito. Mas eu acho que de certa forma a gente ganhava o povo pela

---

<sup>71</sup> Doc.44.p23

<sup>72</sup> Doc.44 p24

estética<sup>73</sup>, pelo canto, pela forma que aquilo era desenvolvido. Porque era instrumento, era música, era... Acho que mexia um pouco com a alma da pessoa. Então a gente ganhava o povo pela estética. Uma grande parte talvez cantava, como muitos não cantavam e talvez não refletiam sobre aquilo. Mas assim ...eu sempre digo, esse trabalho de transformação é um trabalho lento. A gente fica velho aos poucos. A transformação é lenta. Acho que a transformação social também é isso. Ela tem que se iniciar, tem que ser começada e a gente vai arrebanhando aos poucos. Então o povo, alguns compreendiam o que a gente estava querendo dizer. Outros a gente ganhava pela estética que a gente imprimia à música, ao acompanhamento, aos instrumentos. E outros criticavam. Criticavam porque, acho que eram bastante influenciados até pelas posições do padre, que era veementemente contra e não fazia questão de esconder isso também. Nossa atuação tinha base. Tinha um documento da CNBB para a juventude, não me lembro direito, que falava que os jovens deviam atuar nos sindicatos, no partido, na sociedade. Isso a gente dizia. Isso dava força.

O Documento 44 afirma que é preciso “ajudar o jovem a integrar sua dimensão de fé com o compromisso sócio-político<sup>74</sup>”. Fala do engajamento transformador da sociedade. Diz que os jovens devem se engajar no movimento estudantil, Grêmios Estudantis, sindicatos, partidos políticos e movimentos populares, associações de bairro, etc. Fala ainda que a “ação transformadora parte da busca de superação das causas dos problemas da realidade.”<sup>75</sup> Incentiva o jovem a conhecer o marxismo, o capitalismo. Repito que o documento é um tanto vago na hora de apresentar soluções, mas subsidiou muitas ações de grupos com inserção social transformadora. O método fala ainda em rever o caminho andado. Pede atenção à constante avaliação.

Quando nosso grupo argumentava sobre a necessidade da ação, sem a qual nenhuma reflexão teria valido porque para nós só tinha sentido a teoria casada à prática, outra canção era aporte:

Tenho que gritar, tenho que arriscar  
 Ai de mim se não o faço  
 Como escapar de Ti, como não falar  
 Se tua voz me queima dentro?  
 Tenho que andar, tenho que lutar

---

<sup>73</sup> Indagado sobre o que entendia por estética P.E. diz: “Eu acho que a música diferente. A forma de cantar... duas vozes...dois grupos...um grupo cantava primeiro...o outro entrava com a segunda voz...os acompanhamentos. Isso era uma novidade na época. Até então o que era posto era o seguinte: era alguém puxando a música e todo o povo acompanhando. A partir daquele momento a gente veio ali com esses instrumentos todos, que foi uma novidade, que eu chamo isso de estética também, a gente acrescentou, agregou aí muita coisa. Essa novidade assim de vozes, um grupo cantando, outro entrando com a segunda voz. Eu chamo isso de estética”.

<sup>74</sup> Doc.44.p.26

<sup>75</sup> Doc. 44.p.33

Ai de mim se não o faço  
 Como escapar de Ti, como não falar  
 Se tua voz me queima dentro?<sup>76</sup>

O método “ver, julgar e agir”<sup>77</sup> é expresso de forma bem evidente na canção Migrante<sup>78</sup>:

1) Peregrino nas estradas de um mundo desigual  
 Espoliado pelo lucro e ambição do capital  
 Do poder do latifúndio, enxotado e sem lugar  
 Já não sei prá onde andar  
 Da esperança eu me apego ao mutirão  
 Refrão:

Refrão : Quero entoar um canto novo de alegria  
 Ao raiar aquele dia de chegada ao nosso chão  
 Com meu povo celebrar a alvorada  
 Minha gente libertada  
 Lutar não foi em vão

2) Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor  
 E Jesus se fez do pobre solidário e servidor  
 Os profetas não se calam denunciando a opressão  
 Pois a terra é dos irmãos  
 E na mesa igual partilha tem que haver

3) Pela força do amor o universo tem carinho  
 E o clarão de suas estrelas ilumina o meu caminho  
 Nas torrentes da justiça meu trabalho é comunhão  
 Arrozais florescerão  
 E em seus frutos liberdade colherei

A primeira estrofe corresponde ao ver do método. Relata a realidade. O “mundo desigual”, a “espoliação”, o “lucro”, a “ambição do capital”, o “latifúndio”.

A segunda estrofe representa o julgar. Julga-se a realidade comparando-a com a revelação que está na Bíblia e na tradição dos ensinamentos da igreja: “Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor”; “Jesus se fez do pobre solidário e servidor” ; “Os profetas não se calam denunciando a opressão”.

---

<sup>76</sup> Canto nº 7 - anexo

<sup>77</sup> Baseei a reflexão no trabalho de Normélio, páginas 93,94 e 95, mas usávamos a canção para o método também em Brusque. Na época tinha algumas anotações semelhantes que com o tempo acabei perdendo.

<sup>78</sup> Livro de Canto: *Cantando nossa libertação*. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p. 20. Rio de Janeiro.1985.

A terceira estrofe vem como um apelo, um convite para a ação: amor, união, comunhão, para se conseguir os frutos da libertação.

#### 1.4 NOSSO GRUPO E A PASTORAL DE JUVENTUDE

Fazíamos parte da Pastoral da Juventude da Comarca de Brusque e nossas discussões e embates dentro da igreja giravam muito em torno de se éramos ou não um movimento social. Tínhamos convicção de que éramos um movimento social ou um movimento popular. Não fazíamos grandes distinções entre os dois conceitos. Mas o embate na igreja era noutro sentido: a igreja tradicional questionava o nosso envolvimento com as causas sociais. A diferença aparecia de forma bastante clara naquilo que os grupos de jovens de uma linha espiritualista (tradicional) cantavam e naquilo que os grupos ligados à Teologia da Libertação cantavam.

Nosso grupo, ligado à igreja católica progressista<sup>79</sup> cantava muitas canções de Zé Vicente, compositor e poeta popular, “o cantor das lutas de todos os empobrecidos da nossa sofrida América Latina e cantor da esperança acima de todas as aparências de desespero da sociedade brasileira”<sup>80</sup>, como: “Pelos caminhos da América” e “Utopia”. Cantávamos ainda canções tanto as ditas sacras como as ditas profanas<sup>81</sup>, algumas delas consagradas por grandes gravadoras, outras guardadas pela memória dos movimentos populares, como: “Cio da Terra”, “Baião das comunidades”, “Axé”, “Peregrino nas estradas”, “Os meninos em volta da fogueira”, “Liberdade”, “Voar”, “Todo Cambia”, “Buenas Nuevas”, “Espinheira”, “Cálix Bento”, “Anunciação”, “Santo Dias”. Os grupos religiosos menos envolvidos com os movimentos sociais cantavam: “Eu louvarei”, “É impossível não crer em ti”, “Jesus Cristo é o Senhor”, “Shalom”, “Estou pensando em Deus”. Eram muitos grupos cantando, ainda que com objetivos diferentes. Havia com certeza outros movimentos musicais na cidade, nos bares e festivais estudantis<sup>82</sup>. Nesses festivais as canções

---

<sup>79</sup> Jovens afinados com a Teologia da Libertação

<sup>80</sup> Pedrini, Dalvina Maria. *Um Cantador de Utopias*. Monografia de Comunicação Social. São Paulo. 1997.

<sup>81</sup> Todas as letras das canções referidas nesse trabalho estarão em anexo.

<sup>82</sup> FEMUSEST – Festival de música estudantil, promovido pela FEBE (Fundação Educacional de Brusque), onde participei com uma canção própria em 1982. Consegui a primeira colocação com a

falavam da defesa da natureza, de protestos pedindo liberdade, mas pouca coisa com apelos sociais mais fortes. Enquanto isso o grupo dos quarenta cantava:

Os meninos em volta da fogueira  
Vão aprender coisas de sonho e de verdade  
Vão perceber como se ganha uma bandeira  
E vão saber o que custou a liberdade

Palavras são palavras, não são trovas  
Palavras desse tempo sempre novo  
Lá os meninos aprenderam coisas novas...  
E até já dizem que as estrelas são do povo

Já que os homens permanecem lá no alto  
Com suas contas engraçadas de somar  
Não se aproximam das favelas, nem dos campos  
E tem medo de tudo que popular

Mas os meninos desse continente novo  
Hão de saber fazer história e ensinar<sup>83</sup>.

Entre os grupos espiritualistas, estava o Emaús, que era classificado pelo documento da igreja como parte da pastoral geral e por nós entendido como espiritualista, porque não tinha inserção no sentido de transformação da sociedade:

Jesus Cristo é o Senhor, o Senhor, o Senhor  
Jesus Cristo é o Senhor. Glória a Ti Senhor

Da minha vida Ele é o Senhor.  
Da minha vida Ele é o Senhor  
Da minha vida Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

Do meu passado Ele é o Senhor.  
Do meu passado Ele é o Senhor.  
Do meu passado Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

Do meu presente Ele é o Senhor.  
Do meu presente Ele é o Senhor.  
Do meu presente Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

Do meu futuro Ele é o Senhor.  
Do meu futuro Ele é o Senhor.  
Do meu futuro Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor.

Essa canção “Jesus Cristo é o Senhor” era cantada pelos grupos que chamávamos espiritualistas. Apenas coloquei-a aqui como ilustração para que

---

canção: “Grito”. No festival seguinte a 2ª colocação com a música: “Sociedade de Consumo”. No 2ª FEMUSEST tive participação também com outra canção que não foi classificada: “S.O.S.”

<sup>83</sup> Canto nº 3 - anexo

sintamos a diferença. O canto fala o que o grupo vive e pensa, tratava-se de uma pedagogia, como discutiremos mais adiante.

Um dos entrevistados, ErP, ao se referir ao sacerdote da Comunidade Maluche mostra como era trabalhada essa linha espiritualista:

E o padre, geralmente é ele quem falava mais na missa e muitas vezes, né, distorcia a própria leitura bíblica, dava uma versão fora da realidade, conseguia tirar a liturgia, a leitura bíblica totalmente fora da realidade da comunidade. A gente tentava através da música buscar, enfocar pontos da realidade da vida brasileira, da comunidade, né, e passar também esse Deus, tipo a imagem de Deus que a gente acreditava. Eu acho que a música era um canal de comunicação que a gente tinha com a comunidade naquela época. Acho que a comunidade entendia o que a gente dizia e sabia que a gente tinha uma proposta diferente que o padre falava”.

Esse era o embate.

#### 1.4.1 Nosso grupo e a religião<sup>84</sup>

Sabíamos do grande risco que acarretava nosso discurso. Nosso discurso religioso-sócio-político podia gerar uma grande mobilização social, como também imobilismo. Podia também tornar opaca a realidade. Quando falávamos de nova sociedade não poderíamos estar repetindo o tal “céu” prometido para depois também? Quando nos reuníamos em grupo, no engenho ou em outro lugar qualquer, onde criávamos esse clima de proximidade, de vontade de ali permanecer, não estaríamos de outra forma repetindo o mesmo que criticávamos?

Uma de nossas perguntas era: o que fazemos contribui para conservar ou para mudar o que está aí? João Carlos Petrini em sua obra CEBs, um novo sujeito popular,<sup>85</sup> traz à tona uma citação de Berger: “ a religião aparece na história como uma força que pode manter o mundo e também sacudí-lo”. Mas na canção “Igreja, povo a caminho<sup>86</sup>” expressávamos que a igreja só tem sentido quando participa de alguma forma da mudança da vida das pessoas nesse mundo. Nosso esforço era

---

<sup>84</sup> Baseei parte de minha reflexão sobre a Pastoral da Juventude, religião e igreja no trabalho de Normélio, o qual já fiz referência.

<sup>85</sup> Petrini, João Carlos. CEBs: um Novo Sujeito Popular. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984, p.40

<sup>86</sup> Canto nº 12

para que “esses momentos” vividos por nós fossem uma realidade para todos. Seria presunção?

Entendíamos que a religião, podia ir no rumo do movimento<sup>87</sup> de juventude, que no nosso entender reforçava a igreja tradicional e a estagnação, ou no rumo da Pastoral da Juventude, que a nosso ver podia trazer mudança. Muitas vezes essa distinção não era feita pela igreja hierárquica, que falava de pastoral e movimento de juventude como sendo a mesma coisa.

Havia uma posição estruturalista que dizia que a estrutura social determina e define o papel da religião. A religião seria condicionada pela estrutura social, conformada a ela. Essa é a posição de Otto Maduro e outros. Para Otto, toda a ação religiosa se dá no interior de uma sociedade em conflito e é uma atuação realizada por indivíduos e grupos objetivamente situados na estrutura de classes dessa sociedade. “É uma ação atravessada, limitada e orientada por tais conflitos”.<sup>88</sup> Segundo a classe social em que alguém está inserido, onde estão os condicionamentos estruturais objetivamente dados, aí está a sua visão do mundo e a sua prática religiosa. O mesmo vale para um grupo. Para o autor “uma classe social, é uma realidade móvel e mutante, multiforme e heterogênea”.<sup>89</sup> Não é estática, mas provisória. As transformações provocadas pela dinâmica conflitiva das classes sociais provoca e impõe essas limitações e orientações para as religiões. Ou elas se transformam ou se extingüem. Numa entrevista, no auge da teologia da libertação, Leonardo Boff dizia que ou a Igreja Católica na América Latina mudava a sua ação e o seu discurso, ou seria abandonada pelos fiéis. Alguns afirmavam que essa frase de Boff ajudava a igreja a manter o domínio. Pode haver muito de verdade nisso. Vejo apenas que a intenção de Boff era uma e a da igreja tradicional era outra. O padre da celebração no bairro Maluche de Brusque também falava de pobres e de estruturas injustas, mas dizia que a solução para os problemas era rezar

---

<sup>87</sup> Movimento aqui tem o sentido de grupos espiritualistas que não se engajavam nas mudanças estruturais que entendíamos deveriam ser feitas.

<sup>88</sup> Maduro, Otto. *Religião e Luta de classes*. Vozes.Petrópolis,1981,p99.

<sup>89</sup> Idem p.101

para o mundo ficar melhor. Os teólogos da libertação eram explícitos e com referenciais marxistas apontavam na teoria e na prática as saídas.

#### 1.4.2 A força da religião para o consenso e a hegemonia

Em Brusque havia 5 seminários. Sabíamos da força que tinha a religião católica. Isso nos irritava, porque na nossa visão a igreja podia mudar Brusque e na prática ajudava a cidade a pensar do jeito que pensava. Tentávamos fazer trabalhos junto aos seminários. Tínhamos a clareza que a mudança passava por aqueles que poderiam ajudar a fazer a mudança.

Max Weber reflete que a legitimação de dominação ocorre pelo sentido que se dá para os agentes sociais implicados. Não queríamos impor, mas tínhamos clareza que a dominação da igreja se dava via seminários.

Quando falávamos de classe dominante percebíamos que a religião ajudava a criar um consenso. A classe dominante exerce a coerção sobre as subalternas. Quer impor sua visão de mundo. Quer que seus valores sejam aceitos como naturais, corretos, universais. Nesse sentido a igreja pode ser uma aliada das camadas dominantes da sociedade. Quando a religião prega a realidade como fruto da vontade de Deus ela de fato colabora para que a realidade não mude e ajuda a eternizar a dominação social do grupo hegemônico.

Esse era o grito do Grupo dos Quarenta. Na entrevista, A.M.L. mostra esse embate entre o sacerdote da celebração e o Grupo dos Quarenta. Eram duas visões que se chocavam, porque nosso grupo via a religião na cidade como uma forma de manter a dominação da classe dominante. Diz A.M.L. :

Na verdade era um grande paradoxo: o padre falando e não saindo uma vírgula na linha, ou seja, não se posicionando claramente, abertamente a favor dos mais necessitados, para não ofender ninguém: grupos poderosos... Numa linha reta. E vocês completamente a favor dos necessitados. Grande paradoxo. Uma situação, que penso eu deixava às vezes a gente pensando no que que o padre estaria pensando nisso, diante do fato. Mas acredito que para as pessoas que estavam ali sentadas, muitas não entendiam talvez, que o padre e o grupo eram bem diferentes. Isso as pessoas não entenderam, mas captavam a mensagem. E eu acho que isso que era importante. Captavam a mensagem

e escutavam também o padre e escutavam também vocês porque gostavam das músicas e também das letras. E talvez muita gente ali nem notava o choque que estava acontecendo. Mas eu claramente entendia isso e muitas, muitas vezes comentei com o João José quando chegava em casa o que que as pessoas iam dizer na saída da igreja com relação às letras e com relação ao sermão do padre. Porque, veja, era muito importante o sermão do padre para as pessoas. Era interessante que o padre jamais fazia alguma alusão ou referência às letras de vocês. Você lembra disso? Porque o padre não queria misturar vocês com ele e ele com vocês. Prá mostrar que cada um tinha uma linha? Talvez. Dizer que ele não estava plenamente de acordo com o que vocês diziam? Não sei. Mas o padre jamais no sermão fazia alusão, até poderia não? Poderia. Porque as letras eram mais ou menos da partilha, da distribuição de renda, dos pobres, dos descamisados, da divisão de terras... Era um gancho para o padre. Era um tema atual. Era um grito dos jovens. Era o grito do povo. Mas o padre fazia o seu sermão dentro do evangelho, seguindo sempre a mesma cartilha.

Comentei - Foi interessante esse aspecto que colocasses. Às vezes o padre falava da terra também. Mas era com um enfoque diferente. Com um enfoque não político. Ele não dizia uma coisa contra mas ele tirava a carga política de ação que o grupo dava.

É que era diferente, né, Valmir. O padre sempre me pareceu que não queria se incompatibilizar. Com quem? Não sei. Talvez com os mais poderosos. Não poderia se incompatibilizar com eles. Então eu penso assim. É aquilo que eu disse: o padre, ele fazia um sermão naquela linha de conduta. Já se passaram quase trinta anos mas ele continua igual.

Queríamos outro consenso. Gramsci<sup>90</sup>, ao abordar a questão do bloco histórico, afirma que a classe se mostra objetivamente interessada em implantar a sua hegemonia. Quer de novo um consenso em torno de seu domínio.

As classes dominantes comprometem boa parte de seu poder material para conseguir hegemonia. Junto com isso aprofundam a luta pelo poder simbólico, que vai bem além do material: econômico, político, militar. Esse poder simbólico está nos aspectos morais, educacionais, artísticos e religiosos.

Afirma Maduro que essa dominação através dos atores sociais é tanto mais eficiente quanto menos consciência esses atores tiverem de seu papel. Devem pensar apenas que estão fazendo o bem para todos. Mas ainda para ele, sempre persiste uma resistência dos dominados, porque estes sempre buscam autonomia. Por isso também o ator religioso está limitado na sua tarefa de condicionar a sua visão de mundo. No discurso religioso está escondido uma forte possibilidade de conservação ou de mudança.

Éder Sader, João Carlos Petrini e outros dizem que religião tem um papel bem mais significativo, capaz de influenciar de forma decisiva as estruturas da sociedade. Nosso grupo pensava assim. A religião, a pastoral, a igreja tinham uma força grande que podia estar construindo uma outra sociedade. Em nossas reflexões sempre pontuávamos de forma enfática que Brusque tinha 5 seminários e que a grande maioria dos sacerdotes e dos seminaristas ajudavam a deixar o povo no conformismo. Para nós, a religião, a igreja cumpria exatamente o papel de reforçar a sociedade nos moldes em que se encontrava.

A canção que mais mostrava a necessidade de mudança era: “Pirâmide”<sup>91</sup>. Nela, fazíamos a reflexão de como era a sociedade e a igreja. Para mudar era preciso destruir a pirâmide.

Dessa forma entendíamos que a pastoral da juventude, como a religião e a igreja, poderia ser um grande instrumento de dominação da classe dominante, como um ponto de partida para uma nova visão de mundo. Na verdade esse era o conflito constante, refletido de forma ímpar nas canções.

Voltando a João Carlos Petrini<sup>92</sup>. Ele fala que a religião tem potencial para contestar e pode conduzir os homens a um revolução social, mas tem também em si um potencial alienador capaz de tornar opaca a realidade. Petrini lembra uma festa no interior que faz esquecer as agruras do cotidiano e ao mesmo tempo tem um potencial de contestação, mantendo vivo o desejo de outro estilo de vida, alimentando a imaginação de uma ordem radicalmente diferente, de abundância e gratuidade. Nossas reuniões no engenho de farinha, eram momento forte de imaginar essa nova vida. Mas era preciso sairmos do desejo de ali permanecer. Esse desejo devia partir para o dia-a-dia. Se ficasse ali, significaria alienação.

---

<sup>90</sup> Souza, Luiz A.G.de. A JUC: Os estudantes Católicos e a política. 1984.p.33

<sup>91</sup> Canto nº 17 – anexo.

<sup>92</sup> Petrini, João Carlos. CEBs: um Novo Sujeito Popular. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984, p.41

Acreditávamos que a religião podia influir na produção, reprodução e transformação das relações sociais. Nos agarrávamos a isso. Dizíamos que o mundo era fruto do que pensávamos e fazíamos. Se agíssemos de forma diferente poderíamos mudar tudo. As religiões podem variar conforme a história, estão sempre num contexto. Os profetas da bíblia pregavam conforme o lugar que se encontravam: se eram sustentados pelo rei os defendiam. Quando a revolta do povo era muita, diziam que o sistema era bom, o rei é que não prestava. Se estavam mais no meio do povo, criticavam os tributos do palácio. No caso brasileiro as funções que a igreja católica desempenhou durante o regime militar e na hora da desestabilização desse mesmo regime foram bem diferentes. Um discurso da igreja pode inflamar multidão num canto do país e nada acontecer noutra parte. Mas a religião organiza as pessoas em grupos e onde ela desempenha um papel fundamental, é fundamental levar em consideração esse fato na conduta coletiva. Penso que foi fundamental esse respeito por boa parte da esquerda marxista que acolheu gente oriunda da igreja católica para os seus quadros.

Uma classe hegemônica busca apoio para se manter procurando evitar que as classes subalternas se organizem e busquem hegemonia. Na expulsão dos sacerdotes na nossa terra quando estes se envolviam com a luta operária, fica muito evidente isso. A festa de 1º de Maio promovida pelos patrões escondia a exploração e o Encontro dos Operários para resgatar a história da luta dos trabalhadores, a expunha. Dizíamos que também a igreja, mesmo colocando-se como transcendente, era imanente, presente e a fé tinha uma carga fortíssima de ideologia. Além disso também o que se cria também dependia do lugar onde se estava. A classe hegemônica de nossa cidade tinha um discurso religioso alheio aos conflitos. Negava a luta contra a divisão social. Escondia que a pobreza, o analfabetismo era fruto da política implementada pela classe dominante. Isso era colocado como coisa natural. Os que tinham poder eram vistos como depositários de autoridade sagrada e os dominados deviam aceitar essa condição de subalternos em troca de uma recompensa final: a vida eterna.

Cantávamos:

Quero entoar um canto novo de alegria  
Ao raiar aquele dia de chegada ao nosso chão  
Com meu povo celebrar a alvorada  
Minha gente libertada  
Lutar não foi em vão.<sup>93</sup>

Esse “dia” do nosso canto não era para depois da morte. Era para já. Quando isso era cantado, falado, pensado, gerava reflexão e questionamento. Nos nossos encontros isso entrava em conflito com a passividade de alguns jovens que esperavam pela vida eterna e viam a realidade como algo dado e sem possibilidade de mudança, como se a realidade nada tivesse a ver com o nosso modo de pensar.

A história mostra que os processos de conversão religiosa significam mais que isso para um determinado sistema religioso ou crença. É uma nova visão de mundo. Os bárbaros, por exemplo, eram convertidos para a visão de mundo do ocidente. O mesmo acontece com a conversão dos povos indígenas latino-americanos. E assim por diante. A religião não é algo desenraizado da realidade. E está muito ligada à classe que domina a sociedade. Um sistema religioso quando se organiza e forma uma igreja pode exercer uma função conservadora numa sociedade de classes.

A igreja católica é multi-classista, o que talvez explique o acolhimento de muita gente na época do regime militar. Quando acontecem conflitos internos ela produz um discurso ambíguo para agradar a todos. O pensamento de Otto Maduro pode nos ajudar:

“Toda a Igreja tende a produzir um discurso religioso unitário e ambíguo, e que tem como uma das principais e inevitáveis funções conservadoras ocultar, deslocar e superar simbolicamente, na transcendência, os conflitos sociais inerentes a toda a sociedade de classes.”

---

<sup>93</sup> Canto nº 5 - anexo

A função conservadora é mais eficaz quando menos os atores religiosos e seu público não tem consciência desse seu papel. Isso explicaria o silêncio que a igreja impôs a Leonardo Boff e à teologia da libertação, que representava um perigo. Entendo que nosso grupo também representava um perigo semelhante na cidade de Brusque.

A religião, como vimos, pode servir para conservar. Mas pode também servir para mudar. Podem auxiliar na luta das classes subalternas para sair da situação de dominação, como é o caso da teologia da libertação. Muitos membros do clero latino-americano não queriam continuar com um discurso que escondia a situação do povo. Para haver mudança, as classes subalternas precisam ter uma visão de mundo diferente da classe dominante. Se essa visão é predominantemente religiosa, para transformar sua situação é preciso construir uma nova visão religiosa de mundo que seja diferente da dominante. É preciso construir um novo mundo simbólico. Essa compreensão era uma constante no Grupo dos Quarenta. Tínhamos muito cuidado ao criticar a igreja. Tínhamos que oferecer algo em troca daquilo que criticávamos, sob o risco de não ser entendidos. Nós mesmo começamos a ter que resolver conflitos internos difíceis. Tínhamos que substituir as missas por outro tipo de celebração e não deixar de participar de algumas celebrações da comunidade. Nas celebrações com a comunidade oferecíamos alguns elementos que pudessem ajudar a comunidade a refletir, entre eles, o canto. Nas nossas celebrações substituíamos símbolos e quebrávamos a estrutura rígida das celebrações. Muitas vezes, ao terminar os encontros, torcíamos muito para que o sacerdote não aparecesse, pois assim as celebrações seriam mais vivas, participativas. Pão e vinho eram substituídos por capilé, pipoca, chocolate, frutas, água ou qualquer alimento ou bebida que estivesse ao alcance ou que representasse algo para a comunidade. Tentávamos resolver conflitos internos. Trazíamos dúvidas: Isso valia? Não valia? Devia ser substituído? Isso parece simples, mas para nós à época era terrivelmente conflitivo. Eu era um dos que trabalhava isso com bastante tranquilidade. Para mim o importante era celebrar e que ninguém era dono da celebração. Dizia isso, participava e dirigia celebrações com bastante serenidade. Buscava passar isso para os que participavam conosco dessas celebrações. Tenho

certeza de que isso irritava os sacerdotes. Confesso que isso também de uma certa forma era divertido. Era bom desafiar a ordem estabelecida que, no nosso entender, trazia mais morte que vida. Nossas celebrações, ao contrário eram cheias de vida: canto, flores, movimentos, silêncios, conflitos. Eram conseqüentes no sentido de apontar mudanças.

Continuando a reflexão na linha de Maduro podemos dizer que não é só na cosmovisão que a igreja pode contribuir com a estratégia de construção de autonomia das classes subalternas, mas também com a formação da consciência de classe. Maduro<sup>94</sup> diz que o potencial "revolucionário" dos movimentos sociais é porque alguns sacerdotes se tornaram intelectuais orgânicos dos setores subalternos. Penso que nesse aspecto há semelhanças com o Grupo dos Quarenta. Estávamos presentes em vários grupos e neles colaborávamos para que esses grupos sistematizassem, exprimissem e encontrassem as soluções às suas aspirações e necessidades.

#### 1.4.3 Nosso grupo e a igreja católica

Nessa asa que a igreja abria para os movimentos sociais ela também apresentava limites, contradições, problemas. Pedro A. Ribeiro de Oliveira analisa o aparelho religioso com a ótica de Gramsci e fala do papel da religião. A religião constrói ou solidifica uma hegemonia:

Um aparelho de hegemonia funciona na medida em que veicula representações, isto é, na medida em que as idéias e práticas simbólicas que ele produz ou sistematiza são transmitidas e incorporadas à consciência e à prática dos atores sociais. Veiculando representações religiosas, o aparelho age sobre a consciência, a vontade, os sentimentos de indivíduos e grupos, de modo a guiar os seus comportamentos. Por isso ele é um aparelho de hegemonia: exerce uma direção intelectual e moral sobre grupos sociais, atuando pela adesão da vontade, e não pela força e pela repressão física.<sup>95</sup>

Isso deixa claro que a igreja pode provocar ou segurar os avanços sociais. Pode provocar práticas sociais, no plano simbólico, que provoquem avanços significativos, mas também freá-las. Estar sob o controle ideológico e doutrinal de uma igreja pode ser uma limitação séria. O Movimento dos Sem Terra, gerado pela

---

<sup>94</sup> Petrini, João Carlos. CEBs: um novo sujeito popular. p.184.

<sup>95</sup> Oliveira, Pedro A.R.de. *Religião e Dominação de Classe*. Vozes. Petrópolis, 1985.p296.

Comissão Pastoral da Terra, no meu entender avançou muito mais quando se desligou da igreja. Era muito contraditório estar numa igreja que acolhe a todas as classes, que vê as injustiças sob a ótica da ganância sem analisar as estruturas que provocam a miséria. Mesmo que o MST estivesse ligado aos sacerdotes que tinham outra visão, essa não era a visão hegemônica, o que dificultava e paralisava os avanços. Estar sob controle ideológico e doutrinal compromete os movimentos. A igreja tem necessidades a serem supridas. Manter a sua autoridade e pseudo neutralidade impede as lutas populares na sua luta de mudança das relações sociais e reprodução da vida. Não podemos negar a grande contribuição da igreja católica aos movimentos. Mas do mesmo modo não podemos esconder o quanto ela também impediu a autonomia desses movimentos. Vivemos esse conflito no Grupo dos Quarenta. Luiz Alberto no seu livro *Classes Populares nos Caminhos da História* fala dessa ambigüidade da igreja, mostrando que ela tanto fortaleceu a hegemonia das classes dominantes como também a tornou mais precária. Para ele a igreja procurou modernizar a instituição para “pô-la em dia com o mundo urbano e capitalista das classes dominantes e de suas aliadas históricas, as classes médias”.<sup>96</sup> Para ele os movimentos da Ação Católica nos anos 30 e 40 e as transformações do Vaticano II se destinavam a melhor adaptar a igreja a

uma modernidade da qual estava defasada, já que sua história se ligava tanto às classes tradicionais da aristocracia rural quanto às populares, mas pouco tinha a ver com os novos atores que tentavam exercer a dominação e a direção da sociedade(...) Setores avançados na igreja das últimas décadas nada mais eram que adaptadores da instituição ao mundo moderno.(...)Há aí um progressismo ambíguo, radicalmente diferente daquele que rejeita e quer superar o mundo moderno.(...) Assim houve, na década de 50, setores da Igreja do Brasil interessados numa pastoral do desenvolvimento que pareciam estar na vanguarda. Logo depois eles seriam adversários da Teologia da Libertação e da nova pastoral popular.<sup>97</sup>

O regime militar escancarou essa dualidade da igreja. De um lado clero, leigos, movimentos, posicionando-se ao lado dos reprimidos, exilados, encarcerados e de outro a Marcha da Família com Deus para a Liberdade que preparava triunfalmente a entrada da ditadura em cena.

---

<sup>96</sup> Idem.p.296

<sup>97</sup> Ibidem.

Na ditadura os lugares de culto transformaram-se em lugares de encontro, graças ao poder da instituição. Os agentes pastorais se comprometem com as classes populares. São “intelectuais orgânicos” dos setores populares. Surgem as CEBS, a Pastoral da Terra, do índio, do operário e da juventude.

Eder Sader<sup>98</sup> reflete que alguns setores intelectuais de dentro da igreja católica, nesse período de autoritarismo, produziram uma nova matriz discursiva “capaz de aglutinar os anseios de setores populares através da constituição de um mundo simbólico que irá direcionar esses anseios e dar origem a novos sujeitos históricos coletivos”<sup>99</sup>. Na década de 60 e 70, a igreja buscou ler essas perseguições comparando-as às perseguições dos primeiros cristãos. Mas Sader fala que esse novo discurso vem de Medellín<sup>100</sup>, onde nasce um mundo simbólico de uma sociedade sem exploração, sem pobreza. Os conceitos teológicos tomaram outra dimensão.

O “povo de Deus” ganhava força. A expressão significou uma comunidade em torno da palavra que não era mais só da hierarquia. A salvação não era mais recompensa para a outra vida pelas boas obras praticadas nessa. Mas para muitos não era imperativo mudar a estrutura da sociedade. O pecado passava a ser social. O problema é que a miséria era vista como um fato coletivo, mas fruto do egoísmo das pessoas. No nosso grupo não aceitávamos a idéia defendida pelos grupos espiritualistas que diziam que era preciso transformar os corações para daí mudar o mundo. A nosso ver isso impedia as pessoas de perceberem que era preciso mudar as estruturas injustas. Era o mesmo que dizer que a mudança da sociedade se daria pela via subjetiva. Na linha espiritualista, o egoísmo das pessoas é que era responsável pelo desequilíbrio social. Víamos que muitos sacerdotes e leigos incorporavam referenciais marxistas nas suas análises, mas nos sermões e falas afirmavam que era preciso “converter o homem para mudar a sociedade”. Além disso usavam uma linguagem de exclusão das mulheres.

---

<sup>98</sup> Sader, Eder. Quando Novos Personagens entram em cena. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

<sup>99</sup> <sup>99</sup> Weber, Normélio Pedro. Pastoral da Juventude em Santa Catarina e a gestação de militantes do Movimento Popular. Dissertação de Mestrado p29. UFSC. 1990.

<sup>100</sup> Essa Conferência visava adequar as decisões do Concílio Vaticano II à situação concreta vivida pelos povos da América Latina.

A salvação que se dá em comunidade, tendo a Eucaristia como centro, como local de partilha, tem um significado profundo para os sujeitos coletivos populares de que fala Éder Sader. O lugar de salvação era na comunidade que buscava a solução dos problemas imediatos e estruturais. Há uma identidade onde “se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas enquanto sujeitos coletivos”.<sup>101</sup>

Havia um canto que cantávamos que dizia: “eu sou feliz é na comunidade. É na comunidade que eu sou feliz”. Outro canto enfatizava a vida em comunidade:

“Somos gente nova, vivendo a união  
Somos povo: semente de uma nova nação  
Somos gente nova, vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do Senhor<sup>102</sup>.”

Em Medellín aparece essa contradição: de uma lado havia aqueles com espírito crítico e que queriam a mudança e de outro aqueles que seriam polícia da doutrina. A citação de Gramsci cabe:

“A força das religiões e, principalmente, da Igreja Católica consistiu e consiste em que elas sentem fortemente a necessidade da união doutrinária de toda a massa religiosa e lutam para que as camadas intelectualmente superiores não se separem das inferiores<sup>103</sup>.”

Sem dúvida, após Medellín, conclui Normélio, os movimentos surgidos em torno da igreja expressaram seus pedidos não mais como pedidos de favor, mas como direitos negados.

Sobre a dualidade da igreja, Éder Sader fala como os interpretes desses movimentos falavam com insistência do “cotidiano” como lugar de resistência.. “base

<sup>101</sup> Sader, Edér. Quando novos personagens entram em cena. p.145-155

<sup>102</sup> Canto nº 4 - anexo

de onde se gesta um projeto autônomo das classes subalternas”, o que contrastava “com as manifestações de conformismo, da vida repetida, da reiteração não crítica de uma opressão silenciosa”, e convocava-nos a ver o cotidiano em sua ambigüidade, como local de “conformismo e resistência expresso numa consciência fragmentada da cultura popular<sup>104</sup>.”

Normélio Pedro Weber em sua dissertação<sup>105</sup> comenta que na Pastoral da Juventude e mesmo nas demais pastorais:

dá a impressão de estarmos lidando com uma forte tendência messiânica. O sagrado quase sempre representa a legitimação das reivindicações. São grupos de pessoas, em geral, da mesma posição social, negativamente privilegiados. No dizer de Max Weber, ‘camadas sociais páreas’. Mas há também pessoas oriundas dos setores intermediários da sociedade inconformados com a degradação da vida humana e desejosos da instauração de uma nova ordem social<sup>106</sup>.

No nosso grupo, tínhamos sonhos, utopias. Nela percebemos como as pessoas se apropriam do canto. Indagado sobre que imagens lhe ocorriam quando se cantavam essas canções, nosso entrevistado, P.E. responde:

Acho que são frases, são... o que vinha na mente era uma nova sociedade. Aquela: “era chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar”. Então assim, vinham visões na mente de uma nova sociedade, de um mundo diferente daquele, que a gente tinha a responsabilidade de chacoalhar o povo, pro povo compreender a importância disso. Porque tu saías da reunião do grupo, tu chegava fora quando conversava com outras pessoas, ninguém tinha essa visão. Então as músicas na época eram músicas de ruptura, porque criavam na cabeça da gente essa imagem de um novo mundo que é possível, que esse sonho tinha que, essa utopia, que é uma palavra que a gente aprendeu o significado naquela época, utopia, porque hoje a gente entende utopia como uma coisa que não vai acontecer. Né? E naquela época a gente entendeu a outra, o outro significado da utopia. Então, o que vem na cabeça é isso, assim, a participação e a necessidade de estar junto uma luta coletiva, porque a nossa vida não é individual e que dentro dessa vida coletiva é possível a construção de uma sociedade diferente.

Sobre o messianismo, percebo que nosso grupo afirmava e reafirmava essa idéia de sonho de um mundo melhor. É também verdade que muitos grupos ditos progressistas ficavam muito nesse messianismo. Mas me parece que conseguíamos apresentar instrumentos para que isso se tornasse realidade já nessa

---

<sup>103</sup> Souza, L. A. G. de. A JUC: Os estudantes Católicos e a Política. Petrópolis. Vozes. 1984.

<sup>104</sup> Sader, Éder. P.141

<sup>105</sup> Pastoral da Juventude em Santa Catarina e a gestação de militantes do movimento popular. Universidade Federal de Santa Catarina. Abril de 1990.

<sup>106</sup> Idem.p.39

vida. Ao dizer que acreditávamos noutra vida, colocávamos sempre o risco de nas entrelinhas deixar transparecer a idéia que os poderosos um dia serão castigados. Era um risco. Queríamos isso, sim, mas isso era algo muito subjetivo. Essas forças tinham que ser destruídas objetivamente. Esse desejo devia se tornar realidade com as forças que pudéssemos aglutinar, com os instrumentos que tínhamos. Entendo que nosso grupo tinha essa clareza.

O sonho de um mundo melhor era concreto. Quando falamos em movimentos sociais, como vimos, falamos de organização coletiva. Acreditávamos nisso. Nosso esforço ia sempre no sentido de juntar pessoas que pensassem o mundo e que pensassem junto o que fazer para mudá-lo:

Sonho que se sonha só  
Pode ser pura ilusão  
Sonho que se sonha juntos  
É sinal de solução  
Então vamos sonhar companheiro  
Sonhar ligeiro  
Sonhar em mutirão<sup>107</sup>.

## 1.5 PROJETO DE UM NOVA SOCIEDADE

A Conferência de Medellín em 1969 propunha adaptar as resoluções do Vaticano II, como vimos. Nasce daí a Teologia da Libertação. O pecado deixa de ser pessoal. Passa a ser social. A igreja se comprometia com o povo. A Pastoral de Juventude da década de 70 foi influenciada pela Teologia da Libertação. Em 1979, a Conferência de Puebla confirmava que a fé é compromisso social e legitimava a Teologia da Libertação. Puebla fez uma opção preferencial pelos jovens e pelos pobres. Formou-se então a nova pastoral, mais orgânica. Eram grupos de jovens que saíam do campo meramente emocional e pessoal, e partiam para se organizar em bairros e vilas, onde sentiam os problemas concretos e se engajavam na solução. Havia um projeto de sociedade: A pobreza não se justificava; O autoritarismo do Estado e da hierarquia não se justificava. Essa reflexão levava à conclusão de que a sociedade capitalista era a causa da miséria. Propunha-se a construção de uma nova sociedade. Buscava-se a libertação dos oprimidos e a

defesa dos direitos humanos, para a criação de uma nova sociedade sem classes e nem discriminação, onde o poder fosse exercido como um serviço.

Nosso grupo encontrou uma dificuldade, que foi o abandono da igreja na hora em que o engajamento era mais fortemente realizado. Parece que a pastoral sentia-se impotente para levar até o fim o projeto de sociedade. Os assessores da Pastoral de Juventude em 1985, em reunião consideraram que a juventude é uma idade em transição e aconselharam a militância aos jovens que avançavam no processo de conscientização. Eles pretendiam que os jovens mais conscientes, os que estavam mais comprometidos participassem de ações mais concretas para a transformação da realidade. Para eles a pastoral não consistia em ser a vanguarda da transformação da sociedade, mas em oferecer indivíduos teoricamente bem preparados e conscientes, para levar avante o processo de transformação da sociedade. Os jovens tinham através da pastoral um novo referencial de reflexão, a partir da indignação com a injustiça, com a opressão, e com a pobreza. Mas a pastoral se julgou incapaz de liderar o processo de transformação, e os jovens foram encaminhados para que militassem em setores mais decisivos e capazes de assumir a vanguarda das transformações.

Os assessores disseram ainda nesse encontro que

o ponto fraco da pastoral sempre foi o fato de o seu ponto forte residir no nível das utopias (idéias) e o ponto fraco no nível das mediações (projetos históricos). Recomendam que esse projeto deve-se ir construindo a partir das experiências concretas e da reflexão acumulada na caminhada histórica. 'As feições do novo vão depender em boa parte, de quem entrar na luta<sup>108</sup>.

Nosso grupo não via nenhum problema em gestar a idéia de uma nova sociedade na pastoral e ir para outras instâncias construí-las concretamente, historicamente. Parece que o problema era nossa permanência na pastoral.

Nosso grupo lutava por permanecer na igreja.

---

<sup>107</sup> Canto nº 27 - anexo

<sup>108</sup> Pastoral da Juventude em Santa Catarina e a gestação de militantes do movimento popular. p 82-83.

Não sentíamos necessidade de nos organizar como igreja dentro dos partidos. Respeitávamos as instâncias e acreditávamos que em cada lugar que participávamos tinha características próprias que se complementavam. A fé tinha a ver com a política e a política com a fé. Era possível, no nosso modo de ver, discutir e viver de tal modo que se pudesse separar e juntar os elementos, sem misturar. Mas nossa permanência na igreja ia cada vez ficando mais difícil. Penso que questionávamos a igreja, seus valores, a hierarquização das coisas, enfim. Mas queríamos permanecer dentro dela. Entendíamos como importante celebrar na comunidade e no grupo.

No entanto o sacerdote insistia em dizer que a comunidade não estava preparada. P. E., então jovem integrante do Grupo dos Quarenta e atuante líder comunitário, dá o seguinte depoimento:

Acho que quem não estava realmente preparado para enfrentar esse grupo, para debater, para dialogar com esse grupo era o padre e as lideranças da comunidade que eram totalmente influenciadas pelo padre. Sempre qualquer mudança, ela choca. Ela causa constrangimentos. Ela causa posicionamentos contrários. E eu vejo assim que nesse aspecto, no caso do padre, a própria igreja não estava preparada. Porque hoje grandes lideranças da cidade saíram do movimento religioso, da igreja. E a igreja perdeu essas lideranças porque não soube compreender, não soube dialogar com essas lideranças na época. Eu tenho certeza de que se a igreja tivesse tido um outro comportamento, uma outra postura, uma outra atitude, hoje a igreja da nossa cidade, pelo menos seria diferente. Então quem não estava preparado para esse diálogo, e devia estar preparado, foi a própria igreja.

Aos poucos fomos todos saindo desse espaço. Cada um ficou ocupando esse espaço ou não, de forma pessoal. O coletivo continuou noutros espaços. P.E. diz ainda: “Ainda bem que saímos da igreja”. De fato, deu uma sensação de alívio, já que muitas vezes a tensão era maior nesse espaço que na luta contra o capitalismo.

Passamos a ocupar melhor aquelas instâncias apontadas pelo documento 44. Em 86 lançamos um candidato a deputado estadual apoiado pela juventude e em seguida fomos entrando no partido político com que mais nos identificávamos: o Partido dos Trabalhadores que em 1980 nasce no ABC paulista com três forças na sua formação: sindicalistas, igreja comprometida com as classes populares e intelectuais, grupos e pessoas que lutaram contra a ditadura militar.

Mas a experiência de lançar candidato da pastoral em 1986 mostrou que também dessa pastoral saíram candidatos para vários partidos. Por isso, a idéia de “Reino” de que tanto falávamos mostrava-se ambígua. No dizer de Sanchiz<sup>109</sup>, era um projeto político. Essa idéia de sociedade justa e fraterna evoca uma caminhada, um processo, uma busca pelos mais variados caminhos. O fato de esse projeto ser difuso e ambíguo também era aproveitado pela igreja. Aglutinavam-se as mais diferentes tendências. Mas também é verdade que a expressão “Reino” tinha significado diferente para cada grupo que o utilizava. O nosso, por exemplo, dizia que o “Reino” era algo concreto. Era para ser alcançado aqui. Para nós era o socialismo. Aliás, íamos mais fundo: “a cada um segundo suas necessidades”. Para nós, o Reino não era um espaço vago onde todos entravam. Era preciso ter presente, clara, a noção de partilha. É certo que tínhamos muita dificuldade em nos fazermos entender.

Entendo que nosso grupo vai produzir e reproduzir o que Eder Sader chama de nova matriz discursiva.

“Nas lutas sociais os sujeitos envolvidos elaboram as suas representações sobre os acontecimentos e sobre si mesmos.(...) ...encontramos na sociedade agências que, embora estejam participando da cultura instituída expressam práticas de resistência e projetos de ruptura<sup>110</sup>.”

Enquanto o grupo pôde, ficou no espaço da instituição – a igreja. Depois, buscou outros espaços, numa prática de resistência, enfrentamento e apresentação de propostas. O grupo era um espaço dinâmico, de conflitos geradores de muita vida. Esses conflitos geravam alternativas, que antes acabavam esbarrando numa instituição cristalizada.

Mesmo dentro da igreja o grupo enfrentava o conflito e nunca deixou de se posicionar nos momentos de maior ou menor tensão. Mas a verdade é que solto

---

<sup>109</sup> Sanchiz, Pierre. Igreja e Questão Agrária: um posfácio. In: \_\_\_\_\_.PAIVA, Vanilda (org.) Igreja e Questão Agrária. São Paulo, Loyola, 1985.

<sup>110</sup> Sader, Eder. Quando novos personagens entram em cena. p.142.

das amarras da igreja, o grupo pôde participar de forma mais efetiva na sociedade através das associações, sindicatos e partido político. No entanto, no partido político, os militantes sempre tiveram que levar em conta os referenciais religiosos da cidade de Brusque. E especialmente em época de eleição saber lidar com os ataques da direita dizendo, por exemplo, que o PT era comunista. Para nos contrapormos a esse veneno, Jesus Cristo era colocado como o exemplo extremo do comunismo. Isso de uma certa forma era um antídoto para as investidas da direita da igreja e dos partidos de direita<sup>111</sup>.

## 1.6 GRUPO DOS QUARENTA: UMA PRÁTICA CULTURAL

Quando falamos em cultura abrimos um leque muito grande de significados.

Num sentido amplo, “cultura” remete à idéia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante. Não utilizamos aqui a idéia que anota Raymond Williams, no sentido de “cultivo da mente”. Prefiro a idéia de cultura como o conjunto dos modos pelos quais alguém ou uma comunidade responde a suas próprias necessidades ou desejos simbólicos.

As noções de cultura são em geral abordadas a partir de dois ângulos. Um, dito idealista, que vê no termo cultura o índice de um espírito formador global da vida individual e coletiva a manifestar-se numa variedade de comportamentos e atos sociais, mas, de modo especial, em comportamentos e atos específicos e singulares (artes plásticas, teatro, etc.); e um segundo, chamado materialista e de inspiração marxista, que considera a cultura – em todos os seus aspectos, como diz Teixeira Coelho, incluindo os relacionados a todos os media e construções intelectuais – como reflexo de um universo social mais amplo e determinante. A tendência hoje é uma composição entre os modos de entendimento idealista e materialista: as várias manifestações culturais não são determinadas de modo absoluto por uma ordem social global patente, mas são elementos decisivos na definição daquela ordem; por

---

<sup>111</sup> Nosso grupo até hoje entende que existe direita e esquerda. Que essas categorias não estão

outro lado, a cultura não se caracteriza apenas pela gama de atividades ou objetos tradicionalmente chamados culturais, de natureza espiritual ou abstrata, mas apresenta-se sob a forma de diferentes manifestações que integram um vasto e intrincado sistema de significações<sup>112</sup>.

O ser humano cria, pensa, ordena pensamentos e ações os projeta para o futuro. Todo esse conhecimento e essa criação humana são o que chamamos de cultura, que surge das relações que homens e mulheres travam entre si e com o meio. Não existe ser humano sem cultura.

“Assim, vamos encontrar diferentes manifestações culturais de indivíduo para indivíduo, ou de grupo para grupo dentro de uma mesma sociedade e entre sociedades diferentes<sup>113</sup>.”

Deduz-se que o que os grupos manifestam podem se tornar práticas para o grupo como para a sociedade. A cultura pode compreender os bens materiais, como utensílios, moradias, bem como os não materiais: as crenças, os sistemas de valores ou seja, o conjunto de normas de uma sociedade. Pode-se dizer que um grupo que questiona essas normas, apresenta outros valores e saídas para os diversos problemas de uma sociedade, é um grupo que tem uma prática cultural.

“A produção cultural do homem é um documento vivo da história da humanidade. Desde a pré-história até nossos dias o homem faz cultura, manifestando, através dela, o seu conhecimento e a sua visão de mundo(...) A cultura não é sempre a mesma. Apresenta formas e características diferentes no espaço e no tempo<sup>114</sup>.”

Isso explica por exemplo algumas dificuldades que a pastoral geral encontrava quando falava a mesma linguagem para os jovens do campo e da cidade. Embora nos nossos encontros procurássemos fazer a relação campo -

---

superadas. Pelo contrário.

<sup>112</sup> Coelho, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. pp.103-104

<sup>113</sup> Brandão, Antônio Carlos e Duarte, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais da Juventude*. Editora Moderna. São Paulo.1994.p.9

cidade, muitas vezes esbarrávamos com os ritmos diferentes dos jovens que viviam no centro e dos jovens que viviam no interior de nosso município. Por isso mesmo, algumas canções com “cara” sertaneja se encaixavam melhor no interior. Por outro lado, por força da mídia que tem a capacidade de ridicularizar o campo e ao mesmo tempo tornar sublime uma canção sertaneja, tínhamos que saber sempre lidar com esse jogo duplo e dúbio.

Poderíamos também discutir cultura sob o ponto de vista da oposição entre cultura erudita e cultura popular. A primeira estaria ligada à burguesia que desde a sua origem se preocupou com a transmissão do conhecimento a seus pares através das universidades, academias.

Essa cultura ‘erudita’ ou ‘superior’, também designada cultura ‘da elite’, foi se distanciando da cultura da maioria da população, pois era feita pela e para a burguesia. A cultura ‘popular’, por sua vez, mais próxima do senso comum, mais identificada com ele, é produzida e consumida pela própria população, sem necessitar de técnicas racionalizadas e científicas. É uma cultura em geral transmitida oralmente, registrando as tradições e os costumes de um determinado grupo social. Da mesma forma que a cultura erudita, a cultura popular alcança formas artísticas expressivas e significativas<sup>114</sup>.”

Em relação a essa visão de Brandão e Duarte concordo que a cultura da elite se distanciou da cultura popular. Quem sabe poderíamos dizer que a elite se apropria da cultura e a afasta do povo, começa a dizer o que é e o que não é cultura. Mas discordo quando os autores dizem que a cultura popular está mais próxima do senso comum, não necessitando de técnicas racionalizadas e científicas. Se é verdade que a elite dita o que é a cultura, o fato de a cultura popular estar ‘mais próxima do povo’ não significa que seja menos complexa. Entendo que seja preciso sistematizar o conhecimento popular e democratizar o conhecimento científico para a realização desse casamento.

Para o Grupo dos Quarenta era preciso sempre levar em conta o que nosso grupo pensava e acreditava, mas sobretudo o que os grupos com os quais tínhamos contato pensavam e acreditavam. A canção não chegava pronta para ‘resolver’ questões. Era preciso levar em conta o meio, a cultura local, a cultura urbana ou rural, a cultura alemã ou italiana. O jeito de cada grupo. Por isso, a

---

<sup>114</sup> Idem.p.9

canção chegava como uma proposta, uma idéia inicial. A partir dela aprofundávamos juntos o tipo de sociedade que queríamos. Propunha-se um diálogo. A canção tinha um objetivo, mas este não era fechado, nem imposto. Cultura é o mundo que cerca a pessoa: seus valores, suas crenças. Não levar isso em conta é desrespeitar a história das pessoas, dos grupos. Para estabelecer e manter nossa relação com os grupos era preciso compreender esse mundo.

Além dessa cultura de cada comunidade, era preciso levar em conta a cultura jovem. Para compreender esse conceito, devemos lembrar o contexto de seu surgimento. Nos Estados Unidos, após a Segunda guerra mundial a população jovem aumentou muito. Apesar do progresso a população norte americana permaneceu com valores morais arcaicos e preconceituosos. Isso criou uma insatisfação na juventude, principalmente da classe média.

”É dentro desse contexto que surge uma cultura própria da juventude, reflexo de suas tendências comportamentais de revolta, expressa principalmente pela música, de forma individualizada ou em pequenos grupos. A partir daí começa a se configurar a formação de um mercado consumidor basicamente por jovens de diferentes classes sociais”<sup>116</sup>

Mesmo estando fora dos padrões preconizados, essa cultura jovem foi assimilada e exportada para o mundo inteiro. Apesar da comercialização, a partir dos anos 60 a juventude passou a criticar a sociedade moderna,

não só negando os seus valores, mas tentando criar e vivenciar um estilo de vida alternativo e coletivo, contra o consumismo, a industrialização indiscriminada, o preconceito racial, as guerras, etc. Com isso, essa juventude mais crítica e politizada nega a cultura vigente, até então sustentada e manipulada em sua maior parte pela indústria cultural. Essa reação jovem é conhecida como “contracultura”, simbolizada principalmente pelos hippies, mas que para alguns voltaria a se repetir de maneira diferente com os punks no final dos anos 70.<sup>117</sup>

No dizer de Júlia F. Alves, esse movimento pouco disse à juventude brasileira politicamente consciente e contestadora.

---

<sup>115</sup> Ibidem.p.10

<sup>116</sup> Ibidem.p.10

<sup>117</sup> Ibidem p.12

Mas como vimos há reação. A juventude diz não ao não em 1969, com “É proibido proibir” de Caetano Veloso:

“A mão da virgem diz que não e o anúncio da televisão e estava escrito no portão e o maestro ergueu o dedo e além da porta há o porteiro, sim, eu digo não ao não e eu digo é proibido proibir.”

A juventude em 60 quer transformar o mundo. Há um movimento contracultural. Caetano canta:” É que narciso acha feio o que não é espelho e à mente apavora o que ainda não mesmo velho. Nada do que não era antes quando não somos mutantes”. Esse movimento ridicularizava a sociedade de consumo. Vieram os hippies. Mas o sistema absorvia a antiarte. A música “Como nossos pais” de Belchior, deixa isso transparente: “Já faz tempo, eu vi você na rua. Cabelo ao vento, gente jovem reunida. Na parede da memória, esta lembrança é quadro que mais dói.”

Poderíamos analisar cada ano, cada década da história brasileira recente através das canções. Mas apenas damos alguns exemplos para mostrar o contexto em que nossas canções também influenciavam pessoas, grupos e eram uma expressão de nossa luta, pensamentos e apelos para buscar gente que acreditasse e quisesse transformar as coisas junto conosco.

Observo também que as canções que compus refletem o que eu pensava na época e como meu pensamento foi avançando. Escrevi a canção Grito<sup>118</sup> na década de 70, enquanto estava no seminário. Percebo que a letra mostrava uma sensibilidade para a questão social, mas era algo ainda tímido:

Nossa vida de favela  
Não é boa, não

---

<sup>118</sup> Canto nº52 – anexo – Grito foi escrito na década de 70 quando estudava na 3ª série do 1º grau no Seminário de Azambuja e cantada somente no Festival da Musica Estudantil Brusquense – Femusest - no início da década de 80, tirando o 1º lugar. Foram 3 prêmios: melhor música, melhor interpretação e prêmio criatividade.

Vivemos procurando  
 Alguém que ame a gente  
 Mas todos ficam descontentes  
 Com a condição da gente

Vivemos sujos em lama  
 Lama que botaram na gente  
 E todos ficam descontentes  
 Com a sujeira da gente

Eu procuro na cachaça  
 Esquecer a maldição  
 Que botaram nessa terra  
 Onde mais pareço cão

Vivo, mas não tenho vida  
 Minha fuga é prostituição  
 Cada vez enterro mais a cara  
 Numa vida sem direção

Nos domingos futebol: gol  
 Lá se vai o meu pão  
 Pago entrada, volto sem dinheiro  
 Isso não é vida, não

Minha família destruída: Deus?  
 Eu não sei se existe, não  
 Dizem que o mal não vem Dele  
 Talvez Ele exista e tenha coração

A letra de outra canção própria, Pecado Social <sup>119</sup> mostra também a falta de amadurecimento político. Era uma denúncia, mas ainda faltava, como também estava ausente da canção “Grito”, a perspectiva política de saída para os problemas sociais. Mas nessa época já andávamos ensaiando a possibilidade de formar um grupo para discutir a Pastoral da Juventude e as questões sociais. Era a semente do Grupo dos Quarenta. Pecado Social avançava um pouco, mas dizia que a solução era “mudar o coração”. Tínhamos aquela visão próxima da dos grupos espiritualistas. Na época a visão política também era “romântica”: “é urgente um trabalho sério: situação e oposição”. Pecado Social denunciava:

Sociedade de consumo

---

<sup>119</sup> Canto nº53 – anexo – “Pecado social” foi cantada no ano seguinte, tirando também o 1º lugar no 2º Femusest. Para o público foi a 2ª colocada, já que os jurados resolveram não repetir a premiação para o mesmo compositor do ano anterior.

Os grandes podem  
Os pequenos se sacodem

Vou à loja alguma coisa prá comprar  
Balconista me convence a levar  
Vou prá casa e o que eu precisava  
Acabei deixando lá

Em minha mesa tem comida prá esnobar  
O que resta o lixo vai ganhar  
Mando embora um pobre da minha porta  
Vagabundo! vai trabalhar!

Quem grita por justiça é comunista  
Mas nem sempre há justiça, não  
Quem rouba um pouco vai preso  
Terra e outras verbas, quem rouba não vai não

Crianças e jovens com vidas destruídas  
Gente grande com droga ganha um montão  
Dizem que há investigação muito severa  
Só se descobre quando tomba um caminhão

Vou ao médico, muitas vezes, precaução  
Certos doutores me consultam: um listão  
Passado algum tempo lá eu volto  
Com doença que não tinha antes, não

Somas gastas em sofisticação  
Hospitais cheios de contradição  
Numa sala: bebês de proveta  
Noutra sala se aborta sem paixão

Nas escolas gente sem opinião  
Consciência crítica sepulta a formação  
Falsos valores que se vão com o vento  
Pregam os meios de comunicação

Meu cachorro tem uma vida mansa  
Mas me custa adotar uma criança  
E o velho é abandonado  
Não dá mais lucro ao Estado

Grande tira e depois faz caridade  
E o pequeno diz: que homem bom  
Ele oprime e o pequeno não percebe  
Que foi ele quem pagou a boa ação

Tanta terra, tanta gente sem morada  
Tanta terra, tanta desnutrição  
Dinheiro gasto em projetos grandiosos  
Mas tem gente que quer casa e pão

Continuam os velhos “chavões”  
E as promessas já não enganam mais, não  
É urgente um trabalho sério  
Situação e oposição

Desemprego, desamparo, inflação  
 Uma nação culpa a outra nação  
 Egoísmo é um mal universal  
 O que é preciso é mudar o coração

Em outra canção de minha autoria, S.O.S<sup>120</sup> música composta no início da década de 80 um pouco depois da canção “Pecado Social”, me parece que ela já mostra um pouco mais de amadurecimento político. Ela retrata a idéia do que ainda se vivia na época: construção de um país grande: grandes projetos, grandes realizações e para tanto se justificava grandes estragos à natureza, a idéia desenvolvimentista vinha da década de 50. Essa canção questiona a idéia de que vale tudo para o tal crescimento do país. Causava-me revolta, por exemplo, a destruição das Sete Quedas, quando se sabia que havia outras possibilidade de construir usinas menores, com menor custo, e com os mesmos resultados ou até resultados melhores.

Havia uma cachoeira  
 E águas entre pedras a dançar  
 Acabou-se a música  
 Itaipú veio desafinar  
 Acabou-se a música  
 Itaipú veio desafinar

Voa passarinho  
 Enquanto podes voar  
 Canta tua canção  
 Enquanto podes cantar  
 Estrela vai mais pro alto  
 Pro homem não te alcançar  
 Peixe prá te salvar  
 Procura a profundidade do mar  
 Natureza vem gente já te matar

Lá vem vindo uma máquina  
 Na certa algum estrago fará  
 Aparece praça de concreto  
 E político prá discursar  
 Aparece praça de concreto  
 E político prá discursar

Árvore, terra, sombra e água  
 Orvalho, flor, perfume e ar  
 Isso não é só nosso  
 Outros olhos querem admirar  
 Geração futura

---

<sup>120</sup> Canto nº54 – anexo – Cantei no 2º Femusest e ela não emplacou. Os jurados escolheram uma outra: Pecado Social. Pessoalmente achava essa melhor.

Quer viver e desfrutar  
Oxalá a experiência

Faça o homem pensar e mudar

A poesia *Esses senhores do nosso Brasil varonil* que escrevi no ano 2001, mostra outro modo de ver as coisas. Embora não aponte especificamente uma saída política, já que não era esse o objetivo, mostra um modo bem diferente de ver a sociedade:

Esses senhores  
Senhores do dinheiro  
Senhores dos mais altos postos  
Ah! que se dizem defensores do povo  
Que falam da importância do progresso  
Esses senhores que se escondem em gabinetes  
Quando saem, aparecem os planos que não discutem com ninguém  
Mas dizem que são para o bem do povo  
Esses senhores  
Que não discutem, não aprofundam e tem pavor do debate  
Esses senhores que falam tanto em democracia  
Sim! Esses senhores é que se arrotam no direito de nos governar  
Esses senhores são governantes  
Quando não são, namoram os governantes para juntos governar a todos  
Governar segundo seus interesses  
Esses senhores que tem dinheiro  
Veiculam e pagam as notícias que lhe interessam  
Esses senhores arrumam presentinhos, empregos para os que comungam seus projetos  
Esses senhores que com as migalhas que sobram dizem ajudar os pobres  
Pobres senhores que não fariam nenhuma falta  
Pobres senhores que sem o dinheiro seriam senhores pobres  
Pobres em todos os sentidos  
Esses senhores governam indecorosamente  
Na calada da noite fazem festa para planejar e comemorar golpes  
Podres senhores que riem, que fazem pouco caso dos outros  
Cairão todos: um por um!  
Ah! se o mundo fosse governado por outros senhores

Cada um de nós tem um modo de ver o mundo. O Grupo dos Quarenta tinha o seu. Temos um modo de ver o mundo mas recebemos também os valores do mundo que nos cerca. Certeau fala no seu livro “ *A invenção do Cotidiano*”, que há muitos trabalhos para estudar as representações e os comportamentos de uma sociedade.

A análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural ‘*fabrica*’ durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no

supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui. (...) ...porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos ‘consumidores’ um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizadora, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.<sup>121</sup>

Adiante Certeau desenvolve esse tema ao falar do equívoco dos espanhóis em relação aos indígenas:

submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esse indígenas *faziam* das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas se subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. Elas eram outros, mesmo no seio da colonização que os ‘assimilava’ exteriormente; seu modo de usar a ordem dominante exercia o seu poder, que não tinham meios para recusar; a esse poder escapavam sem deixá-lo. A força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de ‘consumo’. Em grau menor, um equívoco semelhante se insinua em nossa sociedades com o uso que os meios ‘populares’ fazem das culturas difundidas e impostas pelas ‘elites’ produtoras de linguagem.<sup>122</sup>

Entendo que o mesmo ocorria com os negros em relação aos santos da igreja católica. Também entendo que nosso Grupo fazia algo semelhante quando nos encontros substituía o pão e o vinho por outros elementos que diziam mais em determinadas circunstâncias, como por exemplo: a farinha nos encontros no engenho, a pipoca e o quentão nos encontros de inverno, o alimento de um almoço ou jantar num encontro de jovens.

Certeau fala em uma arte de fazer. Os grupos vão descobrindo formas diferentes de fazer as coisas, de propor valores e práticas. Os grupos têm uma prática. Em nosso caso, mesmo das canções ditas mais “espirituais” era possível tirar uma mensagem. Os grupos vão caminhando na margem e construindo outro jeito de ver, de ser e concretizar a sociedade, a partir de valores e mecanismos propostos pela elite. Faz-se um uso diferente daquilo que é proposto. Compreendo que isso também ocorreu conosco. O Grupo dos Quarenta estava inserido na comunidade brusquense com sua cultura, que por sua vez recebia influência do

---

<sup>121</sup> Certeau, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Editora Vozes. 2. ed.p.39

capitalismo e da igreja conservadora, mas era a partir daí que crescia nas margens para oferecer outros valores, outra estrutura. Para o grupo, solidariedade, por exemplo, não era apenas dar o agasalho. Era muito mais. Era impedir que o frio chegasse sem que a pessoa tivesse como se defender. Fraternidade não era dar o pão, mas organizar a sociedade de forma tal que todos pudessem tê-lo. Mas para isso era preciso ocupar os espaços nas fábricas, era preciso cuidar para que a luta por melhores salários não terminasse aí. Era preciso que não houvesse um patrão que ficasse com o suor do operário. Era preciso construir outra lógica.

Nosso Grupo buscou construir outra lógica através de uma prática, de uma vivência. Não éramos presunçosos. Sabíamos que não estávamos sozinhos. Mas sabíamos também que não era tarefa fácil. Tínhamos claro a importância da participação política para alicerçar a sociedade sob outra estrutura.

Procurávamos escapar constantemente das garras das estruturas feitas, acabadas. Fugíamos dos fatalismos: “sempre foi assim”. Fatalismos que apenas reforçavam as elites dominantes.

Queríamos estimular outras práticas que apontassem para a experiência concreta de uma sociedade verdadeiramente democrática, livre, onde cada ser humano fosse tratado não pelo “status” ou pelos valores passageiros, mas que simplesmente fosse reconhecido como tal.

Lendo Certeau, me fiz muitas muitas indagações. Na minha militância sempre me perguntava: a quem estamos reforçando? O caminho é esse?

Certeau afirma que “a política não garante a felicidade nem confere significado às coisas. Ela cria ou recusa condições de possibilidades. Ela proíbe ou permite: torna possível ou impossível<sup>123</sup>”. “Essa foi verdadeiramente a aspiração que moveu Michel de Certeau durante sua vida: inventar o possível, ocupar um espaço

---

<sup>122</sup> Idem p. 39-40

<sup>123</sup> Luce Giard no prefácio de A cultura no plural de Michel de Certeau. p.13

de movimentação onde possa surgir uma liberdade. A história nos ensina que o recurso mais difícil de ser posto em ação é a força para começar.<sup>124</sup>

Na Pastoral da Juventude tínhamos algo que era importante: não tínhamos medo de experimentar e de tirar proveito das experiências. Mesmo nos movimentos ditos espiritualistas buscávamos encontrar o que poderia permanecer na nossa outra proposta. Além disso, esses elementos eram uma ponte para que pudéssemos apresentar nosso projeto. Particularmente eu sempre repetia: nosso projeto tem que também passar pelo afetivo, pelo coração. Se negarmos esse caminho, o projeto morre. A diferença em relação aos grupos espiritualistas é que nosso projeto era também para o coração e não somente para o coração.

Mesmo quando negamos o movimento de “encontrismo”, não tivemos medo de experimentar. Não sabíamos direito o que queríamos, mas sabíamos o que não queríamos. Experimentamos o movimento Mariápolis<sup>125</sup> e outros. Mas nunca nos jogávamos de cabeça em algo que não fosse bem discutido. Nunca paramos. Sempre tínhamos força para começar.

Esse pensamento sobre a força para começar me intrigou. Deu-me respostas e suscitou dúvidas. De um lado: nossa criatividade, buscas, canções apontavam para saídas, liberdades, desamarragens de conceitos. Por outro lado, ficava sempre a pergunta: estão nos entendendo? Essa verdade dura sempre nos era colocada: como começar? Parece-me que a canção sempre foi um bom recurso! Sim, ela abria as portas!

Nosso grupo atuava segundo algumas referências: “sociedade nova”, “terra do leite e mel”, “partilha”.

Certeau nos ajuda:

---

<sup>124</sup> Luce Giard no prefácio de A cultura no plural de Michel de Certeau. p.13

<sup>125</sup> Movimento da Itália fundado por Chiara Lubich

O desígnio que um grupo elabora traduz-se imediatamente pôr uma constelação de referências. Elas podem existir apenas para ele, não ser reconhecidas exteriormente. Nem por isso são menos reais e indispensáveis para que haja comunicação. No coração das montanhas bolivianas (o *Jornal d'un guerrillero* contou-nos há pouco tempo) assim como nos subúrbios das nossas cidades ou nas assembléias de estudantes, novos recursos se delineiam; emergem crenças que tornam *possível* uma elaboração comum. Uma linguagem, uma vez falada – à condição de ser suportável – implica pontos de referência, fontes, uma história, uma iconografia, em suma uma articulação de “autoridades”. O gesto que desmistifica poderes e ideologias cria heróis, profetas e mitos. Contradição? De modo algum. A toda vontade construtiva ( e todos os grupos a pressupõem), são necessários sinais de reconhecimento e acordos tácitos acerca das condições de possibilidades para que lhe seja aberto um espaço onde se desenvolva. Os pontos de referência organizam iniciativas. Um mapa permite viagens. Representações *aceitas* inauguram uma nova credibilidade, ao mesmo tempo que a exprimem. Essas credibilidades nascentes atestam o que há de mais frágil, de mais móvel também, porém de mais fundamental na vida social. Elas expressam invenções. Mas, muitas vezes, essas inaugurações, novidades que se agitam na espessura da história humana, orientam-se apenas para aquilo que se torna crível e aquilo que deixa de os ser. Assim, fala com discrição, a linguagem popular. O essencial, ela não o diz diretamente, mas por meio daquilo que ela não nega ou daquilo que ela “aceita”. Expressa suas discordâncias somente ao dispor de modo diferente o que a autoridade faz, de modo a manifestar aquilo “sem o qual” não se pode mais viver. A convicção mostra-se apenas ao separar o que respeita e o que não respeita mais; exprime-se pela mudança discreta dos mapas oficiais e pelas representações que ele *não renega*; antes, como diz a gíria, “você não me manja mais” do que “amo você”<sup>126</sup>.

Vivíamos sempre um conflito. Queríamos outra sociedade e vivíamos nessa. Queríamos outros valores e esbarrávamos naqueles que eram colocados ao nosso redor. Mas também conversávamos que seria desse jeito mesmo. A construção de outra sociedade seria conflitiva para nós mesmos. Não era possível jogar tudo fora porque também na nossa estrutura interna trazíamos valores que negávamos. Por exemplo: Não queríamos exploração mas muitos trabalhávamos em lugares que exploravam. Éramos contra o machismo, mas fomos educados numa sociedade machista. Por aí afora iam nossas conversas, nossos dilemas, e tínhamos clareza de que incorporar novos valores implicava ao mesmo tempo não jogar tudo fora. Até porque alguns valores continuariam valendo. Mesmo na contradição da sociedade capitalista, há, pelo menos por parte de muitos grupos, solidariedade, preocupação com os outros. O nosso desafio era que as pessoas soubessem que essa solidariedade não poderia esconder as causas da miséria, da violência.

Acreditávamos numa revolução.

Um pouco mais de Certeau:

---

<sup>126</sup> A cultura no plural de Michel de Certeau. p.34-35

Manuel, camponês vagabundo das favelas do México, já indicava uma revolução cultural, quando, crendo-se um patife, dificilmente ousava ( não é “ridículo”?, dizia ele) sonhar em “encontrar palavras adequadas” para “cantar a poesia da vida” e “expressar as paixões mais grosseiras da maneira mais bela”. As palavras podiam mudar tudo, como uma janela em um aposento fechado; podiam lhe *permitir* “ganhar a batalha contra si próprio e *autorizar* um outro tipo de comércio com os outros”. “As pessoas que sabem escrever essas coisas tornam o mundo mais habitável”<sup>127</sup>. Algumas palavras poéticas e *talvez* o mundo vivido comece a se transformar: criam-se aberturas. Quem, de posse de si mesmo, não experimentou o eu abrem essas autoridades? Para Manuel, um espaço novo (um “mundo habitável”) seria constituído dessas “palavras” *poéticas* articuladas daquilo que tornam crível, ao fazer o impossível passar a possível, verdadeiras autoridades. A vida cotidiana, assim como a política ou a filosofia, conhece essas autoridades que abrem novos campos ao pensamento e à existência coletiva<sup>128</sup>.

Que alento! A história de Manuel faz lembrar muito minha história e a de muitos companheiros. Numa noite, fiz 50 Km de moto com 2 guitarras e um violão nas costas para animar um “Encontro Nacional da Juventude” na cidade de Tijucas-SC. Além dessa carga, folhas de canto, livros, cartazes. Houve muitos questionamentos de muita gente: Era preciso fazer, mas pensando bem, seria carga demais para um carro pequeno, e mais ainda para uma moto. O final da história foi interessante: nenhuma guitarra funcionou, nem o violão. Fui salvo por um violão que andava no meio dos jovens. Um violão bem pequeno e elétrico! Com ele foi feita a animação para uns 4 mil jovens. Em nenhum momento se deixou de acreditar na solução.

Manuel lembra outras histórias: Sandália, chinelo de dedo, bolsa a tiracolo, roupas simples marcaram nossa juventude. Era algo inconcebível numa cidade prosa, de aparências. De novo, a canção de uma certa forma fazia as pessoas nos ouvirem. Era, a meu ver, essa mescla de jeito de ser, mais a fala e mais a canção que tornavam possível a convivência entre conflito e aceitação.

E Certeau conta outras histórias que ajudam a conhecer minha história, a história do grupo, a história de tantos:

Ademais não são os nomes comuns que se tornam, literalmente, poéticos, são nomes próprios, de viventes. Assim, há pouco, uma velha operária enferma, nossa vizinha em Paris, fazia com que um amigo a levasse ao Peré-Lachaise, aos túmulos de Edith Piaf e

<sup>127</sup> Oscar Lewis, *Les enfants de Sanchez*, Gallimard, 1963, p.6427 ss

<sup>128</sup> A cultura no plural de Michel de Certeau. p.36

de Maurice Thorez. “Veja querido, Édith Piaf me fez mudar o modo de pensar. E quanto a Thorez, ele lutou por mim.”<sup>129</sup> Essas autoridades *aceitas* revelam algo inteiramente diferente da passividade popular, na qual os poderes autoritários se baseiam para sua propaganda e para suas justificativas enganadoras. Um tal “reconhecimento” atesta uma convicção e sua modéstia; ele constitui também um julgamento. Uma silenciosa convivência habita a espessura de uma experiência que um enuncia e outros declaram verdadeira<sup>130</sup>.

Nunca esqueço o depoimento de uma professora numa escola onde eu lecionava. Ela dizia:

” Meu Deus como eu era fechada, Valmir. Como demorou a gente te entender. Tu querias que a gente ouvisse os alunos. Como era difícil entender. Hoje eu mudei graças a ti. Me lembro também das músicas que cantavas. Elas eram diferentes”.

Sempre que alguém lembra de alguma coisa, lembra ao mesmo tempo das canções. Outro depoimento de um operário, 35 anos, do Salto, localidade próxima à Ribeirão do Mafra, participante dos encontros de juventude no engenho:

O que mais me tocou foi receber uma serenata na madrugada. Lembro de uma reunião onde Valmir falou de política. Dizer a verdade é bonito. Deveria ser tudo assim. Meu pai dizia que o Valmir sempre estava no terminal falando, tocando, defendendo os operários. A juventude aprendeu a tocar, cantar, depois que ele apareceu por aqui. Não só na nossa comunidade, mas nas comunidades vizinhas. Precisaria mais gente fazendo esse trabalho. Hoje as crianças continuam tocando violão na igreja. É a continuação.<sup>131</sup>

As pessoas se unem em torno de convicções, crença. Questionávamos as crenças, as convicções. A adesão às formulações, aos dogmas, às regras da igreja:

Toda autoridade repousa sobre uma adesão. Proudhon até mesmo diz que ela constitui “questão de fé” e que se fundamenta em uma “crença”<sup>132</sup>. Somente um acordo espiritual, enfim, confere legitimidade ao exercício de um poder: é uma convicção (que consiste em um *controle*) proporcionada a uma representação (da qual constitui uma consequência). Essa coordenação cria um lugar sem dono e constituído de uma troca ou uma partilha; ele “garante” a comunicação por meio de uma parcimoniosa e necessária credibilidade. Talvez, tudo somado, a linguagem seja apenas um espaço, ainda neutro, mas desde já aberto, de uma comunicabilidade. De qualquer forma, as condições de possibilidade de

<sup>129</sup> Cf. Pierre Antoine, “Les surprises du moraliste”, em le *concours* médical, t. 88, n.43, outubro de 1966, p.6427 ss.

<sup>130</sup> A cultura no plural de Michel de Certeau. p. 36-37

<sup>131</sup> Ludvig, Valmir Coelho.op.cit.p.86-87. Depoimento de Aldírio Testoni – Operário – Salto Alto)

<sup>132</sup> P. J. Proudhon, *Les confessions d'un révolutionnaire*, Rivière, 1929, p.57.

uma semelhante troca devem sempre ser revistas ou comprovadas, por uma espécie de revolução cultural que nem sempre possui formas espetaculares, mas que acarreta (caso, por cegueira, a recusemos) obstinações, por parte das autoridades estabelecidas, e emigrações, do lado no qual se operam deslocamentos lentos e bruscos. Com efeito, toda declaração geral, de certo modo, é não apenas discutível, mas também, sob certos aspectos, equivocada que é somente e risível, uma vez que ela afirma positivamente aquilo que é somente uma regra negativa, nunca percebida diretamente, uma condição de possibilidade constantemente *perdida* de vista, seja porque, “evidente”, desapareça nos subtendidos da comunicação, seja porque, ausente, tenha a imagem da abstração e da utopia. Mas será possível captar o essencial de outra maneira senão mediante o que é ridículo *dizer* e como aquilo *sem o que* nada seria dito? A vida social e o papel que nela exercem as autoridades remetem-nos, deste modo, àquilo que as torna possíveis.

Seria interessante aprofundar aqui o que o grupo pensava de autoridade e de poder. Seria um trabalho para outra pesquisa. O que podemos dizer aqui é que esses conceitos sempre eram entendidos como fruto de uma discussão partilhada de um grupo. Sempre representavam o pensamento de um grupo sem se impor nem a ele, nem a outro grupo. A idéia forte era de discussão, debate, partilha. Fora isso era autoritarismo, considerávamos.

O Grupo dos Quarenta tinha sonhos, imaginava outra sociedade. Era uma sociedade que se buscava viver no grupo e se projetar para fora. Entendíamos, não de forma romântica, mas que deveríamos na prática experimentar um pouco daquilo que queríamos para todos. Refletíamos também sobre se era isso que todos queriam. Não queríamos que nossos sonhos fossem uma alienação. Mas o que praticávamos no grupo era o que nos parecia estar ausente na sociedade:

Quando Certeau fala da ficção oferecida ao olhar afirma que “a ficção está em toda parte”<sup>133</sup>, por exemplo, nas revistas eróticas. Ele fala de sexualidade-ficção:

O empregado ou o colarinho-branco que compra uma dessas revistas, ao tomar à noite seu trem de subúrbio nelas procura uma iniciação? Não, ele não pede à sua revista uma lição prática. Ao contrário, ele a lê precisamente *porque* não o fará. É a sexualidade ficção. O leitor encontra nas imagens e nas “legendas” uma história daquilo que “não se faz”, uma história ausente. De onde uma primeira constatação: aquele que entra nessa linguagem é aquele que sai da vida cotidiana e que a existência não mais proporciona, seja pelo cansaço, seja porque não se ousa mais pensar numa mudança do possível. Por isso deve-se contentar em sonhar com ele. Ou em vê-lo, à falta de fazê-lo. Como dizia uma propaganda de um canal de televisão: “Seja esportivo – em sua poltrona.

---

<sup>133</sup> A cultura no plural de Michel de Certeau. p.42

É-se espectador renunciando a ser ator. Certeau continua dizendo que

as aventuras amorosas, os deslumbramentos dos drogados, as proezas dos esportistas ou os programas de renovação social depositam-se na literatura imaginativa e oferecem, com os espetáculos um alibi para a ação. Veja-se as *Crônicas de Bustos Domecq*, de Borges, e seu capítulo “Esse est percipi”- “Existir é ser visto”. Nada mais restaria da realidade senão sua imagem? Sim, quando se exila da existência o ato que a estabelece.

Do mesmo modo, na medida em que os objetos que povoam o imaginário fixam a topografia daquilo que não mais se faz, podemos nos perguntar se, reciprocamente, aquilo que *mais vemos* não define hoje aquilo que *mais falta*. (p.43)

Isso nos convida a levar a sério os temas dessa literatura. Por exemplo, o que contam, pois, essas revistas ou as fotonovelas que constituem sua base? Por meio das beatitudes sentimentais, os êxtases do amor ou as relações físicas, elas falam de comunicação. Mas uma comunicação bem-sucedida que supera os obstáculos e os conflitos, precisamente aquilo que não se encontra na vida. É um país de mentira. Ele substitui os paraísos de crenças que se tornaram não críveis para a maioria e que abrem um futuro de comunhão entre santos. Ele desloca as esperanças – tornadas elas próprias não críveis - , que anunciavam, com os amanhãs gloriosos, uma sociedade sem classes. Uma continuidade e pontes entre “utopias” indicam o vestígio de uma função do imaginário e uma remanescência dos paraísos. De qualquer forma, a figura presente do imaginário narra no positivo, uma ausência. Ela atesta aquilo que, já há 15 anos. Riesman chamava de *La foule solitaire*, nome dado por ele à enfermidade da qual sofrem as sociedades modernas ocidentais.

Certeau aprofunda a questão das imagens. Diz ainda:

“As mitologias revelam aquilo em que não se ousa mais acreditar e que por isso se busca “em imagem”, e muitas vezes aquilo que somente a *ficção* oferece. Elas enganam simultaneamente a fome e a ação(...) Os belos programas de uma “nova sociedade” substituem habilmente a ação que mudaria nossa sociedade pela miragem dos discursos.”

Entrevistei 7 membros do Grupo dos Quarenta sobre que imagens lembram hoje que lhes tenham vindo à mente quando cantavam canções naquele contexto? Pedi que as descrevessem:

“Dependendo das letras, eu via como em TV as imagens passando, como por exemplo quando se cantava algo que se referia ao sofrimento e luta do povo de Deus para ter mais dignidade, respeito e vida.” (N. P.)

“Não são tanto imagens e sim sentimentos que me vêm. Mas imagens também. A primeira canção imagino um dia ensolarado numa região rural. Na segunda canção imagino igualdade e irmãos juntos.”(D. C.)

“Fazia a imagem de cenas tristes e doídas, mas ao mesmo tempo imaginava que era possível mudar o cenário. Havia mais entusiasmo e vontade de se fazer algo em prol de uma ‘nova sociedade.’”(M. I.)

“Dos sem terra conquistando a terra.  
De conquistar um espaço na sociedade.”(E. H. P.)

“Sempre que cantávamos sentia-me mais fortalecida, com ânimo, alegria. Era muito importante para o nosso grupo e o canto era também o momento de estarmos orando... Nos momentos do canto, acredito que o grupão ficava mais forte, com uma vitalidade maior.”(E. M. B. E.)

“Lembro de mudança”.(E. P.)

“A identidade da luta da América Latina, o sentido de não estar só nesta luta. A certeza de que ela teria êxito”.(J. N. S.)

Quando cantávamos, imaginávamos uma realidade diferente do que vivíamos. Mas não queríamos que essa realidade estivesse fora de nós. Não queríamos que fosse uma ficção. Essa realidade a queríamos realizável e realizada no grupo e queríamos que fosse para a sociedade. Analiso que a diferença desse grupo é que as imagens, os sonhos eram vividos internamente: companheirismo, solidariedade, partilha.

Nosso questionamento até hoje continua. Como viver esses momentos de êxtase, de alegria sem que eles sejam uma fuga incoseqüente? Por outro lado como não criá-los se eles é que dão alívio e força para concretizar os sonhos?

Entendíamos como um movimento dialético.

Certeau afirma ainda que “ não existe em algum lugar um posto de observação que de onde se poderia abarcar o presente e o futuro de uma sociedade”<sup>134</sup>. Entendo que não sabíamos com toda a clareza onde ia chegar uma sociedade onde plantávamos outros valores. Mas tínhamos certeza daquilo que não queríamos: capitalismo, miséria, autoritarismo, concentração de poder e riqueza.

Certeau fala também do limite imposto pelo progresso que provoca a poluição, a droga a deteriorização do meio ambiente, etc... Passam a não existir mais critérios. É um sistema de “homens que querem ter algo” e cada vez menos “querem ser alguém”<sup>135</sup>. Batíamos de frente com a idéia verdadeira que era a de que não adianta só o ter, tão pregada pela igreja, mas que servia mais para justificar a pobreza do que questionar os ricos.

Mais que um conjunto de valores ou idéias que devem ser defendidas, Certeau afirma que “a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social.”<sup>136</sup>

Entendíamos sempre que devíamos estar em várias instâncias na sociedade para poder criar as condições de implantar a sociedade que queríamos. Ter o poder também não significava apenas estar no legislativo ou no executivo. Ter o poder significava ter força no maior número de instâncias de organização civil possíveis. Só assim seria possível pensar em fazer mudanças: “As indagações, as organizações e as ações ditas culturais representam ao mesmo tempo sintomas e respostas com relação a mudanças estruturais na sociedade.”<sup>137</sup>

Não é fácil designar o termo cultura. Pode designar: traços do homem culto, compreensão do mundo próprio a um meio, comportamentos, instituições,

---

<sup>134</sup> A cultura no plural de Michel de Certeau. p.191

<sup>135</sup> Idem p.192

<sup>136</sup> Ibidem p.192

<sup>137</sup> Ibidem p.193

ideologias e mitos que compõe quadros de referência que caracterizam uma sociedade como diferente das outras. Designam ainda aquisição, enquanto distinta do inato. Nesse sentido seria a criação, à ação, em uma dialética que a opõe a associa à natureza. Pode ser ainda um sistema de comunicação elaborados pelas teorias da linguagem verbal.

Falando em ação cultural:

“A ação cultural, expressão paralela à “ação sindical” ou à “ação política”, designa uma intervenção que liga os agentes a objetivos (ou “alvos”) determinados. É também um segmento operacional em que os meios de realização dizem respeito aos objetivos a serem definidos<sup>138</sup>.”

Entendemos nosso grupo como um agente cultural, em que cada membro do grupo e o próprio grupo tinham funções na sociedade brusquense, Certeaux nos ajuda: “Por agentes culturais, entenderemos aqueles que exercem uma das funções ou uma das posições definidas pelo campo cultural: criador, animador, crítico, promotor, consumidor etc.”<sup>139</sup> E esse grupo tinha um jeito, uma forma, uma política para fazer as coisas. Como vimos, cada membro recebia a missão de atuar num setor e tinha que avaliar junto com o Grupo dos Quarenta a sua atuação. Continuamos com Certeau:

“Qualifica-se de política cultural um conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações que visam à modificação de comportamentos, segundo princípios ou critérios explícitos.”

Para que tudo isso se realizasse era preciso um discurso comum, afinado:

---

<sup>138</sup> Ibidem p.195

<sup>139</sup> Ibidem p.195

“Por discurso cultural deve-se entender toda linguagem que trata dos problemas culturais, na medida em que haja uma relação entre sua forma e conteúdo<sup>140</sup>.”

Nosso grupo propunha outro estilo de vida:

A necessidade de criar novos estilos de vida não está somente ligada a atrasos da vida privada com relação à vida profissional, mas a uma tensão propriamente ocidental: a vida cotidiana atual contraria uma convicção coletiva que se tornou estrutural no Ocidente há quatro séculos, a saber, que deve haver uma conexão entre o trabalho produtivo e o desenvolvimento pessoal. Essa idéia parece estranha às sociedades antigas ou medievais (como a sociedade japonesa aparentemente), nas quais a manifestação pessoal está deliberadamente situada em um outro campo que não o do trabalho<sup>141</sup>.

O pensamento a seguir era uma constante no nosso meio. Cidade das aparências. O povo aplaude obras bonitas. A política que escondia a miséria. A velha história do “pão e circo?”

Uma vez que a capacidade de produzir é na realidade organizada segundo racionalidades ou poderes econômicos, as representações coletivas se folclorizam. As instâncias ideológicas metamorfoseiam-se em espetáculos. Excluem-se das festas tanto o risco como a criação (a aposta pelo menos mantém o risco). As fábulas para espectadores sentados proliferam nos espaços de lazer que tornaram possível e necessário um trabalho concentrado e “forçado”. Em compensação, as possibilidades de ação acumulam-se onde se concentram meios financeiros e competências técnicas. Sob esse aspecto, o crescimento do “cultural” é a indexação do movimento que transforma o “povo” em público<sup>142</sup>.

O que fazer? Adiantava lutar? Como fazer?

Será o fim da militância? À desmistificação das ideologias sobrevivem, contudo, militantes sem causa. Eles encontram-se muitas vezes nos lugares onde se constroem novos mitos: por exemplo, nas cidades novas, que se constituíram em lugares de exceção, em sinais de coerência reencontrada, em paraísos de uma verdade social. Dois tipos sociais cooperam, desse modo, para a construção desses pontos de referência simbólicos onde espetáculo e produção se conjugam: os militantes convertidos em agentes culturais, e os planejadores transformados em “promotores culturais.

Nosso grupo estaria no neutro cultural que fala Certeux?

É o sintoma da existência de um bolso para onde refluem os problemas com os quais uma sociedade está em dívida, sem saber como tratá-los. Ali estão guardados, isolados de seus laços estruturais com o surgimento de novos poderes e com os deslocamentos

---

<sup>140</sup> Ibidem p.195

<sup>141</sup> Ibidem. P.198

<sup>142</sup> Ibidem p.198

sobrevindos nos conflitos sociais ou nas determinações econômicas. Acaba-se, portanto, por imaginar que a cultura possua uma autonomia indiferenciada e<sup>143</sup> flexível. Ela se caracteriza como um não-lugar onde todos os investimentos são possíveis, onde pode circular “o que quer que seja”<sup>144</sup>.

Entendo que não fazíamos parte da neutralidade.

“A própria política dita cultural é muitas vezes vítima dessa neutralidade quando recorta uma “dimensão” cultural abstrata para tratá-la à parte. É uma “política” estranha, pois os problemas políticos aí foram apagados. Ela faz “como se” fosse possível esquivar-se de pagar o preço global de toda mudança em qualquer setor que seja”<sup>145</sup>.

No meu modo de ver também no espaço da igreja nascem contraculturas. Experiências que dizem não à forma de se organizar, a forma de ser:

Em si mesmas, as instituições obedecem a um duplo jogo: se sua fachada é a de organismos públicos, o poder que nelas reside pertence a grupos sociais que se estabelecem como proprietários da inovação e a trustes que monopolizam seus meios. Essa divisão interna tem como consequência o desenvolvimento marginal de contraculturas nas bordas de cada cultura (educação, imprensa, teatro etc.)<sup>146</sup>.

Essa situação mostra de um lado a existência de uma criatividade” e de outro uma situação de paralisação pela burocracia.

A expulsão das iniciativas para a marginalização atesta, enfim, um apagamento da diversidade. O que se perde desse modo, o que é eliminado publicamente é aquilo que sempre suscitou e fecundou até agora a vida cultural e biológica das sociedades humanas: as diferenças qualitativas. O conformismo triunfa com o desenvolvimento quantitativo em posse dos mesmo grupos. Seu sucesso camufla oposições internas; constrange o heterogêneo a ressurgir apenas sub-repticialmente. Parece carecer, portanto, de existência social<sup>147</sup>.

Nosso grupo não era um grande grupo, mas tinha uma abrangência interessante na cidade. Mas sem nenhuma dúvida estava à margem. Buscava conscientizar as pessoas de sua situação.

---

<sup>144</sup> Ibidem p.199

<sup>145</sup> Ibidem p.200

<sup>146</sup> Ibidem p.200

<sup>147</sup> Ibidem p.201

Cada um dos movimentos que tentaram responder por uma “conscientização” coletiva em situações semelhantes, como o de Paulo Freire no Brasil, defrontou-se com o mesmo problema. A partir do momento em que, pelo seu trabalho, uma ação começa a modificar o equilíbrio das forças, ela é interrompida pela repressão que organizam os poderes estabelecidos(...) Nas sociedades ditas desenvolvidas os conflitos são previstos e produzem-se os antídotos. As “Casas da “Cultura” foram exiladas para sucessos teatrais<sup>148</sup>.

Faziam o mesmo conosco? Será que na hora que aceitavam a Pastoral da Juventude, ou quando entrávamos nas equipes para coordena-las não estávamos indo “para o museu”? Não estaríamos nós perdendo força?

Cada cultura prolifera em suas margens. Produzem-se irrupções, que designamos como “criações” relativamente a estagnações. Bolhas saltando do pântano, milhares de sóis explodindo e se apagando na superfície da sociedade. No imaginário oficial, elas figuram como exceções ou marginalismos. Uma ideologia de proprietários isola o “autor”, o “criador” ou a obra. Na realidade, a criação é uma proliferação disseminada. Ela germina. Uma festa multiforme infiltra-se por toda a parte, festa também nas ruas e nas casas, para todos aqueles que não cega o modelo aristocrático e museográfico da produção *durável*<sup>149</sup>.

Poderia buscar várias definições e enfoques de cultura, mas penso importante dizer, depois de passar por vários conceitos o que entendo por cultura, fruto de minha experiência no Grupo dos Quarenta. Colado a esse conceito, também o que entendo sobre prática cultural.

Cultura seria tudo aquilo que fazia parte desse grupo: crenças, música, modo de vestir, de falar, de ser. Seria uma mistura de muitas coisas. De um lado, a formação que recebemos, européia, católica, fechada e ao mesmo tempo a vontade de libertação desses conceitos. A busca da democracia, envolta numa formação recebida: autoritária, de obediência cega, etc. É nesse emaranhado que vivíamos.

Veyne tem um conceito de prática que penso caber para o Grupo dos Quarenta:

A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que fazem as pessoas. Se a prática está, em certo sentido, ‘escondida’ e se podemos, provisoriamente, chamá-la de ‘parte oculta do iceberg’ é simplesmente porque ela

---

<sup>148</sup> Ibidem p.201

<sup>149</sup> Cf. as análises de Alfred Willener, *L'image-action de la société*, Seuil, 1970, e Paul Beaud e A. Willener, *Musique et vie quotidienne*, Mame, 1973.

partilha da sorte de quase a totalidade de nossos comportamentos e da história universal: temos freqüentemente consciência deles, mas não temos o conceito para eles<sup>150</sup>.”

Concordo com a compreensão que Maristela Fantim tem de prática:

Visualizo a prática como sendo então aquilo que as pessoas fazem e este fazer traz embutidos o como faz e o que faz indissociavelmente. Vai desde as práticas miúdas do cotidiano até práticas de maior abrangência e relevância ao coletivo e à sociedade como um todo.(...) ...onde as pessoas vivenciam fatos e os ressignificam no interior da própria prática, imprimindo mudanças na sua cultura e na sua consciência. Sendo assim, é a base da prática social corporificada em ações coletivas<sup>151</sup>.

Nosso Grupo experimentava no seu interior o que propunha para o coletivo: decisões tomadas a partir de discussões coletivas, pensar além do quintal da casa, compreender o mundo do outro, ajuda concreta aos que passavam por situação financeira que comprometia uma vida digna, prática da solidariedade. Era mastigado internamente aquilo que queria apresentar para a sociedade. Entendo que era um aperitivo do que se queria para o jantar. No jantar, deveriam estar todos que quisessem.

Visto prática sob essa ótica, prática cultural seria nossa forma de fazer as coisas. Nosso jeito de agir! Nossa postura! Cheia de contradições, com certeza. Nunca somos aquilo que queremos ser. Mas ao caminhar sempre vai ficando para trás aquilo que não queremos mais ser.

Esse era o movimento desse grupo, expresso sobremaneira nas letras das canções.

Acredito que não seja presunção pensar que a mudança para a nossa cidade passaria, como mais tarde passou, pelo Grupo dos Quarenta. Não que fôssemos melhor que ninguém, é que no grupo havia muita gente junta. Os outros militantes estavam tão espalhados pela cidade que se perdiam no “meio da multidão”.

---

<sup>150</sup> Veyne, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília. UnB. 1982. p. 157-158.

Além disso nosso grupo tinha uma prática cultural diversa das demais, na cidade. Tinha um jeito particular de fazer e propor. Os entrevistados falam disso. PE, um jovem integrante do Grupo dos Quarenta diz ao se referir ao uso das canções:

Cada vez que a gente mais se aprofundava, mais se reunia, mais estudava, mais aprendia, a gente cantava aquela música com mais prazer. E na hora que a gente cantava aquela música me fazia...cantava aquelas músicas fazia com que a gente refletisse aquele nosso estudo, aquele nosso aprendizado. Acho que daí.. gerava um prazer.(...) Não é que a gente cantava só porque achava uma letra bonita ou só porque ela tinha alguma ligação com o estudo mas também porque a gente estava na prática refletindo, estudando, tentando vivenciar o máximo possível aquilo no nosso dia a dia. Então uma coisa completava a outra.

P.E. fala também da diferença do Grupo dos Quarenta quando puxava os cantos:

“Até então o que era posto era o seguinte: era alguém puxando o canto e todo o povo acompanhando. A partir daquele momento a gente veio ali com esses instrumentos e todos cantavam juntos. Foi uma novidade.(,,,) A gente acrescentou.(...) Essa novidade assim de vozes, um grupo cantando, outro entrando com a segunda voz” .

A canção era alguma coisa bonita. Chamava a atenção pela leveza e pela beleza. PE diz que “ as nossas canções tinham poesia. Alimentavam nossa caminhada. Chamavam a atenção porque ao mesmo tempo que denunciavam a dura realidade, eram bem feitas. Era gostoso cantar. Elas cativavam as pessoas”.

Além de uma prática, P.E. fala que a música tem um papel transformador:

Tanto na época como hoje a música é um momento assim de... É uma forma de refletir, de relaxar. Acho que música faz bem a qualquer momento, em qualquer situação. A música é um relaxamento. E na época, um momento de reafirmação desse sonho, dessa utopia e também tentativa de que com aquela música a gente conseguisse fazer com que mais pessoas pensassem, refletissem, passassem a pensar, a ver sua vida de uma forma diferente. Então acho que a música ela tem um papel transformador. Ela traz consigo, ela é um instrumento transformador.

---

<sup>151</sup> Fantin, Maristela. *Construindo cidadania e dignidade*. Editora Insular. 1997.p.22

Aquela era uma prática conseqüente segundo o dizer de A.M.L., uma participante da Comunidade Maluche, sempre presente nas celebrações dos jovens:

Agora, penso que o grupo, ele realmente conseguiu seu objetivo porque muitas das pessoas que há anos atrás eu as via sentadas só ouvindo, hoje eu as vejo como pessoas atuantes, politicamente atuantes até: com sua liderança, na sua fala, no seu jeito de ser. Então, o que se pode dizer disso? Que as canções entoaram, que deu certo. Penso que sim! (...) Penso que pessoas da comunidade que eram meros ouvintes, hoje são pessoas atuantes com as suas lideranças. Seja na catequese, seja até em seu partido político. Mas são pessoas que despertaram, que escutaram, que ouviram, que entenderam a mensagem e que concordaram com essa proposta. Uma proposta de melhoria social. Ne? Que não é fácil de ser entendida, compreendida. Mas a partir do momento que as pessoas tomam consciência de que isso é bom para elas também, elas saem para melhorar a vida dos outros também.

Referindo-se aos jovens da comunidade Maluche, continua A.M.L.:

Aos poucos esses filhos dessa gente. Esses filhos dessa gente vão cantando junto. Foram participando do grupo e foram mudando. Foram mudando porque isso era uma coisa que a gente se perguntava. Eu me perguntava: como pode o filho daquela senhora ali estar participando do grupo do Valmir<sup>152</sup>, cantando essas músicas. Mas aí que foi acontecendo a mudança porque pelo padre eu acredito que isso não teria mudado muito ou quase nada. Muito pouco. Mas pelo grupo, pelo que se dizia nessas canções foi assim abrindo a consciência das pessoas de que elas também tinham direito daquilo que os outros tem. Por que não? Se também são pessoas honestas, pessoas que trabalham de sol a sol. E talvez foi assim esse choque que tenha mudado muita coisa. É isso!

Er. P., jovem integrante do Grupo dos Quarenta e militante ativo na Comunidade Maluche fala também desse jeito de ser e fazer do Grupo dos Quarenta:

Criava-se o novo, criava-se uma participação maior porque a gente ensaiava músicas com a comunidade. A gente não ia lá prá se apresentar mas prá fazer a comunidade participar um pouco mais da missa e as músicas falavam do que a gente sentia. O que a gente tentava transmitir através da música prá comunidade era aquilo que a gente acreditava. Tinha a ver com a leitura da bíblia, tinha a ver com o que a gente sentia, né? Era uma chance de a gente falar dentro da igreja, dentro daquele espaço litúrgico, né? E que o padre, geralmente é ele quem falava mais que todo mundo e passava a versão dele de tudo, né. E a música era uma... A música para nós dentro da liturgia, do espaço litúrgico tradicional, né, era uma maneira de a gente expressar o que a gente sentia, a visão que a gente tinha desse Deus que a gente acreditava, o Deus da vida, o Deus da partilha. Então a música para nós era um espaço que a gente tinha dentro da liturgia prá passar isso para a comunidade. Para dizer o que a gente sentia, o que a gente acreditava.

---

<sup>152</sup> Referência ao Grupo dos Quarenta

Como vimos, os grupos de inserção social e os grupos espiritualistas cantavam suas canções. Os partidos políticos também tinham suas canções. Nos anos 80, as canções utilizadas pelos movimentos sociais, especificamente pelo Grupo dos Quarenta, grupo Jepam<sup>153</sup> e outros com objetivos semelhantes eram também utilizadas nos espaços do Partido dos Trabalhadores. Lembro algumas delas, além das já expostas: “Massa falida”, “Eu só peço a Deus”, “Prá não dizer que não falei das flores” e outras.

A importância da música é tão grande que no ano 2000 o Partido dos Trabalhadores, lançou o “Som da Estrela”<sup>154</sup> para comemorar seus 20 anos. São canções que contam suas lutas, animam a militância, falam das administrações do partido. São utilizadas nos comícios, festas, encontros reuniões. São 16 canções: “Estrela valente” ( Praxedes) ; “Numa canção”, “Estrelas d`agua”, “Eu de cá você de lá”, “Clareia”, “Uma cidade”, “Sinceridade e felicidade”, “Coração brasileiro”, “Vai lá e vê”, “Sem medo de ser feliz”, “Lulá lá” ( Hilton Acioli); “Uh! Tererê, vote no PT” ( Abelardo Blanco, Fábio Gavi e Ronaldo Pelicano Jr); “Onde o PT governa dá certo” ( Cacá Bloise e Eduardo Filipovich ); Rap do Lula (Edgard Navarro, Giovani Almeida Ribeiro e Luisinho Assis); “Muda Brasil” ( Pedro Milliet e Sérgio Sá); “Quem sabe o tempo muda” ( Zeca Baleiro).

Os partidos políticos não deixam por menos:

Uma cidade<sup>155</sup>

Hoje nós vamos ter uma conversa  
Prá ver que em tudo existe uma razão  
Vamos sentar, repensar a vida  
No pensamento e no coração  
Se lá de cima vem um mau exemplo  
Será que é esse o país que eu quis?  
Se a vida ensina, eu sou aprendiz  
Uma cidade parece pequena

<sup>153</sup> Um dos grupos que tem pessoas entrevistadas no trabalho

<sup>154</sup> Fabricado por Microservice Tecnologia Digital S/A – Sob encomenda de Fundação Perseu Abramo.

<sup>155</sup> CD- O Som da Estrela. Hilton Acioli. Faixa 7. Fabricado por Microservice Tecnologia Digital S/A – Sob encomenda de Fundação Perseu Abramo. Canção produzida no início de 1992, tornou-se hino das campanhas municipais do PT, marcando o chamado “modo petista de governar”.

Se comparada com um país  
 Mas é na minha, na sua cidade  
 Que se começa a ser feliz  
 Olho no olho, quem fala a verdade  
 Presto atenção e o coração me diz  
 Se a vida ensina, eu sou aprendiz  
 Será que a gente é que é diferente?  
 Ou será que os outros são tão iguais?  
 Se honestidade é marca da gente  
 Ser diferente é bom até demais  
 É minha estrela, é minha cidade  
 Gente sincera que vem e me diz  
 Chegou a hora de ser feliz  
 É nossa estrela, é nossa cidade  
 Chegou a hora de ser feliz  
 Se a vida ensina, eu sou aprendiz”

Penso que esses exemplos e outros tantos que aparecem no decorrer do nosso trabalho são suficientes para demonstrar que a canção tem sido usada no contexto regional com firmes propósitos de animar, fortalecer, firmar princípios, ensinar. Ela é uma prática. Um prática cultural.

No trabalho pastoral junto aos grupos de jovens inseridos nas questões sociais, lidava-se com velhas questões como: “ a igreja não deve se meter em política”<sup>156</sup>. Os jovens questionavam: “Quando ela está com os pobres é porque está fazendo política. Quando está com os ricos está cumprindo sua missão”. Quando um padre ia numa assembléia do sindicato estava misturando as coisas, fazendo política. Quando ia aos jantares com empresários estava evangelizando. Era sempre conflituoso lidar com essa situação. Quando os padres almoçavam com os trabalhadores no dia primeiro de maio eram acusados de “comunistas”. Quando almoçavam com os donos das empresas capitalistas cumpriam sua missão de pastores de todos. Na época - 1987- que realizou-se um trabalho conjunto da Pastoral da Juventude, da Pastoral Operária e alguns membros do sindicato para refletir com os trabalhadores de Brusque sobre o significado do 1º de Maio, fato já registrado no presente trabalho, um dos esforços empreendidos era o de fazer uma campanha para que os trabalhadores não fossem à festa de 1º de Maio oferecida pelos patrões e participassem de um encontro com os trabalhadores no Salão Paroquial, no mesmo dia. No encontro também haveria almoço e confraternização,

---

<sup>156</sup> Posição defendida pelos conservadores

visto que era um costume local fazer festa nesse dia. O encontro teve a participação de muitos operários. Um padre participava ativamente dessas atividades programadas pelas pastorais e alguns membros de sindicatos . Mas o vigário<sup>157</sup> da paróquia foi almoçar com os empresários. Nesse caso, pelo que se sabia, não se tratava de uma briga contra o empresariado pura e simplesmente, mas uma ação pedagógica, educativa para que os trabalhadores valorizassem essa data e compreendessem seu significado. O vigário foi fazer média para garantir patrocínio nas festas, limpeza do pátio da igreja e outros favores. Outro sacerdote por essa mesma época disse num sermão que falar mal do patrão poderia “dar inferno”. Falou ainda “que os trabalhadores deveriam agradecer a Deus e aos patrões pelo emprego que tinham e que não se deveria falar mal deles”<sup>158</sup>.

Em Brusque, os jovens da Pastoral da Juventude dos grupos inseridos nos movimentos sociais refletiam que o capitalismo acabava com as fronteiras para o capital, mas não permitia nenhuma iniciativa internacional de defesa dos direitos que os trabalhadores iam perdendo. Percebiam que o capitalismo procurava dividir os trabalhadores de todas as formas, promovendo o racismo e as divisões étnicas religiosas. Observe que o racismo - e os preconceitos contra os nordestinos - era muito presente na sociedade brusquense.

Desse modo, a forma de organizar o dia 1º de maio, utilizando por exemplo a canção contra o racismo e contra o capitalismo era uma prática: uma prática cultural, propondo um outro modo de ver e de viver.

## 1.7. CULTURA DA PARTICIPAÇÃO

Um grande desafio se coloca aos movimentos sociais. Garcia e Valla<sup>159</sup> se perguntam:

“Será suficiente conhecer a realidade dos grupos com os quais se trabalha para que se possa transmitir informações ou seria necessário mais que isso?” (...) O que de um modo

---

<sup>157</sup> Responsável pela Paróquia. A igreja se organiza em Paróquias, Comarcas, Dioceses...

<sup>158</sup> Parte de um sermão de 1º de maio proferido por um sacerdote no Bairro Tomaz Coelho, Brusque. Nesse bairro, nasceu Padre Wilson Groh.

<sup>159</sup> Garcia, Regina Leite e Valla, Victor V. A fala dos excluídos.

geral acontece é a imposição de um conhecimento que subalterniza o conhecimento popular, impedindo-o de se manifestar. Seria importante voltar a Gramsci, à sua tão conhecida afirmação de que 'o elemento popular' 'sente', mas nem sempre compreende ou sabe. O elemento intelectual 'sabe' mas não compreende ou, particularmente 'sente'.

Não faço aqui a análise de toda a reflexão. Apenas gostaria de dizer o que nosso grupo pensava quando se tratava de estar em relacionamento com outro grupo. Era preciso juntar as contribuições intelectuais e populares. Ou seja, quando íamos para um grupo no sentido de levar e pensar algum conteúdo necessariamente tínhamos que levar em conta o que o grupo tinha acumulado na sua experiência. Nesse sentido, também penso que juntar as contribuições poderia ser um caminho para compreender as linguagens que os movimentos sociais utilizam na sua caminhada em busca de uma melhor condição de vida e de cidadania. Entendo que precisamos avançar no sentido de aproximar e dar peso igual para os saberes. O saber científico e popular não necessariamente estão em contradição.. Muitas vezes muda apenas a forma de se dizer uma mesma coisa. A rigidez da separação entre o científico e o popular impede aproximações, soluções. Reflexões nesse sentido são feitas por Boaventura de Sousa Santos, Paulo Freire e Michel de Certeau, que mostram de forma clara a importância do saber popular. Também encontramos a contribuição de Michel Meffesoli, quando aprofunda a questão do "conhecimento comum". Entendo que também a grande distância entre trabalho intelectual e trabalho braçal, como se o que trabalha com o braço não soubesse pensar, é algo difícil de ser superado, mas um caminho longo a ser percorrido. No mesmo sentido, o saber científico reconhecer o saber popular, a fala popular, é algo que ainda está longe mas já tem também um bom caminho trabalhado. Um exemplo disso, é a própria existência dentro das universidades de linhas de pesquisa sobre o movimento social, onde ingressam muitos militantes que recebem e oferecem elementos novos para as pesquisas universitárias e para os movimentos sociais. Poderíamos dizer de outro modo: o saber científico pode ser popular e o saber popular pode ser científico. É um ir e vir. Uma troca entre o saber científico e o saber popular. A constatação de que é possível que um saber conviva com e um aprenda com o outro. Com ou sem contradições, pode-se sentar à mesma mesa. A canção é um exemplo da diluição das fronteiras. No Grupo dos Quarenta conseguimos

romper com essas barreiras e construíamos reflexões e ações, no meu modo de ver, conseqüentes.

### 1.7.1. Pedagogia da participação

Havia um jeito de se fazer as coisas nesse Grupo dos Quarenta, semelhantes às práticas do movimento popular:

Nela sujeito é o povo organizado. A direção é interna e autônoma do povo. O dirigente é um animador. É o centro articulador do dinamismo da base. Sua função é transitória e rotativa, com poder partilhado. A metodologia é de baixo para cima, partindo da prática para a teoria. Da base para a cúpula<sup>160</sup>.

Essa forma de encarar os trabalhos era uma prática nos grupos de jovens com inserção social na linha da teologia da libertação em Brusque. O grupo fazia essa experiência interna e a levava para os grupos. As decisões eram tiradas em conjunto. O grupo servia de espaço de reflexão da prática e a fé não ficava presa em quatro paredes: ia para as lutas comunitárias, sindicais, estudantis acompanhadas de canções, teatro e outras manifestações artísticas.

Um de seus cantos expressava o desejo de chamar a todos para a 'busca comum de soluções. Que não viria de cima, mas da participação de todos:

Vou convidar os meus irmão trabalhadores (...) Vou convidar os índios que ainda resistem (...) Convido os negros, irmãos no sangue e na sina (...) Vou convidar a criança e a juventude."(...) Desempregados, pescadores, desprezados. E os marginalizados, venham todos se juntar. À nossa marcha pra nova sociedade. Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar.

### 1.7.2. Aprendendo com Paulo Freire

Penso ser importante falar sobre Paulo Freire, esse professor pernambucano que revolucionou a educação. Independente de possíveis problemas que possam haver nessa complicada relação com instituições quando se trata de aplicar um método, sem sombra de dúvida Paulo Freire deu uma grande contribuição ao nosso povo que a partir da alfabetização se via como gente. Viam-se como sujeitos e não meros objetos nas mãos de uma elite dominante. Esse

pensamento era uma constante nos jovens preocupados e engajados na busca de soluções para os problemas sociais da cidade de Brusque. Entre os jovens estava claro que alfabetização era muito mais que saber ler e escrever. Ser alfabetizado era saber interpretar, ler os fatos e agir para mudar. Por isso, Paulo Freire era presença nesse meio. Lembro que os empresários de Brusque procuravam falar em empresa-família e que os formadores da juventude sempre alertavam: mesmo que aparentemente o trabalhador interfira mais na empresa, se ele não tem idéia da “mais-valia”, de como funciona o capitalismo, ele realmente pensa que está participando. Ele não percebe que a decisão final não é dele. Ou pensa que é natural que não seja.

Os interesses dos que querem “educar” podem ser bem diferentes. O desafio é aproveitar todos os momentos, todas as ferramentas, para trazer a tona a questão do opressor e do oprimido, do explorador e dos explorados. Quem alfabetiza carrega uma carga ideológica forte, mesmo que diga que não. Não há, afinal, neutralidade!

Paulo Freire é uma síntese entre o pensamento cristão e socialista. Era assim que esses jovens se sentiam. Conseguiram fazer uma síntese entre ser cristão e ser marxista. Frei Betto diz que “não há nenhuma contradição em ser cristão e ser marxista<sup>161</sup>”. Paulo Freire, nos seus escritos fala muito no opressor e no oprimido e aprofunda como superar a dominação de um sobre o outro. Ele fala principalmente para o educador. Seus escritos são por assim dizer uma conversa com os militantes. Militantes do campo da igreja católica progressista, dentre estes, o nosso grupo, faziam a relação com a opressão no Egito<sup>162</sup> e com várias passagens do livro de Isaías.

Não se acanhavam em fazer também uma leitura social da escritura sagrada. Havia um misturar de linguagens que se entendiam. Enquanto Marx fala em vanguarda, em direção, em alguém que deve conduzir, Paulo Freire fala que é preciso dialogar com a massa. Ele se aproxima e também se distancia de de Marx.

---

<sup>160</sup> Artigo de Carlos Sell

<sup>161</sup> Cristianismo e Marxismo. Vozes.1978.

<sup>162</sup> Livro do genesis da bíblia

Paulo Freire acredita na educação, acredita no processo educativo. Acredita no “com” e não no “para”. Me parecia que esses jovens acreditavam um pouco em tudo isso. Embora não chegassem ao extremo, também se sentiam um pouco vanguarda. Uns queriam Paulo Freire mais marxista. Outros menos cristão. Outros tantos não o queriam marxista. Cada um queria Paulo Freire um pouco parecido com aquilo em que acredita. Paulo Freire parece juntar mais pensamentos e fazer uma síntese destes. Mas deixa muito clara sua opção! Esses jovens parecem receber algumas cobranças semelhantes na sociedade brusquense: uns os queriam mais cristãos e no partido eram chamados de “igrejeiros”, enquanto na igreja eram acusados de falta de espiritualidade. Paulo Freire faz tudo para que todos se juntem num esforço comum para fazer desaparecer o opressor e o oprimido. Não numa conciliação, como tantos querem. Mas na destruição dos mecanismos que impõem uma classe sobre a outra.

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão<sup>163</sup>. No partido (PT), no movimento popular ou em qualquer instância, é preciso que se respeite a caminhada, a história, os limites e potencialidades dos grupos. Libertar é construir com. Fazer com. Se não for assim, pode ser opressão. Nos grupos jovens a pedagogia adotada, embora não tratasse de grupos de alfabetização, era bastante semelhante no que diz respeito à participação de todos na análise da sociedade. Cada um contribuía como podia. Muitos eram educadores e essa influência de Paulo Freire era adaptada nos grupos onde os professores e estudantes participavam.

Libertar é construir com.

Quando falamos de alguns grupos de jovens inseridos no meio social e de outros, fica difícil fazer uma separação rigorosa entre um e outro. A canção que apresentamos a seguir é um caso interessante de ser analisado. Por detrás de uma canção aparentemente simples, foi apresentada uma situação extremamente complexa.

Veremos a seguir:

Mãezinha do céu<sup>164</sup>

Mãezinha do céu

---

<sup>163</sup> Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. p.52. Paz e Terra. 1987.

<sup>164</sup> Canção antiga cantada na igreja católica, especialmente pelas crianças

Eu não sei rezar  
Eu só sei dizer  
Quero te amar  
Azul é teu manto  
Branco é teu véu  
Mãezinha eu quero  
Te ver lá no céu.

Na II parte do livro “Ação Cultural e conscientização” Paulo Freire fala dos níveis de consciência, distinguindo os dominados e os dominantes do Primeiro e do Terceiro Mundo. “As classes e grupos dominados do Primeiro Mundo participam de uma totalidade dominante, enquanto as classes e grupos dominados do Terceiro fazem parte de uma totalidade dependente. Daí que um dos mitos da cultura dominante do Primeiro Mundo – para falar só neste - o mito de sua ‘superioridade natural’, penetre a cultura do silêncio deste mundo, o que explica o sentimento de superioridade que muitos dominados do Primeiro Mundo têm em face dos dominados do terceiro Mundo. O outro lado do mesmo fenômeno é a caracterização que dominados do Terceiro Mundo fazem de dominados do Primeiro, como dominadores. Só na medida em que estes e aqueles se assumam como a grande maioria de dominados e não mais como minorias divididas entre si e reconheçam a identidade de seus interesses, na diversidade de suas realidades, é que se percebem como companheiros de uma mesma jornada<sup>165</sup>”.

Em 1987 fiz um curso no CESEP ( Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular), destinado aos agentes de pastoral na linha da Teologia da Libertação. Foram 4 meses de São Paulo convivendo com gente de 17 países. Um dia apareceram alguns holandeses, um deles tinha vivido alguns anos no Brasil. Eram de uma entidade da Holanda chamada: Brasil Op Weg. Disseram que tinham vindo ali para falar sobre sua entidade que ajudava o Brasil. Contaram que reuniam as pessoas depois das missas, arrecadavam dinheiro para pequenos projetos aqui no Brasil e que para isso cantavam músicas brasileiras. Todos se entreolharam quando disseram que cantavam músicas para a libertação do povo e entoaram: “Mãezinha do céu eu não sei rezar”. Mas em seguida, pela fala, o grupo se surpreendeu. Disseram que estavam ali porque entenderam que alguns países eram ricos porque outros eram pobres. Que a Holanda e outros países capitalistas

eram ricos porque exploravam os países pobres. Isso era coisa difícil de o povo entender, mas que nesses países já havia muita gente vendo isso. A tarefa deles era sensibilizar as pessoas para essa realidade, mas encontravam muita resistência porque pensar assim faria mudar a vida do povo. Foi um momento muito forte no encontro. O que diziam era de uma sinceridade que sensibilizava muito.

Os grupos com inserção social tinham presente a discussão internacional. Havia alguns cantos que demonstravam claramente que a liberdade que se buscava ia muito além das fronteiras da cidade e do país:

Caéran los que primian la esperanza de mi pueblo  
 Caéran los que comian su pan sin haber sudado  
 Caéran con la violencia que ellos mismos han buscado  
 Y se alzaré mi pueblo como el sol sobre el sembrado

Buenas Nuevas! Buenas Nuevas pa'mi pueblo  
 El que quiera oír que oiga y el que quiera ver que vea  
 Lo que está pasando em medio de un pueblo  
 Que empeza a despertar  
 Lo que está pasando em medio de un pueblo  
 Que empeza a caminar.

Não muito tempo depois os governos começaram a dificultar esse tipo de solidariedade. Criaram-se obstáculos para o repasse de verbas<sup>166</sup>. Como esse movimento não era só da Holanda, o que já seria preocupante, trataram rapidinho de fragilizá-lo.

A ação cultural para a liberdade que fala Paulo Freire refere-se ao Brasil e a muito além do Brasil. Mas é preciso pensar: o opressor e o oprimido estão em nós. Essa descoberta pode nos levar à liberdade. O capítulo 1 do livro de Paulo Freire, "A pedagogia do Oprimido", onde ele aprofunda os conceitos de opressor e oprimido, provoca reflexões. A maioria de nossas ações, embora cheia de boas intenções e com um discurso democrático ainda acabam sendo conscientização para outros. Ainda não é caminhar com. É ainda dizer para. Tal atitude revela ainda

---

<sup>165</sup> Idem, p.71

<sup>166</sup> Em 1987 conseguimos uma verba para a construção de um galpão para trabalhos populares onde o canto era um elemento fundamental na educação da comunidade para a cidadania. Em 1998, quando queríamos fazer outro projeto na mesma linha já não foi mais possível. Não podemos afirmar,

o opressor dentro de nós. Mesmo com um esforço para que isso não marque nosso agir, ainda estamos longe do oprimido, porque o oprimido somos nós enquanto também opressores sem querer sê-lo. A reflexão sobre o opressor que está em nós quando olhamos o outro como alguém para ensinar, faz-nos rever nossa prática e o por quê de não se alcançar alguns resultados. O mundo que se quer, a experiência que se quer fazer, não necessariamente é o que o outro quer. A construção tem que ser com o outro. Daí que conscientização é caminhar com, viver com, ser com.

Todo o livro a que nos referíamos anteriormente aponta para a idéia de que ninguém é “vasilha”. Todos somos “sujeitos”. Quando somos sujeitos construímos história. Questionamos e fazemos novas experiências em grupo. Não somos platéia. Somos atores.

#### 1.8. O GRUPO DOS QUARENTA E A IDEOLOGIA.

As expressões ideologia, direita, esquerda, eram uma constante nesses grupos com inserção social em Brusque. Faremos uma pequena reflexão para precisar o que queriam dizer quando usavam tais expressões.

A atividade política não é apenas um jogo de interesses, como é comum se ouvir dizer. A política é uma atividade que está fundada em valores e princípios, em idéias e utopias. Ela tem uma dimensão normativa: busca implementar na sociedade os ideais que os indivíduos julgam os mais adequados para regular sua conduta individual e coletiva. Quando falamos de valores estamos falando também de ideologias políticas. Durante a história moderna, indivíduos e grupos sociais forjaram diversos valores e princípios para regular suas sociedades e suas formas de organização política. Porém, existem diversas maneiras de se pensar a organização da sociedade. Portanto, a vida política, de alguma forma, também se constitui em um debate ideológico em torno da seguinte questão: qual a melhor forma de organizar a sociedade e o poder político?

“Ideologia” é um conceito que exige um diálogo com as mais diferentes correntes teóricas. Ela pode ter um sentido negativo, quando lemos Karl Marx ou

---

mas certamente, mesmo que este não tenha sido o caso, as dificuldades hoje são maiores, por conta

positivo, quando dialogamos com Norberto Bobbio. Para Marx, ideologia significa um conjunto de falsas idéias que têm como objetivo primordial difundir os interesses das classes dominantes. De acordo com Marx, as ideologias são justamente as idéias que as classes proprietárias dos meios de produção difundem para legitimar e perpetuar a sua dominação. De acordo com as palavras de MARX :

As idéias da classe dominante, são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média , as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; as relações materiais dominantes como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe dominante; portanto, as idéias de sua dominação.

Para Marx, cada classe social possui uma maneira de ver o mundo. Esse modo de ver as coisas é imposto às outras classes sociais. Torna-se com isso dominante. Com isso mascara-se a dominação e faz-se com que tudo pareça natural e imutável.

Esse modo de ver sociedade era assimilado, difundido e discutido entre os jovens em Brusque. Mesmo que poucos tivessem lido muitos escritos de Marx, as leituras de artigos sobre Marx, os contatos com a teologia da libertação, as palestras de que os jovens participavam relacionadas a esse tema, serviam de base para a militância, numa cidade profundamente influenciada pela igreja católica romana conservadora<sup>167</sup>. O canto expressava: “A classe roceira e a classe operária ansiosas esperam a reforma agrária”. Embora soubéssemos que Marx dava peso preferencial à classe operária.

---

do risco de uma tomada de consciência mundial para a questão da solidariedade.

<sup>167</sup> Na cidade havia 5 seminários católicos. A grande maioria não concordava com a teologia da libertação e com a linha que a pastoral de juventude católica implantou na cidade. Os atritos eram constantes. O anti-marxismo era forte, mesmo que muitos que fossem contra, também pouco tivessem estudado. O argumento forte era o de que Marx era ateu. Essa era a forma de desqualificar e induzir a leitura de Marx. Os jovens ligados a teologia da libertação procuravam fazer a relação da fé com a realidade e não tinham grande dificuldade de estarem na esquerda, serem marxista e serem cristão. Frei Betto, num pequeno livro das vozes, Socialismo e Cristianismo, faz essa reflexão.

Num sentido positivo, de acordo com Bobbio, ideologia “designa o genus, ou a species diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de idéias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos<sup>168</sup>”.

Nesse sentido, ideologia significa um conjunto de propostas ou de projetos políticos. Cada ideologia contém uma determinada visão de como deve ser organizada a sociedade e qual deve ser a relação entre a sociedade e o Estado. Podem ser propostas de indivíduos ou de grupos, ligadas a grupos sociais, movimentos e partidos políticos. Ideologias serão sempre as orientações que estes diversos atores procuram dar à sua ação política na sociedade. Por esse entendimento, na história tivemos vários tipos de ideologias: Anarquismo, absolutismo, liberalismo, Neo-liberalismo, Socialdemocracia, Ideologias totalitárias (nazismo, fascismo, estalinismo), Socialismo ou comunismo, corporativismo, socialismo revolucionário (Leninismo, Trotskismo, Maoísmo, Castrismo, Guevarismo, Foquismo), conservadorismo, democracia cristã, integralismo e muito mais. Costuma-se agrupá-las em três grupos: ideologias de direita, ideologias de centro e ideologias de esquerda. É neste sentido que podemos falar de “tipos” de ideologias.<sup>169</sup>

Entre nós também era comum o uso dos conceitos direita e esquerda. Desde a revolução francesa as forças que buscam manter o “status quo”, ou seja, buscam conservar as coisas como estão, são chamadas de direita. Já aquelas forças que buscam transformar a realidade são chamadas de esquerda. Hoje, todas aquelas forças ou ideologias que apoiam o capitalismo são chamadas de direita e aquelas forças ou ideologias que buscam superar o capitalismo são chamadas de esquerda.

Poderíamos dizer que direita representava, para o Grupo a continuidade, a segurança nacional, integração com os centros de poder mundial. Esquerda

---

<sup>168</sup> Apostila de Carlos Sell - BOBBIO, Norberto. Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo.UNESC.1995.

<sup>169</sup> Resumo do Professor e Mestre Carlos Sell

significava: transformação, democracia, direitos humanos, identidade e soberania nacional. A direita teria por prioridades: o desenvolvimento econômico, a competitividade, o saneamento das finanças, o rigor fiscal, o controle da inflação, o livre mercado e a liberdade para investimentos estrangeiros. A esquerda enfatizaria a justiça social, a redução de desigualdade, a necessidade de investimentos, os subsídios governamentais, os gastos sociais, a distribuição de renda, o controle nacional dos recursos naturais e dos setores estratégicos da economia.

Nesse nosso olhar retrospectivo, não ignoramos que as ideologias políticas atualmente passam por crises por conta das reformulações do capitalismo, da crise do socialismo real, da erosão das identidades de classe, da expansão dos meios de comunicação de massa associados à informática e diversos outros fatores. Tais crises vinham sendo anunciadas desde 60 por autores como Raymond Aron, Edward Shils, Daniel Bell e Seymour Martin Lipset. Eles diziam que a divisão direita x esquerda vinha se tornando cada vez mais irrelevante para o comportamento político dos cidadãos ocidentais e que, cada vez mais, critérios culturais ou ainda pessoais é que guiavam a escolha política dos eleitores.

Com a queda do muro de Berlim, em 1989 e o fim da experiência soviética (1991), alguns autores decretaram a morte definitiva das ideologias. Entre os principais escritos nesse sentido está o famoso texto de Francis Fukuyama, chamado “O fim da história”: Para este autor americano, inspirado na filosofia hegeliana, o capitalismo de mercado associado à democracia representativa seria o estágio final da história humana: não restaria qualquer alternativa para transcender estas formas de organização econômica e social. De modo geral, todavia, a literatura que apregoa a morte das ideologias confunde o fim da guerra fria com o fim das ideologias e esquece que a divisão da sociedade em classes é um dos fundamentos do mundo moderno. Norberto Bobbio (1994), no texto “Direita e Esquerda”, busca refletir sobre as razões e os significados que ainda tornam válida a percepção de que a sociedade continua dividida em duas forças antagônicas. Para Bobbio, todas aquelas propostas políticas que colocam a liberdade acima da igualdade são

ideologias de direita e todas aquelas propostas políticas que se inspiram no valor fundamental da igualdade são ideologias de esquerda. O autor diz:

O comunismo histórico faliu. Mas o desafio por ele lançado permaneceu. Se, para nos consolarmos, passamos a dizer que nesta parte do mundo, na Europa Ocidental, demos vida à sociedade dos dois terços, não podemos fechar os olhos para a maior parte dos países onde a sociedade dos dois terços (ou mesmo dos quatro quintos ou dos nove décimos) não é da abundância, mas a da miséria. Diante desta realidade, a distinção entre direita e esquerda, para a qual o ideal da igualdade sempre foi a estrela polar a ser contemplada e seguida, é claríssima. Basta deslocar os olhos da questão social interna dos estados singulares, da qual nasceu a esquerda no século passado, para a questão social internacional para se dar conta de que a esquerda não só não completou seu caminho como mal o começou.

Sem negar a validade do esquema “direita” e “esquerda” para o entendimento do mundo contemporâneo, posição diversa é adotada pelo sociólogo inglês Anthony Giddens. No texto “Para além da esquerda e da direita (1996)”, Giddens insiste na idéia de que estas duas ideologias políticas trocaram sua posições. Atualmente, é a esquerda que se tornou uma força conservadora (olhando para o passado do estatismo soviético ou do Estado de Bem Estar Social), enquanto a direita, inspirada no neoliberalismo, possui uma proposta para o futuro do capitalismo.

Esse debate vai longe.

Nos grupos de Brusque, quando se usava o termo “esquerda” era para designar mudança, revolução no jeito de pensar, de fazer as coisas, com participação de todos nas decisões. Nesse sentido nos referíamos também à igreja de direita e de esquerda. Grupos de direita e de esquerda. Gente da direita e da esquerda. Fé de direita e de esquerda. Não era pura coincidência: jovens afinados com a teologia da libertação se encontravam de um lado e jovens afinados com a teologia conservadora, no outro. Fica mais evidente o que estamos dizendo constatando o seguinte: no ano 2000, um dos então jovens do Grupo dos Quarenta foi candidato a prefeito de Brusque pelo Partido dos Trabalhadores. Nesse campo estavam outros jovens daquela época. Do outro lado, estava um candidato a vice-prefeito que tinha participado do movimento de juventude espiritualista da mesma época.

O Grupo dos Quarenta, corretamente ou não, mesmo levando em conta as contradições, tinha uma visão mais próxima de Marx em relação às classes sociais. Mas até hoje nas nossas discussões isso não é uma coisa resolvida. Aliás, algo bastante complexo para muitas discussões ainda. De toda a forma, éramos avessos a qualquer ação que tirasse a liberdade, que mexesse com os direitos das pessoas, que alavancasse a miséria. Qualquer gesto que denegrísse alguém era alvo de nossas ações. Mas fazíamos sempre a avaliação do que fazíamos. Nosso grupo tinha que ter clareza, firmeza, sem impor, sem querer dominar. Não fazer aquilo que ao redor víamos tantos fazendo. Para nós, cada ação reforçava uma ideologia. Nos colocava à direita ou à esquerda.

## 1.9. O GRUPO DOS QUARENTA E A MÍSTICA

Pão e poesia

Dura é a luta sem o canto  
 Sem o canto vivemos tristes pelos cantos  
 O canto encanta, anima, nos mantém vivos  
 Não podemos ficar com nossos cantos, nos cantos  
 Não podemos ser cantores de banheiro, de chuveiro  
 Urge cantar nossos cantos nas ruas, nas esquinas, nas praças  
 Entoar cantigas de ninar, de sonhar, de acordar  
 Cantigas de um novo dia  
 Sem miséria, sem fome, sem dores  
 De um mundo só de amores  
 Muitos amores  
 De um mundo onde crianças não sofram com o frio  
 Onde crianças não sejam espancadas  
 Onde crianças não morram por falta de comida  
 Onde ninguém mais morra por falta de amores, de flores  
 De um mundo onde todos ajuntarão aquele que cair  
 Cair de tristeza, de cansaço, de fome  
 Não vai valer qualquer canto  
 Vai valer o canto que denuncia as injustiças  
 Vai valer o canto que fala do trabalho, lazer e saúde para todos  
 Vai valer o canto da esperança  
 Até o mundo ser um bonito canto:  
 Pão e poesia na casa de todos! ( VCL, abril de 2000)

Durante a realização desse trabalho escrevi o poema acima. Depois desse caminho percorrido até aqui já é momento de a gente se perguntar: qual a mística que está por detrás das músicas cantadas pelas igrejas, pelos partidos? Discutiremos a seguir o sentido desse conceito. O que as canções produzem na vida

das pessoas? Independente de se ter fé ou não, podemos dizer que há uma mística nas canções que os militantes cantam e que elas reforçam mudanças ou permanência de valores na sociedade. Nas canções existem valores, crenças, frases, slogans, chavões, princípios. As canções reforçam a ideologia que está no interior dos grupos, das igrejas, das religiões, dos partidos, dos movimentos. Busco aprofundar um pouco a questão da mística porque na experiência com os movimentos sociais, pastorais, constatava que pela canção se vivia bastante essa mística, essa força presente nesses grupos. Percebo que na militância há uma força não tão simples de ser compreendida, ou explicada que impulsiona os sonhos, aquilo em que se acredita. Muitas vezes diante de situações que pela simples lógica seriam quase impossíveis de serem superadas, vencidas, grupos persistem até conseguirem ultrapassar obstáculos. O Grupo dos Quarenta, por exemplo, mesmo sofrendo todos os tipos de ataques continuava firme nos seus propósitos: que as pessoas fizessem a relação fé e política; que as comunidades se reunissem e buscassem soluções para os seus problemas; que as pessoas tivessem suas necessidades básicas satisfeitas, como sendo um direito e não sendo visto como concessão, favor de alguém. Que força é essa? Onde vem essa força?

Ranulfo Peloso escreve<sup>170</sup>:

Acreditar é viver uma esperança ; é tornar presente um sonho que ainda não é realidade; é firmar os olhos numa certeza e encarar o desafio da vida , até à vitória, sempre”. Numa sociedade pragmática, num mundo que quer resultados imediatos, que faz conta para saber o que se ganha em dinheiro com qualquer coisa que se faz, parece que sonhar é coisa de gente fora da realidade<sup>171</sup>.

É de Che Guevara o seguinte pensamento: “ Deixa-me dizê-lo, sob o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor”.<sup>172</sup>

<sup>170</sup> Peloso é militante histórico no meio rural, atualmente é educador popular no CEPIS – Instituto Sedes Sapientie e escreveu um artigo: *A força que anima os militantes*. Cadernos de Formação do MST ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra) Nº27. p.7

<sup>171</sup> Por isso se ridiculariza, faz-se pouco caso dos que acreditam que é possível construir algo que não existe. Só se acredita naquilo que se vê. Talvez aqui encontremos também explicação para os programas de governo apresentados nas eleições: se não aparecem obras, parece que o povo não acredita! Muitas vezes as comunidades aplaudem uma grande obra e esquecem que na frente de sua casa falta esgoto, água, saúde, etc. Fica complicado entender que existem outras obras, não tão palpáveis como a educação, a ética, a poesia, a música, a arte em geral. Para quem mal tem o pão, falar em poesia, música, arte, é coisa muito distante.

<sup>172</sup> Cadernos de Formação do MST ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra) Nº27

Esse pensamento ajuda a compreender a força que está por trás dos movimentos, dos grupos e mesmo de um militante. Algo que se assemelha de uma certa forma à loucura. Aos olhos dos mentores do sistema capitalista fica difícil entender que um Che ou outro militante que briga, que luta, que dá a vida por um objetivo, tenha amor, ternura, carinho. Num sistema fundamentado no individualismo, que incentiva e justifica as vitórias como simplesmente esforço pessoal, fica difícil compreender que se pense nos outros, no coletivo. Quebrar esse lógica não é tarefa simples.

Escuto muitas vezes gente de esquerda dizer que alguns movimentos são fortes porque seus participantes “ não têm mais nada a perder”. Exemplo disso seriam os sem-terra. Sua luta seria forte porque já perderam tudo, então, correm qualquer risco para conseguir o que querem. Essa interpretação sempre me intrigou. Seria resumir todas as lutas somente ao campo de necessidades imediatas. Esse elemento com certeza faz parte do contexto, mas ele não se resume a isso. Ver assim seria empobrecer qualquer luta. A elite também faz de tudo para não perder o iate, o luxo, as regalias. Mas me parece que a questão é muito mais complexa. Se há os que se acomodam quando alcançam determinados objetivos – por exemplo uma associação de moradores que consegue calçamento e depois custa a reunir os beneficiados para conseguir água para os demais - como se explica a luta de todos os militantes que têm sua situação particular resolvida mas que continuam dando a vida, se arriscando, enfim? Portanto, permanece a pergunta: que força é essa que é capaz de ver o outro, sentir o outro?

Entendo que a mística não seria uma simples fuga dos problemas para poder suportá-los:

A mística não poderia ser “uma pílula de otimismo” ou um entusiasmo infantil para escapar dos problemas e desafios da realidade. Ao contrário, é a “alma da esquerda” que produz a garra necessária para combater as injustiças e a disposição para empenhar-se, desde já, na concretização histórica de nossos sonhos. Com essa utopia e a “história na mão”, tal motivação vira a rebeldia que se organiza, sem dobrar o joelho e sem deixar-se enformar (= aprisionar-se nas estruturas).<sup>173</sup>

A mística seria um ritual que procura desencadear emoções de solidariedade e elevação?

Vivi situações de alguns grupos que pareciam estar a ponto de desaparecer. O desânimo tomava conta e parecia tudo perdido. Nesses grupos,

uma, duas, três pessoas ficavam teimando, chamando e de repente, todos estavam de novo reunidos em torno dos mesmos valores, princípios, objetivos. O impressionante é que das cinzas se reacendia de novo a fogueira. Da escuridão, do que parecia fraco, frágil, surge algo forte, vivo, vibrante! A canção era muito responsável pelo reerguimento. Recordo que numa ocasião chegamos numa reunião com poucos jovens. O convite tinha sido feito para muitos. Após uma canção que dizia “Quero entoar um canto novo de alegria, ao raiar aquele dia, de chegada em nosso chão<sup>174</sup>”, o clima foi melhorando, a animação tomando conta e pouco depois de um mês os jovens estavam de novo reunidos. Mais tarde ficamos sabendo que haviam feito um livro de cantos e chamaram um violeiro da comunidade para participar e animar as reuniões. Daí para a frente o grupo caminhou tendo uma atuação militante na comunidade. Quando não acreditarmos mais, que se joguem fora os violões, os cantos, as poesias. Ou ainda: quando tudo isso estiver realizado, as poesias, os cantos serão simplesmente espelho daquilo que já é realidade.

#### No dizer de Peloso

essa força é uma realidade que mais se vive do que se fala sobre ela. É uma experimentação que contempla a realização de um conteúdo invisível: o valor da vida, a dignidade das pessoas e a eterna rebeldia para continuar livre, a função criadora do trabalho, a solidariedade universal. É uma sabedoria, um modo de saborear a vida que junta, sem contradição, o sentimento, a ação e o pensamento.(...) Essa força é a vivência e a manifestação do que se passa no coração daqueles que lutam para dar um sentido digno à existência das pessoas. Por isso, não tem hora marcada. Ela se revela em todos os momentos: - na vida particular e na relação afetiva; no trabalho produtivo e na luta política; na dor e na festa<sup>175</sup>.

Peloso diz ainda que a experiência mostra que a lógica racional só é assimilada quando a pessoa já foi conquistada. Essa constatação grita mais uma vez que a canção é fundamental para alimentar a mística. Ela é descontração, alívio, mas sem dúvida é alimento. É impulso. É o conteúdo em forma apetitosa.

---

<sup>173</sup> Idem p. 9

<sup>174</sup> Canto nº 4 - anexo

<sup>175</sup> Ibidem p. 8-9

Ademar Bogo<sup>176</sup> completa esse pensamento: “a mística é uma coisa do coração, do sentimento, alimentada por esta esperança de alcançar aquele sonho, ideal objetivo seja lá o que se queira o que importe que isto se transforme em uma causa consciente, que se passe a viver por ela e por causa dela.”

Ele diz ainda que: “a mística deve ser desenvolvida também em torno de valores éticos e políticos como: a disciplina, a beleza, a limpeza, o companheirismo, o vestuário, o comportamento pessoal, a coerência: política, histórica e moral.”

Essa combinação entre o pessoal e o que se quer para todos é fundamental para que a mística seja verdadeira, seja conseqüente e que se veja na prática. Esse aperitivo da coerência pessoal e de grupos é o espelho para as grandes transformações que se quer para toda uma sociedade.

Essa chama move, e empurra, manda ir em frente, como diz parte da letra de uma canção: “Um menino caminha e caminhando chega num muro. E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está (...) Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá. O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar<sup>177</sup>.”

As pessoas , na vivência mística, não sabem ao certo mas ao mesmo tempo sabem que algo vai chegar de acordo com o que se sonha. O processo vai tornando realidade aquilo que é sonho.

Peloso continua:

As convicções que animam a vida dos militantes exigem também uma metodologia. Uma reunião, um ato, uma atividade festiva podem e devem estar cheias de momentos que tornem presentes as razões pelas quais lutamos e os motivos que nos fazem companheiros. Por isso, a beleza do ambiente, o clima de confiança, a alegria, a música, a poesia, as artes, os símbolos, os gritos de guerra, tudo deve exprimir os valores e as certezas que animam nossa caminhada.<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> Cadernos de Formação do MST ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). Artigo: Como melhorar nossa mística, n. 27. p.15

<sup>177</sup> Música Aquarela de Toquinho, Vinícius e G. Morra.

<sup>178</sup> Cadernos de Formação do MST ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). Artigo: Como melhorar nossa mística, n. 27. p.15

Muitas vezes os militantes esquecem essa dimensão sentimental, que não se confunde com sentimentalismo. Por causa disso fazem exposições frias, sem tempero, insossas. Os discursos ficam secos. Mais afastam que aproximam. Segundo Peloso a experiência mostra que a lógica racional só é assimilada quando a pessoa já foi conquistada. Essa constatação grita mais uma vez que a canção é fundamental para alimentar a mística. Ela é descontração, alívio, mas sem dúvida é alimento. É impulso. É o conteúdo em forma apetitosa.

Faço algumas considerações de Leonardo Boff sobre mística que considero pertinentes e esclarecedoras para a compreensão de nosso trabalho. Boff diz que mística é adjetivo de mistério. Mistério tem muitos significados e vários desses significados são pejorativos. Leonardo diz que

“na linguagem comum usa-se a palavra mistério para concluir uma reflexão que esgotou as capacidades da razão e não consegue mais produzir luz. Ou então para indicar intenções ou realidades escondidas ao comum dos mortais. Mistério pode significar também a aura de interesse, curiosidade e fascinação que uma pessoa irradia: ‘Que mistério tem Clarice?’”<sup>179</sup>

A palavra mistério vem do grego *mysterion*, e quer dizer: perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção. Não possui um conteúdo teórico mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. “A pessoa é levada a experimentar através de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado. Segundo Boff, nesse mesmo artigo:

---

<sup>179</sup> Leonardo Boff. Cadernos de Formação do MST n. 27 ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). Artigo: Alimentar nossa mística. p. 23.

“Não se trata de ouvir catequese sobre uma doutrina de difícil acesso ou de receber lições sobre determinada visão secreta das coisas, mas trata-se de fazer uma experiência religiosa comunitária<sup>180</sup>.”

Mais tarde, num interesse filosofante e distante da experiência usa-se mistério para designar o lado supra-social-comunitário(racional) de uma doutrina ou revelação. Começa-se a se falar em SS Trindade. Já é agora uma reflexão teológica e não mais uma experiência mística, conclui Boff nesse mesmo artigo.

Quanto ao sentido antropológico-existencial de mistério e mística, Boff afirma:

“Mistério não eqüivale a enigma que decifrado, desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável<sup>181</sup>.”

No sentido religioso, entre outras coisas, ele diz que

a mística (...) é uma dimensão da vida humana, a qual todos têm acesso, quando descem a um nível mais profundo de si mesmos, quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante da riqueza do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo. Todos, pois, somos num certo nível, místicos.(...) Os místicos dão nomes ao mistério. É sua ousadia, pois o mistério é inominável. Chamam-no Deus, Atma, Tao, Javé, El Pai<sup>182</sup>.

Lembro que no Grupo dos Quarenta a preocupação era mais com a prática das pessoas do que com aquilo que professavam. Talvez por isso, não fosse difícil conviver entre o marxismo e o cristianismo, o ateísmo e o cristianismo, desde que o enfoque fosse o bem comum.

Boff fala ainda num sentido cristão:

---

<sup>180</sup> Idem p.24

<sup>181</sup> Ibidem p.25

<sup>182</sup> Ibidem p.30

“Piedoso e servidor do Deus histórico é aquele que se compromete com a justiça, toma o partido do fraco e tem a coragem de denunciar a religião do puro louvor sem a mediação do amor ao próximo<sup>183</sup>.”

Esse sentido de mística estava muito presente na década de 80 em Brusque. Lembro que muitas vezes havia conflitos com as comunidades, com a igreja e familiares. Mas era muito presente a idéia de que não podíamos pensar um mundo muito pequeno. Era preciso pensar no outro, nem que para isso tivéssemos que enfrentar conflitos. Tínhamos presente a idéia da defesa do fraco, da busca da justiça. Uma canção expressava um pouco isso:

Tenho que gritar, tenho que arriscar  
 Ai de mim se não o faço  
 Como escapar de Ti, como não falar  
 Se tua voz me queima dentro?  
 Tenho que andar, tenho que lutar  
 Ai de mim se não o faço  
 Como escapar de Ti, como não falar  
 Se tua voz me queima dentro?

Antes que te formasses no ventre de tua mãe  
 Antes que tu nascesses, te conheci e te consagrei  
 Para ser meu profeta entre as nações eu te escolhi  
 Irás onde te envio e o que mando proclamarás

Não temas arriscar-te porque contigo eu estarei  
 Não temas anunciar-me porque em tua boca eu falarei  
 Entrego-te meu povo para arrancar e derrubar  
 Para edificar, destruirás e plantarás

Deixa a teus irmãos, deixa teu pai e tua mãe  
 Abandona tua casa, porque a terra gritando está  
 Nada tragas contigo, pois a teu lado eu estarei  
 É hora de lutar porque meu povo sofrendo está<sup>184</sup>.

De um modo geral, percebia uma mística muito forte nos grupos inseridos na construção de uma nova sociedade. Com isso não quero dizer que os outros grupos não tivessem mística. Mas como também as místicas são ideológicas, penso que elas servem sempre para reforçar um ou outro tipo de sociedade.

---

<sup>183</sup> Ibidem p.32

Por último Boff fala do sentido sócio-político da mística, lembrando Max Weber, Pierre Bourdieu e outros, quando analisam a política como profissão e arte e discutem a importância dos atores carismáticos na transformação da sociedade. Boff escreve ainda:

A mística é, pois, o motor secreto de todo o compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas dentro da monotonia das tarefas quotidianas, por fim, permite manter a soberania e a serenidade nos equívocos e nos fracassos. É a mística que nos fez antes aceitar uma derrota com honra do que buscar uma vitória com vergonha, porque fruto da traição aos valores éticos e resultado das manipulações e mentiras (...) Não há militância sem paixão e mística, pouco importa a natureza da causa, seja religiosa, humanística ou política<sup>185</sup>.

A escolha desses artigos não foi por acaso. Eles refletem muito daquilo que foi vivenciado pelo Grupo dos Quarenta.

Combinávamos sonhos com construção desses sonhos. Éramos sonhadores com o pé no chão, dizíamos. Mas sabíamos que tínhamos que ter força diante de barreiras que pareciam intransponíveis. Muitas vezes em reuniões ou encontros onde apareciam poucas pessoas, fazíamos de tudo para valorizar os que ali estavam. Acabávamos contagiando. Essa força, esse ânimo chamávamos de mística. Era o que não permitia esmorecer. Isso era também o que muitos não entendiam. Éramos persistentes. Enxergávamos o pouco de verde que tinha no deserto. O oásis era uma festa. Éramos descobridores de oásis?

---

<sup>184</sup> Canto nº 7 - anexo

<sup>185</sup> Leonardo Boff. Cadernos de Formação do MST ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). Artigo: *Alimentar nossa mística*. n.27. p. 23.

## 2 A CANÇÃO PARA O GRUPO DOS QUARENTA

No meu envolvimento com os movimentos sociais na região de Brusque desde 1982, comecei a perceber que nos encontros e reuniões, os preconceitos começavam a cair na hora que se utilizava o violão. A partir do violão deixava-se de ser "vilão"? Por quê? Isso sempre me despertou curiosidade. Em muitos lugares ao terminar uma palestra vinha gente e dizia: "Você que é o fulano?". E eu brincava: "Por quê? Estavam esperando um "monstro"?"? Numa sociedade capitalista, hoje neoliberal, que quer esconder os conflitos, que quer mascarar a luta de classes, busca-se imprimir naqueles que querem conversar sobre isso, o rótulo de subversivos, desordeiros, gente "mal resolvida", incoseqüentes, etc. Numa sociedade onde a ideologia dominante fala em democracia<sup>186</sup>, em voto da maioria, o discurso pode pegar facilmente. Ou o oprimido faz o jogo do opressor reforçando sua opressão, ou se rebela para a construção de uma outra lógica, onde o individualismo é substituído pelo coletivo em que se respeita e a individualidade de cada um numa perspectiva de construção de um mundo bom para todos. Essa era a convicção do Grupo dos Quarenta.

Nessa caminhada, ao se trabalhar com teatro, animar encontros, principalmente de juventude, puxando os cantos, havia sempre essa inquietação - curiosidade. Tudo o que diziam a respeito daqueles que trabalhavam numa preocupação com o social, caía por terra na hora do lúdico. Era algo "quase mágico". E daí por diante era possível estabelecer relações, conversas e construir possibilidades, saídas para muitos problemas que afetavam os grupos. Certamente a música tem outras dimensões que ultrapassam a fala. Há quem diga que a música não é só uma forma de comunicação, mas um tipo de inteligência<sup>187</sup>.

---

<sup>186</sup> O fato de poder escolher os governantes não necessariamente é democracia. A elite têm os meios de comunicação nas mãos onde pode haver manipulação na propaganda dos candidatos e na pesquisa de opinião pública, principalmente em campanhas eleitorais.

<sup>187</sup> O psicólogo Howard Gardner, no seu livro *Inteligências Múltiplas*, (Artes Médicas, Porto Alegre, 1995, página 22), fala que uma das inteligências é a inteligência musical. Como meu olhar vai sempre no sentido de saber a quem interessa pensar de um jeito ou de outro, procurarei também

Uma música, uma canção, na sua forma de escrever pode influenciar um povo, uma comunidade a se acomodar e a aceitar passivamente a realidade. Uma letra, um ritmo, uma forma de expressar através da canção pode provocar tensão, reflexão, indignação e ação. Participante ativo da última campanha eleitoral em Brusque, percebi como uma letra forte pode influenciar, agitar, mover, animar militantes. Um candidato a prefeito na minha cidade usou uma canção sertaneja para passar a mensagem. A música de uma qualidade bem duvidosa acabava entrando nas camadas populares. De outro lado, uma canção do partido de esquerda da cidade (PT) – canção: “Prá mudar a direção”, que já fizemos referência, que chamava a população a mudar a direção do município com muita participação no governo, decidindo o futuro da cidade junto com o prefeito e a equipe. As letras das canções deixavam clara a forma como os candidatos e os partidos encaravam o povo.

A canção, como qualquer outra manifestação artística, expressa os movimentos, as tendências<sup>188</sup> de uma sociedade. A canção esconde ou escancara os problemas. Enquanto reprimiam as forças populares, os militares faziam o povo cantar o hino da seleção, os cantos ufanistas, como: “Esse é um país que vai prá frente” e construíam frases de efeito: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Nas canções, tanto os governos, como os movimentos, os grupos e as pastorais refletem aquilo em que acreditam, o que buscam. As canções são pedagógicas. Elas não estão nesses espaços por acaso. Conscientemente ou não, quem é tocado pela letra de uma canção tem um modo de ver o mundo reforçado. Os movimentos sociais se expressam em sua luta pela busca da moradia, da cidadania, de melhores condições

---

no aprofundamento dessas afirmações perceber a quem favorece, visto que em nada existe neutralidade. Além disso, conhecendo essas dimensões, aprender como poderiam ser socializadas e apropriadas pelos movimentos sociais, se for o caso.

<sup>188</sup> A Tropicália, por exemplo, retrata uma época. Carlos Calado, no livro *Tropicália*, ( editora 34, 1997,) conta “A história de uma revolução musical”. Na contra capa do livro lê-se: “ A tropicália distendeu o cordão satanizado da bossa, abrindo as comportas da obra de arte para as margens do brega nativo e do pop internacional, numa operação programática de “sair e entrar em todas as estruturas”. Portanto, fica evidente que também a arte retrata um jeito de ver as coisas: de negar, afirmar ou completar um movimento anterior. Entre os artistas não há unanimidade. Particpei de um debate em 1998 no Rio, onde estavam os compositores Capinan e Sérgio Ricardo. Este último autor do roteiro musical de: O Auto da compadecida de Ariano Suassuna. No início ele estava junto com João Gilberto e os artistas ligados à bossa nova. Depois foi se afastando. No debate, ele dizia que a bossa foi responsável pela despolitização da canção. Segundo seu depoimento as questões sociais, quentes e presentes antes da bossa, agora já não existem.

de vida, também por meio da linguagem da passeata, do texto, da arte , do teatro, da poesia, da música. O que é cantado nesse meio fala aquilo em que o grupo acredita.

No Brasil , exemplos claros dessa linguagem utilizada e cantada contra a ditadura militar são muitas das canções de Chico Buarque de Hollanda como: “Roda Viva” , ‘Apesar de você”. De Gilberto Gil : Versão de “No woman no cry” de B. Vicent. De Geraldo Vandré: “Prá não dizer que não falei das flores” e “Fica mal com Deus”. E tantos outros. Até Roberto Carlos, com posição não tão clara em relação à ditadura, homenageou Caetano, então exilado, com a canção: “Debaixo dos Caracóis dos teus cabelos”. ( Talvez aqui tenhamos também resposta para situações de contradição. Mesmo assumindo posições dúbias, os artistas acabam percebendo aberrações e se envolvendo nas questões políticas do país.) Por sua vez o governo, para controlar as forças populares encomendava músicas como: “Eu te amo meu Brasil” da dupla Dom e Ravel e tantas outras. O regime militar censurava bravamente qualquer canção que colocasse em risco a “ordem estabelecida”. Para contrapor oferecia canções que escondiam os bastidores do terror da ditadura militar.

Enquanto o Brasil ganhava a Copa no México em 1970, no auge da ditadura militar, uma canção dizia:

“Noventa milhões em ação, prá frente Brasil do meu coração. Todos juntos vamos, prá frente Brasil, salve a seleção. De repente é aquela corrente prá frente, parece que todo Brasil deu a mão. Todos grudados na mesma emoção. Tudo é um só coração. Todos juntos vamos, prá frente Brasil, Brasil. Salve a seleção<sup>189</sup>.”

Esse hino era a expressão musical abafando as perseguições, os desaparecimentos, as mortes. Os militares sabiam da importância de cada gol da seleção no México. O esporte mais popular do país era instrumentalizado contra as lutas populares para anestesiar, para acalmar, para esconder o que acontecia dentro

---

<sup>189</sup> Hino da seleção do Brasil na copa de 70 no México.

do país. A canção servia para esse mesmo fim. De um lado a canção de Zé Geraldo “Milho aos pombos” dizia: “Tudo isso acontecendo e eu aqui na praça dando milho aos pombos”, expressando que muitos estavam alheios aos acontecimentos. Por outro lado, a canção “Caminhando e Cantando<sup>190</sup>” de Vandrê, presente nas concentrações, encontros, expressava também que o povo não era passivo e que muitos estavam sabendo exatamente o que estava acontecendo.

O Grupo dos Quarenta também tinha na canção, o intuito de passar uma mensagem, estabelecer um diálogo, alimentar uma luta.

Durante alguns anos, com trabalhos populares através da Pastoral Operária, Pastoral da Juventude, Movimentos de Bairros, Grêmios Estudantis e Partido Político, nos chamou a atenção de modo particular um detalhe: muitas vezes usávamos da palavra para expor determinados pontos de vista e havia muita dificuldade de as pessoas entenderem. Inventávamos várias formas de nos fazer entender. Com alguns grupos a fala ia bem. Com outros nem tanto. Mas observávamos que a canção passava as mensagens, os conteúdos com menos conflito. Não que quiséssemos fugir dele, mas queríamos que a partir dele se avançasse nas discussões e que houvesse conseqüências práticas rumo à construção de uma sociedade solidária, fraterna, justa.

Uma situação particular num bairro de Brusque nos meados da década de 80 nos intriga até hoje: num trabalho junto a um grupo jovem<sup>191</sup> numa capela<sup>192</sup>, depois de começarmos a cantar nossos sonhos, nossa visão de mundo, a comunidade pareceu nos entender melhor do que quando falávamos. O que aconteceu? Que poder tinha a canção de comunicar o que se pensa sem precisar fazer muito discurso? Até onde esse recurso pode ser usado? Até onde havia influência do conteúdo das expressões de arte/culturais nos participantes desse

---

<sup>190</sup> Era também assim chamada a canção que tinha como título: “Prá não dizer que não falei das flores”.

<sup>191</sup> Vários jovens do Grupo dos Quarenta participavam do Jepam(Jesus por amigo). Grupo jovem da comunidade Maluche, Brusque. Eu não era um participante direto do grupo, mas tinha uma forte relação com ele.

<sup>192</sup> A igreja católica se organiza em diocese, paróquias, capelas, etc.

grupo jovem e na comunidade onde atuavam, já que o teatro e a canção eram freqüentemente utilizados?

## 2.1 SANTA DISPUTA? <sup>193</sup>

1986!  
 Vai começar a celebração<sup>194</sup>.  
 O povo vai chegando.  
 O pequeno ambiente vai ficando tenso.  
 Os jovens preparam a liturgia.  
 O padre faz cara de bravo. Cara feia.  
 Para fazer cara feia nem precisava esforço.  
 A natureza não foi muito generosa com ele.  
 Cantos e comentários da celebração tem um conteúdo social bem concreto.  
 O sacerdote está mais para as coisas “sublimes”.  
 Preocupa-se com as coisas do alto: conteúdo espiritual fora do alcance dos Humanos.  
 Os jovens colocando nas mãos dos homens e mulheres a construção da sociedade nova!  
 O sacerdote colocando tudo nas mãos de Deus.  
 Durante a celebração: uma disputa.  
 Na vez dos jovens falarem: um conteúdo.  
 Na hora do padre: outro.  
 Uma ferrenha briga durante a celebração!  
 O povo?  
 Ah! gostaria de saber o que pensava o povo!” ( VCL, ano de 1999)

## 2.2. SITUANDO NOSSO TEMA

No ano de 1986, numa comunidade de Brusque, Jardim Maluche, um grupo de jovens da igreja católica me convidava vez por outra para ajudar na liturgia da missa. Desde 1976 participei de grupos de jovens e nessa época (1986) estava mais ligado à coordenação, assessorias e a animação de celebrações. Como esse grupo era preocupado com as questões sociais, aceitava o convite, e ia tocando violão.

Geralmente quando eu chegava a liturgia já estava preparada. Mas muitas vezes eu também ajudava a prepará-la, chegando antes e colaborando com o conteúdo da mesma. Procurávamos sintonizar comentários e cantos. Sabíamos que enfrentaríamos uma disputa de conteúdo com o sacerdote que viria celebrar a missa.

---

<sup>193</sup> Como gosto de escrever poesias, crônicas, “Santa Disputa” é apenas uma forma poética para ilustrar a experiência que passamos na comunidade do Jardim Maluche, Brusque

Era uma disputa acirrada, boa de se fazer. Estavam em jogo duas visões<sup>195</sup> bem distintas de igreja e de sociedade. Na celebração isso aparecia, era visualizado de forma bem nítida nas palavras do sacerdote e nas palavras e cantos dos jovens. Era uma disputa literalmente de quem melhor ocupava o microfone, de quem melhor ocupava os espaços.

Começava a celebração e o comentário inicial e o canto davam um tom bem social para aquilo que a juventude queria celebrar. Antes de dar início à celebração o sacerdote já tomava a palavra para “corrigir” o rumo que a celebração ia tomando nas mãos dos jovens. E dava início à mesma.

A celebração ia em frente. Os cantos diziam uma coisa e o sacerdote outra.

Chegava a hora das leituras. Nos comentários das leituras os jovens procuravam relacioná-las às questões sociais nacionais e locais. Assim também faziam com o comentário antes de ser lido o evangelho. De novo, a celebração adquiria uma cara de celebrar a vida do dia a dia, convidava à mudança das estruturas injustas da sociedade com participação nos instrumentos que existem na sociedade: associação de moradores, sindicatos, partidos. Isso não era dito diretamente, mas entendia-se perfeitamente o que os jovens queriam dizer, porque esses mesmos jovens participavam dessas instâncias.

Chegou a vez do padre. Ao acabar de ler o evangelho ele fazia o sermão. Quinze minutos que ele de novo tinha para falar sozinho o que bem entendesse. Ninguém podia contestar. A igreja tem dessas coisas. Em todas as celebrações o sacerdote fala o que quiser durante quinze minutos e o povo, que o padre sempre chama para participar da igreja não pode abrir a boca. Numa ocasião fui seguro por um companheiro para não interromper um padre que dizia, em outras palavras que ninguém podia mudar o mundo: só Deus. Embora nessa celebração também muitas

---

<sup>194</sup> Missa animada pelos jovens que eram responsáveis pela liturgia e cantos.

vezes, tivesse vontade de fazer o mesmo, dávamos resposta com os cantos e com os comentários e espaços “permitidos”.

Ao terminar o sermão olhávamos para o semblante um do outro e a sensação que cada jovem passava dizia: “só se matar o padre!” A raiva era grande. Acredito mesmo que aquela missa fazia mal para a nossa saúde. Quem sabe também para a saúde do padre.

A celebração ia adiante. Verdade também que tinha um lado divertido e de catarse. Quando a gente conseguia colocar “um chapéu” no padre, a gente vibrava um monte.

Numa ocasião, no início da celebração dissemos que muita gente, inclusive sacerdotes, tem às vezes até um discurso muito bonito em favor dos pobres, mas que depois usam tanto “mas”, que mostram exatamente que na prática pouco fazem. Naquele dia o sermão do padre foi cheio de “mas”. Ele dizia que a gente tinha que se envolver com o social, mas não podia se esquecer de Deus. Que a gente tinha que fazer, mas precisava rezar. Que a gente podia pensar, mas tinha que obedecer a igreja. Que a igreja podia errar, mas melhor errar com a igreja do que acertar sem ela. Seguiam tantos “mas”, que melhor mesmo era nada fazer. Quem ouviu o sermão sabia que tínhamos dito o “mas” para o sacerdote antes mesmo dele dar o sermão. Acredito que ele devia estar tão distraído ou preparando respostas para nós, que não se tocou sobre o que a gente havia dito no comentário inicial. Foi uma situação até certo ponto cômica. Ele acabou confirmando e “colocando o chapéu”. Mesmo assim, dentro da celebração ainda dissemos: devemos nos preocupar em estar bem com Deus na oração, mas a verdadeira oração é orar e agir. Oração = orar e fazer. Devemos nos preocupar em dar lugar a Deus na nossa vida, mas Deus está naquele que sofre, no marginalizado. Ele não combina com o sistema capitalista excludente, etc. A igreja tem um papel importante em reunir as pessoas em comunidade, mas comunidade não se reúne só para rezar no Domingo. A comunidade se reúne também para buscar melhor vida: pão,

---

<sup>195</sup> Clássica e Teologia da Libertação

transporte coletivo, salário, lazer, enfim. Era de uma certa forma uma armação de situações um para o outro.

Voltemos à celebração de que vínhamos falando. Chegou a hora da oração dos fiéis: um momento onde a comunidade faz preces a Deus! Aí a coisa pegava fogo. Não seguíamos o folheto pronto. Fazíamos improvisos em cima do que o padre havia falado no sermão. Pedíamos pela conversão da igreja, pelo compromisso dos sacerdotes para com os pobres, etc. Mas quem fazia o fechamento era de novo o sacerdote. Muitas vezes ele dava a resposta já na hora, tentando anular o que havia sido dito antes. Noutras vezes, ele aproveitava outro espaço. Em muitas ocasiões ele concordava e colocava um “mas” que desqualificava o conteúdo dos jovens. Pena que nunca gravamos uma celebração para depois analisar. Mas era isso que estamos narrando e muito mais.

Assim ia celebração adentro. Troca de olhares! Solidariedade! Raiva! Tudo se misturava! Dor de estômago! Certamente algumas úlceras e outros males nasciam ali ou ali se agravavam! Mas, por outro lado, desses momentos nascia a vontade de se continuar na luta pela construção do que chamávamos de “Reino”<sup>196</sup>. Acreditávamos e acreditamos hoje ainda que a sociedade que queremos construir é fruto da nossa luta diária com as ferramentas que temos à disposição: associação de moradores, grêmios estudantis, partidos políticos, igrejas e suas pastorais, sindicatos e tantas outras organizações da sociedade. A briga com o sacerdote tinha essa motivação! Essa motivação nos empurrava para frente! O que acreditávamos podia e devia se concretizar através dessas ferramentas. São essas ferramentas que fazem o Reino acontecer. Fora isso, é apenas um desejo. Desejos podem ou não acontecer.

Chegava a hora da ação de graças. De novo os jovens apresentavam uma música, uma pequena encenação, uma apresentação com apelo para que a

---

<sup>196</sup> Acreditávamos que a sociedade justa, fraterna, a solidariedade, o bem coletivo, os sonhos eram para ser realizados aqui. Entendíamos isso como sendo o “Reino”. Era para ser construído aqui. Por isso deveríamos estar organizados nos movimentos, no partido para fazer acontecer o “Reino” já.

comunidade ligasse a celebração à vida! Fim desse momento, de novo a palavra estava com o sacerdote.

Mas nem tudo estava perdido!

Reconstruíamos de novo o conteúdo numa parte da celebração, quase no final que era: “Nossa resposta à palavra de Deus”. Mas em seguida lá estava o microfone com o padre. De novo o sacerdote, antes de dar a benção dava um “toquezinho” sobre algumas questões já faladas na celebração. Vinha o canto final, com o conteúdo que escolhíamos, mas a última palavra tinha sido do padre. Saíamos muitas vezes com uma sensação de derrota.

Aos poucos, descobrimos uma nova estratégia. O padre dava a benção final e nós antes de anunciarmos o canto falávamos sobre o conteúdo do mesmo e aproveitávamos para dar a última palavra na celebração. Aos poucos, o padre também foi aliviando porque sentiu que também sabíamos jogar o jogo.

Começamos a sair mais contentes da celebração. Na verdade era bom também dar um “pau” no padre. Ele era autoritário e se aproveitava da estrutura da igreja e do “respeito” da comunidade para prevalecer o que pensava. Claro que não havia unanimidade nem para ele, nem para nós, mas certamente os jovens balançaram a estrutura e a visão apresentada pelo sacerdote. Muita gente também teve uma compreensão diferente do que é viver a fé!

Lembro que numa ocasião fiz uma disputa no microfone com a fera. Era hora da “oração dos fiéis” e depois de muitas orações feitas pelos jovens e pela comunidade também fui fazer a minha. Quando ele percebeu o conteúdo que eu estava dando para aquele momento ele quis cortar voltando ao folheto da celebração. Por umas três vezes ele tentou continuar. Por três vezes iniciei o que havia dito. Ele parou! Pude terminar! Mas dali por diante ele ficou um pouco mais “manso”, pelo menos naquela celebração. Se de um lado isso nos irritava, por outro nos dava ainda mais gana para lutar e denunciar que a forma de se organizar a

sociedade era injusta e que a igreja e o padre com aquela postura estavam favorecendo a classe dominante e não o povo! Isso sempre era dito de alguma forma!

Mas o embate com esse sacerdote não se dava só nessa comunidade. Quando “puxávamos canto” na matriz, centro da cidade a briga também era grande. Ele cortava cantos pela metade. Mandava parar! Eram muito tensos os momentos. Por outro lado dávamos também nossa resposta. Corte. Canto com conteúdo social mais forte. Na matriz, por exemplo, nos livros de cantos, conseguia-se, através dos que os elaboravam, passar alguns cantos de conteúdo social. Mesmo que alguns sacerdotes fossem contra, nos livros que vinham de fora de Brusque e também nos que eram elaborados em Brusque, apareciam esses cantos. Alguns chegavam a chamar os tocadores na sacristia para que apresentassem a relação de cantos. Aqueles que tinham conteúdo social eram tidos como não litúrgicos e cortados. Um grupo de tocadores não era chamado porque o sacerdote não queria embates. Então a briga acontecia dentro da celebração. Esses cantos considerados profanos, não eram somente aquelas canções populares, aceitas por alguns sacerdotes. Muitas vezes eram cantos feitos por poetas populares com temas religiosos com mais ênfase à fé engajada nas lutas do povo. Isso era fatal: corte. Por outro lado, quando havia censura de um canto, colocávamos outro no lugar com conteúdo igual ou até mais forte. Pelo menos uma vez iríamos cantar. Quando o padre soubesse antes o que ia ser cantado, ele cortaria mesmo. Cantos que eram cantados e que na visão de muitos não eram litúrgicos: “Pai Nosso dos Mártires”, “Negra Mariama”, “Peregrino nas estradas”. Sabíamos que muitas canções não estavam colocadas exatamente dentro dos momentos da liturgia, mas sabíamos igualmente, que poucas canções dentro das celebrações respeitam, de forma sistemática esses momentos. Se nossas canções não eram litúrgicas, da mesma forma muitas canções de movimentos jovens como Emaús<sup>197</sup>, Mariapolis<sup>198</sup> e tantos outros também não o eram. Sabíamos que tudo não passava de uma justificativa que tinha dois pesos e duas medidas. O problema, sem dúvida, era o conteúdo das canções.

---

<sup>197</sup> Movimento espiritualista da Igreja criado para substituir a pastoral combativa.

Apresento um dos cantos que não eram considerados litúrgicos:

Pai Nosso, dos pobres marginalizados  
Pai Nosso, dos mártires, dos torturados

Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida  
Teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida  
Teu Reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão  
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão

Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador  
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor  
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões  
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de canhões

Perdoa-nos quando por medo, ficamos calados diante da morte  
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte  
Protege-nos da crueldade dos latifundiários, dos prevalecidos  
Pai Nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos<sup>199</sup>.

Lembro também que nessa época fazíamos muitas encenações por ocasião do Natal e Páscoa. Na celebração de Páscoa, trabalhávamos o texto tradicional com comentários e cantos com conteúdo social forte. Os cantos são os que vão aparecendo no decorrer desse projeto. Quando crucificavam Jesus Cristo, muitas vezes fiz esse papel de Cristo, buscávamos dizer que sua morte continua acontecendo por causa da política econômica do governo que mata de forma sutil. Mas que mata igual. Procurávamos apresentar números de menores abandonados, crianças espancadas, operários mal pagos, assassinados, etc. Ora, isso irritava a elite local e chegava a provocar transferência de sacerdotes. Um deles, talvez o primeiro que se envolveu de forma bastante ativa na defesa dos operários brusquenses no Bairro Águas Claras, teve sua transferência, logo que alguns empresários da cidade, ligados à Paróquia São Luiz Gonzaga, pressionaram o pároco e o bispo para que o transferissem para outra cidade. Por conta dessas apresentações de Páscoa, numa oportunidade, os sindicalistas pediram que encenássemos a morte de Cristo numa celebração de Primeiro de Maio na Igreja. Lá fomos nós. Baseamo-nos no texto tradicional da crucificação de Jesus Cristo e adaptamos para a realidade de 1º de Maio. Com cantos ( “Santo Dias” era um dos cantos que lembrava a vida e morte desse operário que lutou pela causa operária) e

---

<sup>198</sup> Movimento espiritualista oriundo da Itália.

<sup>199</sup> Canto nº 1 - anexo

conteúdos próprios para esse dia entramos de bicicleta e de marmita na igreja, lembrando a ida do operário ao trabalho. Nessa época era muito usada a bicicleta na cidade. Hoje bem menos. Enquanto o operário entra de bicicleta e come uma marmita com arroz e lingüiça, o comentarista vai fazendo um paralelo entre a vida, as frases de Jesus Cristo e a vida dos operários. O clima fica tenso. A encenação continua até que dois soldados tiram a bicicleta à força (sem estar no programa acabam quebrando a bicicleta que havia sido emprestada por uma professora, atuante na paróquia, catequista, pouco valorizada no seu trabalho voluntário com a igreja). Depois dessa encenação o pároco - o mesmo que como sacerdote havia feito um trabalho bastante consistente em relação à Constituinte/88, reunindo operários e comunidade em geral após a celebração da missa para falar da importância daquele momento para o país e com forte afinidade com a juventude desses grupos engajados na sociedade na defesa dos marginalizados, excluídos – começa a receber telefonemas de muitos paroquianos. Recebe muita pressão da diretoria da igreja e acaba sendo, um pouco mais tarde, substituído na paróquia. As reclamações eram as seguintes: onde já se viu entrar de bicicleta e comer arroz e lingüiça perto do altar. Nos telefonemas mostravam indignação por esses fatos. O que disseram para o provincial ninguém sabe. Mas na paróquia essa era a reclamação. Um jeito fácil para não se discutir o conteúdo da celebração, o que na verdade era o verdadeiro motivo. O padre é substituído e é deslocado para ser Reitor do Convento Sagrado Coração de Jesus. O Convento realiza festas todos os anos para arrecadar fundos, na primeira festa que o Convento teve como Reitor esse sacerdote, os empresários locais não deram prendas, não apareceu mais patrocínio. Foi uma retaliação. Não estavam contentes apenas com o deslocamento do sacerdote. O queriam ver longe. Um fato curioso ainda para se relatar, algumas pessoas quando souberam que a bicicleta tinha sido quebrada, tentaram consolar e jogar a professora contra os atores, membros da Pastoral de Juventude. A professora não teve dúvidas: dei a bicicleta e dou tudo o que tenho para que eles continuem fazendo esse tipo de encenação. O tiro saiu pela culatra.

Um dos cantos da encenação que já refletimos aqui, mas que agora coloco na íntegra:

Santo Dias<sup>200</sup>

Operário de sonho criança,  
Operário da terra e oficina.  
Operário que um dia se cansa,  
de esperar as mudanças de cima.

Operário esperança que vela,  
Operário suado sem fala.  
Operário algemado na cela,  
operário calado a bala.

Entre nós órfãos choram carícias,  
de ásperas mãos de ternura.  
Que morre em piquete vencendo  
a mão que lhe mata e tortura.

Só o rosto do amigo tem nome,  
e lugar em uma vida futura.  
A terra e a história consomem  
o covarde, a opressão e a impostura.

Refrão:  
Santo a luta vai continuar.  
Os teus sonhos vão ressuscitar.  
Operários se unem prá lutar.  
Por teus filhos vai continuar.

É o gás, é o choque, é a tosse,  
fumaça, cavaco, ferida,  
pobreza com fome, cansaço,  
doença, hora extra perdida.

É a máquina quieta, parada;  
é a greve, o piquete, a polícia;  
é o peão com a vida danada  
entre a fome e a dor da sevícia.

É o sangue que orvalha a justiça,  
dá a flor, dá o fruto e o pão.  
Ternura nas mãos da cobiça  
se vinga em nova estação.

É Santo que a morte não mata  
soluços de Anas Marias.  
Nos órfãos que perdem seus pais,  
renascem as idéias um dia.

Na alvorada que nasce impassível,  
o sol nos encontra na estrada,  
em ciranda de gente explorada,  
formando muralha invencível. E então  
“A terra queimada se converterá num lago,  
e a região seca em fontes de água.”(Is.35,7)

---

<sup>200</sup> Cantando nossa libertação – ACO – p.25

Depois desses relatos, voltemos ao nosso caso. Noutra ocasião, na matriz, ele nos cortou antes mesmo de começarmos um canto. Olhei para os outros dois tocadores e disse: “hoje não toco mais”. Estava bem no final da celebração. Quando ele dava a bênção final tinha o costume de dizer: “enquanto vamos cantando, vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe”. Quando ele acabou de dizer, num gesto bem “bandeiroso” coloquei o violão nas costas, seguido por mais dois violeiros e chegamos antes que ele na sacristia. Fizemos pelo menos ele passar um pouco de vergonha. Ele foi questionado na sacristia.

#### Canto cortado antes mesmo de ser executado:

Igreja é povo que se organiza  
Gente oprimida, buscando libertação  
Em Jesus Cristo, a libertação

O operário lutando por seu direito  
De reaver a direção do sindicato  
O pescador vendo a morte dos seus rios  
Já se levante contra esse desacato<sup>201</sup>.

Embora essa visão de igreja se encarnava e se expressava na figura desse sacerdote, não a do canto, mas a do que vínhamos cantando, sabíamos que nossa briga não era com uma pessoa. Mas era preciso localizar e combater essa visão bem concretamente<sup>202</sup>.

Também fica evidente que essa disputa na celebração refletia a disputa na comunidade. O sacerdote ocupava todos os espaços possíveis dentro da comunidade. Querendo ou não, a fala do padre, o sagrado prevalecia sobre o modo de ver as coisas dos jovens e daqueles que tinha uma visão diferente da visão

---

<sup>201</sup> Canto nº12 - anexo

<sup>202</sup> Até hoje não sei se o padre e muitos jovens tinham isso presente. Mas que o jeito do padre ajudava a fortalecer a igreja que não queríamos, ajudava. Ele era vingativo! Vivo! Tinhoso! Uma pessoa azeda! Triste! Rancorosa! Não sei se tinha intenção de ser o que era, penso até que não, mas era desse jeito! Aliás, minha experiência de doze anos de vida dentro de seminários católicos me ajudam a afirmar que o celibato obrigatório dos sacerdotes forma gente insensível, seca, azeda, triste, autoritária. Sem falar que pouquíssimos guardam de verdade o celibato. Uma exigência que traz estragos e incoerências, quando o sacerdote fala em indissolubilidade do casamento e não consegue viver o celibato. A estrutura da igreja provoca grandes problemas de consciência em seus ministros. Deveria ser uma opção. Mas não é o caso para analisarmos aqui. A breve reflexão é apenas para dizer que fica difícil lidar com gente assim!

conservadora e autoritária do sacerdote. O padre levava vantagem. Sabíamos que muitos não podiam nem ouvir falar do nome dele, mas na hora da celebração ele estava “no lugar de Cristo”. Agindo “na pessoa de Jesus Cristo.” E agora? “Durma-se com um barulho desse”!

Relatei mais ou menos o que ocorria para contextualizar aquilo que mais me interessa que é o canto. Este é um pequeno exemplo de situações que vivenciamos. Sempre que cantei e toquei violão não o fiz de forma totalmente desinteressada! É lógico que nem sempre está se pensando de forma efetiva para colocar cada música no seu lugar certinho, ela extrapola, muitas vezes aquilo a que a gente se propõe. Mas nunca fui neutro e sempre que era possível, procurava um conteúdo para cada ocasião. A preferência sempre foi para músicas que ajudassem a desestruturar a sociedade capitalista e que apontasse para o socialismo. Mesmo assim, tenho consciência que dentro de uma mesma música se encontram idéias contraditórias. Mas as letras e parte delas que tinham o conteúdo que a gente desejava, a gente cantava com mais tesão. Com mais vontade. Tenho certeza que isso era passado para os que nos ouviam. Essa visão não é só minha. Era a visão do grupo de pessoas do qual eu fazia parte.

Ao mesmo tempo sinto que essa experiência expressa muito outras disputas que fizemos no interior da igreja até sermos “convidados a sair” dela. O violão foi um companheiro que falava muitas vezes o que a gente sentia. É difícil calar o canto, o violão. Foi com o canto, bem como o teatro que falamos muito. Cantos, teatros, improvisos, criatividade foram ingredientes importantes para sustentar nossa mística.

### 2.3. PALAVRAS MAIS FREQUENTES NAS CANÇÕES

Busquei nos 48 cantos que mais cantávamos no Grupo dos Quarenta, algumas palavras mais repetidas. Entendo que elas passam muito bem as idéias que estavam em volta do Grupo. Nem sempre as palavras têm exatamente o mesmo

significado em todas as canções, mas é o que acontece de um modo geral. De toda forma, são palavras que iam sendo repetidas, faladas, criando imagens no Grupo dos Quarenta e na comunidade.

Também seria bom esclarecer que às vezes algumas expressões se repetem mais vezes numa mesma canção. Mas na maioria dos casos, elas se espalham, por diversas canções. Penso que isso é relativo porque depende do número de vezes que eram cantadas:

Vamos às palavras:

Vida.....	55 vezes
Liberdade.....	48 vezes
Deus.....	48 vezes
Canto.....	45 vezes
Povo.....	42 vezes
Terra.....	38 vezes
Novo.....	29 vezes
Câmbia.....	26 vezes
Luta.....	24 vezes
Caminho.....	22 vezes
Nascer.....	23 vezes
Pobre.....	20 vezes
Sonho.....	19 vezes
Cristo.....	17 vezes
Pão.....	16 vezes
Chão.....	16 vezes
Morte.....	18 vezes
Operário.....	16 vezes
Fome.....	15 vezes
Dor.....	15 vezes
Esperança.....	15 vezes
Opressão.....	15 vezes

Dia.....	14 vezes
Alegria.....	14 vezes
Semente.....	8 vezes
Irmãos.....	6 vezes
Reino.....	3 vezes
Mudança.....	1 vez..
Partilha.....	1 vez..
Distribuição.....	1 vez..
Divisão.....	1 vez..

Procuro comentar algumas delas. Algumas separadamente, outras em grupo.

### 2.3.1 Vida/Morte

Uma frase bíblica que usávamos muito: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”.<sup>203</sup> Nas canções, 55 vezes aparece a palavra “vida”. Entendo que não é por acaso. É a expressão mais repetida. A canção “ O que é, o que é ”<sup>204</sup> de Gonzaguinha expressava muito o que o Grupo dos Quarenta pensava:

Eu fico com a pureza das respostas das crianças  
É a vida, é bonita, é bonita...

Viver e não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz  
Ai meu Deus, eu sei (eu sei) que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita, é bonita...

E a vida, e a vida o que é diga lá meu irmão/ Ela é a batida de um coração/ Ela é uma doce ilusão/ E a vida, ela é maravida ou é sofrimento / Ela é alegria ou lamento/ O que é, o que é, meu irmão

Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo/ É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo/ Há quem fale que é um divino mistério profundo/ É o sopro do criador numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer/ Ele diz que a vida é viver/ Ela diz que o melhor é morrer pois amada não é e o verbo é sofrer/ Eu só sei que eu confio na moça e na moça eu ponho a força na fé

<sup>203</sup> Evangelho

<sup>204</sup> Canto nº51a - anexo

Somos nós que fazemos a vida/ Como der, ou puder ou quiser/ Sempre desejada/ por mais que esteja errada/ Ninguém quer a morte/ Só saúde e sorte

A pergunta roda e a cabeça agita...

Muitos dos participantes eram professores, catequistas e de áreas que trabalhavam com crianças. A canção refletia aquilo que o grupo queria levar: vida! Vida em abundância. Era preciso e se cantava. Acredito que ela contagiava as crianças e os adultos. Mas nessa e noutras canções batíamos firmes no capitalismo, o sistema que gerava de uma lado os privilegiados, exploradores e de outro lado a miséria, a morte. Matava a vida.

Em algumas canções a morte lembra vida. Tem sentido positivo, de lembrança, de presença: “ ...Zumbi(...) ...você não morre. Você está em mim”<sup>205</sup>. A morte é lembrada para defender a liberdade: “A liberdade é só certeza na esperança. A encontra quem na vida se arriscar. E no risco posso ser crucificado. Mas cantando a liberdade vou morrer”<sup>206</sup>.

Em outras canções morte é morte e pronto: “Talvez a liberdade chegue tarde demais. E tantos inocentes morram cedo demais”.<sup>207</sup> Mas a canção continua e aponta um caminho: “Que a luz nos mostre agora um caminho de paz. E acabe a violência que mata demais”.<sup>208</sup> Importante lembrar que na leitura do Grupo dos Quarenta, a paz só é alcançada com a construção de outra sociedade. A violência é fruto do capitalismo. A ganância faz parte do capitalismo. Quando de um lado os grupos espiritualistas falam que a miséria é fruto da ganância, do egoísmo, nosso grupo aprofundava que é verdade em parte, o sistema capitalista é que alimentava e gerava esses sentimentos e posturas nas pessoas.

Mas nas canções, podemos notar que mesmo quando se fala em morte há uma contrapartida de defesa da vida. Não era algo fatalista. Não era algo inevitável e de recompensa “para a outra vida”. A vida era para ser vivida já aqui.

---

<sup>205</sup> Canto nº19 - anexo

<sup>206</sup> Canto nº18 - anexo

<sup>207</sup> Canto nº 8 - anexo

<sup>208</sup> Canto nº8 - anexo

Depois, ficaria por conta daquilo em que cada um acredita. Mas o que estava ao nosso alcance era cuidar da vida nessa vida.

### 2.3.2 Liberdade

Outra expressão das mais repetidas era “liberdade”. Fica aqui evidente a sintonia do Grupo dos Quarenta com o momento que vivíamos. Estávamos ainda sob a ditadura. Mas mais que isso. Estávamos questionando também a autoridade da igreja, a forma de a igreja se organizar. Dizíamos que também no interior da igreja havia autoritarismo. Se de um lado a igreja recebia os que eram perseguidos pelo regime militar, por outro lado, internamente ela fazia algo semelhante. Isso era dito entre nós. Era tema de nossos encontros, de nossas conversas. É evidente que também muitas canções que não tinham a palavra liberdade tinham esse sentido. A seguir duas canções expressam a vontade de ser livre. A primeira contém na sua letra a palavra liberdade:

Procurando a liberdade, caminheiro  
 Procurando a liberdade também vou  
 Procurando a liberdade que é vida  
 Procurando a liberdade de viver  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou

Caminhando levo apenas a esperança  
 De algum dia a liberdade encontrar  
 É a esperança que dá força ao caminheiro  
 De ir seguindo pela vida a procurar  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou  
 Na esperança eu vou

A liberdade é só certeza na esperança  
 A encontra quem na vida se arriscar  
 E no risco posso ser crucificado  
 Mas cantando a liberdade vou morrer  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou  
 Arriscando eu vou  
 Na esperança eu vou<sup>209</sup>.

---

<sup>209</sup> Canto nº18 - anexo

Outro canto que tinha o sentido de liberdade sem usar a palavra e que era cantado. Nele também era forte a idéia de que não se pode nada sozinho. Um idéia corrente entre o Grupo dos Quarenta era de que a força estava no grupo:

Feito um passarinho, crescendo e querendo voar  
 Rasgar este céu e ter este mar  
 Que vai tão longe, que a gente só pode sonhar  
 Mas um passarinho aprende a voar

Prá conhecer todos os sinais  
 Prá resistir aos temporais  
 E contar os segredos pros filhos  
 E mostrar tão mais cedo pros filhos  
 E tirar todo o medo dos filhos  
 De voar...

Mas um passarinho sozinho não pode voar  
 Onde só pode um sonho chegar  
 Aprender e saber dos segredos do ar  
 Um só passarinho não pode voar...

Somos passarinhos, crescemos, queremos voar  
 Rasgar este céu e ter este mar  
 Que vai tão longe que um sonho não pode chegar  
 Somos passarinhos queremos voar<sup>210</sup>.

Um entrevistado. Er. P., fala dessa vida em comunidade para poder “fugir” da vida que estava sendo oferecida. Na resposta ainda aparece a questão de um dos temas que falávamos: os negros. A resposta fala em ser livre, livrar-se de amarras, viver em comunidade para ter outra forma de viver. De novo a força da canção:

A gente já cantava muito a coisa dos negros, a letra dos negros... começou a resgatar... Nesse grupo a gente cantava muita coisa da solidariedade, a partilha, a convivência em comunidade naquela época, né? Tudo o que a gente lia e cantava ressaltou muito. Isso influenciou muito, para mim influenciou muito a questão, o sonho de você conseguir dentro de uma sociedade capitalista viver em comunidade. As músicas para mim, quando eu tinha...cantava sempre para mim ressaltava, mexia comigo nesse lado, né? Que era a coisa de viver em comunidade. De criar...de você conseguir fugir dessa sociedade burguesa, da vida burguesa, de aparências, de consumo e até de competição. As músicas da gente. Para mim, passavam isso. De não viver dentro de uma coisa de competição e de que a gente ia conseguir um dia formar uma comunidade que você conseguisse ter dignidade e não ter que aderir à cultura burguesa que se tem hoje. Em termos a gente conseguiu e em partes a gente não conseguiu.

---

<sup>210</sup> Canto nº22 - anexo

Vale salientar aqui que esse entrevistado faz parte do grupo de autogestão que falávamos na introdução desse trabalho. A EAPS – Empresa Alternativa de Produção Socializada – da qual já nos referimos, está inserida na sociedade capitalista com uma proposta socialista.

### 2.3.3 Deus/Jesus Cristo

No decorrer de nosso trabalho fica evidente a vinculação do Grupo dos Quarenta com a igreja e mesmo quando nos desligamos não deixamos de professar nossa fé. Portanto, o nome de “Deus” era falado com desenvoltura e sempre carregado de um sentido político de transformação. As canções apelavam para a força de Deus mas não esqueciam a participação dos homens:

“ Sólo le pido a Dios,  
Que el dolor no me sea indiferente,  
Que la reseca muerte no me encuentre  
Vacío y sólo sin haber hecho suficiente <sup>211</sup>.“

Deus era para nós quem dava força. A canção pede que Deus não nos deixe alheio à dor. Mas grita para que a morte não nos encontre sem ter feito o suficiente. Dizíamos: sem ter feito tudo aquilo que estava a nosso alcance. Fazer não é rezar. Rezar é fazer acontecer.

Era um Deus presente na história: “Assim é o Deus vivo que marcha na história”. Era um Deus presente no cotidiano: “ Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor. E Jesus se fez do pobre solidário e servidor.”<sup>212</sup> Era um Cristo identificado com os que sofriam: “ Seu nome é Jesus Cristo e tem um rosto. De indígena, de afro-brasileiro. Que sofre em condições desumanas.(...) ...homem do campo, sem terras(...) ...operário, sem voz nem vez, mal remunerado(...) Seu nome

---

<sup>211</sup> Canto nº35 - anexo

<sup>212</sup> Canto nº5 - anexo

é Jesus Cristo: é condenado ao desemprego ou ao subemprego.(...) ...é uma criança golpeada pela fome sem piedade.”<sup>213</sup>

Para nós, Deus era um Deus que estava no nosso dia a dia, na história e que tomava partido. Chegávamos a dizer que o Deus dos pobres não era o mesmo dos ricos.

### 2.3.4 Canto

Estamos falando de canção e nas canções aparece inúmeras vezes a palavra canção, com os mais variados significados. Às vezes aparece como advertência: “ Talvez essa canção chegue tarde demais”<sup>214</sup>. Noutras como novidade, alegria: “” Quero entoar um canto novo de alegria. Ao raiar aquele dia de chegada em nosso chão<sup>215</sup>”. Chamando para a luta: “Vem canta, luta cantando”.<sup>216</sup> Espera de um novo dia: “O canto alegre que espera o novo dia”<sup>217</sup>. Um canto que não é só para alguns: “O nosso canto vai encher todo o país. Velho vai dançar feliz. Quem chorou, vai ter de rir<sup>218</sup>.” O canto se ouvirá em todos os cantos e ninguém pode nos calar. O canto é uma expressão de força: “ Nosso canto se ouvirá nos caminhos do sertão, clamando por terra e pão, ninguém mais nos calará”<sup>219</sup>.

O canto era para dentro do grupo e para fora do grupo. O canto não podia ficar apenas dentro de um grupo. Ele devia contagiar e “encher o país”. Essa imagem era muito forte e presente. O canto era uma forma de se relacionar com o outro, de compreendê-lo. Era também preciso cantar o canto do outro: “Dos que trazidos para cá por Inglaterra, cantam com a gente o seu canto que é de guerra”.<sup>220</sup> No canto também havia o encontro das culturas. Era preciso dialogar com as

---

<sup>213</sup> Canto nº25 - anexo

<sup>214</sup> Canto nº8 - anexo

<sup>215</sup> Canto nº5 - anexo

<sup>216</sup> Canto nº10 - anexo

<sup>217</sup> Canto nº10 - anexo

<sup>218</sup> Canto nº4 - anexo

<sup>219</sup> Canto nº26 - anexo

<sup>220</sup> Canto nº28 - anexo

culturas já que estávamos em contato com várias culturas também na nossa terra: Brusque.

### 2.3.5 Terra/Chão/Mudança (Câmbia)

O Grupo dos Quarenta incentivava a participação e grande parte de seus membros participavam das “Romarias da Terra” de Santa Catarina. A questão da terra era tema dos encontros e havia uma clareza muito grande de que os problemas da cidade vinham da falta de políticas para o campo. Procurávamos, como já vimos, unir a luta do campo e da cidade. Para que tal acontecesse era preciso que a comunidade brusquense entendesse a questão da terra. Talvez seja desnecessário lembrar que de um modo geral, Brusque é uma cidade de ascendência alemã, onde o trabalho é visto em primeiro lugar e de forma cega como o mais importante a fazer na vida, e é extremamente difícil compreender que muitos ficavam sem trabalho não porque queriam. A mentalidade era de que terra e emprego havia. Os sem-terra eram vistos como malandros e todos aqueles adjetivos que se dá para fugir da discussão das causas desse problema. Buscávamos dizer que aqueles que colonizaram Brusque, muitos deles, eram os sem-terra de ontem. Mas era difícil de se fazer entender.

As canções lembravam essa realidade e uma das entrevistas dá-nos esse dado interessante. O canto tocou e mudou a visão que se tinha dos sem terra para AML, uma das entrevistadas:

Porque pessoas, atitudes e coisas que eu quando era muito nova era totalmente contra e até me defendia de ouvir essa gente, de falar com essa gente e de escutar canções desse nível. De repente, também fui acordando: que se eu tenho os outros também tem que ter. Que se eu como os outros também tem que comer. Que se eu descanso os outros também tem que descansar. Que se eu tenho uma casa e uma terra os outros também tem o direito disso. E fui me conscientizando de que é preciso compartilhar, é preciso partilhar, é preciso dividir para ser feliz.

Fica bem explícito aqui que as canções que falam da “terra” mudam o jeito de ver e pensar das pessoas. Talvez só na fala fosse mais difícil. Mas aqui estamos apenas constatando que a canção faz isso.

Embora a palavra “mudança” seja encontrada somente uma vez nos cantos, na prática ela acontece de fato. A palavra tem força, mesmo que subliminar.

É importante salientar aqui que cantávamos bastante a música “Todo Câmbia”<sup>221</sup>. Nela encontramos 26 vezes a palavra “câmbia”. Para nós era uma palavra forte. Embora cantássemos nos encontros, percebo que era uma canção muito mais para dentro do grupo. Era uma tentativa de trabalharmos também a relação e a solidariedade com outros países. Mas, nossa cidade era pequena, fechada, conservadora. Custamos um pouco a entender nossa cidade.

Outra entrevistada, AP, moradora do Maluche diz: “ O que chamava a atenção era aquela música porque é que não tem terra para plantar.” Em todas as entrevistas foi lembrado esse tema. Recordo que é resultado das nossas canções e falas.

A terra era um tema sempre atual e presente no Grupo dos Quarenta. A terra era de todos: “A terra é dos irmãos e na mesa igual partilha tem de haver”.<sup>222</sup> A terra não deveria ser privilégio: “ Pergunto agora a quem ouve a minha voz: prá quem Deus criou o mundo? Foi prá alguns ou foi prá nós?”<sup>223</sup> Era expressão da luta e da esperança: “Nossa luta na esperança de ter terra pão e paz”.<sup>224</sup> Não existe uma política para o roceiro. O canto denunciava que o roceiro “ ... já deu ao país glória e fama, mas sua terra que tanto ama não pode mais cultivar.”<sup>225</sup> Denuncia noutro canto ainda a falta de política: “ São terras que não temos. (...) Por força da política da gente daí”.<sup>226</sup> Nossa luta é para a reforma agrária-já. Ela deve acontecer para que não aconteça o que diz um canto que fala de um funeral de um lavrador: “Terra que querias ver dividida”.<sup>227</sup> A divisão é para acontecer agora.

Numa ou noutra vez tem o sentido do modo de organizar a sociedade:

---

<sup>221</sup> Canto nº36 - anexo

<sup>222</sup> Canto nº5 - anexo

<sup>223</sup> Canto nº9 - anexo

<sup>224</sup> Canto nº4 - anexo

<sup>225</sup> Canto nº 9 - anexo

<sup>226</sup> Canto nº13 - anexo

“Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Há poucos em cima e muitos na base  
Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Os poucos de cima esmagam a base<sup>228</sup>.”

Quando usávamos a canção, lembrávamos que as terras ficavam nas mãos de poucos por causa da forma piramidal de organização da sociedade, em que poucos tinham muita terra e a maioria ficava sem.

Mas sempre vinha o convite: “ O mundo dos homens tem que ser mudado. Levanta-te povo, não fiques parado”. Outra canção completava: “ Veremos nessa terra reinar a liberdade”.<sup>229</sup>

### 2.3.6 Luta/Mãos/Sonhos

A luta de que falávamos era pacífica. Mas no nosso meio era perfeitamente compreensível a reação dos sem-terra. A entendíamos como uma reação à violência, perfeitamente justificável. Isso também era uma forma de lutar. A defesa, muitas vezes é violenta, mas é resultado da agressão. Essa era a visão que tínhamos.

Sendo da Pastoral da Juventude, da Igreja, nunca em nosso meio ficamos na atitude da espera e sempre que podíamos, em todos os espaços, dizíamos que “nada caí do céu”. Tudo aquilo em que a que a gente acredita é possível se for construído. E tem que ser construído com nossas mãos. Não com as mãos dos outros e nem com a “mão de Deus”. É certo que Ele podia ajudar, acreditávamos nisso, mas dentro daquele espírito da reflexão sobre o milagre a que já nos referimos. Fora disso, seria transferir para outro aquilo que podíamos fazer. Seria deixar nas mãos dos que nem sempre faziam aquilo que queríamos para as nossas e as vidas dos outros. Passividade não era conosco. Podíamos errar por excesso de

---

<sup>227</sup> Canto nº41 - anexo

<sup>228</sup> Canto nº17 - anexo

<sup>229</sup> Canto nº20 - anexo

coisas a fazer, muitas vezes por falta de um bom planejamento, mas não por passividade, omissão: “Tenho que andar, tenho que lutar. Ai de mim se não o faço<sup>230</sup>.”

Acreditávamos na importância do nosso envolvimento, daí a distribuição do Grupo dos Quarenta nas várias instâncias. A mudança passaria por nossas mãos. Em nossa visão, tínhamos na mão o nosso destino. A sociedade era desse jeito porque para ser diferente precisaria passar pelas mudanças, por nossas mãos. “ E já sabemos que a riqueza do patrão e o poder dos governantes passam pelas nossas mãos”.<sup>231</sup> Por outro lado, ao falar do operário, um canto alertava: “ Que morre em piquete vencendo a mão que lhe mata e tortura”<sup>232</sup> Ou seja, entendíamos literalmente que por nossas mãos a sociedade era feita. Se nossas mãos não se mexessem, as mãos dos outros poderiam fazer acontecer o que queríamos, mas também o que não desejávamos. O capitalismo, o socialismo, a distribuição de renda ou a ausência dela , tudo passa por nossas mãos.

O canto “Estatuinha” é um hino às mãos. A partir da situação do negro, escravizado, a canção aponta a perspectiva para mãos livres:

Se a mão livre do nego pegar na argila, o que é que vai nascer? Vai nascer pote prá gente beber. Nasce panela prá gente comer. Nasce vasilha, nasce parede. Nasce estatuinha bonita de se ver. (...) Se a mão livre do nego pegar na palmeira, o que é que vai nascer? Nasce choupana prá gente morar. Nasce a rede prá gente se embalar. Nascem as esteiras prá gente se deitar.(...) Se a mão livre do nego pegar no fuzil, o que é que vai nascer? Um mundo livre onde o nego vai morar. Tranqüilidade prá nego trabalhar. E liberdade pro nego batucar...<sup>233</sup>

A idéia era essa. O que se sonha passa necessariamente pelas mãos. Se não passar pelas mãos não vira realidade.

Eu quero ver, eu quero ver acontecer  
Um sonho bom, sonho de muitos acontecer

Nascendo da noite escura

---

<sup>230</sup> Canto nº7 - anexo

<sup>231</sup> Canto nº16 - anexo

<sup>232</sup> Canto nº2 - anexo

<sup>233</sup> Canto nº28 - anexo

A manhã futura trazendo amor  
 No vento da madrugada  
 A paz tão sonhada brotando em flor  
 Nos braços da estrela guia  
 A alegria chegando da dor  
 Na sombra verde florida  
 Criança em vida brincando de irmãos  
 No rosto da juventude  
 Sorriso e virtude virando canção  
 Alegre e feliz camponês  
 Entrando de vez na posse do chão

Um sorriso em cada rosto  
 Uma flor em cada mão  
 A certeza na estrada  
 O amor no coração  
 E uma semente nova  
 Escondida em cada palmo deste chão”.

Sonho que se sonha só  
 Pode ser pura ilusão  
 Sonho que se sonha juntos  
 É sinal de solução  
 Então vamos sonhar companheiro  
 Sonhar ligeiro  
 Sonhar em mutirão<sup>234</sup>.

Quando nos chamavam de sonhadores, com certeza era para desqualificar. Em contrapartida ficava difícil manter a idéia de que aquele era um sonho incoseqüente, porque estávamos presentes no dia-a-dia da comunidade. Nossas mãos estavam numa luta constante por aquilo que fazia parte de nossos sonhos.

### 2.3.7 Novo/Nascer

Na juventude costumamos ouvir dos mais velhos que já não acreditam mais em mudança o seguinte: “ São jovens. Daqui a pouco vão ver que não adianta. Isso passa. Fogo da juventude. Eles tem que gastar energia. Coisa de jovem”. E tantos outros chavões. No próprio documento 44, que analisamos, encontramos na página 7: “ sensibilidade própria do jovem”. Parece que também a igreja atribuía ao jovem coisas que deveriam ser da igreja, dos adultos, de todos. Não ficava claro se aquilo era para valorizar o jovem porque em muitas ocasiões os documentos da

---

<sup>234</sup> Canto nº27 - anexo

igreja também diziam “coisas da juventude”, de modo depreciativo. Seria uma forma de a igreja não assumir posturas mais ousadas? De permitir isso ao jovem e depois dar seu recado conciliador? É lógico que também nos perguntávamos: “Será que pensamos assim só porque somos jovens?” Mas eu, por exemplo não era tão jovem assim e hoje, a grande maioria dos seus participantes, do Grupo dos Quarenta, mesmo que não se reúna mais como tal, a grande maioria dos seus participantes continuam envolvidos ou ainda mais envolvidos que antes nas associações, no partido, na Câmara de Vereadores e Administrações Municipais. Os chavões podem ter alguma validade, mas não podem ser generalizados.

Portanto, o novo que buscávamos continuamos buscando até hoje: não era apenas um desejo de juventude.

O novo que sempre buscamos era experimentado entre nós. “ A nossa marcha para a nova sociedade, quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar”.<sup>235</sup> Sem sermos presunçosos, falávamos que as pessoas tinham que criar o gosto pelo que falávamos, também porque nos viam. Tínhamos que tratar bem de nós mesmos. Tínhamos que passar a imagem de que valia a pena acreditar no que dizíamos, no que fazíamos, pelo que éramos. “ Na nova terra, o negro, o índio e o mulato<sup>236</sup>, o branco e todos vão comer no mesmo prato”<sup>237</sup>.

Já salientamos aqui que morte lembra vida. Em uma situação adversa é preciso não deixar morrer os sonhos, as idéias. É preciso tirar uma lição. Também esse era o sentido do nascimento. A estrofe a seguir diz isso:

“É Santo que a morte não mata  
soluços de Anas Marias.  
Nos órfãos que perdem seus pais,  
renascem as idéias um dia.”<sup>238</sup>

---

<sup>235</sup> Canto nº4 – anexo

<sup>236</sup> Observo aqui que também discutíamos se falar mulato não era esconder a questão do negro.

<sup>237</sup> Canto nº50 – anexo

<sup>238</sup> Canto nº2 - anexo

Entendo que isso ilustra a boa teimosia. Acreditar sempre. Era corrente entre nós a idéia de que os mortos ficavam. Isso nos dava força: “ ... Zumbi...(...) Você não morreu. Você está em mim”.<sup>239</sup> Acreditávamos que o novo, a verdadeira mudança viria da participação, do povo: “E o rei será bendito. Ele nascerá do povo”.<sup>240</sup> Bom dizer que o sentido aqui não era o de transferir para o rei a mudança, mas dizer que a mudança está no meio do povo através da participação, enfim. O nascimento não é algo pronto. Nasce de algo que vai sendo construído mas não se sabe tudo e como vai ser : “Nascendo da noite escura, a manhã futura trazendo amor”<sup>241</sup>. Vai ser o que vamos construindo com nossas mãos.

### 2.3.8 Pobre/Fome/Opressão/Dor

No decorrer do nosso trabalho fica explícito que o Grupo dos Quarenta via a pobreza como fruto da forma de organizar a sociedade. A opção pelos pobres era para o Grupo algo que devia acontecer na prática e não apenas nos documentos.

Nosso Deus fazia opção: “Pai Nosso dos pobres marginalizados...(,)... dos mártires, dos torturados”<sup>242</sup>. Tínhamos que ser profetas: “Os profetas não se calam denunciando a opressão”<sup>243</sup>. A fome era produto humano: “... a fome...(,,,) a peste não é culpa de Deus Pai”.<sup>244</sup> “Dor” estava ligada à situação de opressão, pobreza. Ao acolher a todos a igreja acolhia “todas as dores”. Nós, buscávamos identificar a dor e ligá-la à essa situação: “São pés duros, cansados, com dor, ensangüentados. Isso que você tem aí”.<sup>245</sup> A Bíblia fala que são felizes os pobres de espírito”. De um lado estava a igreja tradicional, muitas vezes minimizando a solução para a pobreza. O importante era ser “pobre de espírito”. Utilizava também uma frase de Jesus Cristo que dizia: “ Pobres sempre tereis entre vós”. Essa frase era utilizada para justificar a pobreza. Mas podia ser interpretada da seguinte forma:

---

<sup>239</sup> Canto nº19 - anexo

<sup>240</sup> Canto nº24 - anexo

<sup>241</sup> Canto nº27 - anexo

<sup>242</sup> Canto nº1 - anexo

<sup>243</sup> Canto nº5 - anexo

<sup>244</sup> Canto nº16 - anexo

<sup>245</sup> Cano nº13 - anexo

sempre tereis pobres entre vós por causa do egoísmo, da insensibilidade, da forma de se organizar as coisas. A apropriação da frase se dava segundo o modo de ver o mundo. Portanto, pobreza, dor, opressão sempre eram concretas. Não eram apenas “espirituais”. A dor apontava para saídas: “Solo le pido a Dios que el dolor no me sea indiferente”.<sup>246</sup> Víamos a dor como um convite para superação.

### 2.3.9 Esperança/Dia/Alegria

Havia entre o Grupo dos Quarenta a clareza de que as mudanças aconteciam já e também eram para amanhã. Mas, sem dúvida só aconteceriam se a construíssemos já. Essa estrofe diz muito:

“Quero entoar um canto novo de alegria  
Ao raiar aquele dia de chegada ao nosso chão  
Com meu povo celebrar a alvorada  
Minha gente libertada  
Lutar não foi em vão<sup>247</sup>.”

Não se tratava de espera passiva. Parte da letra acima expressa: “Lutar não foi em vão”. Era uma luta repleta de esperança, mas sempre de esperança construída. Da mesma forma o “dia” não era algo que se esperava acontecer: “Um nuevo dia amanece y los campos reverdecen. Hombres nuevos aparecen de una tierra nueva crecen. Y sus voces como truenos van rompiendo los silencios...”<sup>248</sup>

O novo dia ia acontecendo. A alegria era para já: “ Nossa alegria é saber que um dia todo esse povo se libertará”.<sup>249</sup> A vibração por esse novo dia era para ser celebrada já. Isso trazia uma energia, uma força que extrapolava muito as explicações. Essa alegria estava muito presente. Um canto dizia: “ A alegria chegando da dor”.<sup>250</sup> Ao contrário da igreja, que pregava resignação no sofrimento,

---

<sup>246</sup> Canto nº35 - anexo

<sup>247</sup> Canto nº5 - anexo

<sup>248</sup> Canto nº33 - anexo

<sup>249</sup> Canto nº15 - anexo

<sup>250</sup> Canto nº27 - anexo

era preciso arrancar da dor a alegria. A dor devia impulsionar para a busca de outra situação.

### 2.3.10 Outras palavras registradas

Faço alguns comentários sobre outras palavras presentes nas canções, não menos importantes e também dignas de algumas considerações,

“Operário” aparece 16 vezes. Já fiz muitas considerações sobre o meio onde vivíamos: uma cidade operária. Essa expressão aparece 9 vezes na canção “Santo Dias”, já bastante explorada nesse trabalho.

A idéia de “semente”, tão presente nas parábolas de Jesus Cristo, também aparecia nas canções: “E uma semente nova escondida em cada palmo deste chão”.<sup>251</sup> Nem sempre a canção lembrava exatamente o texto bíblico, mas fazíamos a analogia.

Entre nós falávamos que para viver o Evangelho era preciso saber administrar conflitos. Esse negócio de “irmão”, de que a igreja tanto falava, procurava esconder conflitos. Ao fazer a reflexão sobre o operário ou sobre o Dia da Primeira Comunhão de uma criança, observávamos as diferenças que havia entre os “irmãos”. Por exemplo: a exploração do patrão sobre o operário; a diferença na roupa da criança pobre e na da rica na hora da Primeira Comunhão. Constatação nossa: não éramos tão “irmãos” assim. Entre nós e nos cantos essa expressão não era muito usada. Quando usada queria significar partilha: “ Pois a terra é dos irmãos e na mesa igual partilha tem que haver.”<sup>252</sup>

De uma certa forma me causou surpresa que embora falássemos muito de “partilha, distribuição e divisão”, essas expressões só apareçam uma vez nas canções. “Reino”, de que também falávamos muito aparece só três vezes. Penso que isso nos leva a constatar que a canção é uma das formas dos movimentos

---

<sup>251</sup> Canto nº27 - anexo

sociais se expressarem, não a única. Havia entre nós, por exemplo, a prática da encenação e do teatro. Nela também estavam inseridas as idéias das canções.

A idéia da partilha, mesmo que não apareça nas canções de forma tão explícita, está presente. O depoimento de A. M. L. deixa bem claro:

Eu lembro muito bem que o grupo tinha canções que falavam sobre a terra. A terra é de todos. Todos merecem um pedaço de terra. A terra é prá ser trabalhada e para viver do sustento da terra. Porque tanta terra na mão de alguns e tão pouco na mão de outros que iriam trabalhar, viver e se sustentar dessa terra? Essas canções, acredito que tenha tido muitíssimas...não lembro da letra. Mas afinal, a mensagem era uma mensagem de partilha. De partilhar com os outros, com os que tem menos, com os menos favorecidos, com aqueles que lutam para ter um trabalho, quando tem uma minoria aí que tem demais, simplesmente para dizer que é dono dela, mas não para trabalhar nela, nem para dar sustento às pessoas através dela. Então essas canções de partilha, de terra eram muito enfocadas. Isso eu lembro muitíssimo bem.”

### 2.3.11 Povo/Caminho

Encontramos nas canções pesquisadas 42 vezes repetida a expressão “povo” e 22 vezes “caminho” (caminhada, caminheiro). Deixei esta análise por último para reafirmar o que marcava nosso grupo: acreditávamos no povo – comunidade. Somos um povo a caminho. Acreditávamos na caminhada. A chegada não era algo sabido. Ia se construindo: “Com meu povo celebrar a alvorada, minha gente libertada. Lutar não foi em vão”<sup>253</sup>. Sabia-se muito o que se queria, mas não tudo. Nada estava pronto mas era preparado: “Prá ser um povo feliz e libertado”.<sup>254</sup> A luta abre caminho: “A luta do povo oprimido, que abre caminho, transforma a nação”.<sup>255</sup>

Os cantos com as expressões “povo” e “caminho” têm sempre o sentido de movimento, construção, ação. O Grupo dos Quarenta estava inserido nos movimentos sociais, no partido. Estava na comunidade, nos encontros. Era sempre uma caminhada, uma busca constante. Talvez por conta disso também conseguisse ser cristão e marxista. Talvez por isso não tivesse uma definição fechada. É interessante que discutíamos isso. Não queríamos correr o risco de sermos tudo e

---

<sup>252</sup> Canto nº5 - anexo

<sup>253</sup> Canto nº5 - anexo

<sup>254</sup> Canto nº12 - anexo

<sup>255</sup> Canto nº23 - anexo

não sermos nada ao mesmo tempo. Nossas ações tinham que ser certas: conseqüentes e de mudança. Nossa relação com o povo devia ser constante. Desgrudar do povo era ficar sozinho. Também não tínhamos uma visão ingênua do povo. Se é verdade que com a falta de informação o povo era manipulado, sabíamos também que as próprias pessoas manipulavam, também queriam tirar vantagem e quando conseguiam alcançar algum objetivo para si mesmas, eram capazes de abandonar a busca desse mesmo objetivo para o seu vizinho. Essa luta pelo bem coletivo era uma luta constante: “Nossa alegria é saber que um dia. Todo esse povo se libertará”.<sup>256</sup> A libertação deveria ser para todos. Não poderia haver privilégios. Para o Grupo dos Quarenta o caminho junto com o povo se fazia caminhando: “Caminhando e cantando e seguindo a canção”<sup>257</sup> Passávamos sempre a idéia de que parar era estacionar e que não se podia ficar esperando. Era melhor caminhar e correr riscos, do que ficar parado:

A liberdade é só certeza na esperança  
 A encontra quem na vida se arriscar  
 E no risco posso ser crucificado  
 Mas cantando a liberdade vou morrer  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou  
 Arriscando eu vou  
 Na esperança eu vou<sup>258</sup>.

Essa era a nossa marca. Caminhar, arriscar, avaliar. Ir em frente.

## 2.4 UM DIÁLOGO COM AS ENTREVISTAS

### 2.4.1 Apropriação de canções

Em todo o trabalho procuramos esse diálogo com as canções e com as entrevistas. Buscamos agora, refletir sobre alguns aspectos interessantes que ajudam a conhecer melhor o Grupo dos Quarenta e o modo de inserção para a mudança que se propunha a fazer.

---

<sup>256</sup> Canto nº15 - anexo

<sup>257</sup> Canto nº39 - anexo

<sup>258</sup> Canto nº18 - anexo

Assim como os militares, os movimentos sociais e nosso Grupo dos Quarentas também se apropriavam de idéias, canções, conscientemente ou não. Muitas canções da Música Popular Brasileira (MPB) eram cantadas para refletir algum tema. Na entrevista PE, um então jovem integrante do Grupo dos Quarenta fala de uma canção que o marcou:

Debulhar o trigo  
Recolher cada bago de trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão  
E se fartar de pão

Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, propícia estação  
De fecundar o chão<sup>259</sup>.

A canção fazia refletir um tema. PE diz:

Acho que uma música que me marcou bastante foi o “Cio da terra”, que era uma versão cantada sempre na MPB, mas no momento da igreja...na nossa relação passou a vir para a igreja pelas nossas mãos também. Cio da terra é a questão do homem da terra, da importância que a nossa geração, que estava nesse grupo, passou a despertar também para a questão fundiária no Brasil, na questão da terra, na questão da Reforma Agrária. Uma outra música, embora já era uma música, acho que mais antiga, é aquela da, que buscava aproximar essa transformação social, mais ligado, fundamentado na Palavra de Deus...aquela do...”Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça. E tudo mais vos será acrescentado”. É uma música assim...Hoje ainda eu canto para os meus filhos às vezes à noite. Uma vez ou outra. Não sempre também, né? É uma música que marcou... que mais vamos dizer assim, liga essa luta à religiosidade, essa crença da gente também.

A segunda canção que P. E. relembra é uma canção religiosa que diz:

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça  
E tudo mais vos será acrescentado. Aleluia.

Não só de pão o homem viverá. Mas de toda a Palavra  
Que procede da boca de Deus. Aleluia.

---

<sup>259</sup> Canto nº21 - anexo

Se vos perseguem por causa de mim, não esqueçais o porquê  
Não é o servo maior que o Senhor. Aleluia.

Essa canção, embora na sua letra não trouxesse muito apelo à transformação, podia ganhar essa conotação conforme o contexto que era colocada. Cantada por um grupo espiritualista, adquire o sentido de não se dever dar valor “às coisas da terra”. Cantada pelo Grupo dos Quarenta fazia parte da discussão sobre o que entendíamos por “Reino”, “justiça” e ganhava um peso social grande. Cada um se apropria das canções segundo os valores que cercam o grupo. Hoje, propagandas do capitalismo se apropriam de canções que questionavam a ditadura e o sistema capitalista.

“A apropriação torna-se visível quando são tomadas como suas, as informações, os conhecimentos e experiências participativas, pois apropriar-se é tornar-se sujeito com critérios de análise próprios. Somente nos apropriamos de determinado pensamento quando o tornamos nosso<sup>260</sup>.”

É evidente que nos apropriávamos dessas canções para dar-lhes um novo sentido.

#### 2.4.2 Os Conflitos

Com certeza o Grupo dos Quarenta não era uma unanimidade. Na celebração na comunidade do Maluche, por exemplo, ficam claras as diversidades em relação à comunidade, e ao sacerdote. A entrevistada AP diz: “Essas músicas me lembravam de uma política mais justa, igualitária”. Perguntada se lembrava o que a comunidade dizia, ela fala:

Tinha gente a favor, gente contra. Me lembro de que alguns gostavam, diziam que era bom que era animada a missa. Que quando não tinha o Jepam parecia que não era tão animada. Me lembro disso. Umas não gostavam porque diziam que falava de política, Muitos diziam: ah! eu não gosto muito disso porque fala de política. Mas as que gostavam diziam que era animado, diziam assim que era uma coisa mais viva. Que tudo que se cantava era verdade e que a gente tinha que participar das coisas para o mundo

---

<sup>260</sup> Fantin, Maristela. Construindo cidadania. Editora Insular.1997.p.25

ficar melhor. Tinha gente que ficava quieta. Mas a maioria gostava e era a favor. Eles sabiam que era uma coisa diferente, só que parece assim que eles não gostavam de comentar.

O grupo provocava reflexões. A. M. L. diz:

Lembro também, por exemplo que o grupo ficava até um pouco destoante assim, no sentido de que a igreja, tradicional, conservadora e o grupo com uma proposta bem mais aberta, com uma proposta de luta de classe, uma proposta política de melhoria de vida, uma proposta que eu acho que na igreja, naquele momento, naqueles anos passados até causava um certo impacto ao padre, ao pároco e também aos fiéis que estavam ali, porque eu vejo, via na época que a presença de um padre, que era e que é ainda muito conservador, juntava um pouco esse grupo que tinha suas propostas bem diferentes da do padre, também o entendimento. Não é? Uma vez até eu já comentei com você. Me parecia que a comunidade se chocava um pouco com o grupo, com as músicas, com as letras. A comunidade se chocava até porque o padre... Porque a comunidade aqui de Brusque, do Jardim Maluche é bem tradicional. Uma comunidade que continua quase do mesmo jeito: que prima pela tradição. Mas vocês foram mudando isso.

Como vimos, na celebração da Comunidade Maluche havia uma disputa com o sacerdote que tinha uma visão de igreja mais conservadora, mais fechada. Ele sempre dizia que nós estávamos fazendo uma coisa que o povo não entendia. O povo não sabia o que estava acontecendo: A gente cantava uma coisa, o padre no sermão falava outra. Os conflitos estavam colocados. Er. P., participante do Grupo dos Quarenta diz:

Em partes da bíblia, em partes da missa, a gente refletia questões sociais e cantava uma música que tinha a ver com isso. O padre enfiava um salmo responsorial<sup>261</sup> que era só resposta mecânica, não dizia nada prá ninguém...porque a gente às vezes tentava botar uma música, mas que expressava o que a gente sentia, o padre vinha e ditava: não! aqui vai ser assim. Eu vou cantar...Essa parte eu vou fazer. Nunca havia uma sintonia, né? O grupo fazia uma disputa. Através das músicas a comunidade também percebia muito bem essa disputa, eu acho. Dentro da missa, por espaço de idéias. Nós tentávamos passar uma visão e uma imagem de Deus e o padre no sermão, na liturgia ele passava, puxava pro outro lado. Puxava... passava outra versão das coisas, né? Raramente as duas coisas casavam. Teve raros momentos que os discursos, né, nosso e o do padre casavam. Mas a maior parte do tempo era uma disputa dentro da missa. A verdade, se a gente fosse olhar, era uma disputa por espaço, por dois discursos: nós cantando uma coisa e o padre falando outra. A comunidade, eu acho assim que a gente estava dentro de uma comunidade que ... às vezes eu não sei se a gente ouvia a resposta que a comunidade dava, não sei, a essas músicas, a essa expressão que a gente tinha. Era em parte. A gente não pode dizer que toda a comunidade apoiava porque é uma comunidade, necessariamente na sua maioria de uma classe média alta, que não estava muito preocupada com muitas questões sociais e tal, né? Mas que uma boa parte, que ao mesmo tempo, a gente, eu não sei se às vezes a gente ouvia demais, ou se a gente às vezes nunca ouvia toda a comunidade. Eu acho que a gente ouvia muito e convivia muito com as pessoas que formavam a cúpula da igreja, que estavam disputando

<sup>261</sup> Momento da Celebração onde se faz a leitura de um salmo.

espaço dentro daquela, né, do CAEP<sup>262</sup>, da igreja. A gente ouvia, acabava conversando muito e essas pessoas faziam críticas, davam tabelinha, diziam que gostavam da gente, mas que não podia ser radical, essas coisas. Às vezes a gente ficava com a impressão que aquela era a visão da comunidade. Eu acho que não. Em alguns momentos a gente pode ter assustado. O nosso discurso, no primeiro momento causou impacto. Tudo que é novo causou impacto prá algumas pessoas. Com o tempo as pessoas, eu acho que a comunidade, hoje ela... Eu não estou mais dentro dessa comunidade, chegou o momento que eu achei que devia sair. Muitas pessoas ficavam omissas, não estavam nem aí. Eles iam à missa por mais um ato mecânico. Mas é uma comunidade, uma classe média alta. Que talvez queriam uma espiritualidade que cuidasse do seu lado pessoal, íntimo né e eu acho que o discurso do padre às vezes fazia bem prá elas. E às vezes, talvez, a gente ficou como um grupo meio alienígena, meio fora da comunidade. Mas ao mesmo tempo se a gente olhar a história da comunidade, é uma comunidade que tem uma consciência crítica. Se a gente for pegar, foi a primeira comunidade que fundou uma Associação de Moradores autêntica, né, realmente autêntica. Mesmo com pessoas de classe média alta, preocupadas com questões sociais, com as questões do meio ambiente... E na direção dessa Associação de Moradores estavam os jovens daquele grupo de jovens e fazendo, formando alianças com uma classe média alta, que estava altamente preocupada com a qualidade de vida do bairro. Então, por um lado não era uma comunidade tão alienada assim.

### 2.4.3 Nem só Conflitos

Mesmo aparecendo os conflitos, Er. P. conclui que era possível ao grupo se fazer compreender por causa da beleza das canções. Quando ele falou sobre os impactos que o grupo causava à comunidade, perguntei se haveria um outro modo de se fazer essa mudança ou se a canção era um jeito de criar um impacto sem agredir tanto, como às vezes a fala poderia agredir. Er. P. responde:

Eu acho que o canal de comunicação com a comunidade, com a sociedade que as pessoas prestam mais atenção, ouvem e participam melhor é a música. Acho que, a gente usou outros meios, mas a música era um. A gente procurava ter uma qualidade, procurava ter uma certa harmonia, umas vozes. Existiam pessoas com uma certa habilidade. Isso tudo ajuda: os instrumentos, a percussão, não causou tanto impacto. Por que eu acho que a gente passava... As músicas eram bonitas. Não eram só um discurso social seco, sem sentido, sem base. Ela tinha uma mística. Todas as músicas que a gente falava, falava em defender a vida, a justiça. Tinha uma mística. Não era uma coisa seca. Então, era bonita e amarrava muito bem, dizia muito bem, todas elas, né, as músicas, tanto do Milton Nascimento que a gente cantava, como músicas exclusivamente, músicas bíblicas, puramente religiosas, elas também eram bonitas e passavam uma mensagem e a comunidade entendia, né. Acho que ela cantava. Eu acho que as pessoas de maneira geral não se sentiam tão agredidas. Não se identificavam com a .. porque a gente falava com a comunidade de várias maneiras: a música era uma, uma forma muito rica. Mas a gente usava outros meios para se comunicar com essa comunidade e ela ouvia. E a música nunca se criticou diretamente a música, os cantos. Eles criticavam a mensagem ...geral que a gente queria, a proposta de sociedade que a gente sonhava. As pessoas, umas se identificavam menos, outras não.

---

<sup>262</sup> Direção da Capela

As pessoas cantavam. Em si elas não criticavam a música ou a maneira da gente cantar. Até gostavam e achavam ... Várias vezes, eu me lembro quando a gente saía de casa e o vizinho e a vizinha perguntavam: hoje vocês vão tocar? Vocês... Eles nem diziam é vocês que vão fazer a liturgia? Não! É vocês que vão tocar? Porque já sabiam, se era nós a música ia ser diferente, ia ser melhor.

A vida, a partilha, a comunidade eram valores da “nova sociedade” que tanto se queria. Ainda Er. P.:

Eram músicas que falavam muito da fé da gente, celebravam a fé, a vida e o envolvimento da gente com essa, com essa coisa de... com esse Deus que defende a vida. Sempre as músicas, as letras tratavam desse tema, né. Um Deus que defende a vida, que quer a partilha, que queria... e não a morte. Sempre ressaltando muito... e de que a gente era companheiro nessa caminhada... as letras né que a gente cantava sempre ressaltava esse lado assim, né...de construir essa nova sociedade em comunidade ou em grupo, que é uma caminhada que ninguém faz sozinho.

#### 2.4.4 Forte Lembrança

Quando indaguei uma das entrevistadas, A. M. L., moradora do Maluche, já aqui mencionada, ela me disse que não recordava frases de nenhuma canção. Exceção feita à canção de Vandré. Mas fiquei impressionado com a lembrança das idéias que as canções lhe evocaram e que ficaram com ela. Sua fala diz muito:

Bem, na verdade...o tempo é um grande destruidor também, né? Eu assim não consigo lembrar exatamente das letras das músicas, mas o enfoque que se dava nessas letras, era por exemplo: uma luta para melhoria de vida de todas as pessoas, era uma luta, por exemplo, de quem não tinha terra para plantar. Era também, em resumo, uma proposta de uma sociedade mais justa, de que cada um pudesse ter o seu lugar ao sol. Isso eu lembro bem.

Os demais depoimentos deixam bastante evidente a ação do Grupo dos Quarenta e das canções na vida dessa entrevistada.

## 2.5 A CAMINHADA DE 7 INTEGRANTES<sup>263</sup> DO GRUPO DOS QUARENTA

---

<sup>263</sup> Fiz um questionário para 7 integrantes do Grupo dos Quarenta - anexo. As outras 4 entrevistas que menciono foram realizadas com gravador : mais 2 do Grupo dos Quarenta e 2 pessoas da Comunidade Maluche. Fiz um questionário diferenciado para outra integrante do grupo dos Quarenta, ABBL, cujo depoimento consta nas considerações finais.

A partir do Grupo dos Quarenta (vindo do Jepam ou outro grupo) pedi para 7 participantes indicarem os grupos, trabalhos, atividades de que participaram na sua militância e profissionalmente, na época do Grupo dos Quarenta, depois e hoje:

na época do Grupo dos Quarenta:

1 N. P.<sup>264</sup>

Militância - Jepam e militante do PT ( Filiado)

Profissionalmente – auxiliar de escritório ( Transduque)

2 D. C.

M - Pastoral da Juventude

P – Metalúrgico

3 M. I.

M - Grupo de jovens; coordenação PJ; Partido dos Trabalhadores

P - Sindicato dos trabalhadores da Fiação e Tecelagem; (SINTRAFITE) – primeiro como diretora e depois como funcionária.

4 L. P.

M. Grupo jovem Jepam – Teatro, Jornal Achego, Trabalhos Comunitários, Política; Partido dos Trabalhadores.

P - Indústria Textil – funcionário.

5 E. M. B. E.

M - Catequese – catequista e coordenadora; Partido dos Trabalhadores

P - Sindicato Trabalhadores em Educação (SINTE) – Coordenadora Regional – Brusque

6 E. P.

M – Coordenadora Associação de Moradores; Tesoureira, Secretária,  
Candidata a Vice – Prefeito pelo Partido dos Trabalhadores

P - Indústria Textil – Costureira ( 1978)

7 J. N. S.

M – PJ; PT; Movimento dos Desempregados; Movimento das “Diretas-Já;  
Constituinte

P - Professor

depois:

1 N. P.

M - Participação em Associação de Moradores no Bairro Maluche como  
Secretário, Tesoureiro do PT, Conselho Fiscal AMASC (Associação de Moradores  
do Bairro Maluche.

P - Bruscor

2 D. C.

M - Pastoral Operária, PT, Associação de Moradores

P – Bruscor

3 M. I.

M - Pastoral Operária – grupo de base e coordenação estadual;  
Associação de Moradores; PT

P – Sindicato Trabalhadores Fiação e Tecelagem.

4 L. P.

M - Militante político (nas eleições)

P - Micro-empresário

---

<sup>264</sup> O número refere-se ao integrante nº1. Em seguida as iniciais do nome. A letra "M" significa

5 E. M. B. E.

M - Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTE); Conselho da Criança e do Adolescente; PT; Associação de Moradores

P – Educadora

6 E. P.

M - – Presidente e Secretaria de Associação de Moradores e União Brusquense de Associação de Moradores - UBAM

P - Comércio – Balconista e Caixa Geral

7 J. N. S.

M- PT, Associação de Moradores, Central de Movimentos Populares(CMP), FAMESC – Federação das Associações de Moradores do Estado de Santa Catarina, UBAM – União Brusquense de Associação de Moradores

P - Bruscor

hoje:

1 N. P.

M – Sou filiado e voto sempre no PT.

P – Bruscor

2 D. C.

M - Pouca participação. Voto no PT.

P – Bruscor

3 M. I.

M - Algumas reuniões do PT – envolvimento maior em época de campanha.

P - Funcionária do SINTRAFITE e singelo trabalho com mulheres dentro do sindicato (Departamento Feminino)

4 L. P.

M - Militante político (nas eleições)

P - Micro-empresário.

5 E. M. B. E.

M - PT; Sindicato dos Trabalhadores em Educação -SINTE

P - Educadora

6 E. P.

M - Partido dos Trabalhadores – Candidata a vereadora.

P - Sócia de Micro-Empresa

7 J. N. S.

M - PT, Associação de Moradores

P – Artista (pintura)

O quadro exposto mostra bastante aproximado onde andam os 40 integrantes do Grupo dos Quarenta. A amostra de 7 integrantes, se não é um retrato perfeito, é um retrato bastante fiel dos integrantes desse grupo como um todo.

No início a militância era na catequese, nos grupos de jovens, na Pastoral da Juventude e nas associação de moradores. Um apenas estava no Movimento dos Desempregados. Esse mesmo integrante, começou a participar do Partido dos Trabalhadores e depois nos influenciou e nos ajudou a dar o passo para entrar no partido. Desse mesmo integrante veio o incentivo para o “Diretas-Já”. No início, 1981/82, o PT foi fundado em Brusque por sindicalistas. Depois abandonado. Só em 1985 voltou com força total dos jovens, principalmente ligados à Pastoral da Juventude, principalmente ao Grupo dos Quarenta.

Depois dessa caminhada os integrantes do Grupo dos Quarenta estavam mais presentes nas Coordenações de Pastoral de Juventude, Pastoral Operária,

Associações de Moradores, Fundação da Associação de Moradores do Bairro Maluche-AMASC, Fundação da União Brusquense de Associação de Moradores-UBAM, Sindicato dos Trabalhadores em Educação, Conselho da Criança e do Adolescente, Central dos Movimentos Populares-CMP; Federação das Associações de Moradores do Estado de Santa Catarina-FAMESC. O resultado da entrevista também aponta para a entrada maciça dos integrantes do Grupo dos Quarenta no Partido dos Trabalhadores. Os integrantes do grupo dos Quarenta passaram também a atuar em âmbito catarinense e nacional como já vimos no resultado das entrevistas, mas também nossa história registra que muitos dos integrantes do Grupo dos Quarenta atuam nesse espaço maior: Pastoral Operária Estadual, Federação de Associação de Moradores Estadual e Direção de Direitos Humanos em nível nacional. O Grupo dos Quarenta participou também ativamente do Movimento em torno da Assembléia Nacional Constituinte.

Fiz um levantamento para saber onde andam os participantes do Grupo dos Quarenta. É importante registrar que pouquíssimos estão afastados da luta social e política. Hoje todos são filiados do PT e votam no PT, mesmo que alguns não participem mais organicamente e só apareçam mais nas eleições.

Onde andam? Inseridos nas Associações de Bairros, Conselhos Municipais, Centro de Direitos Humanos, Grêmios Estudantis, PT, Presidência do Sindicato dos Educadores Públicos Estaduais, Procuradoria de município administrado pelo PT, direção de sindicato, direção das associações de moradores de Brusque, Empresa de Autogestão (EAPS-Bruscor), assessoria em nível estadual e nacional para empresas de autogestão e assessoria para administrações petistas na área de educação e autogestão.

Mais algumas informações que as entrevistas não dizem:

Dos 4 candidatos do PT a prefeito da cidade, três saíram do Grupo dos Quarenta. Fui o primeiro; Também desse Grupo dos Quarenta já saíram 3 candidatas a vice-prefeita, dentre elas minha companheira Ana; Do Grupo ainda

saíram para a Câmara de Vereadores 15 candidatos a vereador e 1 para deputado estadual. Portanto, além da construção do partido os integrantes iam para a vitrine, incentivando os outros a fazer o mesmo, lutando sempre contra a velha história de que “política é coisa suja”, que interessa tanto para os maus políticos. Os integrantes do Grupo dos Quarenta mostravam a importância da participação, expondo seus nomes.

Seria bom também observar o que os 7 integrantes faziam profissionalmente: auxiliar de escritório, diretoras de sindicato, trabalhadores da indústria têxtil, metalúrgicos, sindicato de trabalhadores em educação, costureira, professor, micro-empresários, trabalhadores da empresa de autogestão, balconista e artista. Havia operários de fábrica, autônomos, pedreiros, etc. Uma variedade grande de gente. Era um espaço muito rico e profundamente solidário. Lembro que quando minha companheira e eu fomos fazer um curso de 4 meses do CESEP em São Paulo, ao qual já fizemos referência, o grupo programou uma tarde dançante e com esse dinheiro pudemos viajar e pagar parte de nossa despesa. O curso serviu para uma avaliação de nossas práticas e com nossa chegada de volta à cidade, amadurecemos a idéia de participação ainda mais efetiva no partido. Foi a partir desse curso que ficou ainda mais clara a idéia de nos lançarmos como candidatos. Não bastava estudar e conhecer a conjuntura e como funcionava a estrutura da sociedade. Era preciso mudar com nossa presença nesse espaço da política partidária.

### 2.5.1 Frases que mais Marcaram nas Canções

Ainda perguntei aos 7 integrantes quais as frases das canções que mais os marcaram e por quê? Penso que enumerá-las pode ajudar ainda a se perceber as imagens, as idéias que estavam no interior do grupo<sup>265</sup>:

“Liberdade vem e canta e saúda esse novo sol que vem. Porque me transmite esperança e principalmente alegria”.

“Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, eu vou cantar”.

“Êta espinheira danada que o pobre atravessa prá sobreviver”.

“Menores abandonados, alguém os abandonou. Pequenos e mal amados, o progresso não os adotou”.

“Liberdade vem e canta e saúda este novo sol que vem”.

“Hoje os tempos são melhores. Nasce a esperança entre nós...”

“Viver e cantar a alegria de ser um eterno aprendiz”.

“Somos passarinhos, crescemos e queremos voar. Rasgar esse céu e ter este mar”.

“Cio da terra. Afagar a terra... Recolher cada bago de trigo”.

“Oração de São Francisco. Que eu seja instrumento de tua paz”.

“Voar. Prá resistir aos temporais e mostrar os segredos pros filhos.

“Pai nosso dos mártires. Maldita toda violência que devora a vida pela repressão”.

“Cambia todo cambia; Caeran los que oprimian la esperanza de mi pueblo, caeran los que comian su pan sin haber sudado, caeran com la violencia que ellos mismos han buscado”.

Indagados sobre o porquê responderam:

“Porque me transmitem esperança”.

“Na época se discutia muito a questão social do povo, tendo como base textos bíblicos, principalmente”.

“Estas letras, juntamente com as melodias, eram e são alegres e transmitem esperança para os novos dias”.

“Acredito que essas frases me marcaram, pois, me remetem sempre a uma reflexão sobre a vida. De que modo me sinto? O que estou fazendo para viver da forma mais “correta”? Como tenho assumido meu compromisso nesta vida ( da minha casa, nos meus trabalhos e atividades)?”

---

<sup>265</sup> Respostas dos 7 integrantes entrevistados

“As letras tem mística. Me animam. Fazem a gente ir para a frente e não desanimar”.

Penso que a frase: “Liberdade vem e canta e saúda este novo sol que vem”, juntamente com outra frase “Viver e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”, deixa evidenciado o pensamento do grupo: o agir agora era sempre um aprendizado que dava esperança para o “sol” que viria.

### 2.5.2 As canções para a militância

Aos 7 ainda perguntei o que significava o canto no Grupo dos Quarenta e para a sua militância? As respostas:

“Significava alegria, desabafo, maneira de comemorar o que estava acontecendo de bom e desabafar o mal e maneira de buscar força, coragem para continuar no grupo<sup>266</sup>, militar no PT, tentar ser mais útil”.

“Uma forma de aliviar discussões, descontrair, mas principalmente um método poético, alegre e muito eficiente de transmitir a mensagem”.

“O canto significava alegria, vontade de estar junto com outras pessoas que pensavam de forma diferente, celebração. Significava sonhar, rezar. Um tempo, uma época muito boa”.

“De conquistar um espaço na sociedade não só para mim mas com todos e para todos e sonhar com igualdade fraterna e honestidade. Amor diferente, com responsabilidade, cumplicidade, respeito”.

“O canto na militância é a forma de orar e expressar o porquê de lutar”.

“Corresponsabilidade, unidade, identidade, afeto, espiritualidade, energia coletiva para desempenhar as tarefas planejadas, certeza de que o que havíamos já conquistado era importante. A mística da luta que ultrapassava o racional e trabalhava o campo do emotivo, do psicológico”.

Cada depoimento desse é rico e profundo. Impossível de ser analisado apenas por uma pesquisa. O aspecto levantado pelo depoimento de que o místico

ultrapassa o racional e trabalha o lado emotivo daria uma tese ou um capítulo. Entendo que os depoimentos enriquecem a nossa pesquisa e abrem a possibilidade de mais pesquisas. Os depoimentos demonstram que o Grupo dos Quarenta tem na canção um alento, a confirmação dos sonhos, uma força para caminhar, um conteúdo para refletir, um convite para andar em comunidade, uma proposta de sociedade e acima de tudo alimento para a militância.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo nossa reflexão, a igreja progressista ou conservadora se utiliza da música para sublinhar mais o seu caráter espiritualista ou seu caráter de maior preocupação social, concreto. Também os movimentos sociais e os partidos a utilizam conforme sua ideologia. Inúmeros outros questionamentos, constatações apareceram durante nossa militância nos movimentos sociais e no partido político. Os movimentos musicais atuaram no contexto Latino Americano recente no sentido de reforçar as estruturas existentes, denunciar os crimes contra os direitos humanos e/ou propor alternativas que viessem em benefício da maioria da população. Aceitando que nada é neutro, podemos afirmar isso com toda a certeza. No nosso país e nas experiências que analisamos, os movimentos sociais e os partidos se apropriam desses movimentos musicais e oferecem elementos para eles. No contexto brasileiro vimos que a canção também foi utilizada tanto no sentido de reforçar as estruturas existentes, como de denunciar os crimes contra os direitos humanos e/ou propor alternativas que viessem em benefício da maioria da população.

Envolvidos com as lutas, os sofrimentos, os anseios, as alegrias do povo, autores diversos também contribuem com suas canções para animar, acolher, empurrar, chorar, sorrir, protestar, enfim. Seja Zé Vicente, seja Chico Buarque, cada um a seu modo e no seu meio acaba usando a canção para refletir, se indignar ou agir. Os movimentos musicais das várias épocas influenciam e recebem influência dos movimentos sociais, partidos de esquerda e de direita. Percebe-se que em muitos momentos e especialmente em campanhas eleitorais, os candidatos utilizam bastante a linguagem musical, que junta muita gente. Os movimentos sociais e os partidos de direita e de esquerda utilizam a canção. Na canção também mascaram

ou são transparentes. Manipulam<sup>267</sup> ou dão elementos verdadeiros. Como qualquer outro meio a canção pode ser manipulada.

A canção é uma forma de arte. Ela atua. A repetição de um conteúdo reforça e nutre os sonhos.

A arte, a canção desmonta preconceitos. Muda pensamentos. Ajuda a acontecer o que se quer, aquilo em que se acredita. Pode ser utilizada pelos governos para desarticular os movimentos, os partidos. Pode ser utilizada pelos movimentos e partidos para desarticular, desmascarar, questionar os governos. Pode ser utilizada pelos movimentos para questionar valores, denunciar violação de direitos, apontar para a construção de uma sociedade melhor. O conteúdo da canção pode antecipar sonhos. Pode universalizar pequenas realizações que servem de ânimo para a construção de grandes sonhos.

A arte, a canção, tem poder. Ela depende de um contexto, mas até uma canção criada de forma mais isolada pode influenciar multidões, movimentos, partidos. Muitos artistas não têm uma militância efetiva nos movimentos, ou nos partidos, mas com uma canção arrastam, animam, fortalecem as multidões. Tanto para a direita, como para a esquerda.

No questionário diferenciado proposto a uma integrante do Grupo dos Quarenta, uma companheira, ABBL, fala que:

É comum presenciarmos situações em que as pessoas buscam transmitir o que pensam através da música. Um amante apaixonado é capaz de fazer uma serenata, cantar canções de amor para conquistar a mulher amada. Geralmente alcança seu objetivo. Um cantor de RAP, que geralmente é proveniente de guetos sociais denuncia a sua situação de marginalização através da música e conquista seus seguidores em todas as camadas sociais. Os movimentos de protesto utilizam a música como elemento de aglutinação das massas, e muitas vezes o movimento passa, se desarticula, mas a música perdura e rememora aquele determinado momento da história. Exemplo disso é a música "Prá não dizer que não falei das flores", de Geraldo Vandré, que mesmo surgindo num determinado momento, até hoje é considerada um hino que não pode faltar nas mais diversas manifestações sociais. Então eu penso assim, eu nunca escutei alguém dizer

---

<sup>267</sup> Entendo que a música manipula quando, por exemplo, um partido como o PSDB ou PFL falam em saúde pública e privatizam tudo. Nas canções em momentos eleitorais, aparecem fortes apelos nesse sentido, mas destituídos de qualquer verdade.

assim em uma manifestação: como dizia Geraldo Vandré, mas sua música e a mensagem que ela traz em si, estão sempre presentes.”

O Grupo dos Quarenta também pode ser compreendido à luz desse pensamento. Mesmo sem lembrar bem o nome da canção, a mensagem ficava. O depoimento da outra entrevistada, AML, evidencia isso: “ Não me lembro bem o nome da canção. Sei que falava da terra, da distribuição de renda”. A canção ficava. Deixou marcas até hoje. Como aconteceu com a canção de Vandré, as canções continuam ficando na memória das pessoas, dos grupos, dos movimentos, dos partidos políticos.

Entendo que os que tocam e cantam devem ter consciência de sua importância social. Não deveriam dar apenas uma contribuição como passatempo, descanso, respiro. Muitas vezes animando encontros com o violão, a voz e a gaita de boca, eu percebia que muitas lideranças não se davam conta da força contida na canção. Muitas vezes ela entrava apenas como preparação para um tema, como descanso, como lazer. Pode ser tudo isso também, mas resumir-se a isso seria de uma pobreza muito grande. Poucos viam na canção também sua força de comunicação, de poder transformador, de ser uma prática cultural, de ser uma prática pedagógica e educativa. Muitos cantores e instrumentistas pensam também que sua música é apenas uma contribuição pessoal que dão a um movimento. Penso que o melhor seria que os artistas, os militantes, os cantores entendessem a música como parte de um projeto para o grupo que ouve, que canta, que participa. Aqueles que tocam e cantam deveriam produzir e escolher repertórios que ajudassem a transformar a sociedade numa sociedade nova, justa, solidária, socialista. Não se pode cantar qualquer coisa. Acredito que dê para unir o “descanso” e a mensagem. É importante tocar de forma coerente com o conteúdo e objetivos de um encontro, de um movimento, de um partido. Ou pelo menos não cantar algo que venha contra o que esse momento ou movimento defendem.

Procurei envolver os entrevistados como sujeitos e não apenas como objetos a serem pesquisados. As canções reforçam na prática uma visão de mundo: de um lado os que dominam e buscam com uma ideologia justificar e reforçar sua

dominação, do outro lado os que levam em consideração as características individuais de cada ser humano, mas numa perspectiva da construção de um coletivo criativo que não faça todo mundo igual, mas que trabalhe na perspectiva da construção de pessoas realizadas, felizes consigo mesmas e com os outros. Tenho essa tendência de falar de dominadores e dominados, para que o campo fique bem delimitado, mas levo em consideração as contribuições de vários autores como Foucault, Deleuze e Guattari, entre outros, que colocam a perspectiva de micropolítica do poder, em que as estruturas de dominação acabam se inserindo nos próprios espaços de oposição, na própria subjetividade das pessoas, de modo que é preciso combater a dominação, o autoritarismo, sabendo que ele está também dentro de nós, e que não é tão fácil assim objetificar a dominação em determinadas pessoas, e sim em processos sociais e culturais que consideramos injustos.

Desde o início quando pensei em realizar uma pesquisa, tinha muito presente que esta deveria significar um retorno para a comunidade. Poderia ser uma contribuição simples, mas, no meu modo de ver, o conhecimento, o saber só tem sentido se socializado. O trecho de Brandão a seguir ajuda a esclarecer:

Para a grande maioria das pessoas a palavra pesquisa vem sempre associada à elaboração por especialistas e estudiosos de volumosos e abstratos trabalhos científicos, que tratam de temas complexos e, por isso, devem ser redigidos numa linguagem inacessível ao comum dos mortais. Pesquisa é coisa de intelectual, de universitário que não tem nada que ver com a vida real. E, de fato, a maior parte dos trabalhos de pesquisa são tarefas que estudantes universitários devem executar para comprovar, diante de seus pares, sua competência e ser recompensados com os diplomas e honorarias acadêmicas. O destino destes trabalhos é quase sempre as gavetas e estantes das bibliotecas universitárias onde sua tranqüilidade só será perturbada, de vez em quando, por outro estudante em busca de referências ou citações para a sua própria pesquisa<sup>268</sup>.

A pesquisa pode sim ter as motivações pessoais. Deve tê-las, para que flua, caminhe, busque, aprofunde. Mas sem dúvida não pode perder de vista a possibilidade de ser um referencial para que mais gente reflita e mude sua prática, no sentido do bem coletivo, da construção de uma sociedade não capitalista.

---

<sup>268</sup> Brandão, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. p.17-18 .

Se é verdade que muito conhecimento produzido serve para pouco, quando não são trocas, nos últimos anos aumentaram as pesquisas, segundo Brandão, “cujo objetivo é conhecer as condições de vida, pautas de comportamento, motivações e aspirações de grupos sociais ditos marginalizados ou então considerados, pelos donos do poder, como propensos a comportamentos rebeldes e contestatórios<sup>269</sup>.”

Paulo Freire nos lembra que

educação não é sinônimo de conhecimento, pela simples razão de que não existe um saber feito e acabado, suscetível de ser captado e compreendido pelo educador e, em seguida, depositado nos educandos. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. Neste sentido, a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, a análise e transformação da realidade pelos que a vivem<sup>270</sup>.

Também numa pesquisa não podemos ter uma postura de depositar nossas conclusões, mas colocá-las em diálogo com os sujeitos da pesquisa, com os grupos e com todos os interessados. Devemos estar abertos para tanto.

Essa pesquisa é resultado da forma que tenho e que nosso grupo teve de encarar a vida. Não sabíamos nunca muito bem onde íamos chegar. Planejavamos mas na caminhada acrescentávamos picadas, outros caminhos que pudessem nos ajudar. Entendo que isso também aconteceu com a pesquisa. Não tinha certeza no que ia dar. Independentemente da produção para a universidade, me sinto gratificado. Queria entender um pouco mais sobre os movimentos sociais. Sem dúvida, consegui. Minha visão ampliou. Pode ainda ser míope. Pode estar transpassada de dúvidas, de incertezas. Mas são elas que impulsionam para novas buscas, novos entendimentos. O conhecimento não é algo acabado. É caminhar.

Depois de passado algum tempo dessa experiência, queria entendê-la. Através das canções era possível entrar novamente nela. Não era possível ficar só na letra das canções, era preciso colocá-las no contexto. Essa compreensão sobre o movimento social que apresento é também resultado direto do contato com a

---

<sup>269</sup> Brandão, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. p.18.

<sup>270</sup> Idem,p.19

universidade. Contato que me ajudou a rever, ler e analisar essa experiência do Grupo dos Quarenta. Também é, de certa forma, um alívio para um desafio que sempre tinha me colocado: o de que fosse um mestrado partilhado com mais gente. Durante o trabalho de dissertação alguns encontros com esses companheiros do Grupo dos Quarenta já nos fazem compreender melhor nossa história.

Espero ter construído e sistematizado um pouco mais de conhecimento. Espero ter contribuído um pouco com o entendimento da história do Grupo dos Quarenta e com um dos fios da história da “cidade dos tecidos”. É um fio que quer dar valor especialmente àqueles que também ajudaram a construir a cidade. Uma homenagem àqueles que trabalhavam com fios de algodão, fios de cobre, fios de risco de vida.

Quando lhe pedi para que fizesse um esforço para lembrar as canções que o Grupo dos Quarenta cantava na Comunidade Maluche, A. M. L. respondeu: “Bem, na verdade o tempo é um grande destruidor também, né?” Essa frase me fez lembrar a importância de registrar a história.

O depoimento de A. M. L. também é um incentivo. Confesso que é um depoimento que me faz bem, demonstra que o trabalho, as lutas valeram a pena. Mas a entrevistada atribui a mim algumas coisas que, entendo, eram de todo o Grupo dos Quarenta:

Bem. Aí tem que ver o seguinte: que está turma tinha um líder. Esse líder era você. E a sua vida sempre foi uma proposta de um mundo melhor. E junto com você esta turma. E junto com essa turma as propostas. Junto com as propostas a busca de uma, de realmente as pessoas entenderem que o que vocês cantavam, que as letras continham uma verdade e que era preciso que mais gente lutasse junto com vocês. Então todo esse caminho que você realmente percorreu e que foi acarreado consigo um monte de gente, penso que tenha mudado a vida de muita gente. Eu tenho certeza disso. Que pessoas que tinham até consciência, mas não tinham aquela coragem de enfrentar... viram na sua pessoa, na sua turma, nas pessoas que ficavam ao seu lado que é preciso ter coragem. Que quem tem coragem também chega”.

Ao terminar o trabalho me sinto realizado. Queria muito mais. Quem não quer a perfeição? Mas também é preciso ter a humildade de se perceber limites de tempo, de capacidade e circunstâncias. Perceber sobretudo, que é a

soma da capacidade, do tempo e das circunstâncias de cada pesquisa que faz o conhecimento. Espero ter contribuído com a academia e com os movimentos sociais na perspectiva de construção de uma sociedade com outros valores, sob outras bases: uma sociedade onde cada um vale pelo que é e não pelo que produz ou pelo status que consegue segundo os valores de uma classe que domina a outra. Meta, sem dúvida difícil, espinhosa, mas possível. Sonho? Pode ser, mas nunca será realidade se não a imaginarmos. Me chamam de sonhador. Quero seguir sonhando!

“Quero entoar um canto novo de alegria  
Ao raiar aquele dia de chegada ao nosso chão  
Com meu povo celebrar a alvorada  
Minha gente libertada  
Lutar não foi em vão”.<sup>271</sup>

Quero seguir cantando.

---

<sup>271</sup> Canto nº4 - anexo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA(ACO). **Cantando nossa libertação**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1985.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (64-68)**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BEAUD Paul; WILLENER, A., **Musique et vie quotidienne**. Mame, 1973.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34 ed. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESC,1995.

BOFF, Leonardo. Alimentar nossa mística. **Cadernos de Formação do MST** (Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). n. 27, p. 23.

BOFF, Leonardo. Como melhorar nossa mística. **Cadernos de Formação do MST** ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). n. 27, p.15

BOGO, Ademar. **Como melhorar nossa mística**. Cadernos de Formação do MST ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra). n. 27.

BORAN, Jorge. **Juventude, o grande desafio**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. São Paulo: Moderna,1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1999.

CADERNO DO CEAS (Centro de Estudos e Ação Social). **Repressão na Igreja no Brasil – reflexo de uma situação de opressão (1968/1978)**. Salvador, Bahia – Março/abril,1979

CALADO, Carlos. **Tropicália**. São Paulo: Editora 34, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papius,1995

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). **Canções da nossa caminhada**. São Paulo, 1987.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral da Juventude no Brasil/CNBB**. São Paulo: Paulinas, 1986. ( Coleção estudos da CNBB – Documento 44).

Entrevista de A. M. L. Brusque, 2000.

Entrevista de A. P. Brusque, 2000.

Entrevista de D. C. Brusque, 2000.

Entrevista de E. M. B. E. Brusque, 2000.

Entrevista de E. P. Brusque, 2000.

Entrevista de J. N. S. Brusque, 2000.

Entrevista de L. P. Brusque, 2000.

Entrevista de M. I. Brusque, 2000.

Entrevista de N. P. Brusque, 2000.

Entrevista de Er. P. Brusque, 2000.

Entrevista de P.R. E. Brusque, 2000.

Entrevista de A. B. B. L. Brusque, 2000.

FANTIN, Maristela. **Construindo cidadania e dignidade**. Florianópolis: Insular, 1997.

FOLHAS DE CANTO DA PASTORAL DA JUVENTUDE – BRUSQUE, anos 1980 à 1995.

FREI BETTO. **Cristianismo e Marxismo**. Petrópolis: Vozes. 1978.

FREI BETTO. **Socialismo e Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **O Som da Estrela**. 1992. 1CD

GARCIA, Regina Leite; VALLA, Victor V. **A fala dos excluídos**. 1. ed. Campinas: Papyrus, 1996. Caderno CEDES n. 38.

GARDNER, Howard, **Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995,

LIVRO DE CANTO. **Louvemos ao Senhor**. Campinas: Associação do Senhor Jesus, 1998.

LUDVIG, Valmir Coelho. **As primaveras vão chegando**. Brusque: Gráfica Bandeirante, 1996.

LUDVIG, Valmir Coelho. **Canção do PT de Brusque – Campanha 2000**, 2000.

MADURO, Otto. **Religião e Luta de classes**. Vozes: Petrópolis, 1981.

MAINWARING, Scott; KRISCHKE, Paulo. **A igreja nas bases em tempos de transição(1974-1985)**. Porto Alegre: LPM, 1986.

MAINWARING, Scoot. **Igreja Católica e Política no Brasil(1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. **Religião e Dominação de Classe**. Vozes: Petrópolis, 1985.

OSCAR, Lewis, **Les enfants de Sanchez: autobiographie d' une famille mexicaine**. Paris: Gallimard, 1963.

PEDRINI, Dalvina Maria. **Um Cantador de Utopias**. São Paulo, 1997. Monografia de Comunicação Social. USF/CEPAC

PELOSO, Ranulfo. A força que anima os militantes. **Cadernos de Formação do MST** ( Mov. Do Trabalhadores Rurais sem terra) n. 27, p.7.

PETRINI, João Carlos. **CEBs: um Novo Sujeito Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PIERRE, Antoine. “**Les surprises du moraliste**” em le *concours* médical, t. 88, n.43, outubro de 1966.

PROUDHON, P. J. **Les confessions d’un révolutionnaire**, Rivière, 1929.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens entram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANCHIZ, Pierre. In \_\_\_\_\_. VANILDA, Paiva (org.) **Igreja e Questão Agrária**. São Paulo: Loyola, 1995.

SCHERER WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais**: um ensaio de interpretação sociológica. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 1984.

SCHERER WARREN , Ilse; KRISCHKE, Paulo J. **Uma revolução no cotidiano?:** os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo. Brasiliense, 1987.

SELL ,Carlos E. **Apostila Movimentos Sociais**. Itajaí: Univali 2001.

SOUZA, L. A . G . de. **A JUC**: Os estudantes Católicos e a Política. Petrópolis: Vozes, 1984.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UnB,1982.

WILLENER, Alfred. **L'image-action de la société**, Seuil, 1970,

## ANEXOS

ANEXO 1 - Relação dos cantos que serviram para a análise das palavras mais freqüentes: são os de número 1 até 47, mais o canto 51a, perfazendo um total de 48 cantos. Os demais cantos foram os que serviram para outras análises ou foram citados durante o trabalho. As canções 52,53 e 54 são canções próprias.

ANEXO 2 - As perguntas das entrevistas<sup>272</sup> com o gravador.

ANEXO 3 - As perguntas do questionário<sup>273</sup> respondidas pelos 7 integrantes do Grupo dos Quarenta.

ANEXO 4 - Algumas poesias e criações feitas durante a realização do mestrado. Mesmo que uma ou outra já esteja dentro do conteúdo do trabalho, busquei colocá-la de volta, separadamente, em anexo. O mesmo ocorre com as letras das canções. Entendo que fazendo assim, os que eventualmente se interessarem pelo trabalho como um todo ou por algum aspecto, separadamente, terão mais facilidade de encontrar o que mais lhe possa ajudar para futuras pesquisas ou mesmo para utilização dos cantos e das poesias para animação de encontros e grupos.

---

<sup>272</sup> Optei por não colocar na íntegra as respostas dos entrevistados nessa e nas demais entrevistas, devido a algumas colocações bastante pessoais e íntimas. Às vezes faço um comentário e os coloco junto às perguntas para ficarem claras as indagações. Embora eu tivesse objetivos, as perguntas eram criadas muito a partir das respostas dos entrevistados. Algumas delas precisam do “gancho” das respostas que não estão aqui, mas as coloquei mesmo assim para que se tenha idéia do caminho percorrido.

Com ErP tive dificuldade de me fazer entender. Lembro que no grupo tínhamos dificuldade de nos fazer entender por esse companheiro. Isso acabou também ocorrendo na entrevista. No trabalho, no entanto, há bastante contribuição desse companheiro.

<sup>273</sup> Respostas de 7 integrantes do Grupo dos Quarenta ao questionário.

## Relação dos cantos

### 1. Pai nosso dos mártires<sup>274</sup>:

Pai Nosso, dos pobres marginalizados  
Pai Nosso, dos mártires, dos torturados

Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida  
Teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida  
Teu Reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão  
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão

Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador  
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor  
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das  
multidões  
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de  
canhões

Perdoa-nos quando por medo, ficamos calados diante da morte  
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte  
Protege-nos da crueldade dos latifundiários, dos prevaletidos  
Pai Nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos  
oprimidos

### 2. Santo Dias<sup>275</sup>

Operário de sonho criança,  
Operário da terra e oficina.  
Operário que um dia se cansa,  
de esperar as mudanças de cima.

Operário esperança que vela,  
Operário suado sem fala.  
Operário algemado na cela,  
operário calado a bala.

Entre nós órfãos choram carícias,  
de ásperas mãos de ternura.  
Que morre em piquete vencendo  
a mão que lhe mata e tortura.

Só o rosto do amigo tem nome,  
e lugar em uma vida futura.  
A terra e a história consomem  
o covarde, a opressão e a impostura.

Refrão:  
Santo a luta vai continuar.

<sup>274</sup> Folhas de canto da Pastoral da Juventude – Brusque – Normalmente não encontrávamos nos cantos os seus autores. Por conta disso, a dificuldade de saber a autoria de cada um desses cantos.

<sup>275</sup> Livro de canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária (ACO) 2ª ed. p.25. Rio de Janeiro.1985

Os teus sonhos vão ressuscitar.  
Operários se unem prá lutar.  
Por teus filhos vai continuar.

É o gás, é o choque, é a tosse,  
fumaça, cavaco, ferida,  
pobreza com fome, cansaço,  
doença, hora extra perdida.

É a máquina quieta, parada;  
é a greve, o piquete, a polícia;  
é o peão com a vida danada  
entre a fome e a dor da sevícia.

É o sangue que orvalha a justiça,  
dá a flor, dá o fruto e o pão.  
Ternura nas mãos da cobiça  
se vingam em nova estação.

É Santo que a morte não mata  
soluços de Anas Marias.  
Nos órfãos que perdem seus pais,  
renascem as idéias um dia.

Na alvorada que nasce impassível,  
o sol nos encontra na estrada,  
em ciranda de gente explorada,  
formando muralha invencível. E então  
“A terra queimada se converterá num lago,  
e a região seca em fontes de água” (Is.35,7)

### 3. Os meninos em volta da fogueira<sup>276</sup>

Os meninos em volta da fogueira  
Vão aprender coisas de sonho e de verdade  
Vão perceber como se ganha uma bandeira  
E vão saber o que custou a liberdade

Palavras são palavras, não são trovas  
Palavras desse tempo sempre novo  
Lá os meninos aprenderam coisas novas...  
E até já dizem que as estrelas são do povo

Já que os homens permanecem lá no alto  
Com suas contas engraçadas de somar  
Não se aproximam das favelas, nem dos campos  
E tem medo de tudo que popular

Mas os meninos desse continente novo  
Hão de saber fazer história e ensinar

### 4. Baião das comunidades<sup>277</sup>

Somos gente nova, vivendo a união

<sup>276</sup> Folhas de canto – Pastoral da Juventude - Brusque.

<sup>277</sup> Livro de canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2º ed. p.8..Rio de Janeiro.1985

Somos povo: semente de uma nova nação  
Somos gente nova, vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do Senhor

Vou convidar os meus irmão trabalhadores  
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais  
E juntos vamos celebrar a confiança  
Nossa luta na esperança de ter terra pão e paz

Vou convidar os índios que ainda resistem  
As tribos que ainda insistem no direito de viver  
E juntos vamos, reunidos na memória  
Celebrar uma vitória que vai ter que acontecer

Convido os negros, irmãos no sangue e na sina  
Seu gingado nos ensina a dança da redenção  
De braços dados, no terreiro da irmandade  
Vamos sambar de verdade, vamos pisar sobre a dor

Vou convidar a criançada e a juventude  
Tocadores nos ajudem, vamos cantar por aí  
O nosso canto vai encher todo o país  
Velho vai dançar feliz, quem chorou, vai ter que rir

Desempregados, pescadores, desprezados  
E os marginalizados, venham todos se juntar  
À nossa marcha pra nova sociedade  
Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar

### 5. Migrante<sup>278</sup>

Peregrino nas estradas de um mundo desigual  
Espoliado pelo lucro e ambição do capital  
Do poder do latifúndio, enxotado e sem lugar  
Já não sei prá onde andar  
Da esperança eu me apego ao mutirão  
Refrão:  
Quero entoar um canto novo de alegria  
Ao raiar aquele dia de chegada ao nosso chão  
Com meu povo celebrar a alvorada  
Minha gente libertada  
Lutar não foi em vão

Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor  
E Jesus se fez do pobre solidário e servidor  
Os profetas não se calam denunciando a opressão  
Pois a terra é dos irmãos  
E na mesa igual partilha tem que haver

Pela força do amor o universo tem carinho  
E o clarão de suas estrelas ilumina o meu caminho  
Nas torrentes da justiça meu trabalho é comunhão  
Arrozais florescerão  
E em seus frutos liberdade colherei

---

<sup>278</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p. 20. Rio de Janeiro.1985.

## 6. A classe roceira e a classe operária<sup>279</sup>

A classe roceira e a classe operária  
 Ansiosas esperam a reforma agrária  
 Sabendo que ela dará solução  
 Para a situação que está precária  
 Saindo o projeto do chão brasileiro  
 E cada roceiro plantar sua área  
 Sei que na miséria ninguém viveria  
 E a produção já aumentaria  
 Quinhentos por cento até na pecuária

Esta grande crise que há tempos surgiu  
 Maltrata o caboclo ferindo em seu brio  
 Dentro de um país rico e altaneiro  
 Morrem brasileiros de fome e de frio  
 Em nossas manchetes de ricos e pobres  
 Milhões de automóveis já se produziu  
 Enquanto o coitado do pobre operário  
 Vive apertado ganhando um salário  
 Que sobe depois que tudo subiu

Nosso lavrador que vive do chão  
 Só tem a metade de sua produção  
 Porque a semente que ele semeia  
 Tem que ser de meia com o seu patrão  
 O nosso roceiro vive num dilema  
 E o seu problema não tem solução  
 Porque o ricoço que vive folgado  
 Acha que o decreto que for assinado  
 Estará ferindo a Constituição

Mas grande esperança o povo conduz  
 Pedindo a Jesus pela oração  
 Pra guiar o pobre por onde ele trilha  
 E para a família não faltar o pão  
 Que ele não deixe o capitalismo  
 Levar ao abismo a nossa nação  
 A desigualdade que existe é tamanha  
 Enquanto o ricoço não sabe o que ganha  
 O pobre do pobre vive do tostão

## 7. O profeta<sup>280</sup>

Tenho que gritar, tenho que arriscar  
 Ai de mim se não o faço  
 Como escapar de Ti, como não falar  
 Se tua voz me queima dentro?  
 Tenho que andar, tenho que lutar  
 Ai de mim se não o faço  
 Como escapar de Ti, como não falar  
 Se tua voz me queima dentro?

<sup>279</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.6. Rio de Janeiro.1985.

<sup>280</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p. 42. Rio de Janeiro.1985.

Antes que te formasse no ventre de tua mãe  
 Antes que tu nasceste, te conheci e te consagrei  
 Para ser meu profeta entre as nações eu te escolhi  
 Irás onde te envio e o que mando proclamarás

Não temas arriscar-te porque contigo eu estarei  
 Não temas anunciar-me porque em tua boca eu falarei  
 Entrego-te meu povo para arrancar e derrubar  
 Para edificar, destruirás e plantarás

Deixa a teus irmãos, deixa teu pai e tua mãe  
 Abandona tua casa, porque a terra gritando está  
 Nada tragas contigo, pois a teu lado eu estarei  
 É hora de lutar porque meu povo sofrendo está

### **8. América Latina<sup>281</sup>**

Talvez esta canção chegue tarde demais  
 Talvez nosso silêncio seja grande demais  
 Talvez a consciência cale cedo demais  
 Talvez boa vontade seja pouco demais

Talvez a liberdade chegue tarde demais  
 E tantos inocentes morram cedo demais  
 Que a luz nos mostre agora um caminho de paz  
 E acabe a violência que mata demais

Meu Deus, eu te pergunto se ouves minha voz  
 Se é este o teu povo e que queres de nós  
 Milhões de homens pobres, porque poucos tem demais  
 Somos um supermercado para as multinacionais

Quem sabe um dia livre, tua fronte erguerás  
 América Latina, eu te amo demais  
 Talvez teu sofrimento seja grande demais  
 Inda querem que eu me cale: tarde demais

### **9. Bóia fria<sup>282</sup>**

Em cima de um caminhão  
 Bem cedinho ele vai  
 Sem nenhuma garantia  
 Pro seu pão de cada dia  
 Ele vai tentar ganhar

O seu patrão comprou trator, caminhão  
 Também grade arrastão, deixando ele na mão  
 Pois lá na roça perdeu sua serventia  
 Procurando prato cheio, hoje ele é bóia fria

Ele tentou melhorar prá sua família  
 Prá cidade certo dia com muita fé foi morar  
 Mas continuou sua fome de alegria

<sup>281</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.7. Rio de Janeiro.1985.

<sup>282</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.9. Rio de Janeiro.1985.

E o sustento da família ele tenta assim ganhar

Ele não é roçeiro, nem operário  
Ganha um mísero salário, seu riso alegre não sai  
Seu dinheirinho ele nunca tem de sobra  
Ele é pau prá toda obra. Ele ri prá não chorar.

Ele já deu ao seu país glória e fama  
Mas sua terra que tanto ama não pode mais cultivar  
Pergunto agora a quem ouve a minha voz  
Prá quem Deus criou o mundo? Foi prá alguns ou foi prá nós?

#### **10. Canção da alegria<sup>283</sup>**

Escuta, ó povo a canção da alegria  
O canto alegre que espera o novo dia

Vem, canta, luta, luta cantando  
Vive forjando o novo chão  
Em que nós todos viveremos como irmãos

#### **11. História desumana<sup>284</sup>**

Ninguém se engana. Ninguém se engana.  
Que a nossa história já começou desumana.

Há muitos anos os portugueses vieram  
Muitas desgraças fizeram prá quem nessa terra mora.  
Quando chegaram começaram logo a guerra  
Tomando conta da terra, botando os índios prá fora.

Houve as Entradas denominadas bandeiras  
Com ação muito grosseira prá dominar os nativos.  
Eram tratados com a maior crueldade  
Lhe roubaram a liberdade fazendo um povo cativo

O nosso índio que isso não conhecia  
Quando podia, fugia desse crime desumano  
E planejaram outra ação mais prepotente  
Foram buscar na corrente os negros africanos

Lá na senzala os negros sem liberdade  
Na mais triste crueldade levando peia no lombo  
Atormentado dos horrores que faziam  
Tendo vaga eles fugiam para formarem os quilombos

O governo preparou expedição  
Mandou mais de um batalhão aos quilombos destruir  
Insistindo nos Quilombos dos Palmares  
Destruiu vários milhares liderados por Zumbi

---

<sup>283</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.10. Rio de Janeiro.1985.

<sup>284</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.17. Rio de Janeiro.1985.

Outro episódio desta nação brasileira  
 Guerra brutal e grosseira que findou matando tudo  
 E destruindo de um povo a esperança  
 Homens, mulheres, crianças os arraiais de Canudos

Motivados no espírito de ambição  
 Querem fazer produção enviando a outras zonas  
 Pega o Nordeste forma fila e dá de marcha  
 O soldado da borracha vendido no Amazonas

E a história desumana continua  
 Se enfeita para a rua bota placa e dá-se um nome  
 E não se olha prá gente doente  
 Tanta gente inocente que hoje morre de fome

## **12. Igreja, povo a caminho**<sup>285</sup>

Igreja é povo que se organiza  
 Gente oprimida, buscando libertação  
 Em Jesus Cristo, a libertação

O operário lutando por seu direito  
 De reaver a direção do sindicato  
 O pescador vendo a morte dos seus rios  
 Já se levante contra esse desacato

O seringueiro com sua faca de seringa  
 Se libertando das garras de seu patrão  
 A lavadeira, mulher forte e destemida  
 Lava a sujeira., a injustiça e a opressão

Posseiro unido que fica na sua terra  
 E desafia a força do invasor  
 Índio, poeta que pega sua viola  
 Que canta a vida, a saudade e a dor

É gente humilde, é gente pobre mas é forte  
 Dizendo a Cristo: meu irmão, muito obrigado  
 Pelo caminho que você nos indicou  
 Pra ser um povo feliz e libertado

## **13. Isso que você tem aí**<sup>286</sup>

Isso que você tem aí...  
 É lágrima de gente, pedaço de esperança  
 É Lei de Segurança da gente daí...  
 É sangue de operário, é fome de criança  
 São olhos de tristeza da gente daqui  
 Isso que você tem aí

Isso que você tem aí...

<sup>285</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.18. Rio de Janeiro.1985.

<sup>286</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. pp.18-19. Rio de Janeiro.1985.

São membros esmagados  
 São terras que não temos  
 Prisões de nossos filhos por gente daí  
 Isso que você tem aí...

Isso que você tem aí...  
 Tortura de mulheres, despejos e desprezos  
 Por força da política da gente daí  
 São pés duros, cansados, com dor, ensangüentados  
 Isso que você tem aí...

#### **14. Lamento nativo<sup>287</sup>**

Eu venho de longe. Eu sou do sertão  
 Sou Pedro, sou Paulo, Maria e João.  
 Eu sou brasileiro, mas sou estrangeiro.  
 Lutei pela pátria e ganhei cativo.

Eu sou a nação. Eu também sou irmão.  
 Sou Povo de Deus e não tenho porção.  
 Eu venho da fome, da seca e da dor.  
 Eu sou do trabalho e não tenho valor.

E agora me digam se eu tenho direito  
 Se sou cidadão, ou por Deus não fui feito?

Eu faço a cidade e não moro – me arranjo.  
 Plantei e colhi, mas não como – sou anjo...  
 Eu venho da terra sem distribuição  
 Eu sou do cansaço sem compensação.

Eu venho de longe. Eu sou do sertão.  
 Sou Pedro, sou Paulo, eu sou a nação.  
 Eu faço a cidade, mas sou estrangeiro.  
 Lutei pela pátria e ganhei cativo.

Eu venho de longe. Eu sou do sertão!

#### **15. Nossa alegria é saber que um dia<sup>288</sup>**

Nossa alegria é saber que um dia  
 Todo esse povo se libertará  
 Pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo  
 Nossa esperança realizará

Vendo no mundo tanta coisa errada  
 A gente pensa em desanimar  
 Mas quem tem fé, ele está com Cristo  
 Tem esperança e força prá lutar

Não diga nunca que Deus é culpado  
 Quando na vida o sofrimento vem  
 Vamos lutar que o sofrimento passa

<sup>287</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.19. Rio de Janeiro.1985.

<sup>288</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.21. Rio de Janeiro.1985.

Pois Jesus Cristo já sofreu também

Libertação se alcança no trabalho  
Mas há dois modos de se trabalhar  
Há quem trabalha escravo do dinheiro  
Há quem procura o mundo melhorar

E pouco a pouco o tempo vai passando  
E a gente espera a libertação  
Se a gente luta ela vai chegando  
Se a gente pára, ela não chega não

#### **16. Nossa vista clareou<sup>289</sup>**

De repente nossa vista clareou, clareou, clareou  
E descobrimos que o pobre tem valor, tem valor, tem valor

Nós descobrimos o valor da união  
Que é arma poderosa e derruba até dragão.  
E já sabemos que a riqueza do patrão  
E o poder dos governantes passam pela nossa mão.

Nós descobrimos que a seca do Nordeste  
Que a fome, que a peste não é culpa de Deus Pai  
A grande culpa é de quem manda no país  
Fazendo o pobre infeliz, deste jeito é que não vai

O que nós vemos é deputado e senador  
Militar e jogador recebendo os seus milhões  
Enquanto isso o pobre trabalhador  
Derramando seu suor tem que viver de tostões

Temos certeza que Deus Pai Libertador  
Lá na Bíblia nos deixou um caminho prá seguir  
Unir seu povo que era escravo no Egito  
O Faraó ficou aflito e Moisés pode partir

#### **17. Pirâmide<sup>290</sup>**

Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Há poucos em cima e muitos na base  
Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Os poucos de cima esmagam a base

Ó povo dos pobres, povo dominado  
Que fazes aí com ar tão parado?  
O mundo dos homens tem de ser mudado  
Levanta-te povo, não fiques parado

Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Viver não se pode, pelo menos na base  
O povo dos pobres que vive na base  
Vai fazer cair a velha pirâmide

<sup>289</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.22. Rio de Janeiro.1985.

<sup>290</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.24. Rio de Janeiro.1985.

E a terra dos homens já sem pirâmide  
 Pode organizar-se em fraternidade  
 Ninguém é esmagado na Nova Cidade  
 Todos dão as mãos em viva unidade

### **18. Procurando a liberdade<sup>291</sup>**

Procurando a liberdade, caminheiro  
 Procurando a liberdade também vou  
 Procurando a liberdade que é vida  
 Procurando a liberdade de viver  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou

Caminhando levo apenas a esperança  
 De algum dia a liberdade encontrar  
 É a esperança que dá força ao caminheiro  
 De ir seguindo pela vida a procurar  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou  
 Na esperança eu vou

A liberdade é só certeza na esperança  
 A encontra quem na vida se arriscar  
 E no risco posso ser crucificado  
 Mas cantando a liberdade vou morrer  
 Caminhando eu vou  
 Procurando eu vou  
 Arriscando eu vou  
 Na esperança eu vou

### **19. Zumbi, ganga meu rei<sup>292</sup>**

Ei, ei Zumbi  
 Zumbi ganga meu rei  
 Você não morreu  
 Você está em mim

Ei, Zumbi, seu povo não esqueceu  
 A luta que você deixou prá prosseguir  
 Ei, Zumbi, os novos Quilombos  
 Com seus quilombolas lutam prá resistir

Ei, Zumbi, seu sangue semeou  
 Coragem em nossa gente que luta com fervor  
 Ei, Zumbi, a luta é a mesma  
 Mudou só o cenário, a roupa e a cor

Ei, Zumbi, nesta terra fértil  
 Outros como você também tombaram ao chão  
 Ei, Zumbi, e muitos tombarão  
 Enquanto houver luta pela libertação

<sup>291</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.25. Rio de Janeiro.1985.

<sup>292</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.28. Rio de Janeiro.1985.

**20. Canção de Maria**<sup>293</sup>

Virá o dia em que todos  
 Ao levantar a vista  
 Veremos nessa terra  
 Reinara a liberdade

Minha alma engrandece o Deus Libertador  
 Se alegra meu espírito em Deus meu Salvador  
 Pois Ele se lembrou do seu povo oprimido  
 E fez de sua serva a mãe dos esquecidos

Imenso é seu amor, sem fim sua bondade  
 Prá todos que na terra lhe seguem na humildade  
 Bem forte é o nosso Deus, levanta o seu braço  
 Espalha os soberbos, destrói todos os males

Derruba os poderosos dos seus tronos erguidos  
 Com sangue e suor do seu povo oprimido  
 E farta os famintos, levanta os humilhados  
 Arrasa os opressores, os ricos e os malvados

Protege o seu povo com todo o carinho  
 Fiel é seu amor em todo o caminho  
 Assim é o Deus vivo que marcha na história  
 Bem junto do seu povo em busca da vitória

**21. Cio da terra**<sup>294</sup>

Debulhar o trigo  
 Recolher cada bago de trigo  
 Forjar no trigo o milagre do pão  
 E se fartar de pão

Decepar a cana  
 Recolher a garapa da cana  
 Roubar da cana a doçura do mel  
 Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
 Conhecer os desejos da terra  
 Cio da terra, propícia estação  
 De fecundar o chão

**22. Voar**<sup>295</sup>

Feito um passarinho, crescendo e querendo voar  
 Rasgar este céu e ter este mar  
 Que vai tão longe, que a gente só pode sonhar  
 Mas um passarinho aprende a voar

<sup>293</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.32. Rio de Janeiro.1985.

<sup>294</sup> Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda

<sup>295</sup> Folhas de canto da Pastoral da Juventude - Brusque

Prá conhecer todos os sinais  
 Prá resistir aos temporais  
 E contar os segredos pros filhos  
 E mostrar tão mais cedo pros filhos  
 E tirar todo o medo dos filhos  
 De voar...

Mas um passarinho sozinho não pode voar  
 Onde só pode um sonho chegar  
 Aprender e saber dos segredos do ar  
 Um só passarinho não pode voar...

Somos passarinhos, crescemos, queremos voar  
 Rasgar este céu e ter este mar  
 Que vai tão longe que um sonho não pode chegar  
 Somos passarinhos queremos voar

### 23. Ofertório do povo<sup>296</sup>

Quem disse que não somos nada  
 E que não temos nada para oferecer  
 Repare nossas mãos abertas  
 Trazendo as ofertas do nosso viver

A fé do homem nordestino  
 Que busca um destino  
 E um pedaço de pão  
 A luta do povo oprimido  
 Que abre caminho  
 Transforma a nação  
 Ô, Ô, Ô, Ô, recebe Senhor

Retalhos de nossa história  
 Bonitas vitórias  
 Que meu povo tem  
 Palmares, Canudos, Cabana  
 São lutas de ontem  
 E de hoje também  
 Ô, Ô, Ô, Ô, recebe Senhor

Aqui trazemos a semente  
 Sangue dessa gente  
 Que fecunda o chão  
 Do Gringo e tantos lavradores  
 Santo e operários  
 Em libertação  
 Ô, Ô, Ô, Ô, recebe Senhor

Coragem de quem dá vida  
 Seja oferecida  
 Com este vinho e pão  
 É força que destrói a morte  
 E muda a nossa sorte  
 É Ressurreição

---

<sup>296</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.31. 1987.

Ô, Ô, Ô, Ô, recebe Senhor

#### **24. Bandeira do Divino**<sup>297</sup>

Os devotos do Divino  
Vão abrir sua morada  
Prá bandeira do menino  
Ser benvinda e ser louvada

Deus vos salve este devoto  
Pela esmola em vosso nome  
Dando água a quem tem sede  
Dando pão a quem tem fome

A bandeira acredita  
Que a semente seja tanta  
Que essa mesa seja farta  
Que essa casa seja santa

Que o perdão seja sagrado  
Que a fé seja infinita  
Que o homem seja livre  
Que a justiça sobreviva

Assim como os três Reis magos  
Que seguiram a estrela guia  
A bandeira segue em frente  
Atrás de melhores dias

No estandarte vai escrito  
Que ele voltará de novo  
E o rei será bendito  
Ele nascerá do povo

#### **25. Seu nome é Jesus Cristo**<sup>298</sup>

Seu nome é Jesus Cristo e tem rosto  
De indígena, de afro-americano  
Que sofre em condições desumanas  
Vivendo pobre e marginalizado  
Seu nome é Jesus Cristo: homem do campo  
Sem terras, sem recursos, sem futuro  
Em tudo dependente e submetido  
Por um mercado injusto, explorado

Entre nós está e não o conhecemos  
Entre nós está e nós o desprezamos

Seu nome é Jesus Cristo: é operário  
Sem voz nem vez e mal remunerado  
Dificultado para organizar-se  
E sem defesa justa e sem direito  
Seu nome é Jesus Cristo: está vivendo

<sup>297</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.22. 1987.

<sup>298</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.15. 1987.

Lá no aglomerado suburbano  
Curtindo fome e sede mais miséria  
De cara com riqueza e esbanjamento

Seu nome é Jesus Cristo: é condenado  
Ao desemprego ou ao subemprego  
Vítima do desenvolvimento  
Do cálculo econômico, esmagado  
Seu nome é Jesus Cristo: é um jovem  
Sem rumo e formação, desorientado  
Sem capacitação, desocupado  
Frustrado, entregue à droga, viciado

Seu nome é Jesus Cristo: é uma criança  
Golpeada pela fome, sem piedade  
Faminta, deturpada, abandonada  
Sem casa, sem família, sem cidade  
Seu nome é Jesus Cristo: é um velho  
Doente, inútil, triste, desprezado  
De produzir é incapacitado  
E pela sociedade rejeitado

Ei tive fome e sede, era mendigo  
Doente, peregrino, maltrapilho  
Banido, perseguido, aprisionado  
No meu irmão Latino-americano  
Você me conheceu?: seja bendito  
Bendito todo aquele que me atende  
Venha bendito, venha tomar posse  
O reino prá você está preparado

## **26. Bendito dos Romeiros**<sup>299</sup>

Bendita e louvada seja  
Esta santa romaria  
Bendito o povo que marcha  
Bendito o povo que marcha  
Tendo Cristo como guia

Sou, sou teu Senhor  
Sou povo novo, retirante , lutador  
Deus dos peregrinos  
Dos peregrinos, Jesus Cristo Redentor

No Egito, antigamente  
Do meio da escravidão  
Deus libertou o seu povo  
Hoje ele passa de novo  
Gritando a libertação

Para a terra prometida  
O povo de Deus marchou  
Moisés andava na frente  
Hoje Moisés é a gente  
Quando enfrenta a opressão

---

<sup>299</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.21. 1987.

Caminheiros na estrada  
 Muita cerca prende o chão  
 Todo arame é porteira  
 Merece corte e fogueira  
 São frutos da maldição

Quem é fraco, Deus dá força  
 Quem tem medo sofre mais  
 Quem se une ao companheiro  
 Vence todo o cativo  
 É feliz e tem a paz

Mãos ao alto, voz unida  
 Nosso canto se ouvirá  
 Nos caminhos do sertão  
 Clamando por terra e pão  
 Ninguém mais nos calará

Meu São Francisco das Chagas  
 Da matriz de Canindé  
 Seja nossa companhia  
 Nesta grande romaria  
 Prá terra que a gente quer

### **27. Eu quero ver<sup>300</sup>**

Eu quero ver, eu quero ver acontecer  
 Um sonho bom, sonho de muitos acontecer

Nascendo da noite escura  
 A manhã futura trazendo amor  
 No vento da madrugada  
 A paz tão sonhada brotando em flor  
 Nos braços da estrela guia  
 A alegria chegando da dor  
 Na sombra verde florida  
 Criança em vida brincando de irmãos  
 No rosto da juventude  
 Sorriso e virtude virando canção  
 Alegre e feliz camponês  
 Entrando de vez na posse do chão

Um sorriso em cada rosto  
 Uma flor em cada mão  
 A certeza na estrada  
 O amor no coração  
 E uma semente nova  
 Escondida em cada palmo deste chão

Sonho que se sonha só  
 Pode ser pura ilusão  
 Sonho que se sonha juntos  
 É sinal de solução  
 Então vamos sonhar companheiro

---

<sup>300</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.15. Rio de Janeiro.1985.

Sonhar ligeiro  
 Sonhar em mutirão

### **28. Estatuinha**<sup>301</sup>

Se a mão livre do nego pegar na argila  
 O que é que vai nascer?  
 Vai nascer pote prá gente beber  
 Nasce panela prá gente comer  
 Nasce vasilha, nasce parede  
 Nasce estatuinha bonita de se ver

Se a mão livre do nego pegar na onça  
 O que é que vai nascer?  
 Vai nascer pele prá cobrir nossas vergonhas  
 Nasce tapete prá cobrir nosso chão  
 Nasce caminha prá se Ter  
 Nossa lalê e atabaque  
 Prá se ter onde bater

Se a mão livre do nego pegar na palmeira  
 O que é que vai nascer?  
 Nasce choupana prá gente morar  
 Nasce a rede prá gente se embalar  
 Nascem as esteiras prá gente se deitar  
 E os abanos prá gente se abanar

Se a mão livre do nego pegar no fuzil  
 O que é que vai nascer?  
 Um mundo livre onde o nego vai morar  
 Tranqüilidade prá nego trabalhar  
 E liberdade pro nego batucar  
 Prá Jesus Cristo, Ogum ou Iemanjá

Se a mão livre do nego pegar no fuzil  
 É Deus que vai se vingar  
 Vingar o sangue que bebeu a pura terra  
 Dos que em Palmares dominaram toda a terra  
 Dos que trazidos para cá por Inglaterra  
 Cantam com a gente o seu canto  
 Que é de guerra

### **29. Pelos caminhos da América**<sup>302</sup>

Pelos caminhos da América.  
 Latino-américa!

Pelos caminhos da América,  
 Há tanta dor, tanto pranto,  
 Nuvens, mistérios e encantos,  
 Que envolvem nosso caminhar.  
 Há cruces beirando a estrada,  
 Pedras manchadas de sangue,

<sup>301</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.24. 1987.

<sup>302</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.31. 1987

Apontando como setas  
Que a liberdade é prá lá!

Pelos caminhos da América,  
Há monumentos sem rosto!  
Heróis pintados, mau gosto,  
Livros de história sem cor,  
Caveiras de ditadores,  
Soldados tristes calados,  
Com olhos esbugalhados  
Vendo avançar o amor!

Pelos caminhos da América,  
Há mães gritando qual loucas.  
Antes que fiquem tão roucas,  
Digam aonde acharão  
Seus filhos mortos, levados  
Na noite da tirania!  
Mesmo que matem um dia,  
Elas jamais calarão!

Pelos caminhos da América,  
No centro do continente,  
Marcham punhados de gente  
Com a vitória na mão!  
Nos mandam sonhos, cantigas,  
Em nome da liberdade.  
Com o fuzil da verdade  
Combatem firme o dragão!

Pelos caminhos da América,  
Bandeiras de um novo tempo  
Vão semeando no vento  
Frases teimosas de paz!  
Lá, na mais alta montanha  
Há um pau d'arco florido:  
Um guerrilheiro querido  
Que foi buscar o amanhã!

Pelos caminhos da América,  
Há um índio tocando flauta,  
Recusando a velha pauta  
Que o sistema lhe impôs.  
No violão, um menino,  
E um negro tocando tambores.  
Há sobre a mesa umas flores  
Prá festa que vem depois!

### **30. Utopia**<sup>303</sup>

Quando o dia da paz renascer  
Quando o sol da esperança brilhar  
Eu vou cantar  
Quando o povo nas ruas sorrir  
E a roseira de novo florir  
Eu vou cantar

---

<sup>303</sup> Zé Vicente

Quando as cercas caírem no chão  
 Quando as mesas se encherem de pão  
 Eu vou cantar  
 Quando os muros que cercam os jardins  
 Destruídos, então os jasmims  
 Vão perfumar

Vai ser tão bonito se ouvir a canção  
 Cantada de novo  
 No olhar do homem a certeza do irmão  
 Reinado do povo

Quando as armas da destruição  
 Destruídas em cada nação  
 Eu vou cantar  
 E o decreto que encerra a opressão  
 Assinado só no coração  
 Vai triunfar  
 Quando a voz da verdade se ouvir  
 E a mentira não mais existir  
 Será enfim  
 Tempo novo de eterna justiça  
 Sem mais ódio, sem sangue ou cobiça  
 Vai ser assim

### **31. Liberdade**<sup>304</sup>

Liberdade vem e canta e saúda este novo sol que vem.  
 Canta com alegria o escondido amor que no peito tem.  
 Mira o céu azul, espaço aberto prá te acolher.

Liberdade vem e canta, este firme chão de verde ramagem.  
 Canta louvando as flores que ao bailar do vento fazem sua mensagem.  
 Mira essas flores abraço aberto prá te acolher.

Liberdade vem e pousa nesta dura América, triste e vencida  
 Canta com os seus gritos, nossos filhos mortos e a paz ferida.  
 Mira este lugar, desejo aberto prá te acolher.

Liberdade, liberdade, és o desejo que me faz viver.  
 És o grande sentido de uma vida pronta para morrer.  
 Mira o nosso chão banhado em sangue prá reviver.  
 Mira a nossa América banhada em morte prá renascer.

### **32. Barracos e favelas**<sup>305</sup>

E nos palácios, ô lê lê  
 Vivem os príncipes  
 Sem saber que lá fora  
 A vida é triste (bis)

Barracos e favelas em nossas vilas

<sup>304</sup> Folhas de canto da Pastoral da Juventude - Brusque

<sup>304</sup> Folha de canto da Pastoral da Juventude - Brusque

<sup>305</sup> <sup>305</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.8. Rio de Janeiro.1985.

Pobres e analfabetos enchem as filas

Soldados com canhões estão armados  
Somos todos irmãos, irmãos calados

Unamo-nos as mãos em firme corrente  
Queremos a liberdade prá toda gente

### 33. Buenas nuevas<sup>306</sup>

Caéran los que primian la esperanza de mi pueblo  
Caéran los que comian su pan sin haber sudado  
Caéran con la violencia que ellos mismos han buscado  
I se alzaré mi pueblo como el sol sobre el sembrado

Buenas Buevas! Buenas Nuevas pa'mi pueblo  
El que quiera oír que oiga y el que quiera ver que vea  
Lo que está pasando em medio de un pueblo  
Que empieza a despertar  
Lo que está pasando em medio de un pueblo  
Que empieza a caminar

Y no estás más encorvado, tu dolor se há terminado  
Mucho tiempo has esperado, tu momento ya há llegado  
En tu sono, pueblo mio, hay un Dios que se há escondido  
Y com fuerza há levantado, tu rosto adormecido

Um nuevo dia amanece y los campos reverdecen  
Hombres nuevos aparecen de una tierra nueva crecen  
Y sus voces como truenos van rompiendo los silencios  
Y en sus cantos con aliento hay un Dios que va contento

Podemos cambiar la historia, caminar a la victoria  
Podemos crear el futuro y romper todos los muros  
Si unimos nuestras manos, si nos vemos como hermanos  
Lograremos lo imposible: ser un pueblo de hombres libres.

### 34. Si somos americanos<sup>307</sup>

Si somos americanos  
Somos hermanos señores  
Tenemos las mismas flores  
Tenemos las mismas manos

Si somos americanos  
Seremos buenos vecinos  
Compartiremos el trigo  
Seremos buenos hermanos

Bailaremos marinera  
Resfalosa, samba y son  
Si somos americanos  
Seremos una canción

<sup>306</sup> Livro de canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.9.Rio de Janeiro.1985

<sup>307</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP ( Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular). 1987.

Si somos americanos  
 No miraremos fronteras  
 Cuidaremos las semillas  
 No miraremos banderas

Si somos americanos  
 Seremos todos iguales  
 El blanco, el meztizo, el índio  
 Y el negro son como tales

Bailaremos marinera  
 Resfalosa, samba y son  
 Si somos americanos  
 Seremos una canción

### 35. Sólo le pido a Dios<sup>308</sup>

Sólo le pido a Dios,  
 Que el dolor no me sea indiferente,  
 Que la reseca muerte no me encuentre  
 Vacío y sólo sin haber hecho suficiente

Sólo le pido a Dios  
 Que lo injusto no me sea indiferente  
 Que no abofeteen la otra mejilla  
 Después que una garra me arañó esta suerte

Sólo le pido a Dios  
 Que la guerra no me sea indiferente  
 És un monstruo grande y pisa fuerte  
 Toda la pobre inocencia de la gente

Sólo le pido a Dios  
 Que lo injusto no me sea indiferente  
 Si un traidor puede más que unos cuantos  
 Que esos cuantos no lo olvidan facilmente

### 36. Todo cambia<sup>309</sup>

Cambia lo superficial  
 Cambia también lo profundo  
 Cambia el modo de pensar  
 Cambia todo en este mundo  
 Cambia el clima com los años  
 Cambia el pastor su rebanõ  
 Y asi como todo cambia  
 Que yo cambie no es estranho

CAMBIA... TODO CAMBIA ( 4 veces)

Cambia el más fino brillante  
 De mano em mano su brillo  
 Cambia el nido el pajarillo  
 Cambia el sentir un amante

---

<sup>308</sup> Mercedes Sosa

<sup>309</sup> Mercedes Sosa

Cambia el rumbo el caminante  
 Aunque esto le cause daño  
 Y así como todo cambia  
 Que yo cambie no es extraño

Cambia el sol en su carrera  
 Cuando la noche subsiste  
 Cambia la planta y se viste  
 De verde en la primavera  
 Cambia el pelaje la fiera  
 Cambia el cabello el anciano  
 Y así como todo cambia  
 Que yo cambie no es extraño

Pero no cambia mi amor  
 Por más lejos que me encuentre  
 Ni el recuerdo ni el dolor  
 De mi pueblo y de mi gente  
 Y lo que cambió ayer  
 Tendrá que cambiar mañana  
 Así como cambio yo  
 En esta tierra lejana

### 37. Espinheira<sup>310</sup>

Êta espinheira danada que o pobre atravessa prá sobreviver.  
 Vive com a carga nas costas, e as dores que sente não pode dizer.  
 Sonha com as belas promessas da gente importante que tem ao redor.  
 Quando entrar fulano, sair cicrano será bem melhor.  
 Mas entra ano e sai ano e o tal do fulano ainda é pior.  
 Esse é o meu cotidiano, mas eu não me engano, pois Deus é maior.

O mundo não acaba aqui.  
 O mundo ainda está de pé.  
 Enquanto Deus me der a vida  
 Levarei comigo esperança e fé.

Êta que gente danada que esquece de vez a palavra cristã.  
 Ah! eu queria só ver se esse Deus se zangasse e voltasse amanhã.  
 Seria um Deus nos acuda, um monte de Judas querendo perdão.  
 Com tanta gente graúda, implorando ajuda com a Bíblia na mão.  
 Mas a esperança é miúda e a coisa não muda, não tem solução.  
 Nem tudo que a gente estuda, se agarra e se gruda rebenta no chão

### 38. Massa falida<sup>311</sup>

Eu confesso, já estou cansado, de ser enganado com tanto cinismo.  
 Não sou parte integrante do crime e o próprio regime nos leva ao abismo.  
 Se alcançarmos as margens do incerto foram os decretos da incompetência.  
 Falam tanto sem nada de novo e levam o povo à grande falência.

Não aborte os seus ideais no ventre da covardia.  
 Vá à luta empunhando a verdade, que a liberdade não é utopia.

---

<sup>310</sup> Duda e Dalvan

<sup>311</sup> Duda e Dalvan

Os camuflados de samaritanos nos estão levando à fatalidade.  
Ignorando o holocausto da fome, tirando do homem a prioridade.  
O operário do lucro expoente, a parte excedente não lhe é revertida.  
Se aderirmos aos jogos políticos, seremos síndicos da massa falida.

### 39. **Prá não dizer que não falei das flores**<sup>312</sup>

Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais, braços dados ou não  
Nas escolas, nas ruas, campos, construções  
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer

Pelos campos a fome em grandes plantações  
Pelas ruas marchando indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão  
E acreditam nas flores vencendo o canhão

Há soldados armados, amados ou não  
Quase todos perdidos, de armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam, uma antiga lição  
De morrer pela pátria ou viver sem razão

Nas escolas, nas ruas, campos, construções  
Somos todos soldados, armados ou não  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais, braços dados ou não

Os amores na mente, as flores no chão  
A certeza na frente, a história na mão  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando uma nova lição

### 40. **Cidadão**<sup>313</sup>

Tá vendo aquele edifício, moço? Ajudei a levantar.  
Foi um tempo de aflição. Era quatro condução, duas prá ir, duas prá voltar.  
Hoje depois dele pronto, oio prá cima e fico tonto, mas me chega um cidadão; e me diz  
desconfiado, tu taí admirado ou tá querendo roubar?  
Meu Domingo tá perdido. Vou prá casa entristecido, dá vontade de beber.  
E prá aumentar o meu tédio, eu não posso oiá pro prédio, que eu ajudei a fazer.

Tá vendo aquele colégio, moço? Eu também trabalhei lá.  
Lá eu quase me arrebento. Fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar.  
Minha fia inocente, vem pra mim toda contente: Pai vou me matricular.  
Mas me chega um cidadão: criança de pé no chão aqui não pode estudar.  
Esta dor doeu mais forte, porque eu deixei o Norte? Eu me pus a me dizer:  
Lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava, tinha direito a comer.

Tá vendo aquela Igreja, moço? Onde o padre diz amém.  
Pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo, lá eu trabalhei também.  
Lá sim, valeu a pena tem quermesse, tem novena e o padre me deixa entrar...

<sup>312</sup> Canção de Geraldo Vandré.

<sup>313</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. pp.10-11. Rio de Janeiro.1985.

Foi lá que Cristo me disse: Rapaz deixe de tolice não se deixe amedrontar.  
Fui eu quem criou a terra, enchi o rio, fiz a terra. Não deixei nada faltar.  
Hoje o homem criou asa e na maioria das casas, eu também não posso entrar.

#### **41. Funeral de um lavrador**<sup>314</sup>

Essa cova em que estás com palmos medida  
É a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho nem largo nem fundo  
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande é cova medida  
É a terra que querias ver dividida

É uma cova grande para teu defunto parco  
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande para teu defunto parco  
Porém mais que no mundo te sentirás largo

É uma cova grande para tua carne pouca  
Mas à terra dada não se a bre a boca

É a parte que te cabe deste latifúndio  
É a terra que querias ver dividida

#### **42. Fica mal com Deus**<sup>315</sup>

Fica mal com Deus  
Quem não sabe dar  
Fica mal comigo  
Quem não sabe amar

Pelo meu caminho eu vou  
Vou como quem vai chegar  
Quem quiser comigo ir  
Tem que vir do amor  
Tem que ter prá dar

Vida que não tem valor  
Homem que não sabe dar  
Deus que se descuide dele  
Um jeito a gente ajeita  
Dele se acabar

#### **43. Roda Viva**<sup>316</sup>

Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu  
A gente quer ter voz ativa

<sup>314</sup> Livro de Canto: Cantando nossa libertação. Ação Católica Operária(ACO) 2ª ed. p.15. Rio de Janeiro.1985.

<sup>315</sup> Geraldo Wandré

<sup>316</sup> Chico Buarque de Hollanda

No nosso destino mandar  
 Mais eis que chega a Roda Viva  
 E carrega o destino prá lá

Roda mundo, roda gigante  
 Roda moinho, roda pião  
 O tempo rodou num instante  
 Nas voltas do meu coração

A gente vai contra a corrente  
 Até não poder resistir  
 Na volta do barco é que sente  
 O quanto deixou de cumprir  
 Faz tempo que a gente cultiva  
 A mais linda roseira que há  
 Mas eis que chega a Roda Viva  
 E carrega a roseira prá lá

A roda da saia mulata  
 Não quer mais rodar não senhor  
 Não posso fazer serenata  
 A roda de samba acabou  
 A gente toma a iniciativa  
 Viola na rua a cantar  
 Mais eis que chega a Roda Viva  
 E carrega a viola prá lá

O samba, a viola, a roseira  
 Um dia a fogueira queimou  
 Foi tudo ilusão passageira  
 Que a brisa primeira levou  
 No tempo a saudade cativa  
 Faz força pro tempo parar  
 Mas eis que chega a Roda Viva  
 E carrega a saudade prá lá

#### **44. Maria, Maria**<sup>317</sup>

Maria, Maria é um dom, uma certa magia  
 Uma força que nos alerta  
 Uma mulher que merece viver e amar  
 Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor  
 É a dose mais forte, lenta  
 De uma gente que ri, quando deve chorar  
 E não vive, apenas agüenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo essa marca Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria

---

<sup>317</sup> Milton Nascimento

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
 É preciso ter sonho sempre  
 Quem traz na pele esta marca  
 Possui a estranha mania de ter fé na vida

#### 45. Canto das três raças<sup>318</sup>

Ninguém ouviu  
 Um soluçar de dor  
 No canto do Brasil  
 Um lamento triste sempre ecoou  
 Desde que o índio guerreiro  
 Foi pro cativo e de lá cantou

Negro entoou  
 Um canto de revolta pelos ares  
 No Quilombo dos Palmares  
 Onde se refugiou  
 Fora a luta dos inconfidentes  
 Pela quebra das correntes  
 Nada adiantou

E de guerra em paz  
 De paz em guerra  
 Todo o povo dessa terra  
 Quando pode cantar, canta de dor  
 ô ô ô ô ...

E ecoa noite e dia  
 É ensurdecedor  
 Ai, mas que agonia  
 O canto do trabalhador  
 Esse canto que devia  
 Ser um canto de alegria  
 Soa apenas como um soluçar de dor  
 ô ô ô ô ...

#### 46. Xote ecológico<sup>319</sup>

Não posso respirar  
 Não posso mais nadar  
 O verde está morrendo  
 Não dá mais prá plantar  
 E se plantar não nasce  
 E se nascer não dá  
 /: Até água da boa  
 Tá difícil de encontrar:/

<sup>318</sup> Canções da nossa caminhada. CESEP (Centro de Serviço à Evangelização e Educação Popular). p.22. 1987.

<sup>319</sup> Idem. No canto original a letra é: “Até pinga da boa tá difícil de encontrar”. Fiz uma adaptação para: “Até água da boa tá difícil de encontrar”. Além de outras razões para a mudança, o canto serviu para animar muito a criançada. Água ficava melhor, além de trazer uma boa discussão sobre o tema “água”.

Cadê a flor daqui?  
 Poluição comeu!  
 O peixe lá do mar?  
 Poluição comeu!  
 O verde lá da mata?  
 Poluição comeu!  
 E nem o Chico Mendes  
 sobreviveu!

#### 47. Axé

Irá chegar um novo dia  
 Um novo céu, uma nova terra, um novo mar  
 E nesse dia os oprimidos  
 Numa só voz a liberdade irão cantar

Na nova terra o negro não vai ter correntes  
 E o nosso índio vai ser visto como gente  
 Na nova terra, o negro, o índio e o mulato  
 O branco e todos vão comer no mesmo prato

#### 48. Uma cidade<sup>320</sup>

Hoje nós vamos ter uma conversa  
 Prá ver que em tudo existe uma razão  
 Vamos sentar, repensar a vida  
 No pensamento e no coração  
 Se lá de cima vem um mau exemplo  
 Será que é esse o país que eu quis?  
 Se a vida ensina, eu sou aprendiz  
 Uma cidade parece pequena  
 Se comparada com um país  
 Mas é na minha, na sua cidade  
 Que se começa a ser feliz  
 Olho no olho, quem fala a verdade  
 Presto atenção e o coração me diz  
 Se a vida ensina, eu sou aprendiz  
 Será que a gente é que é diferente?  
 Ou será que os outros são tão iguais?  
 Se honestidade é marca da gente  
 Ser diferente é bom até demais  
 É minha estrela, é minha cidade  
 Gente sincera que vem e me diz  
 Chegou a hora de ser feliz  
 É nossa estrela, é nossa cidade  
 Chegou a hora de ser feliz  
 Se a vida ensina, eu sou aprendiz

#### 49. Para mudar a direção<sup>321</sup>

Felicidade é saúde, educação e um futuro melhor  
 Com o povo decidindo seu destino tendo vez e voz

<sup>320</sup> CD- O Som da Estrela. Hilton Acioli. Faixa 7. Fabricado por Microservice Tecnologia Digital S/A – Sob encomenda de Fundação Perseu Abramo. Canção produzida no início de 1992, tornou-se hino das campanhas municipais do PT, marcando o chamado “modo petista de governar”.

<sup>321</sup> Canção do PT de Brusque – Campanha 2000 – Discussão da letra feita em mutirão – Letra final – Valmir Coelho Ludvig

Alegria e esperança de adulto e criança  
 PT para prefeito e vereador  
 A estrela vai brilhar por todo canto da cidade vou votar  
 Com a razão  
 Felicidade é saúde, educação e um futuro melhor  
 Com o povo decidindo seu destino tendo vez e voz  
 Alegria e esperança de adulto e criança  
 PT para prefeito e vereador  
 A estrela vai brilhar por todo canto da cidade vou votar  
 Com o coração  
 A solução é o PT  
 De Norte a Sul já se provou  
 Brusque é agora, chegou a nossa vez  
 Vote com a razão, a emoção e o coração

/: Prá mudar a direção  
 Prefeito Paulo Eccel<sup>322</sup> vote 13 na eleição  
 Prá mudar a direção  
 Prefeito Paulo Eccel vote 13 na eleição :/

### 50. Mãezinha do céu<sup>323</sup>

Mãezinha do céu  
 Eu não sei rezar  
 Eu só sei dizer  
 Quero te amar  
 Azul é teu manto  
 Branco é teu véu  
 Mãezinha eu quero  
 Te ver lá no céu.

### 51. Jesus Cristo é o Senhor<sup>324</sup>

Jesus Cristo é o Senhor, o Senhor, o Senhor  
 Jesus Cristo é o Senhor. Glória a Ti Senhor

Da minha vida Ele é o Senhor.  
 Da minha vida Ele é o Senhor  
 Da minha vida Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

Do meu passado Ele é o Senhor.  
 Do meu passado Ele é o Senhor.  
 Do meu passado Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

Do meu presente Ele é o Senhor.  
 Do meu presente Ele é o Senhor.  
 Do meu presente Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

Do meu futuro Ele é o Senhor.  
 Do meu futuro Ele é o Senhor.  
 Do meu futuro Ele é o Senhor. Glória a Ti, Senhor

<sup>322</sup> Parte da letra de um dos candidatos a prefeito e vice de Brusque – Ano 2000.

<sup>323</sup> Canção antiga cantada na igreja católica, especialmente pelas crianças.

<sup>324</sup> Livro de canto: Louvemos ao Senhor. Associação do Senhor Jesus.p.9. Campinas.1998.

**51 a) O que é, o que é****GONZAGUINHA**

Eu fico com a pureza das respostas das crianças  
É a vida, é bonita, é bonita...

Viver e não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz  
Ai meu Deus, eu sei (eu sei) que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita, é bonita...

E a vida, e a vida o que é diga lá meu irmão/ Ela é a batida de um coração/ Ela é uma doce ilusão/ E a vida, ela é maravida ou é sofrimento / Ela é alegria ou lamento/ O que é, o que é, meu irmão

Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo/ É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo/ Há quem fale que é um divino mistério profundo/ É o sopro do criador numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer/ Ele diz que a vida é viver/ Ela diz que o melhor é morrer pois amada não é e o verbo é sofrer/ Eu só sei que eu confio na moça e na moça eu ponho a força na fé

Somos nós que fazemos a vida/ Como der, ou puder ou quiser/ Sempre desejada/ por mais que esteja errada/ Ninguém quer a morte/ Só saúde e sorte

A pergunta roda e a cabeça agita...

**52. Grito**

Nossa vida de favela  
Não é boa, não

Vivemos procurando  
Alguém que ame a gente  
Mas todos ficam descontentes  
Com a condição da gente

Vivemos sujos em lama  
Lama que botaram na gente  
E todos ficam descontentes  
Com a sujeira da gente

Eu procuro na cachaça  
Esquecer a maldição  
Que botaram nessa terra  
Onde mais pareço cão

Vivo, mas não tenho vida  
Minha fuga é prostituição  
Cada vez enterro mais a cara  
Numa vida sem direção

Nos domingos futebol: gol  
Lá se vai o meu pão  
Pago entrada, volto sem dinheiro  
Isso não é vida, não

Minha família destruída: Deus?  
Eu não sei se existe, não  
Dizem que o mal não vem Dele  
Talvez Ele exista e tenha coração

### 53. Pecado Social

Sociedade de consumo  
Os grandes podem  
Os pequenos se sacodem

Vou à loja alguma coisa prá comprar  
Balconista me convence a levar  
Vou prá casa e o que eu precisava  
Acabei deixando lá

Em minha mesa tem comida prá esnobar  
O que resta o lixo vai ganhar  
Mando embora um pobre da minha porta  
Vagabundo! vai trabalhar!

Quem grita por justiça é comunista  
Mas nem sempre há justiça, não  
Quem rouba um pouco vai preso  
Terra e outras verbas, quem rouba não vai não

Crianças e jovens com vidas destruídas  
Gente grande com droga ganha um montão  
Dizem que há investigação muito severa  
Só se descobre quando tomba um caminhão

Vou ao médico, muitas vezes, precaução  
Certos doutores me consultam: um listão  
Passado algum tempo lá eu volto  
Com doença que não tinha antes, não

Somas gastas em sofisticação  
Hospitais cheios de contradição  
Numa sala: bebês de proveta  
Noutra sala se aborta sem paixão

Nas escolas gente sem opinião  
Consciência crítica sepulta a formação  
Falsos valores que se vão com o vento  
Pregam os meios de comunicação

Meu cachorro tem uma vida mansa  
Mas me custa adotar uma criança  
E o velho é abandonado  
Não dá mais lucro ao Estado

Grande tira e depois faz caridade  
E o pequeno diz: que homem bom  
Ele oprime e o pequeno não percebe  
Que foi ele quem pagou a boa ação

Tanta terra, tanta gente sem morada  
Tanta terra, tanta desnutrição

Dinheiro gasto em projetos grandiosos  
Mas tem gente que quer casa e pão

Continuam os velhos “chavões”  
E as promessas já não enganam mais, não  
É urgente um trabalho sério  
Situação e oposição

Desemprego, desamparo, inflação  
Uma nação culpa a outra nação  
Egoísmo é um mal universal  
O que é preciso é mudar o coração

#### **54. S.O.S**

Havia um cachoeira  
E águas entre pedras a dançar  
Acabou-se a música  
Itaipú veio desafinar  
Acabou-se a música  
Itaipú veio desafinar

Voa passarinho  
Enquanto podes voar  
Canta tua canção  
Enquanto podes cantar

Estrela vai mais pro alto  
Pro homem não te alcançar  
Peixe prá te salvar  
Procura a profundidade do mar  
Natureza vem gente já te matar

Lá vem vindo uma máquina  
Na certa algum estrago fará  
Aparece praça de concreto  
E político prá discursar  
Aparece praça de concreto  
E político prá discursar

Árvore, terra, sombra e água  
Orvalho, flor, perfume e ar  
Isso não é só nosso  
Outros olhos querem admirar  
Geração futura  
Quer viver e desfrutar  
Oxalá a experiência  
Faça o homem pensar e mudar

## As perguntas das entrevistas<sup>325</sup> com o gravador.

### A. M. L.

1. Eu gostaria que a gente tentasse lembrar essa época em que tinha o grupo no Maluche, que fazia uma celebração na comunidade... gostaria que tu fizesses um esforço de lembrar algumas canções que a gente cantava e dessas canções, a letra ou algumas coisas que lembras que elas falavam, para onde elas apontavam?
2. As canções refletiam o pensamento desse grupo? Consegues lembrar?
3. As pessoas que estás dizendo: do próprio grupo ou pessoas da comunidade?
4. Quando tu falas dessas pessoas que foram influenciadas e só ouviam. Tu pensas que foi essa celebração que de uma certa forma, foram as canções - claro que não é a canção sozinha - , mas tu achas que as canções acabaram tendo uma influência forte também, ou a celebração como um todo... Como é que tu analisas?
5. Tu falavas para mim numa ocasião que esse grupo tinha um jeito de ser...
6. Tu falavas também para mim uma vez sobre a questão da partilha. Quando o grupo cantava as canções lembrava partilha...
7. Outra palavra que uma vez tu usaste foi coerência. O que poderias dizer, por exemplo, da coerência das pessoas, do grupo, com aquilo que se cantava?
8. Na tua vida... Já passaste muita coisa disso... mas essas canções, esse contato com a canção, com o grupo, prá tua vida o que representou?
9. Tenta lembrar um pouquinho como é que tu pensas que era a reação – um pouco do padre tu já falaste ou, né . Mas se tu pudesses um pouco mais... mas também da comunidade. Como a comunidade sentia isso?
10. Lembras que tipo de clima tinha dentro da celebração: com a canção, com a comunidade, com o padre?
11. Foi interessante esse aspecto que colocaste. Às vezes o padre falava da terra também. Mas era com um enfoque diferente. Com um enfoque não político. Ele não

---

<sup>325</sup> Optei por não colocar na íntegra as respostas dos entrevistados nessa e nas demais entrevistas, devido a algumas colocações bastante pessoais e íntimas. Às vezes faço um comentário e os coloco junto às perguntas para ficarem claras as indagações. Embora eu tivesse objetivos, as perguntas eram criadas muito a partir das respostas dos entrevistados. Algumas delas precisam do “gancho” das respostas que não estão aqui, mas as coloquei mesmo assim para que se tenha idéia do caminho percorrido.

Com ErP tive dificuldade de me fazer entender. Lembro que no grupo tínhamos dificuldade de nos fazer entender por esse companheiro. Isso acabou também ocorrendo na entrevista. No trabalho, no entanto, há bastante contribuição desse companheiro.

dizia uma coisa contra mas ele tirava a carga política de ação que o grupo dava.

Concordas?

12. Ele dizia que a comunidade não estava preparada para aquilo que a gente estava apresentando. Sempre falava isso.

### **P. E.**

1. Para começar: o que foi o Grupo dos Quarenta? O que lembras?

2. Tu lembras de algumas canções que eram cantadas, ou frases? Que imagens se fazia quando se cantavam essas canções? Tu te lembras disso?

3. Lembras de algumas canções?

4. Quando a gente cantava as canções na igreja. O que tu achas que o povo entendia? Vou tentar lembrar algumas coisas. Por exemplo: tinha uma disputa um pouco com o sacerdote que tinha uma visão de igreja mais conservadora, mais fechada. E ele dizia assim que nós estávamos fazendo uma coisa que o povo não entendia. O povo não sabia o que estava acontecendo. E até existia uma disputa, eu lembro, nos comentários da missa a gente falava uma coisa e o padre falava outra. A gente cantava uma coisa, o padre no sermão falava outra. Tinha essas disputas. O que tu achas que passava na cabeça do povo? Na tua visão... Dando um exemplo: o que era o grupo Jepam aqui do Maluche? Então o que tu achas que passava na cabeça do povo? O povo entendia aquilo? Via esse conflito? Não via? Tua opinião!

5. Eu lembro que o padre da celebração dizia assim: a comunidade não está preparada para aquilo que vocês estão fazendo. E a gente brincava e dizia assim: que talvez quem não estivesse preparado era o padre. Então, o que tu achas disso: quem ficava chocada era o padre ou quem ficava chocada era a comunidade?

6. Alguém lembrou, numa das entrevistas que eu fazia, sobre o nosso modo de vestir, nosso modo de ser. Tu achas que isso também, de uma certa forma chocava a comunidade? Fazia ela refletir? O que tu pensas disso?

7. Quando tu falas de estética... fala um pouquinho mais ...o que tu entendes por estética? Não deste definição... tu falaste jeito, instrumento, música, enfim.

8. O que era a canção para ti na época? O que ela significava na militância? No dia a dia? O que a música fazia tanto na celebração, como fora dela? E hoje também... o que elas representavam naquela época e hoje? O que é a música? O que essas letras representam? Elas reforçam a militância? Não reforçam, enfim.

9. Quando se dava uma palestra, se falava um assunto ou se cantava... Tem diferença nisso para as pessoas entenderem? É mais fácil uma linguagem que outra? Como é que tu enxergas isso?

**Er. P.**

1. Lembras das canções que cantávamos no Grupo dos Quarenta?

2. Tu te lembras de alguma parte, de algumas letras ou temas que tratavam essas canções?

3. Quando a gente fala do Grupo dos Quarenta, do Jepam e da celebração: o que consegues lembrar dessas canções que a gente cantava, especificamente dentro da celebração ou mais no meio do Grupo dos Quarenta?

Quando lembras de algumas canções dessa época, que imagens te vêm? Quais são as imagens fortes que vem, os sonhos?

5. A partir das canções o que esse grupo pensava?

6. Sobre essas canções que a gente cantava na celebração, especialmente no Bairro Maluche, numa celebração que a gente tinha na igreja - uma missa mensal - Como é que na tua visão a comunidade recebia isso? Quais eram os comentários? Como é que tu também te sentias diante dos comentários? Havia conflitos? Quais? Como se resolvia?

7. Eu queria saber se era só impressão minha ou se lembras da existência de alguma disputa que se dava com a música? Estás dizendo que a música era uma brecha que a gente encontrava para dizer as coisas que normalmente não podíamos dizer. Era uma brecha. Tu te lembras como era feita essa disputa dentro da celebração? Tu consegues lembrar alguma coisa nesse sentido?

8. Tu dissestes que isso não era só dentro da liturgia. Isso acontecia também na comunidade? Isso também vinha para a comunidade? Uma coisa era reflexo da outra? Como é que tu vês isso?

9. Quando tu falas no impacto. Tu achas que teria um outro modo de fazer essa mudança, ou aquilo que se queria fazer? Ou a música era um jeito de criar um impacto sem agredir tanto, como às vezes poderia agredir a fala? Como vês isso?

**A. P.**

1. Lembras de algumas canções da época da liturgia e um pouco o que essas canções falavam? O que elas diziam?
2. Tu lembras de mais algumas? Ou do que elas falavam?
3. Tu lembras o que a comunidade dizia? Tinha gente a favor, gente contra...
4. Quando eles diziam que gostavam. Porque que eles gostavam? Pela animação ou por mais alguma coisa?  
E as que não gostavam?
6. E as que gostavam, além da animação, tu te lembras...
7. Quando tu saías dessa celebração, acontecia alguma coisa contigo? Quando ias embora...
8. Quais as imagens, sonhos que te vêm na cabeça quando se cantava essas canções? O que imaginavas?
9. O que tu lembras que seria essa sociedade nova, esse mundo mais justo? O que é isso?
10. E o fato de descobrir isso dentro da igreja?
11. Tu achas que as pessoas que iam na igreja viam isso? Que mais gente via isso?  
Tu escutavas comentário?
12. Por que tu achas que eles não comentavam?

## **Questionário para 7 integrantes do Grupo dos Quarenta**

1. A partir do Grupo dos Quarenta (vindo do Jepam ou outro grupo) nominar os grupos, trabalhos, atividades de que participou na sua militância (como participantes, lideranças, cargos) e profissionalmente, na época do Grupo dos Quarenta, depois e hoje.
2. Enumerar as canções que lembra que eram cantadas na época do Grupo dos Quarenta.
3. Quais as “frases” das canções que mais marcaram? Por quê?
4. Quais as imagens que você fazia quando cantava uma canção ou uma frase da canção que era cantada: pode descrever um pouco.
5. O que significava o canto no Grupo dos Quarenta e para a sua militância?

## **Poesias e criações próprias durante a realização do Mestrado.**

### **1. O novo**

Novo? Velho?  
O que é velho?  
O que é novo?  
Mais medo do velho?  
Mais medo do novo?  
Novo é bom?  
Velho é ruim?  
Que velho?  
Que novo?  
Jogar fora o velho?  
Parir o novo?  
O velho pode ser novo.  
O novo pode ser velho.  
Velho com o novo!  
Novo com o velho!  
Quem sabe, o novo!  
Novo? Velho?  
O que é velho?  
O que é novo?.

### **2. Pão e poesia**

Dura é a luta sem o canto  
Sem o canto vivemos tristes pelos cantos  
O canto encanta, anima, nos mantém vivos  
Não podemos ficar com nossos cantos, nos cantos  
Não podemos ser cantores de banheiro, de chuveiro  
Urge cantar nossos cantos nas ruas, nas esquinas, nas praças  
Entoar cantigas de ninar, de sonhar, de acordar  
Cantigas de um novo dia  
Sem miséria, sem fome, sem dores  
De um mundo só de amores  
Muitos amores  
De um mundo onde crianças não sofram com o frio  
Onde crianças não sejam espancadas  
Onde crianças não morram por falta de comida  
Onde ninguém mais morra por falta de amores, de flores  
De um mundo onde todos ajuntarão aquele que cair  
Cair de tristeza, de cansaço, de fome  
Não vai valer qualquer canto  
Vai valer o canto que denuncia as injustiças  
Vai valer o canto que fala do trabalho, lazer e saúde para todos  
Vai valer o canto da esperança  
Até o mundo ser um bonito canto:  
Pão e poesia na casa de todos!

### **3. Santa Disputa**

“ 1986!

Vai começar a celebração<sup>326</sup>.  
 O povo vai chegando.  
 O pequeno ambiente vai ficando tenso.  
 Os jovens preparam a liturgia.  
 O padre faz cara de bravo. Cara feia.  
 Para fazer cara feia nem precisava esforço.  
 A natureza não foi muito generosa com ele.  
 Cantos e comentários da celebração tem um conteúdo social bem concreto.  
 O sacerdote está mais para as coisas “sublimes”.  
 Preocupa-se com as coisas do alto: conteúdo espiritual fora do alcance dos Humanos.  
 Os jovens colocando nas mãos dos homens e mulheres a construção da sociedade nova!  
 O sacerdote colocando tudo nas mãos de Deus.  
 Durante a celebração: uma disputa.  
 Na vez dos jovens falarem: um conteúdo.  
 Na hora do padre: outro.  
 Uma ferrenha briga durante a celebração!  
 O povo?  
 Ah! gostaria de saber o que pensava o povo!”<sup>327</sup>

#### **4. Esses pobres!**

Esses pobres!  
 Sem fé.  
 Sem iniciativa.  
 Só atrapalham.

Esses pobres!  
 Gente exigente.  
 Que compra cachaça e não compra leite pros filhos.  
 Gente repugnante!

Esses pobres!  
 Que não sabem votar.  
 Que corrompem os políticos.  
 Que atraso essa gente .

Esses pobres!  
 Que param os outros para pedir esmola.  
 Que roubam correntinhas.  
 Que gente nojentá!

Esses pobres!  
 Que não se arrumam prá passear na cidade.  
 Que fedem nos ônibus quando saem do trabalho.  
 Nem gente são.

Esses pobres!  
 Que falam em direitos.  
 Que reivindicam.  
 Que estorvo!

Tem gente que pensa assim.

---

<sup>326</sup> Missa animada pelos jovens que eram responsáveis pela liturgia e cantos.

<sup>327</sup> Valmir Coelho Ludvig

Tem gente que os eliminaria sem dó, nem piedade.  
 Aliás, o que faz a política neoliberal de FHC?  
 Mata com “classe”.

Esses pobres!  
 Pobres pobres.  
 Se não fosse a riqueza para tão poucos.  
 Esses pobres não existiriam. (VCL,1999)

### **5. Pobre, pobre!**

Que tem carro velho para sobreviver  
 vendendo frutas, roupas e sempre sujeito à multa.  
 Pobre, pobre!  
 Que mora na rua sujeito à borracha da polícia.  
 Pobre, pobre!  
 Que não tem dinheiro para colocar sua versão no jornal  
 e acaba sempre na página policial.  
 Pobre, pobre!  
 Que não tem estresse. É loucura!  
 Pobre, pobre!  
 Que fica no escuro por não ter como pagar a conta de luz.  
 Pobre, pobre!  
 Que se faz a cabeça para ser a favor da privatização de tudo  
 quando não sabe que será o primeiro a morrer  
 na fila do hospital que só atende quem tem com o que pagar.  
 Pobre, pobre!  
 Que morre pensando que é porque Deus quer.  
 Pobre, pobre!  
 Que é pobre porque pensa que é seu destino.  
 Pobre, pobre!  
 Que é pobre porque pensa que teve azar na vida.  
 Pobre, pobre!  
 Que joga na loteria, nos baús da felicidade,  
 pensando ter uma vida melhor um dia.  
 Pobre, pobre!  
 Que pensa que trabalha pouco e acredita  
 que outros conseguem grana porque trabalham bastante.  
 Pobre, pobre!  
 Pobre imprensa que ajuda que gente acredite nisso.  
 Pobres igrejas que não denunciam a farsa.  
 Pobres todos que podem escrever, denunciar,  
 romper com essa lógica ilógica e não fazem!  
 Pobres todos que alimentam a ideologia  
 de uma minoria que faz a cabeça da maioria,  
 deixando essa maioria na pobreza, na miséria.  
 Pobres pobres! (VCL,1999)

### **6. Versinhos despretensiosos Ou pretensiosos? Não sei**

Ânsia, ganância  
 Árvore, dinheiro  
 Pouco para o pedreiro

Sede de lucro  
 Devastação, poluição  
 Que se dane o cidadão

Música e banda  
Banda de bunda  
A bunda abunda

Collor, Lalau  
Personificação do mau  
Mas há mais “miaus”

Gente  
Gente séria  
Gente indecente

Dívida externa  
Divida eterna  
Paga quem não fez

Morte do rio  
Dá arrepio  
E nenhum pio?

Decisão de gabinete  
Morte da mata  
A máquina mata

Loteamentos  
Sofrimentos  
Lamentos

Povo  
Menos direitos  
Mais sacolão, ração

Perspectivas?  
Caos ou mudança  
Correção de rumos ou lambança (VCL,2001)

## **7. Divagando**

Entes  
Doentes  
Obras potentes  
Onde ficam as gentes?  
Aplaudindo contentes  
Os entes doentes  
Esgoto a céu aberto  
Às suas frentes (VCL,2001)

## **8. (Sem título)**

Primeiro eles nos tiram um prato de comida  
A gente se cala  
Depois eles nos devolvem meio prato  
A gente agradece  
Em seguida nos tiram metade, de novo  
A gente não reclama  
Mais tarde nos devolvem metade da metade  
A gente agradece piedosamente

Assim vai até a gente se contentar com quase nada  
 Até que um dia tiram nossa dignidade  
 Nossa capacidade de reação (VCL, década de 90)

### **9. Esses senhores do nosso Brasil varonil**

Esses senhores  
 Senhores do dinheiro  
 Senhores dos mais altos postos  
 Ah! que se dizem defensores do povo  
 Que falam da importância do progresso  
 Esses senhores que se escondem em gabinetes  
 Quando saem, aparecem os planos que não discutem com ninguém  
 Mas dizem que são para o bem do povo  
 Esses senhores  
 Que não discutem, não aprofundam e tem pavor do debate  
 Esses senhores que falam tanto em democracia  
 Sim! Esses senhores é que se arrotam no direito de nos governar  
 Esses senhores são governantes  
 Quando não são, namoram os governantes para juntos governar a todos  
 Governar segundo seus interesses  
 Esses senhores que tem dinheiro  
 Veiculam e pagam as notícias que lhe interessam  
 Esses senhores arrumam presentinhos, empregos para os que comungam seus projetos  
 Esses senhores que com as migalhas que sobram dizem ajudar os pobres  
 Pobres senhores que não fariam nenhuma falta  
 Pobres senhores que sem o dinheiro seriam senhores pobres  
 Pobres em todos os sentidos  
 Esses senhores governam indecorosamente  
 Na calada da noite fazem festa para planejar e comemorar golpes  
 Podres senhores que riem, que fazem pouco caso dos outros  
 Cairão todos: um por um!  
 Ah! se o mundo não fosse governado por esses senhores. (VCL,2001)

### **10. As primaveras vão chegando**

Sonhos ficam acesos, acordados  
 Às vezes adormecem, ficam frágeis  
 Quando acordam ficam mais fortes  
 Sonhos são sementes  
 Sementes que crescem  
 Sementes que apodrecem  
 Mas, que um dia florescem  
 Com mais força, com mais gente  
 Sonhos, sonhos...  
 Quem pode deter um sonho?  
 Os sonhos se realizam na gente ou nos outros  
 Que importa!  
 Se é sonho por um mundo melhor  
 Se é sonho por uma cidade melhor  
 Cada vez que ele vai se tornando realidade  
 É cada um e todos que ficam felizes  
 Sonho que se acredita, sonho que é construído  
 Um dia vira realidade!  
 Sonhar  
 Sonhar sempre  
 Continuar sonhando

Só o que pode transformar  
São os sonhos  
Eles tornam possível o que se diz que é impossível  
Eles tornam realidade o que se diz que é loucura  
Sonhadores são um pouco loucos, apaixonados, aventureiros  
Há melhor aventura que brigar pela vida, lutar por dignidade?  
Há melhor aventura que dizer que política se faz com ética?  
Somos diferentes, sim!  
Ainda bem que somos diferentes!

( VCL, setembro de 2000 – um dia após encontro de campanha eleitoral  
na Comunidade de Tomaz Coelho. Alguns dias depois eleito vereador)